MARIA TEREZA DE
QUEIROZ PIACENTINI

Não tropece na redação

QUESTÕES DE GRAMÁTICA E ESTILO

Editora Bonijuris

haus

Olá!

Esta é a versão digital gratuita do livro

Não Tropece na Redação

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Adquira a versão impressa sem anúncios Clique aqui

Conheça outros livros patrocinados Clique aqui

Gostou deste livro? Clique aqui e contribua para que mais pessoas possam ter acesso

Clique nos ícones abaixo para compartilhar esta obra com as pessoas de seu relacionamento

LinkedIn Whatsapp Telegram Facebook

Não tropece na redação

QUESTÕES DE GRAMÁTICA
E ESTILO

haus

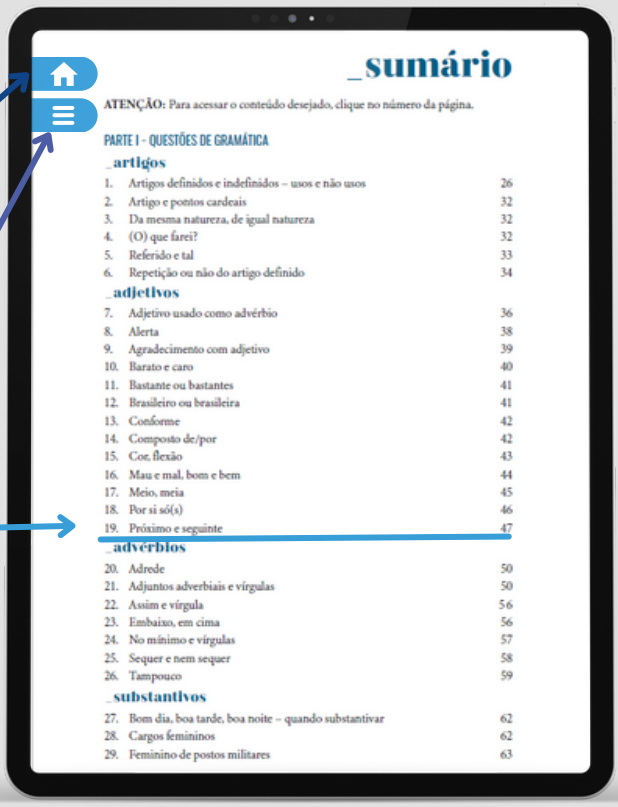
Como navegar

Veja algumas funções que irão facilitar sua interação com este material

Clique no **ícone home** e retorne à página inicial do livro

Clique no **ícone três traços** para acessar o sumário

No **sumário**, clique no número da página do título desejado para ir ao conteúdo



DÚVIDAS?

Entre em contato conosco

contato@bonijuris.com.br

41 3323 4020 | 0800 645 4020

MARIA TEREZA DE QUEIROZ PIACENTINI

Não tropece na redação

QUESTÕES DE GRAMÁTICA E ESTILO

Bonijuris Editora

© Copyright 2021, Editora Bonijuris Ltda.
Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e dos autores.

Edição
OLGA MARIA KRIEGER
LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ

Revisão
JÚLIO CÉSAR RAMOS
DULCE DE QUEIROZ PIACENTINI

Produção gráfica
JÉSSICA REGINA PETERSEN

Capa, Projeto gráfico e diagramação
EBÓ STUDIO

Apoio
LEGADO TALLAREK DE QUEIROZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Piacentini, Maria Tereza de Queiroz
Não tropece na redação [livro eletrônico] : questões de gramática e estilo / Maria Tereza de Queiroz Piacentini. -- Curitiba, PR : Editora Bonijuris, 2021.
PDF

ISBN 978-65-87766-13-3

1. Gramática - Estudo e ensino 2. Língua portuguesa 3. Redação I. Título.

21-79756 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Língua portuguesa : Linguística 469.5
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

EDITORA BONIJURIS LTDA.
Rua Marechal Deodoro, 344, 3º andar, Centro
80010-010 – Curitiba, PR, Brasil
Tel.: (41) 3323-4020 | 0800 645-4020
contato@bonijuris.com.br
www.livrariabonijuris.com.br

Quem somos

A Editora Bonijuris está comprometida em publicar conteúdos relevantes para a sociedade, sempre mantendo a máxima da nossa linha editorial: difusão da melhor produção intelectual brasileira.

Estamos organizados em três segmentos editoriais: Jurídico, Língua Portuguesa e Condominial. Ao longo deste e-book você poderá conhecer algumas de nossas publicações.

Em 2020 iniciamos este projeto chamado: "E-book Patrocinado". Ele se tornou possível graças ao apoio de anunciantes e patrocinadores que nos ajudam a levar o conhecimento para diversos leitores de forma gratuita. Você também pode contribuir com esse projeto. Clique aqui e saiba mais.

ACOMPANHE NOSSAS NOVIDADES

bonijuris | editorabonijuris

www.livrariabonijuris.com.br

41 3323 4020 | 0800 645 4020

Curitiba, Paraná - Brasil

_sumário

ATENÇÃO: Para acessar o conteúdo desejado, clique no número da página.

PARTE I - QUESTÕES DE GRAMÁTICA

_artigos

1. Artigos definidos e indefinidos – usos e não usos 26
2. Artigo e pontos cardeais 32
3. Da mesma natureza, de igual natureza 32
4. (O) que farei? 32
5. Referido e tal 33
6. Repetição ou não do artigo definido 34

_adjetivos

7. Adjetivo usado como advérbio 36
8. Alerta 38
9. Agradecimento com adjetivo 39
10. Barato e caro 40
11. Bastante ou bastantes 41
12. Brasileiro ou brasileira 41
13. Conforme 42
14. Composto de/por 42
15. Cor, flexão 43
16. Mau e mal, bom e bem 44
17. Meio, meia 45
18. Por si só(s) 46
19. Próximo e seguinte 47

_advérbios

20. Adrede 50
21. Adjuntos adverbiais e vírgulas 50
22. Assim e vírgula 56
23. Embaixo, em cima 56
24. No mínimo e vírgulas 57
25. Sequer e nem sequer 58
26. Tampouco 59

_substantivos

27. Bom dia, boa tarde, boa noite – quando substantivar 62
28. Cargos femininos 62
29. Feminino de postos militares 63

30. Férias 64
31. Flexão de gênero, substantivos diversos 64
32. Fruto e objeto 65
33. Gravidez – plural ou não 66
34. Grupos indígenas – singular ou plural 67
35. Israelita e israelense 67
36. Marido, mulher, esposo(a) 68
37. Nomes de pessoas e vírgula 68
38. Nomes próprios – variação e registro 70
39. Óculos 71
40. Perigo de vida 72
41. Senhora e dona 73
42. Sentimentos – plural ou não 74
43. Sobrenomes – plural ou não 75
44. Solução de continuidade 75
45. Substantivo que encerra ideia de coletivo – material 76
46. Substantivo composto – plural 76
47. Substantivos concretos e abstratos 77
48. Substantivos diminutivos – plural 79

_numerais

49. Grafia de números por extenso ou em algarismos 82
50. Mil – vírgula ou não 82
51. Numerais cardinais – plural 83
52. Numerais ordinais – flexão do artigo 83
53. Números em eventos 84

_pronomes

54. Colocação pronominal 86
55. Cujo 95
56. Demonstrativos 97
57. Lhe, o, a – dicas de uso 102
58. Mesóclise 106
59. Modéstia e majestade 107
60. Nenhum, algum, qualquer 109
61. Onde 111
62. Pronomes pessoais oblíquos 116
63. Quem 117
64. Quem e vírgula 118
65. Reflexivos: si, consigo 119
66. Tal qual, tais quais 119

67. Vós, algumas reflexões 120

_conjunções e transição textual

68. À medida que, na medida em que 124
69. Antes de mais nada 125
70. Assim e vírgula 126
71. Bem como e vírgula 126
72. *Como* e vírgula 127
73. E com vírgula – sim ou não 128
74. Eis que 130
75. Enquanto que 131
76. E/ou 131
77. E sim, mas sim, e não 132
78. Haja vista 133
79. Inobstante 133
80. Já 134
81. Mais (do) que, preposição facultativa 134
82. Não sem antes (que), sem que 135
83. Na verdade 135
84. Onde ou aonde 136
85. Ou 137
86. Porém 138
87. Por que e outros porquês 139
88. Por um lado e por outro... 141
89. Posto que 142
90. Quando de 143
91. Quando mais não seja 144
92. Que nem, como 144
93. Seja...Ou 144
94. Seja...Seja 145
95. Sendo que 146
96. Se se sabe ou se se sente... 148

_preposições

97. A – A falta que faz 151
98. A cores, em cores 151
99. A curto, médio ou longo prazo 152
100. A domicílio, em domicílio 153
101. A expensas, às expensas 153
102. A favor, em favor 154
103. A fim, afim 154

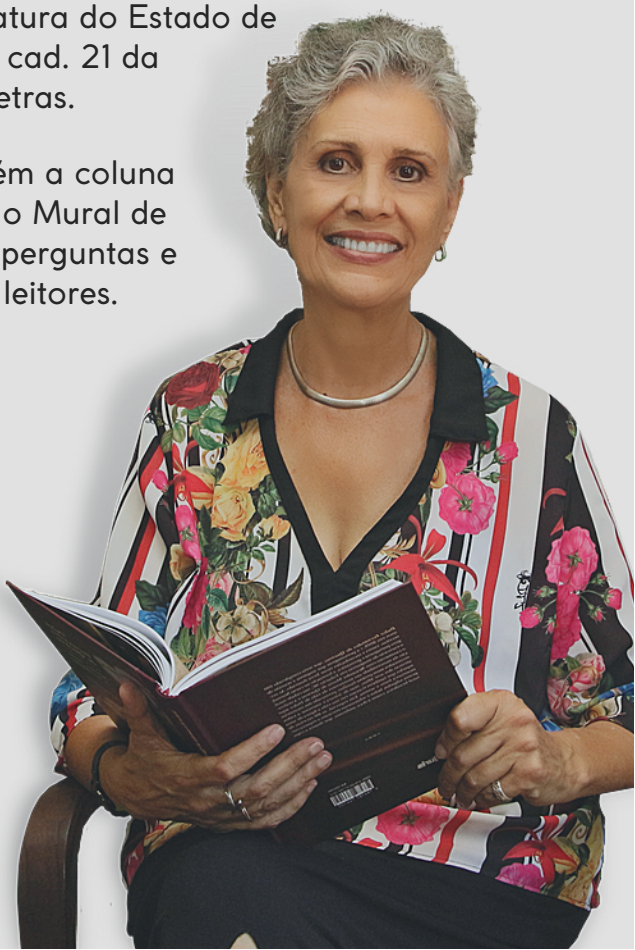
Sobre a autora
Maria Tereza de Queiroz Piacentini

Tem formação em Letras e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como redatora oficial em várias repartições estaduais e foi coordenadora da Escola Superior da Magistratura do Estado de Santa Catarina. É titular da cad. 21 da Academia Catarinense de Letras.

No sítio Língua Brasil mantém a coluna "Não Tropece na Língua" e o Mural de Consultas, com quase 500 perguntas e respostas a indagações dos leitores.

É autora de diversos livros, entre os quais Só Vírgula: método fácil em vinte lições (EdUFSCar, 4ª ed., 2021) e Não Tropece na Redação (Bonijuris, 2019).

Conheça o sítio:
www.linguabrasil.com.br



104. A intervalos, em intervalos 154
105. À ou na 155
106. A par, ao par 155
107. A pé, de pé, em pé 156
108. A princípio, em princípio 156
109. A tempo, em tempo 157
110. A(o) ponto de 157
111. Agente de polícia, projeto de lei 159
112. Ante, perante 159
113. Ao encontro de, de encontro a 160
114. Ao globo – preposição e artigo com nomes próprios 161
115. Após e depois 162
116. Através de 163
117. Cerca de, acerca 163
118. Com referência a, referente a 164
119. Conosco e com nós dois 165
120. Consoante o, consoante ao/à 165
121. Dado o, dada a 166
122. De férias, em férias 166
123. De/da/do no caso de secretarias e outras entidades 167
124. De ela ir ou dela ir – contração e infinitivo 169
125. Devido a 171
126. Em + gerúndio 173
127. Em anexo 173
128. *Em* e *de*, omissão possível 174
129. Em função de 176
130. Em nível, a nível 177
131. Em que pese a/à 179
132. Em relação a, com relação a 180
133. Em um ou num 181
134. Em vez de, ao invés de 182
135. Entre...E, de...A 183
136. Entre e dentre 183
137. Entre eles... Sem vírgula 184
138. Entre mim e você 184
139. Face a, frente a e outras locuções prepositivas 185
140. Junto a, com, de 186
141. Locuções prepositivas e crase 187
142. Objeto direto preposicionado 188
143. Para mim (ler) – sequência preposição + pronome + infinitivo 190

144. Pra 191
145. Preposição a com o verbo vir 192
146. Preposição dupla 192
147. Repetição ou não de preposições 193
148. Residente à, residente na 195
149. Sobre 196
150. Tendência (de) 196
151. Preposição necessária antes de *que* 197

_crase

152. O que chamamos de crase 200
153. Verbos 200
154. Nomes: substantivos, adjetivos e advérbios 201
155. Nome e sobrenome de mulher 202
156. Nomes próprios geográficos 204
157. Horas 205
158. Numerais 207
159. De 1 a 10, de segunda a sexta, da 1ª à 4ª 207
160. Pronomes possessivos 208
161. Pronomes demonstrativos 210
162. Substantivo subentendido – *que* e outros 211
163. Locuções prepositivas 211
164. Locuções adverbiais de circunstância 212
165. Quando não usar a crase 216
166. À moda, à maneira de 219
167. À outra, de uma a outra 219
168. Às expensas, a expensas 220
169. Fazer as vezes 220

_verbo

temas diversos

170. Colocar uma questão 223
171. Darmos e dar-nos – diferença 223
172. Deletar e lincar 224
173. Dessumir 225
174. Formas verbais enclíticas: solicitamos-lhe, vamo-nos 225
175. Fazer – uso impessoal 226
176. Haver – uso impessoal 227
177. Haver – sintaxe completa 228
178. Indicações de tempo 231
179. Mais-que-perfeito 232

180. Nada a ver 233
181. Penalizar 233
182. Podia e poderia, devia e deveria 234
183. Protocolar e protocolizar 234
184. Subjuntivo – uso do presente ou pretérito 235
185. Ter de, ter que 237
186. Ter por haver 238
187. Tivesse e estivesse 240
188. Ver e vir 240
189. Verbo subentendido e vírgula 241
190. Verbos com a pronúncia fechada do *E* 243
191. Verbos defectivos 245
192. Verbos em *isar* e *izar* 247
193. Verbos pronominais 249
194. Vir e vim 252

gerúndio

195. Gerúndio – uso 253
196. Gerundismo 254
197. Oração reduzida de gerúndio 257
198. Gerúndio e vírgula 259
199. Gerúndio sem vírgula 261

infinitivo

200. Infinitivo flexionado 263
201. Flexão do infinitivo com verbos causativos e sensitivos 266
202. Flexão do infinitivo com a voz passiva 267
203. Locução verbal de infinitivo 270
204. Infinitivo e subjuntivo – diferenças 271
205. Infinitivo e pronome *se* 273
206. Pronúncia do R final: ver, dar, ler, estar 276

particípio

207. O particípio duplo 277
208. Casos especiais de particípio 281

regência verbal

209. Agradar 283
210. Agradecer 284
211. Assistir 285
212. Atender 286
213. Avisar 287
214. Chegar 288

215. Condenar 288
216. Conhecer 289
217. Conspirar 290
218. Constar em/de 291
219. Constituir 291
220. Deparar 292
221. Desculpar 293
222. Dignar-se (de) 294
223. Esquecer 294
224. Gostar 295
225. Implicar 295
226. Lembrar 297
227. Namorar 297
228. Pedir (para) 298
229. Pisar 299
230. Precisar 299
231. Preferir 299
232. Proceder a 300
233. Remontar a 300
234. Responder 301
235. Requerer 302
236. Seguir(-se) 302
237. Solicitar a/de 303
238. Subir 303
239. Subscrever 304
240. Subsumir 304
241. Vencer(-se) 305
242. Visar 306
243. Viver 307
244. Verbos intransitivos: bastar, faltar e outros 308
245. Verbos de diferente regência com o mesmo complemento 309
246. Tautologia verbal 311

voz passiva

247. Vendem-se ou vende-se casas – uso brasileiro 313
248. Extensão do emprego do pronome *se*: indeterminação do sujeito 315
249. Verbos de dupla transitividade – voz ativa e passiva 316
250. Voz passiva pronominal em locução verbal 317
251. Voz passiva com auxiliar em locução verbal 318
252. Comunicado e informado 319

253. Obedecido e assistido 320

_concordância nominal e verbal

254. Concordância verbal e núcleo do sujeito 322
255. Verbo antecipado ao sujeito simples 322
256. Verbo antecipado ao sujeito composto 323
257. A maioria, a maior parte – sujeito coletivo partitivo 325
258. É proibido, é necessário, é preciso 326
259. Concordância do verbo ser com o predicativo 329
260. Pronome pessoal e verbo ser 331
261. Fui eu que fiz ou quem fez 331
262. Concordância com *quem* 332
263. Concordância com numerais 333
264. Porcentagens 334
265. Mil e milhão 335
266. Um substantivo e dois numerais 336
267. Um substantivo e dois adjetivos 338
268. Um dos que 340
269. Concordância com nomes de empresas 341
270. Como, bem como 342
271. Datas 343
272. Por si só, por si sós 343
273. O mais possível 344

PARTE II - QUESTÕES DE ORTOGRAFIA

_tópicos diversos

274. Brabo, bravo 348
275. Datas, grafia 349
276. Demais, de menos, de mais 349
277. Designação numérica de séculos e títulos nobres 351
278. Horas, grafia 352
279. Hum mil reais 353
280. Meses do ano – abreviatura 353
281. Numeral ordinal – indicação 354
282. Professora, abreviatura 354
283. Queijo muçarela 354
284. Récorde ou recorde 354
285. Senão, se não 355
286. Siglas 357
287. Símbolos e unidades de medida 358

haus

Não Tropece na Redação

QUESTÕES DE GRAMÁTICA E ESTILO

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Para adquirir a versão impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **NTR15**

Uma obra completa sobre o bom uso da língua portuguesa na sua dimensão gramatical, ortográfica e de estilo. Direcionada a redatores e revisores, como também a quem mais queira escrever com clareza, precisão e coerência.

ISBN 9788565017244 448 páginas 15,5 x 23,5 cm

288. Títulos 359

_acentuação

289. Proparoxítonas 363
290. Paroxítonas e oxítonas 364
291. Novas regras para paroxítonas 366
292. Paroxítonas com *O* tônico – pronúncia 366
293. Oxítonas terminadas em *IZ* e *OZ* 369
294. Formas verbais oxítonas: amá-lo, vendê-lo, feri-lo 369
295. Monossílabos tônicos 370
296. Ditongos 371
297. Hiatos em *I* e *U* 371
298. Acento diferencial 372
299. Déficit e superávit 373
300. Hábitat 374
301. Hindi e urdu 374
302. Quê 374

_hifens

303. Substantivos compostos 378
304. Ano-novo 378
305. Audiolivro 379
306. Bem-feito 379
307. Bem-vindo, bem-sucedido 380
308. Bolsa-escola e similares 380
309. Compostos com geral 381
310. Corregedor e assistente 382
311. Defensor público geral 383
312. Elementos reduzidos 383
313. Elementos pátrios aglutinados 384
314. Étnico-racial e etnorracial 384
315. Falso positivo 385
316. Flora e fauna 385
317. Funcionário público estadual 385
318. Lateral-direita 386
319. Metalomecânico 386
320. *Não*, prefixo 387
321. Prefixos com nomes próprios e siglas 387
322. *Radio*, prefixo 388
323. Salário mínimo/hora 388
324. *Sem*, prefixo 389

325. Vagalume 389
326. *Webconferência* e outros hibridismos 390

_maiúsculas e minúsculas

327. Abreviatura nos tratamentos 392
328. Enumerações 392
329. Estado 393
330. Lei – maiúscula e minúscula 395
331. Logradouros 396
332. Maiúsculas de realce 396
333. Mês 397
334. Nomes compostos – decreto-lei e outros 397
335. Nomes geográficos em geral 398
336. Pontos cardeais 400
337. Rio 400

_pontuação

vírgula

338. Vírgula e elipse do verbo 403
339. Nós brasileiros – sem vírgula 404

ponto

340. Ponto abreviado 405
341. Pontuação em excesso 406

ponto e vírgula

342. Uso do ponto e vírgula 407

colchetes

343. Supressão em citações 409

travessão

344. Uso do travessão 410

aspas

345. Aspas duplas 412
346. Aspas simples 413
347. Aspas e ponto 413
348. Aspas e parágrafos 414

dois-pontos

349. Dois-pontos mais enumeração 415

barra

350. Uso da barra 417

PARTE III - QUESTÕES DE ESTILO

_o parágrafo

351. Conjunções adversativas em início de parágrafo 424
352. Início diferente em parágrafos seguidos 424

_palavras a mais ou a menos

353. Omissão do *que* 428
354. É que 429
355. Não omissão do verbo diante do predicativo 430

_o sujeito oculto ou nulo

356. Sujeito facilmente identificado 434
357. Casos específicos 437
358. Pronome relativo *que* 439
359. *Este* no lugar de *ele* 440

_a gente sabe, nós sabemos

360. Nós e a gente 443
361. Caráter de impessoalidade 444
362. Eu e todos 445
363. Expressividade 445
364. Concordância nominal e verbal 446
365. Toda a gente 447

_nossa vida: singular

366. Partes do corpo 450
367. Substantivos abstratos 451
368. Sobre *vida* especificamente 452
369. Sobre *próprio* e possessivo desnecessário 454
370. Sobre *casa* e outros substantivos concretos 455

_norma culta e língua-padrão

371. Gramática tradicional e heterogeneidade 459
372. Variação linguística 461
373. Norma culta e capital linguístico 462
374. Censura antecipada 463
375. Preconceito linguístico 464
376. Purismo e estrangeirismos 466
377. Pluralidade como caminho 466

_referências 469

_sobre a autora 476

bonijuris

editorabonijuris

Bonijuris

CULTURA



Compartilhe o Conhecimento.

É SIMPLES: ENVIE ESTE E-BOOK PARA OS SEUS CONTATOS.

Assim você pode contribuir com este projeto e nos ajudar a fazer com que este livro chegue a um número maior de pessoas.

[41] 3323.4020 ▪ 0800 645 4020

_apresentação

Em 2005, busquei Maria Tereza Piacentini por *e-mail* sobre um livro meu na fase de projeto. Com a autorização dela, em 2008, quando o livro veio a lume, nossa conversa acabou indo para a quarta capa. Surgiu daí nossa amizade e minha admiração. A aspiração de conhecê-la pessoalmente só se realizou mais tarde em Brasília.

Me lembro bem de uma dúvida que apresentei a ela. Apresentei mal. Muito empolgado naquela época com o *Manual d'O Estadão*, afirmei que a locução *face a* não existia. Ela, de pronto, me disse que se eu encontrava a expressão é porque existia! E aí me deu uma aula bem dada que nunca esqueci – uma sova amiga, digamos. Tal fato me levou a ver com mais clareza que o raciocínio cartesiano não se aplica bem nesta área. E fiquei mais maleável, também mais atento às grafias e construções que poderiam não ser bem o que pareciam... é a dinâmica da língua presente sempre.

Hoje, graças a ela, penso que tenho mais *feeling* para, num texto que corrijo, eleger tudo aquilo que vai me levar a uma pesquisa atenta e mais profunda antes de admitir algo como certo. Ou errado.

Em 2009, minha querida amiga e consultora lançaria uma obra específica sobre crase. Ensaiei à época um texto sobre o fantasma da crase, que assombra tanta gente. "Se crase traz crise, então, é assunto grave. Por isso que o acento se chama grave e não agudo. Aguda é a crise por causa da crase. Tão aguda que já houve até projeto de lei esdrúxulo para acabar com esse acento irrequieto que aponta para noroeste." Eu dava nome a essa divagação meio tonta de *suposta conversa informal de repúdio à falta de segurança no uso da crase, em manhã de terça-feira, nas escadarias da ABL*. Para a maioria das pessoas crase é pedra no sapato! Óbvio que quando eu falei em crise por causa da crase, foi apenas para criar um clima...

Há quem se refira à crase como fusão de vogais, há quem use o termo casamento. Outros acham que combina mais com divórcio, por tratar-se de casamento complicado. E muitos dizem que não é fusão, é confusão mesmo! E vêm os artifícios para escrever corretamente – as tabelinhas, as regrinhas práticas, os recursos de substituição por palavra masculina, os truques. Esse projeto de 2009 só sobre crase não foi adiante.

O novo livro da professora Piacentini, mais uma vez, chega para trazer a benfazeja calmaria nesse mar agitado. Com seu saber e experiência de quilômetros rodados nessa vertente, ela é apaziguadora. *Não tropece na redação* mostra que tudo é mais singelo do que parece, não só em relação à crase – que foi simplesmente um exemplo a que me apeguei –, mas a tantos desafios que surgem para redatores e revisores, no uso correto dos artigos, advérbios, substantivos, numerais. Ah! A tal da concordância nominal e verbal, a regência, a questão das conjunções, as expressões de transição, as preposições, os verbos... As questões de ortografia, de estilo.

Acho que vale aqui também relembrar um arrependimento meu. Desta vez, de não ter consultado a amiga dileta. Um leitor criticou um título meu que substituía *Considerações preliminares*. Tratava-se da expressão *Antes de mais nada*. Afirmava o leitor tratar-se de um clichê. E apontava a contradição de, à guisa de introdução, menosprezar-se o conteúdo que se seguiria.

E eu me sensibilizei – mudei para *Antes que me esqueça*. Não precisaria nada disso se eu tivesse procurado saber mais sobre locuções adverbiais. Vejam neste livro o que a autora nos traz sobre conjunções e transição textual. Pois é, *Antes de mais nada*, usava-a Camilo Castelo Branco em 1800. Até Rui Barbosa, em livro seu de 1902.

De uma coisa tenho plena convicção – dúvidas que surgem na hora de escrever jamais devem funcionar como agentes de inibição para quem escreve. Esta obra é mais um roteiro seguro para incertezas corriqueiras e outras mais sutis. Fica muito claro em *Não tropece na redação* que as questões de português que enfrentamos – ou que nos enfrentam – latem mas não mordem.

A professora catarinense afirma que este livro é voltado tanto para quem redige como para quem revisa. A meu ver, até vale mais para estes últimos. Sabe-se, é claro, que os redatores/escritores têm de ter estilo, criatividade, saber colocar-se no lugar do leitor, saber a hora de usar frases curtas ou longas, conectar os parágrafos de forma agradável, ou seja, seguir regras básicas já compiladas pelos estudiosos. Para mim, efetivamente, o que o escritor mais precisa ter é a Força Criadora. O resto se resolve com um bom revisor textual.

E quanto ao revisor, nada melhor que, na hora da dúvida, tenha um acervo de qualidade na sua estante (física ou virtual). Dentre as obras confiáveis e de peso, os livros de Maria Tereza Piacentini não podem faltar. Acreditem!

Aristides Coelho Neto,
Autor de *Além da Revisão*

Condomínios Garantidos

CONTRATANDO UMA GARANTIDORA AFILIADA AOS CONDOMÍNIOS GARANTIDOS

o condomínio assegura que os moradores tenham uma percepção diária de mais segurança, conforto e bem-estar.



Conheça a cobrança com garantia de receita e descubra a garantidora mais perto de você em vivaocondominio.com.br/condominios-garantidos

Viver em um condomínio garantido é muito melhor! Dá gosto **compartilhar os momentos felizes!**



Questões de gramática

_artigos

1. ARTIGOS DEFINIDOS E INDEFINIDOS - USOS E NÃO USOS

O artigo é a palavra que introduz o substantivo, indicando-lhe o gênero (masculino/feminino) e o número (singular/plural).

O artigo definido – *o*, *a*, *os*, *as* – individualiza, determina o substantivo de modo particular e preciso. Designa um ser já conhecido do leitor ou ouvinte. Exemplos:

O violino está desafinado. [referência a um instrumento específico, seja o meu ou o seu, enfim aquele já mencionado]

A lâmpada queimou. [a apontada ou a única no local]

Falei com **os** meninos. [os já conhecidos do falante]

Vimos **as** estrelas no telescópio. [aquelas de que falávamos antes]

O artigo definido também é empregado para indicar a espécie inteira, isto é, usa-se o singular com referência à pluralidade dos seres, a toda uma classe de pessoas ou coisas:

O homem é mortal. [= todos os homens]

Dizem que **o brasileiro** é cordial.

O cinema começou na França com os Irmãos Lumière.

O artigo indefinido – *um, uma, uns, umas* – determina o substantivo de modo impreciso, indicando que se trata de simples representante de uma dada espécie. Designa um ser ao qual não se fez menção anterior. Exemplos:

Um violino está desafinado. [um entre os vários da orquestra]

Uma lâmpada queimou. [uma das diversas existentes no local]

Falei com **um** menino. [um não particularizado]

Vimos **uma** estrela no telescópio. [uma representante da espécie]

Marcos deve ter **uns** quarenta anos. [aproximadamente tantos anos]

Por questão de estilo, evita-se a utilização frequente de *um, uma*. O abuso

do artigo indefinido torna a frase pesada e deselegante. Observe nos períodos abaixo como certos artigos são desnecessários:

A menina ganhou (uns) lindos brinquedos.

Recebemos do interior de São Paulo (uns) pêssegos maravilhosos.

O funcionário está respondendo a (um) processo por difamação.

"Sou muito feliz por ter (uns) pais como vocês", escreveu a criança.

Ter (uma) boa saúde é fundamental.

Colocar um coração de (um) babuíno em um recém-nascido foi (um) ato tão ousado quanto atravessar o Atlântico a nado.

É mais elegante deixar fora o artigo indefinido antes de pronome de sentido indefinido, como *tal, certo, outro*:

Vi Laura em (uma) **tal** consternação que achei melhor ficar quieto.

Encontrei (uma) **certa** resistência quando sugeri que discutíssemos o assunto em (uma) **outra** ocasião.

Acabei não mencionando (um) **outro** artigo interessante.

Em alguns casos nem o pronome indefinido é necessário:

A neve e o vento glacial alteraram a paisagem europeia e não pouparam **país**.

Está certa a ausência do artigo, pois significa que *nenhum* país (da Europa) foi poupado no pior inverno dos últimos anos. É importante notar que a indefinição se faz mentalmente – não é preciso constar explicitamente o artigo ou o pronome indefinido. Caso a reportagem estivesse se referindo só à Inglaterra ou à Suécia, por exemplo, o redator teria escrito "não pouparam **o** país".

Entretanto, o artigo indefinido é usado como reforço em expressões exclamativas:

Foi **uma** alegria te ver!

O desfile foi **um** horror!

Acima estão as *regras gerais* de emprego do artigo definido e indefinido. Há, no entanto, muito mais: o uso é variado e amplo. Normalmente nos

guiamos pela intuição, mas é possível estabelecer algumas normas para o uso ou a omissão do artigo. Vejamos caso a caso.

1. Só é possível comparecer ao baile com trajes **de época**.

De época é expressão usada para designar algo (fantasia, móvel, filme) que traz o estilo ou as características de determinado período (no passado). Com o artigo [*da*], seríamos obrigados a determinar qual a época (*da época renascentista*, p.ex.).

2. (A) **Maria Cleusa** pediu que você ligasse para ela.

O artigo junto ao nome de batismo da pessoa é facultativo: no Sul do Brasil é sempre usado, ao passo que em outras regiões dispensa-se o artigo sistematicamente.

3. **João Figueiredo** pediu para ser esquecido.

Os nomes próprios de pessoas, quando usados por inteiro, não devem ter artigo; este no entanto poderá ser usado se com a pessoa mencionada houver familiaridade, real ou pretensa:

Agradeci a ajuda **do** Antônio Azevedo Lemos na elaboração da minha tese.

Li uma entrevista com **a** Marieta Severo sobre sua atuação no teatro.

4. Visitarei **Belo Horizonte** e **Salvador** nos próximos dias.

Nomes de cidades prescindem de artigo. Há exceções: o artigo pode ser usado quando o nome da cidade deriva de um substantivo comum. É de rigor: **o** Rio de Janeiro, **o** Porto (Portugal). Torna-se optativo em outros casos:

Somos **de** / **do** Recife (PE).

Por algumas décadas morei **em** / **na** Laguna (SC).

Esses produtos vêm **de** / **da** Palhoça (SC).

5. Passamos dois dias **na aprazível Paris**.
Finalmente visitarei **a Ouro Preto dos meus sonhos**.

Nomes de cidades passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação: um adjetivo anteposto ao nome ou um complemento nominal depois dele.

6. Gostaria de subir **o Amazonas** até **os Andes**.

Usa-se o artigo com nomes próprios geográficos, nomes de países e de alguns estados brasileiros. Entre estes, são *femininos*: **a** Bahia e **a** Paraíba. São *masculinos*: **o** Amapá, **o** Acre, **o** Amazonas, **o** Ceará, **o** Espírito Santo, **o** Maranhão, **o** Mato Grosso do Sul, **o** Pará, **o** Paraná, **o** Piauí, **o** Rio de Janeiro, **o** Rio Grande do Norte, **o** Rio Grande do Sul, **o** Tocantins. *Não são* determinados por artigo: Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Roraima e Sergipe.

Quanto a Mato Grosso, embora originalmente o artigo seja dispensável, há uma hesitação: quando não acompanhado da palavra *estado*, é comum (provavelmente por causa do substantivo comum "mato", assim como acontece com o Mato Grosso do Sul) a construção "o Mato Grosso, do Mato Grosso, no Mato Grosso". Mas sempre se dirá "o Estado **de** Mato Grosso" – é a forma oficial.

7. Esteve **em palácio** por convocação do governador.

Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio* quando designa a residência ou o local de despacho de um chefe de governo.

8. **Sua Alteza** casou com Dona Teresa Cristina.
   Espero não ter interrompido **V. Exa.**

Não se usa artigo antes de pronomes pessoais e de tratamento.

9. Falei com **a srta. Ana**, sua secretária, antes de vir procurá-la, **senhora deputada**.
   Deixa disso, **senhor**!

Dentre as expressões de tratamento, *senhor*, *senhora* e *senhorita* são as únicas que admitem artigo, mas não quando vocativo, ou seja, quando nos dirigimos à própria pessoa.

10. **Santo Antônio** é seu padroeiro e confidente.
    Esperavam um milagre de **Nossa Senhora**.

Os substantivos *São*, *Santo* e *Santa*, quando acompanhados de nome próprio, não admitem artigo; tampouco o admitem *Nosso Senhor* e *Nossa Senhora*.

11. Voltou **para casa** mais tarde do que de hábito.
    Voltou **para a casa dos pais** depois da separação.

O artigo é omitido antes da palavra *casa* quando designa residência, lar.

12. Finalmente estou **em terra** – já não aguentava o enjoo do navio.

Omite-se o artigo antes da palavra *terra* quando em oposição a *bordo, mar.*

13. **Sal**, **pimenta** e **açúcar** devem ser usados em quantidades moderadas.

Omite-se o artigo antes de palavras de sentido geral, indeterminado.

14. Você tem razão em não dar **confiança** ao rapaz, pois ele só disse **mentiras**.

Não se usa o artigo antes de substantivos abstratos em expressões que não contêm nenhuma determinação.

15. Apresentou-se na festa com **o marido** e **o irmão**.

Normalmente se repete o artigo para evitar ambiguidade, pois sem ele os dois substantivos podem designar o mesmo ser. Não seria o caso acima, porque irmãos não se casam, mas fica diferente agora: Admiro *o meu irmão e amigo* (uma só pessoa). Admiro *o meu irmão e o meu amigo* (duas pessoas).

16. Já não se estuda **Latim** nas escolas.

Dispensam o artigo as matérias de estudo empregadas com os verbos *ensinar, aprender, estudar* e equivalentes.

17. Pagou R$ 6,00 **o quilo** da maçã.
Custa mil **o metro**.

O artigo é usado nas expressões de peso e medida com o sentido de "cada".

18. **O inverno** brasileiro é moderado.

Usa-se o artigo com as estações do ano, exceto quando elas vêm precedidas por *de*, significando "próprio de", como em "gosto do sol *de inverno*".

19. Hoje de manhã (**o**) **meu carro** custou a pegar.

É indiferente o emprego do artigo antes de possessivos acompanhados de substantivos.

20. Aquele livro é (**o**) **meu**.

Em função substantiva, o possessivo tem um sentido sem o artigo: "é meu" denota uma simples ideia de posse; e outro sentido quando acompanhado de artigo (*o* meu), cuja presença "tem como resultado chamar a atenção para o objeto possuído, fazendo supor a existência de outros objetos [ali junto] não pertencentes ao sujeito" (LAPA, 1959, p. 136).

21. Vem cá, **meu amor**.

Quando o possessivo faz parte de um vocativo, não admite o artigo.

22. Quem não tem **suas dificuldades**?

Dispensa o artigo o pronome possessivo usado em expressões com o valor de "alguns".

23. **Meu pai** é generoso. **Minha mãe** nunca viu o mar.

Nos nomes de parentesco, a tendência é omitir o artigo quando eles já têm uma individualidade única, ou seja, o pronome por si mesmo determina o substantivo de forma exclusiva. No caso de irmãos, é então comum dizer "**o** meu irmão Aldo, **a** minha irmã Josete", de modo a distinguir este irmão ou irmã dos demais (no caso de ser o único irmão, usa-se ainda uma vírgula antes do nome próprio[1]).

24. Dou **em meu poder** seu ofício de 15 de setembro.

Omite-se o artigo em certas expressões feitas ou grupos fraseológicos tradicionais: *está em meu poder* (jamais "está no meu poder"), *a seus pés* (não "aos seus pés"), *a seu bel-prazer, por minha vontade, a/por seu turno, a meu modo, em nosso nome, a seu pedido, a cargo de, etc*.

OMISSÃO DO ARTIGO ANTES DO POSSESSIVO

Reiteramos que o artigo anteposto ao pronome possessivo tende a particularizar o objeto, a diferenciá-lo dos outros. Não havendo um objetivo de expressividade (incluindo a eufonia), sua colocação é desnecessária. Mesmo assim, não deve o revisor tentar uniformizar um texto retirando os artigos antes dos pronomes possessivos. Isso seria um interferência abusiva no estilo do seu cliente.

1 Cf. capítulo Substantivos, tópico *37. Nomes de pessoas e vírgula*.

2. ARTIGO E PONTOS CARDEAIS

Para indicar a localização dos pontos cardeais *norte* e *sul* usamos o artigo definido ***o*** junto com a preposição ***a***: [x fica] *ao norte* e [y fica] *ao sul*.

No entanto, dizemos *a leste* e *a oeste*. Por que só a preposição? Por uma questão de eufonia. Há uma assimilação da vogal: em *ao oeste* os dois *oo* são pronunciados como se fossem um só, então na escrita se elimina o primeiro ***o*** (o artigo). No caso de *leste* também aconteceu fenômeno parecido: originalmente a palavra que designa a direção onde nasce o sol era *este*, tanto que a abreviatura oficial é E (em inglês, *east*). Ocorre que com a preposição ficava "ao este", confundindo-se na fala com "a oeste". Por isso a Marinha do Brasil e de Portugal resolveram adotar o termo *leste*.

3. DA MESMA NATUREZA, DE IGUAL NATUREZA

Por que não se usa o artigo em *de igual natureza*, mas sim em *da mesma natureza*? Porque o adjetivo *igual* não admite a anteposição do artigo definido – apenas o artigo indefinido é pressuposto: *de igual natureza* quer dizer: de [uma] natureza [que é] igual. É perceptível a ausência do artigo em locuções como: *de igual para igual, sem igual, por igual*.

Já o adjetivo *mesmo,* quando significa "de igual identidade", é sempre precedido de artigo: *o mesmo tom, a mesma coisa, os mesmos problemas*. Então:

> Todos os problemas enfrentados por essas nações são **da mesma natureza**.
>
> Todos os problemas enfrentados por essas nações são **de igual natureza**.

Isso acontece também com outros substantivos que são qualificados por *igual* ou *mesmo(a)*, como por exemplo: leis *do mesmo* teor, produtos *da mesma* qualidade; leis *de igual* teor, produtos *de igual* qualidade.

4. (O) QUE FAREI?

Em princípio, basta o pronome interrogativo *que* para introduzir esse tipo de pergunta, pois o artigo ***o*** nesse caso não tem nenhuma função sintática:

Que farei de minha vida?

Que queres?

Que devemos fazer?

Já quando se inverte a ordem da pergunta, o interrogativo se faz acompanhar sempre do ***o*** por uma questão de eufonia:

Queres **o quê**?

Farei **o que** agora?

Vamos dizer **o que** ao diretor?

Foi assim que se tornou usual (e igualmente correto) o emprego de *o que* também no início da oração, objetivando dar maior ênfase à pergunta:

O que farei de minha vida?

O que queres?

O que devemos fazer com o lixo?

Tanto uma quanto outra forma pode ser reforçada por *é que*[2], de uso mais coloquial:

O que é que farei da minha vida?

Que é que queres?

5. REFERIDO E TAL

Estabelece referida lei ou *estabelece **a** referida lei?*

Como se trata de referência a uma lei já determinada, é necessário o artigo definido: ***a* referida lei**, isto é, a lei referida anteriormente. Veja-se que também se usa o artigo com palavras semelhantes, não importa a ordem:

Conforme **a** mencionada resolução, está tudo certo.

De acordo com **o** citado provimento, está tudo certo.

Segundo **o** dispositivo supracitado, está tudo certo.

2 Ver também capítulo Palavras a mais ou a menos, tópico *354. É que.*

Assim estabelece **o** referido decreto-lei.

São todos casos em que se adjetiva um substantivo previamente definido, determinado.

Diferente é o uso do pronome demonstrativo **tal**, que prescinde do artigo: *tal lei estabelece, conforme tal artigo, de acordo com tal resolução.*

6. REPETIÇÃO OU NÃO DO ARTIGO DEFINIDO

O uso do artigo definido diante dos vários substantivos em série é comum e às vezes até recomendável, pois enfatiza cada unidade; a repetição se deve menos a regras fixas e mais a estilo de redação (eufonia, leveza da frase, praticidade). Sendo assim, são corretas ambas as formas:

Visitamos **a** Polônia, **a** Croácia, **a** Bulgária e **a** Grécia.
Visitamos **a** Polônia, Croácia, Bulgária e Grécia.

A programação inclui **as** histórias, **as** peças de teatro e **as** instalações artísticas de 20 alunos.
A programação inclui **as** histórias, peças de teatro e instalações artísticas de 20 alunos.

As dificuldades e **os** obstáculos da vida não deixarão de ser confrontados.
As dificuldades e obstáculos da vida não deixarão de ser confrontados.

(Na língua inglesa deixa-se sistematicamente de fora o segundo artigo: *the difficulties and obstacles*, por exemplo.)

Deve-se considerar que, sem o artigo repetido[3], os substantivos representam melhor a ideia de um todo:

O candidato a prefeito passou por todas **as** ruas, praças e feiras da cidade.

3 Ver também capítulo Preposições, tópico *147. Repetição ou não de preposições.*

Ebó

Presente na vida de milhares de famílias

HÁ 40 ANOS



Parece que foi ontem, mas a Garante transforma a realidade de condomínios e o dia a dia de milhares de condôminos e suas famílias desde 1981.

garante
condomínios

Garantia *de receita e tranquilidade*

Cobrança de taxas condominiais com ***garantia de recebimento***

7. ADJETIVO USADO COMO ADVÉRBIO

Discussão que já deu panos pra manga: pode-se empregar *independente* como se fosse *independentemente*? Da mesma forma, é possível usar *breve* por *brevemente*? *Paralelo* por *paralelamente*? Primeiro, é preciso ver como falamos todos os dias:

> Ande **rápido**, por favor.
>
> Você agiu **certo**.
>
> O programa corrige automaticamente informações digitadas **errado**.
>
> Caminhou tão **lento**...
>
> Falou **bonito.**
>
> A senhora pode levar o pano que dá **folgado**.
>
> Paulo pisou **firme**.
>
> Resolveu investir **pesado** na área de ecoturismo.
>
> **Breve** estarei aí com vocês.
>
> Os idosos pediram que falássemos **alto**.
>
> Os motoristas que estacionarem em qualquer Zona Azul sem cartão serão multados **direto.**

As palavras grifadas são adjetivos que estão sendo usados como advérbios de modo (modificando verbos). Isso é normal em português. Na nota nº 28 da *Réplica*, o então senador Rui Barbosa já defendia o uso de independente – que o gramático Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, em 1902, lhe havia aconselhado substituir por independentemente na redação do Projeto do Código Civil – "porquanto é muito da nossa língua evitar os largos advérbios em *mente*, substituindo-os pelos adjetivos adverbialmente empregados". E Rui dá exemplos extraídos de "Obras" de Filinto Elísio: "*Fácil* se vê. Comeu *fino*, bebeu *largo*. *Direito* se encaminha. *Brando* o atalha. Sem pranto um avarento *raro* acaba. *Folgado* dançariam nelas quatrocentas pessoas" e também do clássico "Nova floresta" do Pe. Bernardes: "procedia mais

discreto, portando-se *impertinente*, pouco *nacional* procede, quis portar-se *fiel*" (BARBOSA, 1986, p. 88).

É preciso aceitar que há frequentes casos, remanescentes do latim popular e do próprio latim clássico, em que o adjetivo – e não o advérbio – é utilizado para exprimir o modo, como por exemplo: *não fale alto; pagou caro; vendeu barato; ande direito; a esperança que corre tão ligeiro*. Observe-se ainda que, quando é usado adverbialmente, o adjetivo fica sempre no gênero neutro, ou seja, no masculino. Sendo puramente adjetivo, aí, é claro, ele flexiona: *indivíduos altos, saias caras, mão direita* etc. Desta forma, cabe-nos a escolha entre um e outro modo de expressão nos seguintes casos:

Ela olhou **diretamente** / **direto** para mim.

Independentemente / **independente** de qualquer oferta, pedirei demissão.

A lição foi boa – aprendi **fácil** / **facilmente**.

Desceu **solene** / **solenemente** a rampa do Palácio.

Marina falou **pausado** / **pausadamente**.

Estás enxergando **claro** / **claramente?**

Já no caso de *paralelo* e *diferente*, é recomendável o uso, no português escrito formal, da variação em *-mente* quando eles introduzem um adjunto adverbial significando "de modo paralelo/diferente":

Paralelamente ao debate haverá uma exposição multimídia.
[Ou opte por escrever "Haverá exposição paralela ao debate".]

Diferentemente dos seus avós, o ilhéu agora gosta de ser chamado de "mané".

A cerveja que desce redondo ou redonda?

No caso o correto é dizer "a cerveja que desce **redondo**", pois aí o adjetivo *redondo* está sendo usado como advérbio de modo, como se fosse *redondamente*. Neste caso ele fica neutro, ou seja, no masculino singular, ainda que um eventual substantivo na mesma oração esteja no feminino ou no plural, pois – repetindo – não é ao substantivo que esse tipo de adjetivo-advérbio se refere, mas sim ao verbo. De outra parte, não se pode dizer que a cerveja é redonda.

8. ALERTA

As coisas estão limpas, ordenadas.
O corpo gasto renova-se em espuma.
Todos os sentidos alerta funcionam.
(Carlos Drummond de Andrade)

Em seu poema "Passagem do ano", Drummond empregou a palavra *alerta* da forma clássica, isto é, deixando-a invariável. Embora se refira a *sentidos*, alerta não está no plural.

Por outro lado, vemos manchetes nos jornais: *Hospitais alertas, Ressurge febre amarela – comunidades alertas*. Está errado fazer essa concordância? Não, de acordo com padrões mais modernos de linguagem. Houve uma evolução no emprego desse termo e alguns dicionários registram tal fato.

Na sua origem italiana, alerta é interjeição (*Alerta!*) que passa a ser também advérbio em português (além de substantivo, o que não está em discussão). Portanto, como todo advérbio, é palavra invariável, ou seja, não tem singular nem plural, nem flexiona no feminino. Assim consta nos dicionários e gramáticas:

Estejamos **alerta**.

Hospitais **alerta**!

Entretanto, vários outros registram as duas possibilidades: advérbio (em atitude de vigilância, de sobreaviso; atentamente) e adjetivo (atento, vigilante), quando então acompanha o substantivo em número:

Estejamos **alertas**.

Hospitais **alertas**!

Havendo pois controvérsia, a matéria não deve de modo nenhum fazer parte de concursos e provas. Seu uso é pessoal e a escolha depende muitas vezes do contexto.

Uma boa opção pode ser o uso da locução *em alerta*:

Hospitais **em alerta**!

Os presídios estão **em alerta** depois dos ataques.

Ao soar o sinal, as pessoas ficaram **em alerta**.

9. AGRADECIMENTO COM ADJETIVO

O homem, quando agradece, diz obrigado; a mulher diz obrigada. Por que a diferença? Porque a palavra *obrigado* é um adjetivo, e como tal deve flexionar no feminino se a pessoa que fala é uma mulher.

E quando o agradecimento parte de vários homens ou de várias mulheres? Usa-se o plural? Seria assim: "Vamos bem, *obrigados*". Ou "Muito *obrigadas*". Fica estranho, sem dúvida. Não se recomenda. A saída para o grupo é fazer um rodeio, empregar outras fórmulas:

> Estamos **gratos**. Estamos **gratas**.
>
> Ficamos todos muito **agradecidos**.
>
> Estamos **reconhecidas** pela homenagem.
>
> Transmitimos nossos **agradecimentos** / nosso **reconhecimento** / nossa **gratidão** a todos.

Outra solução é substantivar a expressão *muito obrigado*, que serve para homem e mulher ou homens e mulheres indistintamente. Substantivar implica usar o hífen, pois aí se forma um substantivo composto. E sabe-se que se trata de um substantivo pela anteposição do artigo (que pode aparecer explicitamente ou ficar oculto) e do pronome possessivo:

> A todos, (o) **nosso muito-obrigado**.
>
> Gostaria de expressar **o meu muito-obrigado**.
>
> Recebam **nosso muito-obrigado** por tudo, exclamaram as garotas.

No caso do agradecimento de uma empresa, pode-se recorrer à fórmula neutra, que em português significa usar o masculino singular [Muito obrigado aos clientes!], ou à primeira pessoa do plural [O nosso muito-obrigado], como explicado acima.

▸ Resposta ao agradecimento

Para responder a um agradecimento usam-se diferentes formas, sendo *de nada* a de uso mais frequente. Há gramáticos que pregam a utilização de *por nada,* visto que os adjetivos *obrigado/agradecido/grato* regem a preposição *por*. Mas também existe o lado da palavra "obrigação". Quando se diz "(estou) obrigado" está implícita a frase "Tenho a obrigação *de*...

Sinto-me na obrigação *de* (alguma coisa)", ao que alguém responde: "(Você não está na obrigação) *de* nada", usando então a regência subentendida. Essa é a origem da questão.

Em suma, estão todas certas: **de nada**, **por nada**, **não por isso**, **não há de quê**.

Também **obrigado(a) eu** é uma fórmula coloquial considerada correta. Seria a redução de "obrigado [digo] eu" ou "obrigado [estou] eu" – outra maneira de dizer "eu é que estou obrigado/agradecido".

10. BARATO E CARO

O adjetivo *barato* tem o feminino *barata* e tem plural. Ou seja, flexiona em número e gênero, quando qualifica um substantivo ao lado [exemplos 1 e 2] assim como em frases com verbos de ligação, de que *ser* e *estar* são os principais [exemplos 3 a 6]. O mesmo vale para o adjetivo *caro*:

1. Eles levam uma **vida barata**.
2. Encontraram **diversões baratas** na cidade.
3. A roupa **é** muito **barata** nos nossos estabelecimentos.
4. Os pãezinhos **estão** cada vez mais **caros**, quando deveriam ser **baratos**.
5. As viagens internacionais **ficaram** mais **caras** com o aumento do dólar, o que não significa que as nacionais **estejam** mais **baratas**.
6. Com a redução do IPI, os carros podem **ficar** mais **baratos**.

Barato só não flexiona (permanece no masculino singular) quando usado adverbialmente, isto é, junto com verbos que não sejam de ligação, como *custar* e *sair*:

A roupa **custa barato**, mas os móveis **custam caro**.

Os tapetes **saíram barato**; as aulas afinal **saíram caro**.

O candidato promete que os itens da cesta básica **custarão** mais **barato**.

11. BASTANTE OU BASTANTES

Sobre a concordância de *bastante*, Celso Luft assim se manifesta: "A rigor, em bom português (quero dizer linguagem de bom nível, pensada, consciente), *bastante* significa "que *basta*, que é suficiente, que satisfaz (os requisitos): ele é meu bastante procurador; em sua tese há prova bastante de seus conhecimentos; tenho dinheiro bastante para a viagem [...]. No nível popular e familiar ficou valendo por 'muito': ficou bastante satisfeito, gostei bastante" (No mundo das palavras, s/d, grifo do autor).

Em suma, *bastante* é naturalmente invariável como advérbio (quando acompanha um verbo, um adjetivo ou outro advérbio):

Viajamos **bastante**.

Boas redações são **bastante** *raras.*

A menina desenha pássaros **bastante** *bem.*

Por outro lado, há forte tendência no Brasil para deixar *bastante* invariável quando acompanha um substantivo:

Os alunos leem **bastante** *livros* por ano.

Temos **bastante** *amigos.*

Mas na língua culta formal – sobretudo escrita – pluralizar *bastante* na função de adjetivo ou pronome indefinido é de rigor:

Temos *procurações* **bastantes** para assegurar o quórum.

Há **bastantes** *carros* velhos no pátio da empresa.

12. BRASILEIRO OU BRASILEIRA

Diante de um formulário em que conste a nacionalidade, você escreve *brasileira* porque *nacionalidade* é palavra feminina? Não por isso. Ali deve ser feito o registro de acordo com o sexo da pessoa – *brasileiro* ou *brasileira* –, como se a pergunta fosse: quanto à nacionalidade, o que você é? Resposta: eu, João, sou brasileiro; eu, Maria, sou brasileira. Não é dessa maneira que se faz o reconhecimento do estado civil? Sim, *casado* ou *casada*. Isto é: quanto ao estado civil, sou casado/casada, solteiro/solteira, viúvo/viúva.

O mesmo ocorre no registro da profissão: contador/contadora, funcionário público/funcionária pública, advogado/advogada e assim por diante. E quanto ao sexo? Seria absurdo dizer: sou feminina, sou masculino, por isso se faz a concordância com o substantivo sexo: *feminino* ou *masculino*, só.

13. CONFORME

O adjetivo *conforme* tem vários usos (com ou sem preposição) e acepções: situações *conformes* [análogas, semelhantes]; opiniões *conformes* [concordantes, coincidentes]; pessoas *conformes* na maneira de agir [concordes, ajustadas]; a declaração está *conforme* [nos devidos termos]; ela está *conforme com* a vontade de Deus [conformada, resignada]; *conforme com* a natureza das coisas [coerente, consentâneo]; uma coisa *conforme a* outra/ *conforme com* outra [ajustada].

Seu significado mais comum é [estar] "de acordo com, em concordância com", caso em que admite as preposições ***a*** e *com*:

> Trata-se de interpretação **conforme à** Constituição / **conforme aos** ideais da Constituição.
>
> O projeto está **conforme com** as sugestões dos condôminos.

Observa Luft (2002, p. 117) que "este *conforme* adquire valor preposicional, 'segundo, de acordo com', e, assim, aparece também sem o ***a***":

> Trata-se de interpretação **conforme** a Constituição.
>
> Os acadêmicos procuram falar **conforme** nossos melhores escritores.
>
> Foram apreendidos **conforme** os ditames da lei.

A palavra *conforme* é também conjunção conformativa, com o sentido de "segundo, consoante, de acordo com":

> **Conforme** a Lei Maior, a educação é um direito de todos.

14. COMPOSTO DE/POR

Com o adjetivo *composto* é correto (e importante em textos formais) usar

a preposição *de* quando ele tem o significado de "formado ou constituído de vários elementos":

> A lista é **composta de** itens diversos.

Entretanto, a regência está mudando ou é outra pelo fato de *por* deixar mais claro o valor passivo e até por analogia com "formado por". A despeito de os dicionários não trazerem exemplos com a preposição *por*, este uso é ainda mais comum quando o sentido é de "constituir, integrar, fazer parte de" (banca, comissão, etc.):

> O continente Oceania foi **composto por** Austrália, Nova Zelândia e pequenas ilhas.
>
> Trata-se de período **composto por** subordinação.
>
> A banca será **composta por** professores de três universidades.

15. COR, FLEXÃO

Sempre que você coloca a palavra "cor" junto da própria cor, é preciso fazer a flexão masculino/feminino ou singular/plural, porque aí você está usando um adjetivo (amarelo, azul, branco, castanho, lilás, marrom, preto, roxo, verde, vermelho), que deve concordar com o substantivo (e *cor* é um substantivo feminino). Exemplos:

> Sugiro que você opte sempre pela cor **branca**.
>
> A cor **roxa** não fica bem na decoração, a não ser em detalhes.
>
> Fez uma seleção de várias cores **vermelhas**.
>
> As cores **amarelas** não lhe caem bem.

Por outro lado, as cores são também usadas como substantivos do gênero masculino: (o) branco, (o) verde, (o) vermelho, (o) amarelo etc. É o caso de:

> Prefiro o **branco** ao **preto**.
>
> Esse **roxo** não caiu bem no sofá da sala.
>
> O que seria do **verde** se todos gostassem do **amarelo**?
>
> **Vermelho** é sua cor preferida.

16. MAU E MAL, BOM E BEM

Mau, o contrário de *bom*, é adjetivo – portanto sempre acompanha um substantivo – e tem o feminino *má* (pl. *maus* e *más*):

Fez um **mau negócio** num **mau momento**.

Os **homens maus** e as **mulheres más** sempre se dão mal.

O **lobo mau** enfrentou um homem bom.

Mal tem por antônimo a palavra *bem* e pode ser:

1. advérbio de modo; neste caso fica invariável e no mais das vezes acompanha um verbo ou um adjetivo:

   Ela joga muito **mal**.

   Quando ele se comporta **mal,** nada vai bem.

   Isso pegou **mal**.

   Tem muita gente **mal-humorada**.

   Estamos **mal** servidos.

2. substantivo:

   O pequeno **mal** que o remédio provoca é compensado pelo bem que lhe traz.

   Ele não imagina o **mal** que fez.

3. conjunção:

   Mal chegou de viagem, já deseja partir.

O comparativo de superioridade de *mau* e *mal* é *pior*, o que equivale a "mais mau/mal":

Ele fez o **pior** negócio da sua vida.

Esse rapaz joga **pior** do que os demais.

O comparativo de superioridade de *(mais) bom* e *(mais) bem* é *melhor*:

Margô é uma atleta **melhor (do) que** suas colegas.

Ela fala inglês **melhor do que** seus irmãos.

O brasileiro se saiu **melhor do que** os americanos.

Os gêmeos Pat e Nick são **os melhores** alunos da turma.

▸ Mais bem (ou melhor) colocado

Diz a regra que, quando vêm antes do particípio, os advérbios *mal* e *bem* não se contraem com o *mais* que os precede, como por exemplo: "mais bem aceito; mais mal ajeitado; o trabalho mais bem feito; as ruas mais bem calçadas". A forma clássica, original, é a não contraída:

O time **mais bem colocado** se apresentará duas vezes.

Aponte no texto a frase **mais bem elaborada**.

Políticos **mais bem instruídos** recebem mais votos?

No entanto, pelo fato de *mais bem* ser sintetizado para *melhor*, a expressão se transformou com o tempo, e hoje se admite o uso de *melhor* em construções como estas:

O time que for **melhor colocado** terá privilégios.

Parece que os papéis estão **melhor distribuídos** em termos sociais.

De qualquer forma, use o ouvido e o bom senso para fazer a melhor escolha. No caso do advérbio com sentido negativo, contudo, sempre use *menos bem*, e não *pior*:

Em primeiro lugar ficam as telas mais vistosas ou irretocáveis; na parte de trás, os quadros **menos bem pintados**.

17. MEIO, MEIA

▸ Meio adjetivo

A palavra **meio** (= metade) varia no feminino e plural quando precede um substantivo:

Ganhou **meia gleba** de terra.

Por favor, deixe de **meias palavras**.

Cem mil toneladas de carne representam o consumo nacional de **meio mês**.

Só tenho disponibilidade para trabalhar **meio período**, e não o período integral.

Em tais casos, faz-se a concordância em gênero e número mesmo que o substantivo esteja subentendido, como se verifica em "meia hora":

À **meia-noite e meia** (hora) apagavam-se as luzes do povoado.

O almoço deve ser servido ao **meio-dia e meia**.

▸ Meio advérbio

Com o significado de "um tanto, um pouco, quase", acompanha um adjetivo e fica invariável:

Ela está **meio tonta**.

As portas ficaram **meio abertas**.

São **meio tolos**.

▸ Meio em substantivo composto

A formação composta leva hífen; e sendo um adjetivo, *meio* flexiona conforme o substantivo:

A maior parte da sua pintura é feita em **meios-tons**.

Só se configura um substantivo composto quando os dois elementos realmente formam um conjunto indissociável. Outros exemplos: à *meia-luz*, de *meia-tigela*, roupa de *meia-estação,* é um *meio-termo*, pessoa de *meia-idade*, nesse *meio-tempo*, os *meios-fios*, são *meios-irmãos*, vive de *meias-solas*.

18. POR SI SÓ(S)

Deve-se pluralizar a expressão de acordo com o substantivo em referência. Quando reforça o pronome *si* (que serve para singular e plural), a palavra *só* tem valor adjetivo e é portanto flexionável. É como se disséssemos "a ação por si mesma, as provas por si mesmas, os fatos por si próprios":

Os **fatos por si sós** recomendam a punição do infrator.

Essas **medidas por si sós** resolverão o caso.

As **provas** apresentadas, **por si sós**, não são suficientes para caracterizar o dano.

19. PRÓXIMO E SEGUINTE

Embora muita gente utilize *próximo* e *seguinte* como sinônimos para se referir a questões de tempo, há diferença de uso entre os dois adjetivos.

Próximo é usado para indicar aquilo que se segue ou acontecerá numa situação futura; trata-se do *seguinte ao atual,* de fato posterior ao momento em que se escreve ou fala:

Poderias ficar em silêncio pelo menos nos **próximos dois minutos**?

Na **próxima semana** iremos a Brasília cumprimentar o presidente eleito.

O diretor quis ver o novo regimento, pelo qual deve pautar suas **próximas ações**.

Este número da revista já está fechado – seu artigo sairá **no próximo**.

E 2018 chega ao fim. O que nos trará o **próximo ano**?

Seguinte quer dizer *subsequente, posterior a outro*, ou seja, que vem ou ocorre depois (de um fato anterior que serve de referencial):

Na primeira semana do ano fomos visitar as cidades históricas, tendo retornado ao Rio na **semana seguinte**.

Ignorando o plano, a Secretaria assentou, como estava habituada a fazer, suas **ações seguintes** no quadro de prioridades do seu próprio planejamento.

Guga foi bem no primeiro *set* mas falhou nos dois **seguintes**. Assim, não aconteceu a partida **seguinte**, que seria com um adversário russo. O tenista espera recuperar no **próximo** torneio os pontos perdidos. [torneio que ainda não aconteceu]

O adjetivo *seguinte* em geral está relacionado ao tempo passado, mas pode ser usado com verbo no futuro desde que haja essa relação de sequência a um referencial anterior:

Seu próximo ato será a escolha dos assessores; o **seguinte** será a nomeação deles.

Primeiramente vamos revogar a portaria. O passo **seguinte** será fixar novos procedimentos.

haus

LÍNGUA Portuguesa



Você pode adquirir os livros de autoria de Maria Tereza de Queiroz Piacentini

CLICANDO AQUI

41 3323 4020 **www.livrariabonijuris.com.br** **0800 645 4020**

_advérbios

20. ADREDE

A palavra *adrede* significa "de propósito, para esse fim, intencionalmente, de caso pensado" e, sendo advérbio, não carece da terminação *-mente* que às vezes erroneamente lhe dão (p. ex. *ideia *adredemente* concebida). Em geral se usa o termo junto de um particípio:

> Com o intuito de desfalcar o patrimônio alheio, tratou de implementar uma ideia **adrede** concebida.
>
> A primeira autoridade baixou a regulamentação para o preenchimento das vagas, enquanto a segunda ficou encarregada de sua execução material, inclusive com responsabilidades **adrede** definidas.

Falar ou escrever "adredemente" é o mesmo que dizer "de repentemente", como já ouvi. Está no mesmo nível do linguajar divertidíssimo de Odorico Paraguaçu, personagem da novela O Bem-Amado, de Dias Gomes, que abusava dos "entretantos" e "finalmentes".

21. ADJUNTOS ADVERBIAIS E VÍRGULAS

O adjunto adverbial, que exprime uma circunstância (modo, meio, lugar, tempo, finalidade, causa, dúvida, intensidade etc.), pode ser expresso por uma só palavra (um advérbio) ou por várias (uma locução adverbial). Vejamos as diversas maneiras com que podemos empregar esses adjuntos em relação à vírgula.

- No início da frase

Apresentam-se separados ou não por vírgula, mas esta ocorre apenas em casos de ênfase:

> **Graças a Deus** chegamos bem!
>
> **Felizmente** o pior já passou.

De lá para cá suas formas se ampliaram.

No meu entendimento, sua redação foi bem precisa.

► No fim da frase

Normalmente os adjuntos adverbiais não são separados por vírgula quando se encontram no final da frase, depois dos complementos verbais e nominais, a não ser que se queira marcar nitidamente uma pausa por motivo de realce:

O almoço decorria **agora lentamente**.

O prefeito apresentou novos projetos cicloviários **para o planejamento da cidade**, embora advertindo sobre a falta de recursos.

Foram destinados recursos da União à biblioteca estadual **no primeiro semestre deste ano**.

Os interessados devem enviar sua proposta **por *e-mail* em no máximo 20 dias**.

Não poderei ir**, infelizmente**.

► No meio da frase, junto ao verbo

Quando diretamente ligado ao verbo, o adjunto de circunstância não deve ser separado por vírgula para não quebrar a fluência da frase:

As crianças **talvez** queiram ir junto.

Acho que a equipe **ainda** não se conformou com a derrota.

Ela comprou **aqui** um chapéu gracioso.

Os gerentes falaram **por algumas horas** sobre a situação de falência.

► Data e local em início de frase

Quando a data ou local vem no começo da frase, é certo colocar uma vírgula depois, mas não é obrigatório. Em outras palavras, quando iniciam a frase, os adjuntos de *tempo* e *lugar* podem ou não vir separados por uma vírgula – depende do redator e das circunstâncias (tipo de frase, estilo, gosto, extensão do adjunto):

Exemplos com vírgula:

> **Em 1994**, o primeiro ocidental a rever as relíquias foi o arqueólogo Manfred Korfmann.
>
> **No dia 30 de maio de 2014,** Melina começou a lecionar.
>
> **No Brasil,** a empresa fechou contratos importantes no primeiro trimestre.
>
> **Nos últimos dias,** muitos problemas foram solucionados.
>
> **Atualmente,** a venda de cosméticos movimenta 1,5 bilhão de dólares ao ano.

Exemplos sem vírgula:

> **Em 1985** ocorreu novo surto de sarampo.
>
> **Em 20 de julho de 1969** o Homem pisou na Lua.
>
> **No Brasil** foi criado um aplicativo que avalia a ética no comércio.
>
> **Na mesma cidade** encontra-se o expoente da modernidade.
>
> **Atualmente** não se tem tal curiosidade intelectual, como propalado.

Repetindo: a tendência é não separar por vírgula o adjunto adverbial de *tempo, lugar* e *modo* – estou acrescentando *modo* – quando ele se desloca do final para o início da frase.

De alguns escritores brasileiros apresento exemplos sem a vírgula. Estes, a bem da verdade, são menos abundantes que os virgulados, mas estão aqui para corroborar a tese da não obrigatoriedade dessa pontuação:

> *Quando eles entraram na banheira* ela transbordou.
> *Momentos depois* ela voltava para dizer que Seu Edmundo estava numa das olarias e que só viria à tarde.
> *Naquele exato momento* os dois irmãos entravam na clínica onde Aníbal fora internado.
>
> (Josué Guimarães em *Camilo Mortágua*)

■■■

> *Nos fundos do terreno* vejo apenas o petiço do caseiro comendo a grama que a geada crestou.
> *Aos poucos* avalio a vantagem de se viver numa cidade do tamanho

de São Paulo. *Aqui* a maledicência não me persegue.
À noite sou menos apática quando ele analisa a textura da minha pele...

(Dorothy Camargo Gallo em *Endiabrada*)

■■■

Às oito da manhã fui para a Estação da Luz.
Quando o trem passou em Guarantã fui para o carro-restaurante.

(Rubem Fonseca em *A grande arte*)

■■■

Naquela mesma noite Camisão experimentou as primeiras cólicas.
A 11 de janeiro de 1867 deixamos Miranda.

(Deonísio da Silva em *Avante, soldados: para trás*)

■■■

Nessa mesma tarde ouviu-se a cadência de patas nas pedras da rua do Mercado.
Depois o vento continuou a soprar em silêncio.
De súbito deu-lhe um instinto, virou-se para o outro lado da cama com ferocidade.
Nessa época estava realmente no apogeu.
Dias depois foi buscar o resultado.

(Clarice Lispector em *A cidade sitiada*)

■■■

De repente lembrou-se de que já se vira numa situação assim.
Às onze e meia entrou o bloco dos pierrôs vermelhos que tinham espiado o morto do alto da escada.
De luz apagada Amaro ficou debruçado à janela do quarto.
E naquela noite não se falou mais no livro.

(Érico Veríssimo em *Um lugar ao sol*)

ADJUNTO ADVERBIAL ≠ OBJETO INDIRETO

Não se deve é confundir o adjunto adverbial com o *objeto indireto* (que também começa por preposição) quando este vem no início da frase, antecedendo o sujeito ou o predicado, caso em que não há vírgula, pois não se separam por vírgula os termos essenciais e integrantes de uma oração.

No primeiro exemplo abaixo é até compreensível a

falta de distinção porque o objeto indireto (grifado) tem a feição de adjunto adverbial de tempo; mas a prova se tira quando se coloca a oração na ordem direta (ao lado):

Daquele dia não me lembro mais. [Não me lembro mais *daquele dia*.]

À armadura de aço eu prefiro a areia.

A esses magistrados cumpre decidir o destino de muita gente.

Dois adjuntos em sequência no início da frase

Relativamente comum é vir a expressão de tempo ou lugar virgulada tendo em vista a necessidade de separação de dois adjuntos adverbiais no início da frase – aí, sim, a primeira vírgula é obrigatória, podendo até uma segunda ser usada:

Até a final do Mundial, no sábado 29, o horário das partidas vai estar com o fuso brasileiro.

Em 2001, numa das lojas foi encontrado um maço de dinheiro falsificado.

Na vizinha Artigas, durante a primeira reunião do ano os mestres discutiam a necessidade de policiamento.

"**Certo dia, num dos embates do nosso périplo**, encontramos entre os despojos de um soldado morto um cartão..." (Deonísio da Silva, *Avante, soldados: para trás*)

"**De início um pouco irreconhecível, após um instante** a sala retomava sua antiga posição tendo como centro a flor." (Clarice Lispector, *A cidade sitiada*)

"**Nesse instante, de trás do automóvel** surgiu um vulto. [...]
Uma manhã, antes de sair para a escola, Fernanda ouviu Álvaro cantarolar lá em cima uma tarantela." (Érico Veríssimo, *Um lugar ao sol*)

Adjunto adverbial entre vírgulas

É preciso ter atenção quando se coloca uma circunstância de *modo*, *tempo* ou *lugar* entre duas orações, pois um adjunto adverbial mal isolado (não é verdade que ele deva vir entre vírgulas) pode levar o leitor a uma

interpretação equivocada do texto, ou mesmo a não saber como interpretá-lo. Comento dois casos:

1. Antes de sair, disfarçadamente, ele passa um bilhetinho à moça.

Afinal, ele saiu ou passou o bilhete disfarçadamente? Se a ideia é de que o rapaz quis se comunicar com a garota sem ser notado, mude-se a virgulação:

> Antes de sair, ***disfarçadamente*** ele passa um bilhetinho à moça.

2. De acordo com dados divulgados pelo governo, no fim da última semana, a recuperação dos poços artesianos foi bem-sucedida.

Assim posto o adjunto, não se sabe se o governo fez a divulgação dos dados no fim da semana ou se nesse período os poços foram recuperados.

Na hipótese 1, vírgula no final do adjunto: "De acordo com dados divulgados pelo governo *no fim da última semana*, a recuperação dos poços artesianos foi bem-sucedida".

Na hipótese 2, vírgula antes: "De acordo com dados divulgados pelo governo, *no fim da última semana* a recuperação dos poços artesianos foi bem-sucedida".

Vejamos mais dois exemplos, em que pelo contexto se deduz o sentido correto da afirmação. Com asterisco a frase ambígua, seguida da correta:

* Em vista de problemas em outros mercados, em janeiro e fevereiro, a Ucrânia se tornou a maior compradora de carne suína do Brasil.

Em vista de problemas em outros mercados, **em janeiro e fevereiro** a Ucrânia se tornou a maior compradora de carne suína do Brasil.

* No Japão, aos cinco anos, uma criança deve ir para a escola sozinha para desenvolver sua própria independência.
No Japão, **aos cinco anos** uma criança deve ir para a escola sozinha para desenvolver sua própria independência.

▸ Advérbio de modo em -mente

Os advérbios terminados em *-mente* não são necessariamente usados entre vírgulas. Vejamos algumas frases boas:

> Esta é uma medida **tecnologicamente** possível.

> Falou **incansavelmente** para a multidão.

Saiu-se **razoavelmente** bem.

Ele disse que **lamentavelmente** não havia condições de retorno.

As cores azul e verde correspondem **respectivamente** aos grupos 10 e 11.

Você só colocará o advérbio de modo terminado em *-mente* entre vírgulas se quiser dar relevo especial ao que ele expressa:

Ontem**, lamentavelmente,** não nos encontramos no colégio.

As cores azul e verde correspondem**, respectivamente,** aos grupos 10 e 11.

22. ASSIM E VÍRGULA

Há uma diferença em termos de pontuação quando se usa o termo *assim,* que pode ser advérbio ou conjunção.

Quando é advérbio (portanto na função sintática de adjunto adverbial), não se separa por vírgula:

Assim disse ele: "Vou embora".

Ele disse **assim**: "Vou embora".

Assim será feito.

Imprevisível – **assim** foi a reação popular.

Se significa "portanto, assim sendo", a sua função é de conjunção conclusiva; neste caso, deve-se usar uma vírgula para indicar que se trata de um conectivo, uma expressão de continuidade, e não de uma circunstância de modo:

Assim (portanto), disse ele: "Vou embora".

Foi imprevisível – **assim**, houve uma reação popular à altura.

23. EMBAIXO, EM CIMA

Há um par de advérbios que chama a atenção pela incoerência da grafia: *embaixo* e *em cima*, um junto e um separado. Mas é conveniente observar a lista completa:

1. **abaixo** (rio abaixo)
   debaixo do tapete
   embaixo da mesa
   por baixo dos panos

2. **acima** (rio acima)
   de cima do banco
   em cima do balcão
   por cima dos fatos

No caso 1, escreve-se três vezes junto e uma vez separado, até pelo fato de que a preposição *por* tem mais evidência que as outras ("porbaixo" ficaria deveras estranho!); no caso 2, três vezes separado e uma vez junto! Fazer o quê? É imposição oficial.

Contudo, há casos em que se escreve *baixo* separado da preposição ***a*** ou *de*, formando locução adverbial, na sequência *de...a* ou em oposição a "cima", como nos seguintes exemplos:

> A parede rachou de alto **a baixo**.
>
> Pintou a escada **de baixo** para cima.
>
> Sai **de baixo**!

É redundância escrever "de debaixo", pois este advérbio é formado por *de* + *baixo* (*baixo* é dado como sinônimo de *debaixo*). O que se deve fazer quando se tem um verbo que rege a preposição *de* é usar apenas o termo *baixo*:

> Saiu **de baixo** de suas asas. [Compare: Voltou *para baixo* de suas asas.]
>
> Retiraram a criança **de baixo** de muitos destroços.
> [Compare: Encontraram a criança debaixo/embaixo dos destroços.]

Já para usar a locução *em baixo*, ou apenas a palavra *baixo*, é preciso que ela esteja modificando um substantivo – aí, *baixo* tem a função de adjetivo, sendo portanto variável:

> Vive **em baixo** astral.
>
> Trafega **em baixa** velocidade.
>
> Falou **em** tom **baixo**.

24. NO MÍNIMO E VÍRGULAS

A locução *no mínimo* às vezes serve apenas de reforço; não significa "que é o menor". Portanto, assim como não se usam entre vírgulas os advérbios de intensidade, não se recomenda colocar *no mínimo* entre vírgulas. A ver:

O novo partido tomou decisões **muito** surrealistas.

O novo partido tomou decisões **bastante** surrealistas.

O novo partido tomou decisões **excepcionalmente** surrealistas.

O novo partido tomou decisões **no mínimo** surrealistas.

Mesmo quando tem o sentido de "no menor limite provável", as vírgulas podem ser eliminadas, principalmente quando *no mínimo* vem depois do verbo:

Chegaremos **no mínimo** às 22 horas.

Espero que ele faça **no mínimo** três pontos.

A inserção desse artigo na Lei 9.981/00 é **no mínimo** impertinente, para não dizer inútil.

Sua atitude causa **no mínimo** estranheza.

Também a expressão equivalente *pelo menos* deve receber o emprego sóbrio das vírgulas, especialmente quando acompanha um verbo. Podemos observar que sem tal pontuação a frase flui melhor, sem tropeços:

Estamos à sua espera há **pelo menos** vinte minutos.

Ela espera fazer **pelo menos** quatro pontos.

Mas devo ressalvar que a vírgula também pode ser usada em caso de necessária ênfase e sobretudo quando há um deslocamento da expressão (para longe do verbo):

Ela espera fazer quatro pontos**, pelo menos**.

Disse que a pesquisa vai demandar de dois meses**, no mínimo,** a quatro, no máximo.

25. SEQUER E NEM SEQUER

O advérbio de intensidade *sequer*, nos termos rígidos da gramática, deve entrar apenas em orações negativas. Entretanto, é comum encontrá-lo em frases sem uma negação (*nem, não, nenhum* etc.), especialmente na linguagem descontraída, como se exprimiu um leitor: "Há um ministro que enriqueceu de repente, e sequer existem manifestações". Não fez falta para o entendimento

da mensagem a partícula *nem* ["e nem sequer existem"], mas ela deve ser usada em textos elaborados, que exijam a norma padrão da língua.

Vejamos então como se dá o emprego gramatical de *sequer*, que significa "ao menos, pelo menos; nem mesmo". É importante observar a presença da oração negativa junto com o advérbio. Exemplos de uso na língua formal culta:

Entrou no cinema, mas **nem sequer** sabia o nome do filme.

Não sabia **sequer** o nome do filme.

O rapaz **nem sequer** demonstrou sua coragem.

Nenhum homem educado **sequer** pensa em fumar em lugares fechados.

Ele **não** foi **sequer** corajoso diante do obstáculo.

A mãe chorava e dizia que **nem sequer** pôde se despedir do filho.

Ficou patente que **nenhuma** das candidatas **sequer** sabia a função que iria desempenhar.

26. TAMPOUCO

Tampouco é um advérbio que significa *também não* ou *muito menos*. Sua grafia vem de *tam* (= tão) + *pouco*, que em Portugal se escreve com hífen: *tão-pouco*.

Tão pouco, separado, são duas palavras distintas que querem dizer aproximadamente "muito pouco":

O salário mínimo compra **tão pouco**! [= tão pouca coisa]

Faz **tão pouco** tempo que estão casados e já pensam em divórcio.

Já *nem tampouco* é um recurso linguístico de reforço da negação; não só lhe dá mais ênfase como serve de elemento sonoro de ligação (conectivo) entre as orações ou partes da oração, sobretudo na linguagem falada. Assim, é considerado uma alternativa menos formal a *tampouco*, não havendo necessidade de corrigir os outros quando falam ou escrevem com o acréscimo da negativa. Exemplos diversos:

Não concordamos com a redação do anteprojeto. **Tampouco** aceitamos as emendas apresentadas.

O deputado não compareceu às sessões, **tampouco** justificou sua ausência.

Ela não saiu; eu **tampouco**.

Não proibimos fumar no jardim **nem tampouco** andar na grama.

A mãe não conseguiu encontrar a boneca que a filha pedira e **tampouco** viu nas lojas um brinquedo ideal para o menino.

Não quis provar o doce, **nem tampouco** teve curiosidade a respeito dos ingredientes.

Na coluna Mundo das Palavras 3.264, o gramático Celso Luft[4] deu este exemplo: "Não lê, (nem) tampouco escreve", o que significa que ele considerava facultativo o uso da partícula *nem* nesse caso.

4 Por muitos anos, Luft manteve uma coluna semanal no jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, chamada "Mundo das palavras", cuja numeração constará neste livro quando houver (nos primeiros tempos não havia número), mas não a data, pois nos recortes que meu pai, também professor de português, guardou para mim, não é possível identificar o dia de circulação do jornal. Pelos anúncios, pude constatar que as colunas em meu poder foram publicadas entre 1974 e 1982.

haus

Só Vírgula

MÉTODO FÁCIL EM VINTE LIÇÕES

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Para adquirir a versão impressa

CLIQUE AQUI

Reúne, em linguagem acessível e atual, tudo o que foi possível sistematizar sobre o assunto: das regras básicas (não se põe vírgula entre sujeito e predicado) às mais elaboradas, como a dos locativos, nomes próprios e orações adjetivas.

ISBN 9786586768190 | 150 páginas | 21 x 14 cm

27. BOM DIA, BOA TARDE, BOA NOITE – QUANDO SUBSTANTIVAR

Quando você simplesmente cumprimenta alguém, escreve *bom dia, boa tarde* ou *boa noite* sem hífen, porque aí se encontra um adjetivo qualificando um substantivo:

Bom dia, meu pai.

Boa tarde a todos.

Boa noite!

Desejo uma **boa noite** a vocês, uma noite bem agradável.

Usa-se o hífen no caso de substantivação, ou seja, quando se forma com os dois vocábulos um só substantivo, masculino (até mesmo *boa-tarde* é subst. masc.) e geralmente precedido pelo artigo indefinido, significando "um cumprimento":

Gostaria de cumprimentá-los com **um bom-dia** antes de me retirar.

Deu-nos **um boa-noite** com muito carinho.

Abraçou-me com um grande sorriso **de boa-tarde**.

Devo esclarecer que os dicionários só mostram a composição *bom-dia*, é claro, porque aí se tem um substantivo. Eles não registram frases ou expressões como *Bom dia! Boa viagem! Bom almoço!* Ou: *Feliz aniversário, a bela moça, lindo dia*... Em suma: é preciso saber interpretar o que dizem os dicionários, observar a classe gramatical das palavras que se está buscando: se é adjetivo, substantivo, advérbio etc.

28. CARGOS FEMININOS

Os nomes de funções e cargos ocupados por mulheres devem ser flexionados adequadamente. Quando uma mulher assume o cargo de prefeito ou de técnico auxiliar, por exemplo, ela se torna *prefeita* ou *técnica*

auxiliar. Isto é, tanto o substantivo quanto o adjetivo devem passar para o feminino, desde que não sejam comuns de dois gêneros (como *auxiliar, chefe* e *gerente*) ou adjetivos invariáveis (como *especial, auxiliar* e *geral*). Dizer *a gerente administrativo seria tão anômalo quanto *a juíza adjunto ou *a diretora-secretário.

Eis alguns exemplos de cargos femininos, com ênfase naqueles formados por duas palavras (substantivo e adjetivo – sem hífen; dois substantivos – com hífen):

assessora especial
auxiliar administrativa
auxiliar técnica
chefe auxiliar
chefe adjunta
consultora geral
designer gráfica
diretora geral
diretora-presidente
diretora técnica
escrevente técnico-judiciária
escrivã assistente
gerente financeira
juíza substituta
ministra-chefe
presidente adjunta
secretária adjunta
secretária executiva
técnica administrativa
técnica judiciária

TÉCNICO ADMINISTRATIVO OU TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

A grafia com ou sem hífen depende de como a palavra "técnico" é usada, se na função de substantivo ou de adjetivo: eles são *técnicos administrativos*, ela é uma *técnica administrativa* (substantivo); os *servidores técnico-administrativos*, uma *servidora técnico-administrativa* (adjetivo).

29. FEMININO DE POSTOS MILITARES

Primeiramente devo esclarecer que existem na língua portuguesa as formas femininas *soldada, sargenta, coronela, capitã, generala*. No entanto, as Forças Armadas preferem não adotá-las, empregando o mesmo nome do posto tanto para os homens como para as mulheres (até porque alguns ficariam estranhos, como "a tenenta"; e outros nem feminino teriam, como major e cabo). Sendo assim, a única diferenciação entre os gêneros fica sendo o artigo:

A soldado Carla, **a sargento** Marta e **a coronel**

Maria serão promovidas.

Parece que **uma tenente** foi desacatada.

O coronel Gomes passou as instruções **à capitão** Marli Regina.

Essa colocação do artigo no feminino é mais importante quando ocorre menção a nome próprio usado por ambos os sexos, como Adair, Ariel, Cleo, Darci, Enéas, Eli: ***a*** *soldado* Darci Lira, ***o*** *soldado* Darci Lira.

Fora da hierarquia militar, no caso particular de *capitão*, pode-se dizer que também é correto o feminino "capitoa", mas é preferível usar *capitã*, palavra aliás bastante em voga, pois designa também o "chefe; a pessoa que comanda, que dirige" ou "atleta que representa a equipe":

Sônia, que foi **capitã** da Sul Brasil por muitos anos, abandonou o voleibol repentinamente.

Na nossa gincana foi atribuído um prêmio às **capitãs** das cinco equipes.

30. FÉRIAS

Sempre desejamos *Felizes férias!* Férias é um substantivo feminino plural. Sendo assim, os adjuntos adnominais (artigos, adjetivos, pronomes) devem flexionar em número e gênero:

As minhas férias foram ótimas.

Espero que você tenha **boas férias** na Bahia.

31. FLEXÃO DE GÊNERO, SUBSTANTIVOS DIVERSOS

Qual o feminino de poeta, edil, mordomo? E de graduando, doutorando, bacharelando, formando? O feminino destes últimos se forma regularmente, trocando-se o ***o*** por ***a***: *graduanda, doutoranda, bacharelanda, formanda*.

Por outro lado, há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; o que distingue o masculino do feminino é a anteposição de um artigo ou outro determinante, como o *jornalista* / a *jornalista,* um *estudante* / uma *estudante,* bom *cliente* / boa *cliente*. Estes substantivos – chamados de

comuns de dois – são registrados nos dicionários com um s.2.g., que quer dizer "substantivo que serve aos dois gêneros" (e não "substantivo de [que tem] dois gêneros"). A essa categoria pertencem, entre outros: o/a *agente*, o/a *artista*, o/a *assistente*, o/a *caixa* [funcionário], o/a *chefe*, o/a *colega*, o/a *dentista*, o/a *gerente*, o/a *guia*, o/a *imigrante*, o/a *indígena*, o/a *intérprete*, o/a *presidente* (a observar que também existe o substantivo feminino *presidenta*), o/a *titular*.

Poeta é exemplo de substantivo que no dicionário consta como masculino (s.m.) mas que poderá vir a ser registrado s.2.g., porque seu equivalente feminino – poetisa – vem perdendo terreno para "a poeta". A nova geração de mulheres que fazem poesia parece não gostar de ser chamada de poetisa – são as poetas simplesmente. Todavia, há situações em que é preciso usar a forma poetisa, como neste exemplo real, no qual a palavra *poeta* não informaria que a homenagem se destinava apenas às mulheres:

> A cantora argentina apresentará clássicos do tango, além de canções compostas por **poetisas**.

Edil e *mordomo* são palavras registradas como substantivo masculino (s.m.), o que significa que não se utiliza um artigo feminino quando se trata de uma mulher ocupante desse cargo ou função. Os dois termos pertencem à categoria dos substantivos ditos *sobrecomuns*, aqueles que têm um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos. São exemplos de sobrecomuns masculinos: o *alvo*, o *algoz*, o *carrasco*, o *cônjuge*, o *ídolo*, o *indivíduo*, o *tipo*. Casos femininos: a *criança*, a *criatura*, a *pessoa*, a/uma *presa* de, a *testemunha*, a *vítima*.

Assim, a mulher será sempre um edil ou um Mordomo do Mastro, por exemplo:

> A senhora Maria Aparecida é o **edil** mais influente da região.
>
> Depois de vários mandatos, ela se tornou um grande **edil**.
>
> A comunidade escolheu D. Rita para **Mordomo** da sua festa religiosa.

32. FRUTO E OBJETO

Está correta a frase "Os problemas da humanidade *são fruto* das novas gerações". Não é preciso colocar a palavra *fruto* no plural, embora se refira a *problemas*, pois ela aí tem valor de singular, é usada como "o" fruto.

Equivale a "o resultado, a consequência, o produto". Outros exemplos:

> Suas joias e dólares **são fruto** de muito trabalho, assegura ela.
>
> Percebe-se que seus bons modos **são fruto** de uma sólida educação familiar.

Da mesma forma, a expressão [ser] *objeto de* é sempre utilizada no singular quando carrega o sentido de "o alvo, o foco, a mira, o objetivo; matéria, assunto; o ponto de convergência duma atividade". Assim, pode haver: *questões objeto* de estudo e análise, uma *filosofia objeto* de meditações, *casos objeto* de investigação, *dívidas objeto* de parcelamento. Mesmo que o verbo ser não apareça, ele está ali implícito:

> Vamos listar todos os imóveis [que podem ser] **objeto** de operações fiscais.
>
> Está prevista a comercialização de mercadorias [que são] **objeto** de contrabando.

33. GRAVIDEZ – PLURAL OU NÃO

A primeira vez que me perguntaram se a palavra *gravidez* tinha plural eu disse que não, até porque dois médicos a quem dirigi a mesma pergunta responderam que não há, e eu mesma não encontrei o plural nos dicionários e nos livros de medicina de que dispunha (isso foi antes da internet). Além do mais, "gravidezes" soa estranho, o que justifica o seu desuso ou raridade.

A explicação para tal flexão, que de qualquer modo se encontra, é que as palavras terminadas em *z* ou *ez* formam o plural com o acréscimo de *es*, caso de *avestruz* > *avestruzes, vez* > *vezes*. Mas devo contrapor que nem sempre é assim: o plural de *tez* (cútis) é *tez*, não *tezes, e tampouco o adjetivo *indez* se usa no plural: *os ovos indez*. Por que então gravidez teria obrigatoriamente um plural?

Sendo assim, no caso de mais de uma, é melhor e mais elegante falar em gestação:

> Maria teve **sete gestações** em 10 anos.

Ainda é possível reestruturar a frase:

> Maria teve **gravidez** tubária duas vezes.

Ela teve **gravidez** de risco de quatro filhos. [em vez de quatro gravidezes]

34. GRUPOS INDÍGENAS - SINGULAR OU PLURAL

Deve-se dizer índios tupi ou índios tupis? Guarani ou guaranis? Xokleng ou xoklengs? A resposta é "tanto faz". Aceita-se o singular (mais técnico) ou o plural:

> No litoral de SC estavam os índios **tupi-guarani**, ceramistas com rudimentos de agricultura, que haviam ocupado a região pelo menos 800 anos antes.
>
> No interior habitavam os **kaingang** e os **xokleng**, também afugentados do litoral pelos **carijós**.
>
> Muitos índios **jês** haviam sido dizimados pelos missionários.

Maria Helena de Moura Neves (2000, p. 164) ensina: "Também não recebem marca de plural os nomes de tribos indígenas, seguindo convenção internacional dos etnólogos: [...] Entretanto, frequentemente se usam esses nomes pluralizados, como qualquer outro nome de povo".

Embora facultativo o uso, parece soar melhor o plural quando o nome da tribo tem vogal final: pataxós, caiapós, macuxis, ianomamis, kaiowás, camaiurás, xavantes, bororos etc.

35. ISRAELITA E ISRAELENSE

Há diferença entre israelita e israelense:

Israelense (ou, menos usado, *israeliano*) é o substantivo utilizado para designar o habitante ou a pessoa natural do Estado de Israel, criado em 1948. Pode ser também adjetivo: relativo ao mesmo Estado de Israel.

Israelita refere-se ao indivíduo do povo descendente do patriarca bíblico Jacó, o povo de Israel, que é também chamado de *judeu* ou *hebreu*. É um termo mais abrangente do que israelense, pois não se limita a uma época ou espaço geográfico. Por exemplo, você pode falar que Ariel Sharon era israelita (referindo-se à origem racial dele), mas sempre dirá, em relação ao cargo que ocupou, que ele era "o primeiro-ministro israelense". Na função de adjetivo, *israelita* pode comutar com *judeu, judaico* e *hebraico*.

Para adjetivar o que é relativo ou pertencente ao Judaísmo, usa-se apenas *judaico(a)*: a religião judaica, os textos judaicos.

36. MARIDO, MULHER, ESPOSO(A)

Qual seria o feminino de marido/esposo? Apenas *mulher*, ou *esposa* também está correto?

As duas formas estão corretas. No campo do Direito o certo é falar em *marido* e *mulher*. Mas socialmente o usual é *esposo* e *esposa*.

Também é elegante o homem se referir à sua como "minha mulher", e à dos outros como "sua esposa". Prefere-se dizer *esposa* talvez por ser o substantivo *mulher* também o feminino de *homem*. Mas a mulher tanto pode dizer "meu marido" como "meu esposo".

37. NOMES DE PESSOAS E VÍRGULA

Os nomes próprios de pessoas escritos numa frase podem ou não vir entre vírgulas – e disso entendem os jornais e revistas, que falam não só de chiques e famosos mas de políticos e de outros simples mortais. Também o advogado, em seu trabalho, cita muitos nomes de pessoas. E aí a vírgula pode contribuir para aclarar uma situação, dar uma informação correta. É o caso, por exemplo, de filhos ou funcionários envolvidos numa questão jurídica. Se determinada empresa tem vários funcionários e foi um deles que, digamos, abalroou o veículo X, a frase será assim:

> Afirma o réu que seu funcionário Mário Tadeu dirigia o veículo na ocasião.

Se tal réu tivesse apenas um empregado, o nome deste iria entre vírgulas:

> Afirma o réu que seu funcionário, Mário Tadeu, dirigia o veículo na ocasião.

Neste último caso, o nome se torna um aposto explicativo (o qual equivale a uma oração adjetiva explicativa sem "que é"), o que justifica sua separação por vírgulas.

Sendo assim, sempre que se referir a pessoa que tiver um cargo *único* e

especificado na frase, como *presidente* da República, do Senado, da Câmara Federal, de um partido político, de uma empresa etc., ou *governador* de um Estado, faça a separação do nome da pessoa por vírgulas – uma ou duas, conforme sua posição na frase. Também é o caso de *pai e mãe*, que temos um só, e de *marido e mulher*:

> A mãe de Caetano e Bethânia**, dona Canô,** era quase tão famosa quanto os filhos.
>
> O governador de Santa Catarina em 2001**, Esperidião Amin,** e o então ministro da Ciência e Tecnologia**, Ronaldo Sardenberg,** oficializaram um projeto pioneiro no país – a Rede Catarinense de Ciência e Tecnologia.
>
> A ação contra a empresa foi proposta por João Silva e sua mulher**, Amália J. Silva.**
>
> O fundador de Jaraguá do Sul**, Emílio Carlos Jourdan,** morreu no Rio de Janeiro em 8 de agosto de 1900.

Mas quando se referir a *um entre vários* da mesma categoria – como ex-governador, ex-esposa, diretor de empresa (normalmente há mais de um diretor), professor de escola, habitante, ator, candidato etc. – não faça o destaque do nome entre vírgulas:

> Um dos palestrantes foi o economista e especialista em gestão condominial **César Thomé Júnior**.
>
> O ex-governador do Paraná **Álvaro Dias** concedeu entrevista a uma rádio de Maringá.
>
> Para a professora da USP **Roseli Baumel**, especialista em Educação Especial, a escola deve perceber o que pode oferecer ao aluno com deficiência visual.
>
> Os candidatos a vereador **Tobias Sailor** e **Tadeu Pilli** devem comparecer ao debate.

No caso de irmãos e filhos, depende. *Filho único* vem entre vírgulas. Havendo mais de um filho ou filha, as vírgulas não devem ser usadas:

> Vera Fischer e sua filha**, Rafaela,** aparecem juntas na foto. [única filha]
>
> Os **seus irmãos Samuel e Sandra** estarão competindo em tênis de mesa. [deduz-se que haja outros irmãos]

Quando se tratar de nomes estrangeiros ou desconhecidos, ou quando ocorrer uma repetição de nomes (Paulo Paulo, por exemplo), inverta a ordem dos termos. Em vez de:

> O líder da Frente Revolucionária Unida Foday Sankoh recebeu treinamento militar na Líbia.
>
> O ex-governador de São Paulo Paulo Maluf teve mais de um mandato de deputado federal.

Escreva:

> **Foday Sankoh,** líder da Frente Revolucionária Unida, recebeu treinamento militar na Líbia.
>
> **Paulo Maluf,** ex-governador de São Paulo, teve mais de um mandato de deputado federal.

38. NOMES PRÓPRIOS – VARIAÇÃO E REGISTRO

O registro civil no Brasil é bastante democrático, digamos assim. Os cartórios só não registram nomes que possam causar constrangimento. No mais, atendem ao gosto do freguês, razão pela qual se encontram muitas variações de nomes, sobretudo naqueles de origem estrangeira, como por exemplo: Wagner e Vágner; Graziela, Grasiella, Grasiela; Jeferson, Jefferson, Jéferson; Alexandra, Alessandra, Alexsandra; Mike, Maikon, Maicon, Maicom, Máicon; Luise, Luiza, Luísa.

Mas a orientação que oferecemos e que os bons cartórios adotam é a seguinte: *os nomes próprios devem seguir as normas ortográficas vigentes.* Portanto, como palavra paroxítona terminada em *r*, Vítor (com acento agudo) é a grafia correta.

Também são exemplos de grafia correta: Luís, Luísa, Cármen, Teresa, Teresinha, Míriam, Aloísio ou Aluísio, Felipe ou Filipe, Estêvão, Vinício ou Vinícius[5].

Transcrevo a instrução oficial (Formulário Ortográfico de 1943):

> 39. Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

5 Ver outros nomes no tópico *289. Proparoxítonas* e *290. Paroxítonas e oxítonas*, capítulo *Acentuação.*

> 40. Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

Vale lembrar ainda: se na prática os nomes próprios das pessoas vivas têm sido grafados de acordo com a certidão de nascimento – ainda que em desacordo com as regras de ortografia –, os nomes de *pessoas falecidas* (e *famosas*) devem se ajustar às normas ortográficas vigentes:

> Cruz e Sousa [era Cruz e Souza], Vítor Meireles [Victor Meirelles], Rui Barbosa [Ruy], Filinto Elísio [Elysio], Érico Veríssimo [Verissimo] etc.

39. ÓCULOS

Argumentos de um leitor: *"Óculos é um substantivo plural, certo? Assim, eu digo* meus óculos estão arranhados, onde estão meus óculos? *E coisas do gênero. Ocorre que passei em frente a uma ótica e vi uma placa:* Compre aqui e ganhe um *óculos. Se o substantivo é plural, parece-me claro que a frase está errada, mas a questão é, como escrever?* Compre aqui e ganhe uns óculos *é impreciso e pode pressupor mais de uma unidade."*

Sendo óculos um substantivo plural, os artigos, adjetivos, pronomes e verbo que acompanham a palavra óculos deveriam fazer a devida concordância no plural:

> **Meus óculos estão** guardados no armário.
>
> **Os óculos** da vovó **parecem** sujos.
>
> Onde **ficaram seus óculos**?
>
> Quero te devolver **teus óculos – são grandes** demais para mim.

No entanto, singular e plural se confundem, podendo ser interpretados como uma unidade ou como vários pares. Conferir exemplos:

> Bons **óculos** custam caro.
>
> Que **óculos** extravagantes!
>
> **Óculos** grandes não ficam muito bem em pessoa miúda.
>
> Meus **óculos** antigos eram mais bonitos.

É talvez por essa falta de clareza que acontece com óculos – pelo menos no Brasil – fenômeno parecido com *calças, cuecas, ceroulas, tesouras, tenazes*. Sendo morfologicamente plural, uma vez que configuram partes simetricamente duplicadas (no caso em questão: um óculo + um óculo), cada um desses vocábulos é semanticamente singular, por representar uma única unidade. Por isso prefere-se dizer "comprei uma calça desbotada" a "comprei calças desbotadas" quando se quer mencionar uma peça só. E daí aparecerem anúncios assim: "Compre aqui e ganhe *um óculos*". Ou: "Achados e perdidos – encontramos 1 suéter e *1 óculos escuro*". Embora assim fique mais claro que se trata de uma unidade, esse tipo de flexão ainda não é formalmente aceito. A opção para quem quer se expressar rigidamente de acordo com a língua-padrão ou norma gramatical é dizer então "um par de óculos".

40. PERIGO DE VIDA

Sem dúvida está correto o uso da expressão *perigo de vida*, assim como *risco de vida* em vez de "risco de morte":

> Severino, trabalhando em condições subumanas, corre **perigo de vida**.
>
> Parece milagre: Marialva já não corre **risco de vida**.

Dizemos assim porque é a vida que está exposta a risco ou perigo. Contudo, se for para enfatizar o aspecto oposto, pode-se afirmar: "Em jejum há dois meses, ele corre o risco de morrer", embora o uso de *morrer* não seja tão delicado em situações sociais.

Houve um certo movimento no sentido de só considerar correto o "risco de morte". Mas isso não tem base linguística, é formulação fantasiosa, que desconhece a natureza das línguas. Como esclarece o linguista José Luiz Fiorin na revista *Língua Portuguesa* nº 26 (2007, p. 37), "o sentido das expressões é constituído em bloco e não pela soma das palavras que as compõem".

Ademais, há o aspecto cultural: é muito melhor ouvir a palavra *vida*, construtiva e agradável, do que a palavra morte. Trata-se de eufemismo, mais condizente com a sensibilidade humana. Reza o Código Civil brasileiro (BRASIL, 2002, art. 15): "Ninguém pode ser constrangido a submeter-se, com risco de vida, a tratamento médico ou a intervenção cirúrgica".

41. SENHORA E DONA

Em quais situações se deve utilizar Sra. (senhora) ou D. (dona)? Para podermos chegar a uma conclusão, precisamos ver antes as semelhanças e diferenças entre um e outro termo.

▸ Senhora

- **Substantivo** – significa dona ou proprietária da casa, mulher nobre, mulher adulta ou casada, mulher indeterminada: **Uma senhora** passou por aqui.
- **Pronome de tratamento** – forma cortês ou cerimoniosa de se dirigir a uma mulher casada ou de mais idade que o falante: **A senhora** pode esperar um pouco?

O equivalente masculino em ambos os casos é *senhor*: **Um senhor** passou por aqui. **O senhor** pode entrar.

▸ Dona

- **Proprietária: A dona** da loja saiu há pouco. Em alguns casos: dama, senhora, mulher, moça.

Equivalente masculino: *dono*.

- **Título honorífico**, ou simplesmente um título que antecede o nome de qualquer mulher adulta a quem se deseja demonstrar cortesia, deferência ou respeito:

  Dona Estefânia, posso falar com a senhora um minutinho?
  Acertamos o negócio com (**a**) **dona** Moira Alcântara.

Neste caso, *dona* (abreviatura D.) pode preceder tanto o nome de batismo quanto o nome completo.

Equivalentes masculinos: *dom* (abrev. D.), usado no Brasil apenas para dignitários da Igreja e pessoas da nobreza, ou *senhor*, abreviado Sr./sr., que também, em linguagem informal, se escreve *seu*, em razão de ser esta a pronúncia usual:

Chamamos ao palco o **sr. Martendal Alcântara**.

Convidamos o **senhor Aderbal da Luz**, prefeito municipal, para a cerimônia.

Seu Marcos, posso falar com o senhor um minutinho?

Acontece que, talvez por cópia do inglês Mr. e Mrs., começou-se a falar em "a sra. Marcela chegou, a senhora Lígia esteve aqui", em vez do bom português brasileiro *D. Marcela* chegou, *(a) D. Lígia* esteve aqui. Sendo assim, em casos formais é possível usar o título de *senhora* diante do nome completo – prenome e sobrenome – da mulher: "Compareceram à cerimônia a Sra. Marcela Antunes da Silva e seu esposo, Sr. Antunes da Silva". Ou também: "Firmam o presente contrato D. Marcela Antunes da Silva e seu advogado, Sr. Carlos Felisbino".

No entanto, quero frisar que na linguagem técnica, como a de uma sentença, acórdão, parecer, contrato, esses antecedentes são totalmente dispensáveis, seja qual for a autoridade de que se reveste a pessoa aludida. Diga-se ou escreva-se sem o conteúdo dos parênteses:

- (o senhor) Marques de Sousa impetrou mandado de segurança contra ato da (senhora) prefeita municipal.
- ...em face do réu, o (senhor) governador do Estado...
- Em 12/1/18 contratou (dona) Mirtes Silva; dispôs-se contra a testemunha a (senhora) tesoureira da Câmara, (D.) Maria do Socorro Alameda.

42. SENTIMENTOS – PLURAL OU NÃO

Qual o correto: saudade ou saudades, ciúme ou ciúmes? Afinal, há plural para sentimento?

Sentimentos e disposições de espírito têm plural, sim: *saudades, ciúmes, alegrias, felicidades, desgostos.* Palavras como *pêsames, parabéns* e *felicitações*, por exemplo, eram originalmente usadas no singular (*Meu pêsame. Parabém! Receba nossa felicitação*), mas foram sendo substituídas pela forma plural.

Isso não quer dizer que o singular não exista e não seja usado. Com efeito, os substantivos que exprimem noções abstratas, vícios e virtudes em geral têm emprego no singular:

Quanta **bondade**!

Queremos **paz** e **harmonia**.

Tenho-lhe **afeição**.

Sinto muita **saudade**.

A **felicidade** é tudo na vida.

Sua **alegria** é contagiante.

Contudo, é usual dizermos "Desejo-lhe *felicidades*" ou "Que *as alegrias* da juventude continuem por toda a vida", assim com a flexão numérica, exatamente pela ideia de plural, de "momentos de alegria" e de "felicidade em muitas dimensões".

43. SOBRENOMES - PLURAL OU NÃO

Deve-se dizer *os Sousa* ou *os Sousas? os Maia* ou *os Maias*?

As duas formas coexistem. A tradição na literatura portuguesa, desde a *Gramática da linguagem portuguesa*, publicada em 1536, é pluralizar os nomes próprios ou sobrenomes: os Maias, os Silvas, os Sousas, os Albuquerques, os Costas – aliás, uso diferente da nossa língua-mãe, o latim, e do grego, que empregavam sempre o singular.

No Brasil, no entanto, houve uma flexibilização, pois há nomes que definitivamente não soam bem no plural, como Queiroses e Gils. Sobretudo soam artificiais os de origem estrangeira, como Herings, Amins, Bauers, Bornhausens, Bortoluzzis. E se fosse obrigatório pluralizar, o nome Maciel como ficaria? "Maciéis", como Manoel – Manoéis? Fica assim justificada a prática atual de deixá-los (corretamente) no singular: os Queirós, os Sousa, os Bauer, os Bortoluzzi, os Maciel, os Gil, os Costa, os Hering.

44. SOLUÇÃO DE CONTINUIDADE

Pode-se encontrar esse tipo de locução num dicionário comum. No caso, procurar no verbete *solução*, palavra que entre outras coisas tem o significado de "separação das partes de um todo, divisão, interrupção, dissolução".

Assim, *sem [sofrer] solução de continuidade* seria o mesmo que "sem interrupção da continuidade", o que quer dizer "sem descontinuidade". Quando se quer expressar a vontade de que não haja interrupção de um trabalho, pode-se escrever:

Esperamos que não haja **solução de continuidade**.

45. SUBSTANTIVO QUE ENCERRA IDEIA DE COLETIVO - MATERIAL

Em tese, o substantivo *material* é coletivo, pois nele está embutida a ideia de um conjunto de objetos, apetrechos, instrumentos. Trata-se de utensílios, ou de mobiliário, ou de armamento (material bélico), ou de amostras para exame de laboratório. Como tal, ele não admitiria o plural, bastando o singular em casos como:

Vende-se **material de construção**.

Ainda não tenho a lista do **material escolar** deste ano.

Contudo, o sentimento em alguns casos é que se deve usar o plural quando se fala de mais de um conjunto de material. Na loja que vende "materiais de construção" passa-se a ideia de telhas, pisos, louças de banho, mais pregos, areia, tijolos – a soma de cada material constituindo *materiais*.

Outra situação em que se tornou praxe o uso do plural é o de Engenharia de Materiais, porquanto se faz referência a vários tipos de material: elétrico, hidráulico, mecânico etc.

O termo *material* também diz respeito a "substância constituinte" (material flexível, material vulcanizado) e a "tudo o que pode ser retirado da terra" (utilizou materiais como conchas, folhas, corais). Também nessas hipóteses há uma influência da ideia de vários tipos de material – pluralidade –, que apaga a noção de coletivo da palavra original.

46. SUBSTANTIVO COMPOSTO - PLURAL

A regra geral de formação do plural de um substantivo composto por substantivo + substantivo é flexionar os dois elementos: *cirurgiões-dentistas, couves-flores, decretos-leis, democratas-cristãos, diretores-presidentes, diretores-proprietários, Estados-membros, matérias-primas, médicos-legistas, obras-primas, sócios-gerentes, tios-avós.*

Contudo, quando o segundo substantivo limita a significação do primeiro, é possível (e até mais usual) pluralizar apenas o primeiro substantivo, como se

entre as duas palavras houvesse uma preposição no lugar do hífen (ex.: fichas-controle = fichas para controle; horas-aula = horas de aula) ou "que serve de" (cartas-convite = cartas que servem de convite). Exemplos da pluralização mais comum: *auxílios-moradia, caminhões-tanque, células-tronco, custos-hora, datas-limite, escolas-modelo, laranjas-pera, mulheres-bomba, pontos-base, situações-chave, tanques-rede, vales-refeição, zonas-núcleo.*

Ressalto que essa possibilidade de não colocar o segundo termo no plural se aplica apenas aos substantivos compostos que encerram uma ideia de *finalidade, semelhança, forma, relação, tipo* ou *espécie*.

Alguns exemplos de plural duplo:

atividades-fins ou **atividades-fim**
bananas-maçãs ou **bananas-maçã**
bolsas-escolas ou **bolsas-escola**
caminhões-pipas ou **caminhões-pipa**
edifícios-sedes ou **edifícios-sede**
horas-aulas ou **horas-aula**
licenças-prêmios ou **licenças-prêmio**
palavras-chaves ou **palavras-chave**
papéis-borrões ou **papéis-borrão**
papéis-cópias ou **papéis-cópia**
papéis-jornais ou **papéis-jornal**
prisões-albergues ou **prisões-albergue**
públicos-alvos ou **públicos-alvo**
seguros-desempregos ou **seguros-desemprego**
situações-problemas ou **situações-problema**
vales-transportes ou **vales-transporte**

47. SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Certamente não é fácil perceber a diferença entre substantivos concretos e abstratos, pois essa distinção é mais filosófica do que linguística, daí haver divergências de entendimento e de explicação nos livros de gramática.

Pode-se afirmar que são *concretos* os substantivos que se referem a seres materiais ou espirituais, reais ou fictícios: casa, cor, dente, leão, Deus, saci-pererê, fada, alma, triângulo, o amigo, o diplomata, (o) japonês, (o) brasileiro etc.

São substantivos *abstratos* os atributos, estados, qualidades e ações, derivados de um conceito original. Eles não existem por si sós. Não possuem forma. Digamos que não podem ser desenhados, uma vez que não transmitem uma imagem. Assim, *calor* e *frio* são abstratos, gramaticalmente falando, embora nós os sintamos de modo concreto. São também abstratos todos os substantivos que exprimem sentimentos e emoções – qualidades da alma. Você pode desenhar um homem triste, uma mulher vaidosa, mas não a tristeza ou a vaidade, por exemplo.

Vamos rever: *vento* (ou ventania) é conceito original, não é atributo (e para uma criança tem uma certa forma – ela consegue desenhá-lo, sem dúvida). É, portanto, concreto. Já *calor* e *frio* (= frieza) são atributos, da mesma forma que *amor, tristeza, alegria, saudade, brancura, consolo, maciez, pobreza* e *admiração*, todos substantivos abstratos.

Quando os alunos já conhecem bem os conceitos de verbo, adjetivo e substantivo, sua forma e função, é possível mostrar-lhes que são *abstratos* os substantivos derivados de duas outras classes: do adjetivo e do verbo. Pode o professor apresentar exemplos e exercícios mais ou menos assim:

Estou sempre **contente**. [adjetivo]
→ Meu contentamento é enorme.

Mirtes fica **aborrecida** por pouco. [adjetivo]
→ Seu aborrecimento é deplorável.

O chefe se mostrou **satisfeito** conosco. [adjetivo]
→ A satisfação dele resultou em aumento salarial.

Está um dia muito **quente**. [adjetivo]
→ O calor de hoje está insuportável.

Admiro seu trabalho. [verbo]
→ Minha admiração por seu trabalho é grande.

Quero **felicitar** você. [verbo]
→ Desejo-lhe felicidades.

Vendeu apenas quatro livros. [verbo]
→ Foi fraca a venda dos livros.

Três pessoas **caminharam** até o alto da montanha. [verbo]
→ A caminhada foi difícil.

Todas as palavras sublinhadas acima são substantivos abstratos que derivam de um adjetivo ou de um verbo. Então, é possível dizer que os substantivos que não dão nenhuma ideia de qualidade, atributo ou

ação e que não são formados de nenhuma outra classe de palavras são substantivos concretos.

48. SUBSTANTIVOS DIMINUTIVOS - PLURAL

A formação do diminutivo se faz por meio de sufixos, entre os quais *(z) inho* é o que tem mais vitalidade: pão – *pãozinho*; pá – *pazinha*; mãe – *mãezinha*; coração – *coraçãozinho*; pastel – *pastelzinho*; colher – *colherinha* ou *colherzinha*; devagar – *devagarzinho* ou *devagarinho*; igual – *igualzinho* e assim por diante.

O plural dos diminutivos em *zinho* é formado acrescentando-se *zinhos* ao plural do substantivo primitivo *menos o s*:

– pá	– pás	– pa(s)zinhas	= pazinhas
– igual	– iguais	– iguai(s)zinhos	= iguaizinhos
– caracol	– caracóis	– caracoi(s)zinhos	= caracoizinhos
– carretel	– carretéis	– carretei(s)zinhos	= carreteizinhos
– pão	– pães	– pãe(s)zinhos	= pãezinhos
– mãe	– mães	– mãe(s)zinhas	= mãezinhas
– coração	– corações	– coraçõe(s)zinhos	= coraçõezinhos
– colher	– colheres	– colhere(s)zinhas	= colherezinhas

Contudo, com os substantivos terminados em *r* ou *z* pode-se fugir à regra, eliminando-se o ***e*** intermediário. É mais comum falar e escrever assim:

As **colherzinhas** são de plástico.

O buquê foi feito com botões de rosa e outras **florzinhas** brancas.

Instalaram uma porção de **barzinhos** à beira da praia.

Que **rapazinhos** educados!

Essas palavras também podem ter a formação usual, naturalmente: dorzinhas ou *dorezinhas*; amorzinhos ou *amorezinhos*; mulherzinhas ou *mulherezinhas*.

haus

Não Tropece na Língua

LIÇÕES E CURIOSIDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Para adquirir a versão digital sem anúncios

CLIQUE AQUI

Para adquirir a versão impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **NTL15**

Com este guia prático e descomplicado do uso cotidiano do nosso idioma, o leitor poderá solucionar dúvidas e conhecer um pouco mais o português brasileiro.

ISBN 9788565017022 304 páginas 22 x 29 cm

49. GRAFIA DE NÚMEROS POR EXTENSO OU EM ALGARISMOS

Trata-se mais de uma convenção gráfica do que de uma norma gramatical: costuma-se escrever por extenso os números de apenas *um dígito*, quais sejam, de 1 a 9, o que é importante sobretudo nos dois primeiros quando eles se encontram diante de palavra feminina. Em vez de "Acharam as 2 crianças sequestradas" deve-se escrever "Acharam *as duas* crianças sequestradas".

Igualmente se pode (não é obrigatório) escrever por extenso qualquer número que seja dito ou escrito numa só palavra, como as *dezenas* e as *centenas* (dez, noventa, cem, quinhentos), apesar de terem dois ou três dígitos.

Deve-se evitar a grafia por extenso – salvo em casos específicos, como documentos – de números que parecem pequenos mas comportam mais de duas palavras, como por exemplo 23 – *vinte e três,* 187 – *cento e oitenta e sete*. A grafia em algarismos sempre proporciona uma leitura visual mais rápida.

Exemplos de redação correta:

> Foram investigados **dois** políticos e mais de **30** advogados.
>
> Foram investigados **dois** políticos e mais de **trinta** advogados.
>
> O governo autorizou o resgate de **53** brasileiros na Bolívia.
>
> Das **nove** pessoas abordadas, **cinco** disseram que já produziram mais de **250** peças nos últimos **dez** meses.
>
> Falam como se, em **cinquenta** anos, não tivessem sido realizados inúmeros trabalhos em semiologia.

50. MIL - VÍRGULA OU NÃO

Alguns gramáticos advogam o uso da vírgula na redação de números a partir de quatro algarismos, como este: (2.326) *dois mil, trezentos e vinte e seis*. Celso Luft (1998, p. 31) diz que a vírgula depois de *mil* é a marca da coordenação sem conjunção (assindética). Napoleão Mendes de Almeida

(1983, p. 159) também a usa. Exemplos:

4.455 = quatro **mil,** quatrocentos e cinquenta e cinco

22.501 = vinte e dois **mil,** quinhentos e um

528.367 = quinhentos e vinte e oito **mil,** trezentos e sessenta e sete

Com zeros, porém, é diferente. Usa-se o ***e***: 1.400 = **mil e** quatrocentos; 4.005 = quatro **mil e** cinco.

Por outro lado, jornais modernos já não trazem a vírgula depois de *mil,* no que têm o respaldo do gramático Celso Cunha (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 364):

62.540 = sessenta e dois **mil** quinhentos e quarenta

293.572 = duzentos e noventa e três **mil** quinhentos e setenta e dois

3. 415.741.210 = três bilhões, quatrocentos e quinze milhões, setecentos e quarenta e um **mil** duzentos e dez

51. NUMERAIS CARDINAIS - PLURAL

Os numerais cardinais, como tais, não têm plural, exceto milhão, bilhão, trilhão etc.

No entanto, é passível de pluralização a representação gráfica de qualquer número de 1 até 999.999 quando ele se converte em um substantivo, processo que se chama de "derivação imprópria":

Todos os **setes** devem ser retirados do baralho.

Não é preciso colocar tantos **zeros** à direita.

Vamos tirar os **noves** fora.

Joãozinho, você pode "pescar" quantos **20** [leia-se *vintes*] você quiser.

O oito estava ilegível no carimbo; os **oitos** estavam ilegíveis.

52. NUMERAIS ORDINAIS - FLEXÃO DO ARTIGO

Quando o numeral ordinal qualifica um substantivo no plural – seja

o numeral escrito com algarismo arábico (com ***a*** ou ***o*** elevado = ª / º) ou romano (sem essa indicação) – o artigo antecedente ao numeral acompanha o substantivo no plural a partir do número dois, assim como o ª ou º:

Convidamos para **os 10ºs** Jogos Abertos de Santa Catarina.

Abertura **dos 20ºs** Jogos Escolares.

Encerramento **dos XX** Jogos Estudantis.

O fato de o número romano não trazer graficamente o *s* de plural não quer dizer que ele seja dito ou falado como se fosse singular. A leitura é a mesma do arábico: os X Jogos = os décimos Jogos; as V Olimpíadas = as quintas Olimpíadas.

53. NÚMEROS EM EVENTOS

Na indicação da sequência de um evento, pode-se usar o número ordinal (com o ***o*** ou ***a*** elevados) ou o algarismo romano, neste caso sem a letrinha indicadora de ordinal:

1ª Feira Cultural do Nordeste

10º Encontro Regional dos Ferroviários

II Feira Nacional de Agropecuária

XI Congresso de Cristãos Leigos

#REVITALIZE

Seu condomínio merece ser tão bonito quanto a sua cidade!

Revitalize

Cuidando da imagem do seu condomínio você cuida da imagem da cidade como um todo. Afinal, as cidades não são feitas apenas de atrações turísticas.

Os edifícios também fazem parte da paisagem.

- Os imóveis se valorizam.
- A qualidade de vida dos moradores aumenta.
- A cidade fica mais bonita.
- A economia se movimenta.

E com isso,
todos ganham!



ACGB VIDA URBANA | Viva O CONDOMÍNIO | CONDOMÍNIOS GARANTIDOS | Revista Direito & Condomínio | Bonijuris

54. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

O uso dos pronomes oblíquos átonos *me, te, se, o(s), a(s), lhe(s)* e *nos* em relação ao verbo é bastante livre no Brasil: depende muito do ritmo, da harmonia, da ênfase e principalmente da eufonia. Como a pronúncia brasileira é diferente da portuguesa, a colocação pronominal neste lado do Atlântico também difere da de Portugal. O português brasileiro é essencialmente proclítico, isto é, preferimos usar o pronome na frente do verbo na maior parte do tempo. Tudo poderia se resumir à próclise, então. Mas não é assim tão simples. Há algumas orientações e regras a serem seguidas.

▸ Próclise ou ênclise

O pronome pode ficar *antes* ou *depois* do verbo quando houver:

1. Sujeito explícito antes do verbo:

Ele **se manteve** / *Ele* **manteve-se** irredutível em relação ao divórcio.

Desde os dois anos de idade *Dora* **se veste** / *Dora* **veste-se** sozinha.

Humilhar o vizinho **se tornou** / **tornou-se** uma obsessão para Jota.

Por muito tempo *aquelas pessoas* **se debateram** / **debateram-se** com o alcoolismo.

2. Conjunção coordenativa:

Tem rompantes, *mas* **se arrepende** / *mas* **arrepende-se** depois.

Gostei da festa, *porém* **me despedi** / **despedi-me** cedo.

O governador foi taxativo *e* **se estendeu** / **estendeu-se** longamente sobre o assunto.

3. Preposição antes de verbo no infinitivo:

Temos satisfação *em* **lhe participar** / *em* **participar-lhe** a inauguração da fábrica.

Lá encontramos o equipamento ideal *para* **nos proporcionar** /

proporcionar-nos uma vida sadia.

Tenho o prazer *de* **lhes falar** / **falar-lhes** sobre a filosofia que norteia nossa instituição.

Quando o pronome átono é *a/as, o/os*, torna-se preferível a ênclise:

Sentiu-se tentada **a enganá-lo**. [em vez de "a o enganar"]

Folgo **por sabê-los** bem.

Tenho o prazer **de convidá-las** para o batismo.

▸ Próclise preferencial

Quem quer redigir com correção e estilo deve ter o cuidado de adotar a próclise nas seguintes situações:

1. Os pronomes indefinidos e relativos e as conjunções subordinativas atraem o pronome átono; para facilitar seu reconhecimento, convém notar que grande parte começa com *qu:*

   Em sociedade *tudo* **se** sabe.

   Eis o livro do *qual* **se** falou a noite inteira.

   Procuramos *quem* **se** interesse por criação de bicho-da-seda.

   O resultado das urnas serviu para mostrar a falácia daqueles *que* **se** jactavam de uma força política *que* **lhes** permitia tudo.

   Sua carreira política começou em 1995, *quando* **se** elegeu vereador.

   Se **me** for possível, irei.

2. Também as palavras de valor negativo atraem o pronome átono:

   Não **me** diga isso para *não* **me** aborrecer.

   Nada **nos** afeta tanto quanto o aumento do leite.

   Nunca **se** viu coisa igual.

   Ninguém **os** tolera.

   Jamais **se** soube a verdadeira versão dos fatos.

Se a palavra negativa precede um infinitivo não flexionado, o pronome pode vir *depois* do verbo:

Calei para **não a** magoar
= para **não magoá-la.**

Saí de modo a **não os** incomodar
= a **não incomodá-los**.

3. Advérbios de um modo geral atraem o pronome átono:

Aqui **se** faz, *aqui* **se** paga.

Agora **te** reconheço.

Sempre **se** disse isso.

Lá **se** foi nosso dinheiro...

Talvez **nos** encontremos.

Devagar **se** vai ao longe.

Ele *certamente* **a** viu.

Muito **nos** contaram sobre isso.

Logo **se** saberá o resultado.

Onde **se** meteram eles?

▸ Ênclise – proibições

Há apenas duas situações inviáveis de ênclise:

1. Com os **tempos futuros;** em outros termos: colocar o pronome átono depois dos verbos no futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo e no futuro do subjuntivo: **benzerei-me / faria-nos / diriam-se* / se *disser-te* / quando *puse-las* / se *trouxe-las* etc.

2. Com o pronome átono **depois do particípio:** Eu já teria **aposentado-me* se ganhasse bem.

"FI-LO PORQUE QUI-LO"

Um dia recebi a seguinte pergunta: "Gostaria de saber por qual motivo algumas pessoas dizem a frase 'filo porque quilo' e se ela tem sentido correto".

Devo esclarecer que a grafia é com hífen separando o pronome átono: **Fi-lo porque qui-lo**, que na forma proclítica seria: (eu) o fiz porque o quis. O sentido está

correto (fiz isso porque quis), mas a estrutura não, pois a conjunção *porque* atrai o pronome, então a forma gramatical com o ***o*** seria "Fi-lo porque o quis". Só que desta maneira ela perde a graça, daí a inversão do pronome, para soar como quilo/kg. A frase foi atribuída a Jânio Quadros, por brincadeira – ele nunca a admitiu como sua, até mesmo porque, sendo também professor de português, não iria errar na colocação pronominal.

Segundo o escritor Fernando Sabino, a história é a seguinte:

> E por falar em pronome oblíquo, restaure-se a verdade histórica: Jânio Quadros jamais teria falado "fi-lo porque qui-lo", como hoje é voz corrente na boca do povo.
>
> Se há uma virtude que ninguém lhe nega é a de saber colocar os pronomes com muito mais precisão que as ideias, e seria imperdoável que não lhe ocorresse, como ordenam os puristas, que a conjunção atrai o pronome.
>
> O que ele realmente disse, ainda nos primórdios de seu requinte vocabular, foi bem mais simples, e a propósito de uma entrevista concedida, quando governador de São Paulo, ao jornalista mineiro Marcelo Tavares.
>
> Atendendo exigência sua, Marcelo levou-lhe as perguntas por escrito. Depois de lê-las atentamente, Jânio voltou-se para ele:
>
> – Boas perguntas. Fê-las o senhor mesmo?
>
> – Fi-las – Marcelo respondeu, sem piscar.
>
> Jânio o olhou com surpresa:
>
> – Amas também a forma oblíqua?

(Crônica publicada na coluna DITO&FEITO, *Jornal do Brasil*, 2 de outubro de 1988)

Pronome átono em começo de frase

Ainda não aceita na linguagem culta formal, a colocação do pronome átono em início de frase é permitida na linguagem informal e nos diálogos – pode ser "proibida", mas não é inviável. Cunha e Cintra (1985, p. 307) observam que essa possibilidade – especialmente com a forma *me* – é característica do português do Brasil e também do português falado nas repúblicas africanas.

E citam exemplos de Érico Veríssimo e Luandino Vieira, respectivamente: "**Me desculpe** se falei demais". / "**Me arrepio** todo...".

E já escrevia Mário de Andrade, em *O turista aprendiz*: "**Se sente** que eles têm uma tradição multimilenar" (1976, p. 165). Em todo caso, deve-se evitar o uso do pronome *se* no começo da frase porque ele às vezes induz o leitor a pensar que se trata da conjunção condicional *se*. Também nessa posição o pronome *o/a* pode ser confundido com o artigo *o/a*, ao contrário de *me, te, lhe, nos, vos*, que não criam problema visual ou semântico.

No Brasil é normal nos expressarmos assim:

– **Me** faz o favor de reenviar a mensagem?

– **Nos** disseram que o abono sairia.

– **Me** arranja um clipe?

– **Se** vê que nada é impossível.

Dizer que não se pode iniciar a frase com o pronome átono me faz lembrar o amigo Bob, que, mal chegando ao Rio, antes de vir se radicar em Florianópolis, foi a um barzinho e repetiu a lição aprendida em Londres: "Dá-me um copo de cerveja". O garçom simplesmente não entendeu. "Cerve-ja!", repetiu o inglês. Aí foi atendido. Mas sempre que começava a dizer "dá-me" não era levado a sério. Só sossegou quando recebeu a explicação: brasileiro não fala assim.

E o que fazem os livros de gramática? Se esquecem de ensinar que existem dois procedimentos: o formal, que não permite o pronome átono no início da frase, e o informal, coloquial, usado em diálogos principalmente, que admite o pronome iniciando a oração.

Se o uso de "Faz-me o favor / foi-nos dito / é-me" soa artificial, e por outro lado não se quer ferir a gramática tradicional, pode-se recorrer ao artifício de colocar uma outra palavra ou expressão no início da frase. Por exemplo:

Você **me faz** o favor de reenviar a mensagem?

Eles **nos disseram** que o abono sairia.

Por favor **me arranja** um clipe.

Já **se vê** que nada é impossível.

▸ Colocação pronominal na locução verbal

Relembrando: locução verbal é a reunião de dois ou mais verbos para exprimir uma só ação. O primeiro verbo é chamado auxiliar; o último é o principal e está sempre no infinitivo, no gerúndio ou no particípio. Há mais de uma possibilidade de colocação pronominal na locução verbal. No Brasil é mais comum o pronome proclítico ao verbo principal, ou seja, o pronome fica solto (sem hífen) por se ligar ao infinitivo, gerúndio ou particípio como semiátono. Exemplos:

1. Auxiliar + Infinitivo

Quero **lhe** fazer uma surpresa. [preferência brasileira]

Quero**-lhe** fazer uma surpresa.

Quero fazer**-lhe** uma surpresa.

Eu **lhe** quero fazer uma surpresa.

Quando o pronome átono é *a/o*, torna-se preferível a ênclise:

Vou ajudá-las daqui a pouco.

Comprou um carro novo e **quis mostrá-lo** a todos.

2. Auxiliar + Infinitivo com preposição

Começamos a **nos** preparar para o vestibular.

Começamos a preparar**-nos** para o vestibular.

3. Auxiliar + Gerúndio

Eles foram **se** afastando. [preferência brasileira]

Eles foram**-se** afastando.

Eles foram afastando**-se**.

Eles **se** foram afastando.

4. Auxiliar + Particípio

O povo havia **se** retirado quando chegamos. [preferência brasileira]

O povo havia**-se** retirado quando chegamos.

O povo **se** havia retirado quando chegamos.

► Uso depois da vírgula

Perguntaram-me se "não se pode colocar pronome átono depois da vírgula". O que posso afirmar é que a vírgula, por constituir uma pausa, predispõe à ênclise, mas não a obriga. É possível escrever como o escritor Luandino Vieira: "**A sua prima Júlia**, do Colungo, **lhe mandou** um cacho de bananas" (apud CUNHA; CINTRA, 1985, p. 308), ou preferir a ênclise depois de um termo virgulado, como por exemplo um advérbio, que de outro modo atrairia o pronome:

Agora**, reconheço-a.**

Aqui, como sempre**, trabalha-se** muito.

Finalmente**, dispôs-se** a me ouvir.

Por fim**, peço-te** perdão.

Nesses casos, a ausência da vírgula induz (mas não obriga) o uso da próclise:

Finalmente **se dispôs** a me ouvir.

Em tal circunstância **se recomenda** ficar quieto.

Por fim **te peço** perdão.

PRONOMES ÁTONOS NO RELATÓRIO DO CONSELHEIRO ZACARIAS

Como afirma Gladstone Chaves de Melo, em *Iniciação à filologia portuguesa* (1957, p. 223, grifo do autor), "a regularidade com que os pronomes buscam determinadas posições na frase, em cada caso concreto, representa uma *tendência* e nunca uma lei ou uma regra absoluta". Assim como em Portugal, antigamente a tendência no Brasil era usar o pronome átono depois do verbo.

No século 19 havia uma predominância da ênclise, mas com bastante liberdade de uso, conforme podemos observar no "Relatório do Presidente da Província do Paraná, o Conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial", de 15 de julho de 1854.

O Cons. Zacarias (Valença/BA, 1815-1877), que já governara as províncias de Piauí e Sergipe, tinha 38

anos de idade quando veio instalar e presidir a província do Paraná, em 1853. Foi várias vezes deputado pela Bahia, professor de Direito Administrativo no Recife e presidente do Conselho de Ministros do Imperador D. Pedro II em 1862, em 1864 e novamente de 1866 a 1868.

Das seis páginas desse relatório – que meu pai, sobrinho-bisneto de Zacarias, me deixou de herança – extraí as seguintes frases (atualizadas ortograficamente para melhor compreensão do leitor), nas quais destaco também as palavras que atualmente consideramos "atrativas" do pronome átono:

> Grande júbilo **toca-vos** pela distinta honra de serdes os primeiros representantes da nova província.
>
> Cumpria-me, senhores, **ver-vos** reunidos o mais cedo possível para ter, nos representantes da província, o apoio de que tanto necessitava; mas ocorreram razões **que impeliram-me** a usar da faculdade, concedida pelo art. 24 § 2 do ato adicional, de adiar a assembleia. Essas razões, eu **substanciei-as** na portaria de adiamento de 4 de maio último.
>
> **Celebraram-se** eleições de senador, deputado geral, e membros da assembleia legislativa provincial.
>
> [...] os tristes acontecimentos de S. José dos Pinhais em 7 de setembro de 1852, pensarem que os partidos **aqui medem-se** ordinariamente pela força física.
>
> A segurança individual, se não é qual convém **e deseja-se**, **pode-se** afirmar que é superior ao que permitem os escassos recursos.
>
> Em fevereiro, pois, pensando que **ia repetir-se** uma dessas cenas [...] apenas advertido da aproximação dos índios, **saiu-lhes** ao encontro sem cautela alguma a **recebê-los**; mas logo ferido mortalmente achou na deslealdade deles, e no próprio descuido, como **acabei de dizer-vos**, o seu prematuro fim e o de sua família.
>
> O chefe de polícia teve, conseguintemente, ordem de **passar-se** àquele município para tomar as precisas providências.
>
> Um pardinho, seu escravo, **matou-o** a facadas.
>
> O ex-administrador de uma das barreiras da província, ao receber a demissão, que aliás pedira, **dirigiu-se**, acompanhado de escravos, [...], à casa da administração.
>
> E na verdade assim foi, **pois descobriu-se** o cadáver do infeliz sepultado defronte de sua casa, **e soube-se**

que, recolhido uma noite ao seu quarto, foi, quando profundamente dormia, acometido pela mulher, **que descarregou-lhe** um golpe de machado, de que instantaneamente perecera, ajudada nesse horrível crime, e no ato de sepultar o cadáver, pela filha, **que acompanhou-a** na fuga.

O vasto poncho, de **que serve-se** a maioria dos habitantes. [...] onde a ação da polícia **pôde tornar-se** mais efetiva.

A catástrofe de fevereiro felizmente **não tem-se reproduzido**.

Também casos de próclise aparecem no relatório do Conselheiro Zacarias, mas em número bem menor:

[...] recursos com que, provavelmente, por algum tempo ainda **se há de contar** na província.

Recebiam do abastado e humano fazendeiro provas de amizade nos presentes que **lhes dava**.

Foram [...] remetidas para Castro, onde **se lhes fez** o competente processo.

No mesmo dia [...] pessoas da casa resistiram-lhes com energia, até que, socorridas oportunamente, **os puderam repelir.**

Banhada, de um lado pelo Oceano, onde **lhe não faltam** bons portos, de outro pelo majestoso Paraná, [...] com terrenos fertilíssimos, que prestam-se aos mais abundantes e variados produtos.

Expediu ordem para que a força pública, em vez de concentrar-se na vila, como era de costume, **se postasse** e percorresse aqueles lugares.

Este magistrado [...] autorizou que uma força composta de 40 a 60 homens **se pusesse** no encalço deles, e **os afugentasse** daqueles lugares.

Para finalizar, relembremos um relato de Sebastião Nery publicado na *Folha de S. Paulo* em 18.2.1981 e posteriormente transcrito por Celso Luft no jornal *Correio do Povo*:

O deputado Teixeira Coelho, do Maranhão, fiel ao purismo linguístico de São Luís, a Atenas brasileira (que depois do Sarney virou a apenas brasileira), ficou indignado:

– Deputado Flores da Cunha, V. Exa. não pode estar nesta Casa, onde se deve primar pela pureza da língua, a cometer esses deslizes de pronome fora do lugar, começando os períodos.

– Isso é coisa de importância menor, deputado. O principal é a ideia.

– Desculpe, Exa., mas não é. Lá em São Luís não admitimos isso em estudante de ginásio.

Flores da Cunha deu uma baforada, olhou lá de cima com total desprezo:

– Senhor deputado, lá no Rio Grande a gramática é livre, como livre são os pampas e o minuano, como é livre o gaúcho.

– Mas não está dispensado de respeitar a língua.

– Ora, deputado, quem é V. Exa. para corrigir minha linguagem?

– Sou um deputado, como V. Exa.

– Mas sem autoridade nenhuma para falar de pronomes. V. Exa. é o próprio pronome mal colocado. V. Exa. é um pronome errado.

– Não entendi, deputado.

– Olhe sua carteira de identidade. V. Exa. é "Teixeira" Coelho. Em nome do purismo da língua deveria chamar-se "Xeira-te" Coelho.

O Teixeira calou.

55. CUJO

Antigamente, chegou-se a usar o atual pronome relativo *cujo* como pronome interrogativo, por herança do adjetivo *cujus,a,um* que existia no latim arcaico: *Cujas sõ estas coroas tã esplandecentes*? Ou *Cujo filho és*? A "tradução": De quem és filho? De quem são estas coroas?

No português moderno, *cujo* é pronome relativo que se emprega em sentido *possessivo*. Vale por *de quem* ou *de que, do qual*. É imediatamente seguido de um substantivo ou palavra substantiva, com quem deve concordar flexionando no feminino (*cuja*) e no plural (*cujos* e *cujas*). Sendo pronome relativo, ele se reporta a um substantivo mencionado anteriormente, ou seja, indica uma posse de alguém ou de algo referido antes:

1. Sofrem as *mães* **cujos filhos vão à guerra.**
2. O *problema* **cuja solução** buscamos não é exclusivo da nossa época.
3. Dias depois conheceu *Orfeu*, **cujo irmão** havia sido seu companheiro de batalhas.
4. Por indicação do professor, leram três *livros* no semestre **cujos autores são considerados pós-modernos.**

5. Os astronautas estudaram o volume dos *oceanos*, **cuja poluição** pode interferir no equilíbrio ecológico do planeta.

6. Quando chegamos àquelas terras, o primeiro impacto visual foi dado pelos imensos *campos* cultivados, **cujo amarelo** intenso inspirou a imaginação de Van Gogh.

Você pode conferir o entendimento e uso correto do pronome nessas frases fazendo uma leitura de trás para frente: trata-se de 1. os filhos das mães; 2. a solução do problema; 3. o irmão de Orfeu; 4. os autores dos três livros; 5. a poluição dos oceanos e 6. o amarelo dos campos cultivados.

ESQUEMA DE USO DO PRONOME CUJO

- o pronome *cujo* deve ter um antecedente e um consequente, ambos substantivos e um diferente do outro;
- deve concordar em gênero e número com o substantivo consequente;
- não admite artigo depois dele [*cujos os filhos] pois esse pronome já contém em si o artigo definido.

Erros possíveis mas evitáveis

Errado: Gostei do lenço cujo me emprestaste. [não tem consequente, ou seja, não tem substantivo depois de *cujo*; então o pronome relativo deve ser outro.]
Certo: Gostei do **lenço que** me emprestaste.

Errado: Li o livro *O vermelho e o negro*, de Stendhal, cujo livro me encantou. [O consequente é repetição do antecedente.]
Certo: Li o livro *O vermelho e o negro,* de Stendhal, **que** / **o qual** me encantou.
Ou: Li o livro *O vermelho e o negro*, de Stendhal, **cujo enredo** me encantou.

Errado: Saiu nova edição da revista *Cultura*, cuja a tiragem é de mil exemplares. [Ocorrência proibida: o artigo definido *o, a, os, as* junto com o pronome]
Certo: Saiu nova edição da revista *Cultura*, **cuja tiragem** é de mil exemplares.

Errado [pela norma padrão]**:** Tenho um amigo que o pai dele é general.
Certo: Tenho um amigo **cujo pai** é general.

CUIDADO ESPECIAL

Observar sempre o uso adequado da preposição antes do pronome relativo[6]:

Este é o romance **a cujo** autor me refiro.

Votaremos no candidato **com cujas** ideias concordamos.

Fomos a Jerusalém, **de cujas** colinas tiramos belas fotos.

Os consumidores recebem botijões **por cuja** segurança as empresas de gás devem se responsabilizar.

Enfim, é pela sofisticação do seu emprego que o pronome *cujo* é praticamente uma exclusividade da linguagem culta escrita. Mas vale a pena aprender a bem usá-lo.

56. DEMONSTRATIVOS

Em português existem três pronomes demonstrativos com suas formas *variáveis* em gênero e número [este, esse, aquele] e três *invariáveis* [isto, isso, aquilo]. A sua função é "indicar a posição no espaço de um elemento do mundo biossocial tratado na língua como 'ser', ou 'nome'. Essa indicação se faz em referência à posição do falante" (CÂMARA Jr., 2002, p. 122), levando em conta o ouvinte: *este* – próximo do falante; *esse* – próximo do ouvinte; *aquele* – fora do campo do falante e do ouvinte.

Além desse papel dêitico (indicação espacial e também temporal), cabe aos pronomes demonstrativos um papel anafórico, que cuida da referência ao que foi dito ou vai ser dito no contexto linguístico. Vejamos então um esquema de uso dessas funções:

1. Em relação ao LUGAR:
   - **1.1.** o lugar onde estou → ESTE
   - **1.2.** o lugar onde você está → ESSE
   - **1.3.** o lugar distante do falante e do ouvinte → AQUELE

Há neste ponto uma natural correlação com os advérbios de lugar: *isto aqui – isso aí – aquilo ali/lá* (nunca se diz "aquilo aqui"; pode-se até ouvir "isso

6 Cf. capítulo Preposições, tópico *151. Preposição necessária antes de que.*

aqui", mas por causa da mencionada assimilação do *t*). Exemplos corretos:

Neste capítulo [o capítulo que se está descrevendo] apresentamos os objetivos.

Veja (aqui) **esta borboleta**, que linda!

Que **país** é **este**? perguntam-se os brasileiros. [referindo-se ao Brasil e no Brasil]

Em atenção a pedido **dessa empresa**, estamos enviando nosso orçamento.

Traga-me **esses livros** que estão com você.

Logo que puder, despacharei os pacotes para **essa cidade**.

2. Em relação ao TEMPO:

2.1. tempo presente ou futuro bem próximo → ESTE

2.2. passado próximo → ESSE

2.3. passado distante → AQUELE

Neste ano [trata-se do ano em curso] pouco se fez em favor dos sem-teto.

Não há ocorrência de acidentes **nesta data**. [hoje]

O iPhone é uma das boas invenções **deste século.**

Vamos nos mudar **neste domingo**. [= no próximo domingo]

Nestes últimos vinte anos a mulher tem ocupado mais espaços.

A década de 1920 marcou a conquista do voto pela mulher. **Nesses dez anos** ela travou grandes lutas pela liberdade.

Quando éramos crianças brincávamos mais, pois **naquela época** não havia pré-escola, nem aulas de natação, de balé, de inglês...

Bons **tempos aqueles**! – diz vovó, nostálgica.

3. Em relação ao DISCURSO

3.1. o que vai ser mencionado → ESTE

É **isto** que eu digo sempre: cultura é fundamental. [observe que o demonstrativo está *antes* dos dois-pontos]

Nosso vizinho vive repetindo **este** provérbio: "Casa de ferreiro, espeto de pau".

3.2. o que se mencionou antes → ESSE

A segunda parte do trabalho dispõe sobre a marginalidade social. É **nesse capítulo** / **nessa parte** / **nesse ponto** que se discutem os desvios verificados nas instituições pesquisadas.

É possível comer manga e tomar leite junto? Melancia com vinho faz mal? **Disso** tratam os autores no final do artigo. [ou **Disto**... ver parágrafo abaixo]

Cabe observar que, ao contrário do rigor na questão de *lugar* e *tempo,* no aspecto anafórico (de referência no discurso ou contexto linguístico) o emprego é mais frouxo. Praticamente desaparece a oposição *este* | *esse,* pois muitas vezes é pouco perceptível a distinção entre o que foi dito e o que é lugar/tempo. A oposição é mais estilística. Por exemplo, num texto em que vários artigos de lei estão sendo citados, o autor pode preferir dizer *este artigo* ao se referir a um já citado (quando então usaria *esse artigo*) porque ele está justamente tratando "deste último", do mais próximo (lugar), do que está presente naquele momento (tempo).

Pelas mesmas razões é que se pode dizer *desta* forma ou *dessa* forma, *deste* modo ou *desse* modo (cf. o subitem *usos estereotipados* mais abaixo).

3.3. entre dois ou três fatos citados: o primeiro que foi citado → AQUELE; o do meio → ESSE; o último citado → ESTE

Houve uma guerra no mar entre corsários de França e Inglaterra: **estes** venceram **aqueles**.

Fagocitose é a incorporação de partículas sólidas por uma célula mediante o envolvimento **daquelas** por **esta**.

▸ *Este* no lugar de *ele*

É bastante comum o uso de *este/esta* no lugar do pronome pessoal *ele/ela* como referência à coisa mais presente, mais à mão, mais próxima (embora já apresentada), quando na oração anterior aparecem outros substantivos que poderiam ser referidos pelo mesmo pronome pessoal, o que poderia confundir o leitor:

Quando o rei D. João V faleceu e D. José ocupou o trono, **este**

recorreu a Sebastião José para ser Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros.

Nessa frase ocorrem dois antecedentes masculinos. Com *ele* no lugar de *este*, à primeira vista, sem pensar, poderíamos pensar ter D. João V, e não D. José, nomeado Sebastião José (o Marquês de Pombal) ministro.

A mestranda dirige sua crítica à autora do livro quando **esta** admite serem os princípios éticos da justiça econômica capazes de regular o mercado.

O demonstrativo deixa claro que a autora do livro é o sujeito de *admite*, e não a mestranda.

Quando os substantivos antecedentes pertencerem a número e gênero diversos ou quando não houver ambiguidade na frase, é melhor, mais adequado e correto usar o pronome pessoal *ele(s)* ou *ela(s)* em vez do demonstrativo:

Bachelard, no que se refere à necessidade de superação de obstáculos, alerta que **eles** não têm origem externa ao ato de conhecer. [e não *estes*]

Essa concepção de ensino não constitui novidade, a ponto de certos autores aludirem a **ela** como um aforismo.
[desnecessário dizer *a esta*, que aliás poderia estar se referindo à palavra *novidade*]

Ao se referir a elemento anterior mais próximo, o pronome *este* (e suas variações) pode ser usado em combinação com o termo *último*, por clareza ou reforço:

Houve pressão contínua sobre o preço global do petróleo e metanol e sobre o custo local da madeira, e foi **este último** que afetou a rentabilidade na Europa.

- Usos estereotipados

  - **Além disso** – Estamos sem água. **Além disso**, a luz foi cortada.
  - **Desta forma / Dessa forma (ou desta/dessa maneira, deste/desse modo)** – Não pude consultá-la com antecedência. **Desta forma**, peço que me desculpe.
  - **Isto é [= quer dizer]** – Disse que não se dão bem, **isto é**, se detestam.

- **Isto posto** – A realização de um curso de inglês na empresa é importante pelos seguintes motivos: 1)..... 2)..... etc. **Isto posto**, solicitamos que V. Exa. aprove nosso projeto.
- **Nem por isso** – Ela não me deu bom-dia, **nem por isso** vou deixar de cumprimentá-la.
- **Nisto [então, em tal momento]** – Pensei largar tudo e ir dormir cedo. **Nisto**, bateram à porta.
- **Por isso** – Estou exausto, **por isso** quero silêncio.

Pronome demonstrativo *o*

"Na frase 'Se a opinião é desprezível, a gramática não **o** é', o ***o*** grifado é facultativo, obrigatório ou foi equivocadamente incluído?" pergunta um leitor sobre redação minha.

Não foi equívoco, não. Eu o utilizei para exprimir que "a gramática não é desprezível" mas sem ter de repetir o adjetivo *desprezível*. Trata-se de um pronome demonstrativo neutro, equivalente a **isso** (isto/aquilo). Ele é obrigatório na língua culta padrão, porém dispensável na fala, no linguajar coloquial. Sua utilidade é *evitar a repetição do adjetivo* e, em outras ocasiões, de um substantivo ou do sentido geral de uma frase. Seguem exemplos em que assinalo os termos a que o pronome ***o*** se refere:

> Eles são tão *pobres de espírito* quanto **o** são de inteligência.
>
> Não foi apenas a pesquisadora que se mostrou *surpreendida*. Os próprios entrevistados também **o** estavam.
>
> Era *conhecido* – e ainda **o** é – em todos os círculos sociais do Rio de Janeiro.
>
> *O valor de uma desilusão*, sabia-**o** ela.
>
> Não cuides que era *sincero*, era-**o**.
>
> "*Ser feliz* é o que importa / Não importa como **o** ser!"

Tudo (o) que

Também o pronome demonstrativo neutro é usado na expressão *tudo o que*, que na linguagem falada ou em textos informais tem a versão *tudo que* (na fala costuma haver a contração das vogais: tudo o que > tudoo que > tudo que).

Todavia, o pronome ***o*** é exigido na escrita, conforme a norma gramatical. Tomemos duas frases de exemplo:

1. Dispomos de **tudo o que** há de mais moderno.
2. Li **tudo o que** você escreveu.

Aí o pronome ***o*** substitui ou pode ser substituído por outros demonstrativos:

3. Dispomos de **tudo aquilo** que há de mais moderno.
4. Li **tudo isso** que você escreveu.

No período 1, o pronome ***o*** é o objeto indireto de *dispomos*; no 2, o objeto direto de *li*. *Tudo* é pronome adjetivo indefinido. *Que* é pronome relativo, tendo por antecedente o ***o*** da oração anterior.

57. LHE, O, A - DICAS DE USO

- Lhe – objeto indireto, uso formal

A primeira coisa a notar e gravar é que o pronome *lhe* substitui *a ele/a ela* ou *a você, ao senhor* e outras formas de tratamento correspondentes, casos em que a prep. ***a*** introduz um objeto indireto. Em outros termos: o pronome *lhe* é primordialmente usado com verbos transitivos indiretos que exijam a preposição ***a*** ou *para*. Ele serve tanto para o masculino quanto para o feminino e normalmente se refere a pessoas. Então: falei **a** você (não se diz *falei você) = falei-lhe; disse **a** ela = disse-lhe; já informaram ***a*** vocês? = já lhes informaram?; entreguei ***a*** ele = entreguei-lhe [o livro]; mandei *para* ela = mandei-lhe [flores].

- O e A – objeto direto, uso formal

Quando depois do verbo não cabe a preposição ***a*** ou *para*, significa que o objeto é direto; neste caso o pronome a ser usado para substituir pessoas ou coisas é ***o*** para o masculino e ***a*** para o feminino: entreguei a ficha [ao bibliotecário] = entreguei-**a**; mandou o rapaz embora = mandou-**o** embora; mandei flores [para Celina] = mandei-**as**.

Na linguagem culta é assim que se fala. Ou melhor, é assim que se

escreve. Na fala brasileira de todo dia pouco se ouvem tais pronomes oblíquos. Contudo, em textos bem elaborados, em que se pode planejar a escrita, deve-se fazer uso do *lhe* e do *o/a* como ensinado. E para isso é preciso um bom conhecimento não só das regras mas também da transitividade verbal.

▸ Ele e ela – objeto direto, uso coloquial

Basta assistir a alguns programas de televisão ou escutar entrevistas nas redes sociais para se constatar o emprego bem brasileiro dos pronomes retos (sujeitos) *ele/ela* como complemento de verbos transitivos diretos: "vimos ele, conheço ela, convenceu eles, deixou ele ir, vou convidar ela, quero aproveitar ela [a oportunidade]". Já com o infinitivo é um pouco mais comum ouvir o pronome *o/a* na forma de *lo/la*: *vou convidá-la, quero ajudá-lo, não queremos deixá-los*...

Mesmo bons escritores e publicitários usam *ele/ela* como objeto direto em textos informais ou para crianças, ou quando descrevem situações coloquiais. Por exemplo, em *O mistério do coelho pensante*, livro infantil lançado em 1967, Clarice Lispector emprega várias vezes construções verbais como "tomei ele". Outro exemplo, agora de publicidade: "A distância faz o coração bater de saudade. Uma ligação **faz ele** disparar." Como se dirige a um público amplo, "faz ele" tem mais apelo, soa mais natural do que "fá-lo" ou "o faz".

Aliás, cumpre anotar que esse uso é antiquíssimo. Há registros no português arcaico: "E o senhor disse... que enforcariam ele" (COUTINHO, 1968, p. 67).

▸ Lhe – objeto direto, uso informal

Por último, mencionemos a tendência atual dos brasileiros em transformar *o/a* em *lhe*. Essa "invasão de área" está acontecendo porque:

1º O ***o*** tem pouco corpo fonético, baixa audibilidade e portanto comunica mal.

2º No conjunto dos pronomes oblíquos, *lhe* se encaixa melhor do que ***o***: *me, te, se, lhe,* com a vogal (e) apoiada por consoante, em vez de uma só vogal (o, a), formam uma sequência mais espontânea. E se os três primeiros podem funcionar também como objeto direto, por que o *lhe* não poderia? – é a pergunta que parece saltar à mente. Vai daí que já não se percebem como

erradas frases assim: "Amigos *lhe elogiam* e têm o coração aberto para você". De qualquer maneira, o correto pela *norma padrão* é "o elogiam". Igualmente: "eu o vi (ou: *vi você*), não a conheço, espero convencê-lo", e não "eu lhe vi, não lhe conheço, espero lhe convencer".

Uma terceira provável causa para a preferência pelo *lhe* é que ele é unissex, a exemplo de *me, te, se* e diferentemente de *o/a*. Para simplificar certos tipos de comunicação a pessoas de ambos os sexos, em vez de empregar o nem sempre estético *o(a)*, muita gente acaba optando pelo *lhe* com verbos de qualquer transitividade: "Queremos *lhe convidar* para o evento tal".

▸ Lhe – outros complementos

O pronome lhe substitui excepcionalmente o objeto indireto vinculado a outras preposições além de ***a*** ou *para*, como nestes exemplos:

Aconteceu-**lhe** um acidente. (com ele)

Dizem que o padrasto costuma bater-**lhe**. (nele)

Jamais vou tomar-**lhe** dinheiro emprestado. (dele)

E também pode eventualmente assumir a função do complemento nominal ou do adjunto adverbial:

A preleção **lhe** foi muito útil. (útil a ele)

Palpita-**lhe** ainda uma grande paixão. (nele)

▸ Lhe – substituído por *a ele*

Como o pronome *lhe* normalmente (v. exceções no box abaixo) só representa objeto indireto de pessoa, com verbos transitivos indiretos que trazem complemento de coisa não se usa *lhe(s)* para substituir o objeto indireto, mas sim *a ele(s), a ela(s)*:

aludir a ele [ao voto em branco] (e não **aludir-lhe*)

aspirar a ele [ao cargo]

assistir a eles [aos jogos]

obedecer a ela [à lei] (pode ser *obedecer-lhes* – aos pais)

presidir a ela [à reunião] (ou *presidi-la*, como transitivo direto)

recorrer a eles [aos meios]

visar a elas [às promoções]

"LHE" PARA ANIMAIS OU COISA

Além de representar pessoa, o pronome *lhe* também é usado para referência a animais ou coisa personificada:

Chamou o *gato* e **lhe** ofereceu ração.

Plantou uma *roseira* e deu-**lhe** o nome de Esplendorosa.

Ao completar o *Programa Anual de Investimentos*, os técnicos **lhe** arranjaram um apelido, PAI.

Outro caso, pouco comum, em que se usa o *lhe* para substituir coisa se dá com verbos ou substantivos que regem tanto a preposição ***a*** quanto *em*. Por exemplo, é viável dizer "ateou fogo *ao* papel" e "ateou fogo *no* papel", que por isso pode resultar em "ateou-lhe fogo". Também:

O mar seria menor se faltasse *a ele* ou *nele* uma gota?
= se **lhe** faltasse

Dei uma puxada *ao/no* barbante = dei-**lhe** uma puxada

▸ Lhe – valor possessivo

O pronome *lhe* pode assumir a função de adjunto adnominal quando usado com valor possessivo. Por exemplo, em "a pimenta queimava-lhe a garganta" o *lhe* não é o objeto indireto do verbo queimar, mas apenas o adjunto adnominal de garganta (objeto direto), sendo assim interpretado: "a pimenta queimava *sua* garganta", a garganta do indivíduo. Este estilo se aplica sobretudo ao corpo humano:

Beijou as mãos dele ou dela
= **beijou-lhe** as mãos

O espinho feriu o seu rosto / o rosto dele ou dela
= **feriu-lhe** o rosto

Correram as lágrimas dos meus olhos
= **correram-me** as lágrimas dos olhos

O sol impedia a sua visão
= **impedia-lhe** a visão

58. MESÓCLISE

*Convidamos para a feira do gado, *que realizar-se-á de 12 a 15 de março.*

A frase acima foi destacada de um folheto promocional para mostrar um equívoco de redação. Existem erros que passam despercebidos, mas o bom ouvido logo acusa uma falta de eufonia no trecho "que realizar-se-á". Como o pronome relativo *que* tem a faculdade de atrair as partículas átonas, o correto é redigir assim:

> Convidamos para a feira do gado, **que se realizará** de 12 a 15 de março.

O que leva muitos redatores a usar a mesóclise "realizar-se-á" nesse tipo de frase? Certamente é o fato de o verbo estar no futuro do presente, pois se aprende na escola que a mesóclise (intercalação de pronome átono no verbo) é usada nos tempos futuros, que abordamos a seguir.

▸ Tempos futuros – mesóclise ou próclise

Em português temos dois tempos de futuro no modo indicativo: o do presente, com as terminações *ei,* ás, *á, emos, eis,* ão (eu direi, tu cantarás...) e o futuro do pretérito, com as terminações *ia, ias, ia, íamos, íeis, iam* (eu diria, tu cantarias...). O futuro do pretérito já foi chamado de "tempo condicional", e é assim que se denomina em francês (*conditionnel*) e em italiano (*condizionale*).

No latim vulgar o futuro clássico foi substituído por uma composição do infinitivo de um verbo com o indicativo do verbo haver: *saber* + *hei* (*i.e.* hei de saber) = saberei; *falar* + *hás* (hás de falar) = falarás; *realizar* + *hia* (*hia* por havia) = realizaria. A princípio havia certa liberdade na ordem de colocação do infinitivo, que podia vir antes ou depois do verbo haver, mas depois ele acabou se fixando no primeiro lugar da construção. Entre nós ficou a consciência dessa formação original do tempo futuro, tanto é que se pode intercalar nele o pronome oblíquo átono (me, te, se, lhe/lhes, o/os, a/as, nos, vos): *sabê-lo-ei, falar-lhe-ás, realizar-se-ia*. A essa interposição chamamos mesóclise.

Vimos no item Colocação Pronominal que é inviável ou proibida a ênclise com os verbos no futuro. Isso quer dizer que formas verbais como "*darão-se, levarei-te, fará-se" ou "diria-se, queria-lhe, mandaria-nos" em início de frase deveriam ser transformadas em mesóclise:

Dar-se-ão novos pareceres.

Levar-te-ei os documentos para assinares.

Far-se-á nova contratação.

Dir-se-ia que eles são ingênuos!

Quer-lhe-ia apresentar meus votos de pronto restabelecimento

Mandar-nos-iam um bom auxílio financeiro, se pudessem.

Felizmente a mesóclise com o futuro não é obrigatória, porque esse tipo de construção é extremamente formal (encontra-se na redação de leis, p. ex.), desusado na fala e nada jornalístico!

Para evitar essas formas rígidas, temos a alternativa da próclise com o futuro. Neste caso podemos inserir na frente do verbo um sujeito ou uma palavra atrativa do pronome átono. Por exemplo, em vez de escrever *Trá-lo-ei* de volta – supondo-se que também não deseje iniciar a frase com o pronome (*O trarei* de volta) –, você pode explicitar o sujeito: *Eu o trarei* de volta. Outros exemplos:

Jamais **o trarei**, jamais **o trairei**.

Nós **a levaremos** daqui.

Eles **nos mandariam** um auxílio, se pudessem.

Amanhã **se fará** nova contratação.

59. MODÉSTIA E MAJESTADE

O que é plural majestático? Em poucas palavras, é o emprego da 1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular. Significa dizer "(Nós) queremos manifestar nossa satisfação" em vez de "(Eu) quero manifestar minha satisfação".

Os antigos reis de Portugal adotaram a fórmula "Nós, el-rei, fazemos saber..." procurando, num estilo de modéstia, diminuir a distância que os separava do povo. Até que no início do séc. 16, com D. João III, aparece o absolutismo real e a consequente mudança da fórmula para a 1ª pessoa: "Eu, el-rei, faço saber que..." Entretanto os altos prelados da Igreja continuavam a usar o pronome *nós* como um tratamento de humildade e solidariedade com os fiéis. Só que, crescendo a Igreja em poder e bens temporais, aquele plural começou a dar

a impressão não de modéstia, mas sim de grandeza e majestade. Daí o nome "plural majestático".

Sua outra denominação é "plural de modéstia". Ainda o utilizam escritores, oradores e políticos, que dessa forma pretendem fundir-se em simpatia com seus leitores, ouvintes e correligionários, parecendo com eles compartilhar suas ideias e afastando qualquer noção de importância pessoal, vaidade e orgulho.

Mas vejam bem: não é necessário que numa correspondência formal ou num discurso o redator tenha de usar a 1ª pessoa do plural para "não ficar mal". De modo algum! Desde que ele esteja falando em seu próprio nome e não no de uma coletividade ou da empresa como um todo, é natural que se expresse na primeira pessoa do singular:

Venho transmitir-lhe **meus** cumprimentos...

Solicito a colaboração de todos...

Recebam os **meus** agradecimentos...

Tenho a certeza do seu empenho...

Minha intenção é dar o melhor de **mim** pela comunidade...

Quando, porém, prefere usar o plural majestático, o redator ou orador deve saber que verbos e pronomes vão para o plural mas os adjetivos permanecem no singular, flexionando de acordo com a pessoa que fala ou a quem eles se referem. Por exemplo:

Sejamos **claro e sucinto** (falou o doutor).

O mestre agradeceu dizendo: "Nós nos sentimos **orgulhoso** com esta homenagem".

Não pretendemos ser **vaidoso**, acreditem.

Estamos **imunizada** contra os ataques solertes da oposição – bradou a deputada.

Claro que quando o redator quer se referir também à coletividade, à instituição junto, deve empregar todos os termos (verbos, pronomes e adjetivos) no plural:

Nós nos sentimos felizes com a lembrança do nosso nome...

Não seremos responsáveis pelas atitudes dos concorrentes.

Estamos cientes do ocorrido em nossas instalações.

Sejamos pacientes e peçamos a Deus pelo melhor para o Brasil.

Ainda é possível, dentro de um mesmo discurso, ofício, tese, parecer etc., mesclar parágrafos de 1ª pessoa do singular com outros de 1ª pessoa do plural, dependendo da situação ou da realidade a ser destacada (pessoal ou institucional).

60. NENHUM, ALGUM, QUALQUER

O pronome indefinido *nenhum* é a junção ou aglutinação de *nem* + *um*, havendo entre as duas formas, segundo Napoleão Mendes de Almeida (1981, p. 203), "diferença de energia de expressão". Continua ele:

> Dizendo: "*Nenhum* homem é capaz de fazer isso" – demonstraremos, simplesmente, não haver, dentre os homens, quem possa fazer determinada coisa. Dizendo, porém: "*Nem um* homem é capaz de fazer isso", indicaremos, explicitamente, não haver *nem mesmo* um homem, como se disséssemos não ser capaz disso não somente uma mulher mas nem sequer um homem. [...] "Nem um centavo tenho" (=Nem ao menos um centavo tenho – Não tenho um único centavo) é expressão mais forte, mais expressiva que esta: "Nenhum centavo tenho" (=Tenho dinheiro, mas não tenho uma moeda de um centavo).

O normal, o mais comum é usar a forma contraída:

Não consegui **nenhum** real.

A forma analítica *nem um* se reserva para situações de ênfase, tanto é que neste caso se pode inserir um termo de apoio como *mesmo* ou *só*. São semelhantes:

Não conseguiu **nem um** real.

Não conseguiu **nem mesmo um** real.

Não conseguiu **nem um só** real.

Em resumo, *nenhum* é usado com os seguintes significados:

1. *Nem um (só)*: **Nenhuma** decisão da Conferência da *Saúde* do Trabalhador foi implementada.

2. *Qualquer*: Mais que em **nenhum** *outro* momento da história, a humanidade enfrenta encruzilhadas e desafios. Tomou o remédio mas não sentiu **nenhuma** melhora.

3. *Nulo; inexistente*: Considera-se poeta de **nenhuma** importância.

4. *Nenhuma pessoa; ninguém*: Convidaram todos os alunos, mas **nenhum** foi.

Tendo em vista as provas de concursos, que muitas vezes se apegam ao incomum e extraordinário, devo chamar a atenção para as formas flexionadas. Além do feminino *nenhuma*, existem os plurais *nenhuns, nenhumas,* que são praticamente desusados na linguagem de hoje. Por exemplo, em vez de "não lhe deu nenhumas garantias", costuma-se dizer simplesmente "não lhe deu garantias", ou então "não lhe deu nenhuma garantia".

▸ Nenhum e algum

Vejamos a colocação de *nenhum* e *algum* em orações negativas, nas quais os dois pronomes indefinidos servem de reforço.

1. *Algum* – só depois do substantivo:

   Não tenho orgulho **algum** disso.

   Assim não vamos a lugar **algum**.

2. *Nenhum* – depois do substantivo:

   Não tenho orgulho **nenhum** disso.

   Assim não vamos a lugar **nenhum**.

3. *Nenhum* – antes do substantivo:

   Não tenho **nenhum** orgulho disso.

   Assim não vamos a **nenhum** lugar.

Também *algum* corresponde a *nenhum* quando posposto ao substantivo em frases onde aparece a preposição *sem*:

Sem problema algum!

É por aí, sem dúvida alguma!

▸ Qualquer no lugar de nenhum

Os gramáticos normativistas não admitem o uso de *qualquer* (indeterminação) com o significado de *nenhum* (negação). Apesar da "proibição", já se tornou hábito as pessoas falarem, por exemplo, "não tenho *qualquer* problema; fez a conta sem *qualquer* erro" com o sentido negativo de "nenhum problema; nenhum erro". Todavia, num texto escrito formal é sempre recomendável observar a norma.

61. ONDE

Em termos de classe gramatical, *onde* pode ser pronome relativo ou advérbio interrogativo de lugar (*Onde estás?*). A preocupação maior de revisores, tradutores e pessoas que desejam escrever com excelência reside no emprego do pronome, que tem sido usado a torto e a direito como se fosse universal, valendo por "que, quando, cujo, no qual". Para ajudá-los, vamos esmiuçar a questão.

- O pronome relativo *onde* se refere a um substantivo antecedente de lugar:

  A **cidade onde** moro é linda.

  A orla conta com uma **ciclovia onde** bicicletas e patins disputam o espaço.

  Fomos fazer *rafting*, e o **bote onde** estávamos virou.

  Há **lugares no mundo onde** se vive muito bem.

- *Onde,* à semelhança do pronome relativo *quem*, pode aparecer também com emprego absoluto. Ou seja, seu antecedente pode estar latente, não expresso. Por exemplo, nas frases *Eu nasci onde tu nasceste* ou *Todos procuram saber onde ela está,* a palavra *lugar* está implícita:

  Eu nasci [no lugar] **onde** tu nasceste.

  Todos procuram saber [o lugar] **onde** ela está.

▸ [Lugar] em que

O relativo *onde* pressupõe *o lugar onde*, o que pode ser dito igualmente como *o lugar em que*, ou simplesmente *em que* quando há um antecedente explícito. Em suma, *onde* pode ser substituído por *em que*:

A cidade **onde** moro é linda
= A cidade **em que** moro é linda.

Fomos fazer *rafting*, e o bote **em que** estávamos virou.

Há lugares no mundo **em que** se vive muito bem.

NÃO SE ESQUEÇA DO "EM"

No discurso distenso (informal, não gramatical) pode-se ouvir apenas *que* em vez de *em que*:

* Ponta das Canas era uma praia que não existia mais areia.
* Marina visitou Paulo no subúrbio que ele mora.

Mas a forma correta é esta:

Ponta das Canas era uma praia **em que** não existia mais areia.

Marina visitou Paulo no subúrbio **em que** ele mora.

▸ Onde depois de lugar – uso errôneo

Redatores mal informados ou mal preparados (como se depreende dos exemplos abaixo, todos reais) têm utilizado erroneamente o relativo *onde* depois de alguma palavra ou locução indicativa de lugar (no seu sentido mais amplo) por não se darem conta de que o verbo *ser* que a precede – na forma de *é* no presente e *foi* no pretérito – faz parte da expressão de reforço *é que*[7]. Sua retirada do contexto frasal nos permite observar a sintaxe correta:

Errado: *É ali onde* ele se esconde.
Certo: **É** ali **que** ele se esconde. [*i.e.* Ali ele se esconde]

Errado: *É neste local onde* acontecem as aulas de música.
Certo: **É** neste local **que** acontecem as aulas de música.
[Neste local acontecem]

Errado: *Lá é onde* se encontra um dos maiores tesouros da pintura brasileira.
Certo: Lá **é que** se encontra um dos maiores tesouros da pintura brasileira. [Lá se encontra]

7 Para saber mais, ver capítulo Palavras a mais ou a menos, tópico *354. É que.*

Errado: E *são* justamente *nesses lugares onde* a religião é mais forte.
Certo: E **é** justamente nesses lugares **que** a religião é mais forte. [E nesses lugares a religião é]

Errado: Mas *foi na Faculdade de Arquitetura onde* ele percebeu sua vocação.
Certo: Mas **foi** na Faculdade de Arquitetura **que** ele percebeu sua vocação. [Mas na F.A. ele percebeu]

O QUE É LUGAR

Também é importante ter claro o que se entende por lugar, ou a extensão do seu significado, que pode ser: *espaço ocupado, povoação, localidade, região, posição, situação, classe, categoria, ordem, trecho ou passagem de um livro, de uma obra*. Não há dúvida de que "cidade, ciclovia, bote, praia, subúrbio e lugares no mundo", citados anteriormente, são antecedentes de lugar.

A indecisão pode ocorrer quando se trata de domínios não geográficos, como *decreto, lei, capítulo, cargo, partido,* também configuram *lugar,* o que amplia um pouco a nossa possibilidade de uso do pronome relativo *onde*:

> Trata-se de reportagem sobre o agronegócio, **onde** sdiscutidos os problemas associados à seca.
>
> Mostraram à professora as páginas do livro **onde** o autor descreve cenas de antropofagia.
>
> Vigotski entende a cultura como a principal esfera **onde** é possível compensar a deficiência.
>
> Os partidos **onde** ocorreram as irregularidades serão extintos brevemente.

Quando não tiver certeza de que se trata mesmo de lugar, substitua onde por *em que*.

- Quando se trata de tempo, o pronome relativo correto é *quando* ou *em que*:

> A repercussão dos fundos sobre o orçamento pôde ser percebida em 2011, **quando** houve um aumento de 20% em relação a 2010.
>
> Não acontecerá mais a regulamentação da lei em 2020, **quando** novas propostas serão estudadas.

O divórcio foi instituído no país no ano **em que** o número de separações chegava a níveis astronômicos.

- Como só se deve usar *onde* em vez de *em que* nas referências a lugar, constitui uma excrescência o emprego de *onde* com antecedente de tempo, como nas frases seguintes:

  * A repercussão dos fundos sobre o orçamento do CNP pôde ser percebida em 2001, *onde* houve um aumento de 20% em relação a 2000.

  * Não acontecerá mais a regulamentação da lei em 2010, *onde* novas propostas serão estudadas.

  * O divórcio foi instituído no país no ano *onde* o número de separações chegava a níveis astronômicos.

Uso errôneo do pronome relativo

Em que

Todo *onde* equivale a *em que*, mas nem todo *em que* equivale a *onde*. Por não se darem conta disso – e talvez pela lei do menor esforço – as pessoas estão usando *onde* em qualquer situação, mesmo quando só é possível usar *em que* (ou *no qual, na qual, nos quais, nas quais* depois de vírgula) por uma questão de regência verbal ou nominal.

Vamos tomar como exemplo a frase "*Ambos arranjaram empregos vantajosos, *onde* colocavam muitas esperanças". O relativo *onde* foi usado de maneira errônea porque, apesar de *empregos* ser aparentemente um lugar, a sintaxe é outra: diz-se que eles colocaram esperanças *em* empregos, *nos* empregos vantajosos que arranjaram. E é essa preposição (*em*) que deve aparecer na oração subordinada:

Ambos arranjaram empregos vantajosos, **nos quais** colocavam muitas esperanças.

Vejamos outras frases que são consideradas erradas de acordo com a norma padrão (culta) e portanto não são aceitas em concursos, provas e redação oficial [o asterisco marca a presença de erro gramatical na frase]:

* Fez várias declarações de amor, *onde* fica evidente o desejo de reatar o namoro.

* Quais são as modalidades *onde* seu filho é campeão?

* Vamos assistir a um espetáculo bem brasileiro, *onde* Maitê faz um pequeno papel.

* Isso responde a uma construção teórica curiosa, *onde* os sujeitos do presente encontram um lócus historiográfico que reconhece o seu papel.

* Vão focalizar os jovens e a família *onde* a doença foi detectada.

* A internet dá a oportunidade de trabalhar um modelo pedagógico *onde* o poder constitutivo da ação do sujeito seja valorizado.

As mesmas frases, corrigidas, ficam assim:

> Fez várias declarações de amor, **nas quais** fica evidente o desejo de reatar o namoro.
>
> Quais são as modalidades **em que** seu filho é campeão?
>
> Vamos assistir a um espetáculo bem brasileiro, **no qual** Maitê faz um pequeno papel.
>
> Isso responde a uma construção teórica curiosa, **na qual** os sujeitos do presente encontram um lócus historiográfico que reconhece o seu papel.
>
> Vão focalizar os jovens e a família **em que** a doença foi detectada.
>
> A internet dá a oportunidade de trabalhar um modelo pedagógico **em que** o poder constitutivo da ação do sujeito seja valorizado.

Pode-se confirmar a necessidade da preposição *em* (embutida em *no* e *na*, é claro) fazendo-se a inversão da frase: "Fica evidente o desejo de reatar o namoro *nas* declarações de amor / seu filho é campeão *nas* modalidades / Maitê faz um pequeno papel *em* um espetáculo bem brasileiro / a doença foi detectada *na* família" e assim por diante.

Cujo

Outra colocação irregular do relativo *onde* está em construções que indicam posse, em vez de *cujo*:

* Discorreu sobre o Plano Mega, *onde* o objetivo era qualificar os empregados.

* Em 2020 não acontecerá mais a regulamentação da lei, *onde* seu foco será mudado.

* Referimo-nos ao projeto Escola, *onde* a importância desse projeto está na proposta de municipalização do ensino.

* Fizeram apenas dois CDs, *onde* a capa mostrava praias de nudismo.

Para se enquadrar na norma padrão, tais frases devem sofrer alteração:

Discorreu sobre o Plano Mega, **cujo** objetivo era qualificar os empregados.

Em 2020 não acontecerá mais a regulamentação da lei, **cujo** foco será mudado.

Referimo-nos ao projeto Escola, **cuja** importância está na proposta de municipalização do ensino.

Fizeram apenas dois CDs, **cuja** capa mostrava praias de nudismo.

62. PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

▸ Proclítico repetido ou não

Quando se empregam em sequência dois verbos usados com pronome oblíquo (reflexivo e não reflexivo) em próclise, este pode acompanhar cada verbo ou não. Tanto é correto dizer, por exemplo, "eles **se** batem e **se** opõem" como "eles **se** batem e opõem". O mais estilístico, porém, é não repetir o pronome oblíquo quando anteposto ao primeiro verbo:

As células **se** expandiram e [se] modificaram.

Pode **me** chamar ou [me] telefonar em caso de dúvida.

Não **o** quero nem [o] desejo mais.

Filomena **se** rasgava e desfazia em elogios.

Nós **o** vimos e saudamos com efusão.

▸ Combinações erradas ou desusadas

É errado dizer *notifique-se-o, *intime-se-a ou *não se o aceita..., porque em português não se usam os pronomes *se* e *o/a* combinados ou juntos.

Assim ensinam os gramáticos: "A forma reflexiva [o pron. *se*] não admite para objeto as formas pronominais *o, a, os, as*" (ALI, 1957, p. 99). "Os

pronomes *se* e *o* jamais podem vir juntos na mesma oração; nunca devemos dizer: não *se o* sabe, faz-*se-o*, vê-*se-o*" (ALMEIDA, 1983, p. 177).

Portanto, basta usar a forma apassivadora com o pronome *se*, ficando a pessoa ou o sujeito paciente subentendidos: **intime-se** [a testemunha], **intimem-se** [o advogado e as partes], **notifique-se**. Em outras situações, em vez de "se o" pode-se usar a voz passiva sintética ou explicitar o objeto:

> Certamente **se o* considera válido.
> = Certamente ele é considerado válido.

> Não se compreende o direito que não seja positivo e também não **se o* admite fora do Estado.
> = ...e também não se admite o direito fora do Estado.

Outra opção para o último exemplo: "Não compreendemos o direito que não seja positivo e também não o admitimos fora do Estado".

Devo registrar que na língua espanhola, sim, são usados os dois pronomes juntos: *intímenselos, dígaselo* etc. Em português só se combinam os oblíquos *me, te, lhe*. No entanto, no Brasil são desusadas mesmo na língua escrita essas combinações pronominais visando substituir o objeto indireto e o direto numa só palavra (me + o = **mo**, te + o = **to**, lhe + o = **lho**), a não ser em casos de muita formalidade:

> A moçoila entregou *as flores para mim*.
> = Ela **mas** entregou há pouco.

> Eu *te* direi *o poema* no café-concerto.
> = Eu **to** direi, sim.

> O mancebo mostrou-*lhes os louros* da vitória.
> = **Mostrou-lhos** jubiloso.

63. QUEM

Emprega-se o pronome relativo *quem* com referência a pessoa ou coisa personificada:

> Ouvimos as declarações da Microsoft, **para quem** essa operação mostra como o panorama da concorrência pode mudar rapidamente.

> Ganhou de presente um gato persa, **a quem** tratava regiamente.

"A mim **quem** converteu foi o sofrimento." (Coelho Neto)

Quem lançou as bases do Direito das Gentes foi Vitória.

Só **quem** sabe amar pode ser feliz.

Nos três últimos exemplos (nos quais não há um antecedente), o pronome *quem* é denominado *relativo indefinido*.

Para iniciar orações adjetivas restritivas e explicativas, somente o pronome *que* é usado:

João, **que** mora em Goiás, passou as férias numa praia catarinense.

Ofereceu um jantar ao ministro **que** acabara de ser nomeado.

Entretanto, quando a preposição se faz necessária, emprega-se *quem*:

Ofereceu um jantar ao ministro **a quem** acabara de nomear.

Gosto das pessoas **com quem** trabalho.

Olha, chegaram Milena e Juli, **de quem** falávamos há pouco.

O governador fez bela homenagem a Marcílio, **a quem** sempre admirou.

64. QUEM E VÍRGULA

É possível quebrar a norma e usar a vírgula entre o sujeito e o predicado no caso de frases iniciadas com o pronome *quem* quando aparecem dois verbos juntos ou mesmo aproximados:

Quem sabe**,** sabe.

Quem for**,** verá.

Quem lê bem**,** escreve bem.

Quem diz sou**,** não é.

Quem diz não**,** é teimoso.

Não havendo problemas de clareza, principalmente quando entre os dois verbos há outra palavra qualquer, é melhor deixar a vírgula de fora:

Quem não **deve** não **teme**.

Quem não **lê** não **escreve**.

Quem tudo **quer** tudo **perde**.

65. REFLEXIVOS: SI, CONSIGO

Pela norma culta ou padrão, devem ser usados os pronomes reflexivos *si* e *consigo* – e não os pronomes retos – quando o objeto verbal e o sujeito são a mesma pessoa:

Pedro só pensa **em si.**

A Fulana só gosta de falar **de si** mesma.

Dalma e Telma se afastaram da turma e discutiram o assunto **entre si.**

O carpinteiro veio mas não trouxe **consigo** o material de carpintaria.

Os alunos brigaram **entre si.**

No entanto, no Brasil é muito comum, até em textos algo formais, o esquecimento dos pronomes reflexivos em favor dos pronomes retos nas mesmas situações. Na linguagem falada, chega a ser constrangedor o uso de *si* e *consigo*. O que se ouve é:

Pedro só pensa *nele*.

A Fulana só gosta de falar *dela* mesma.

Dalma e Telma se afastaram da turma e discutiram o assunto *entre elas*.

O carpinteiro veio mas não trouxe *com ele* o material de carpintaria.

Os alunos brigaram *entre eles*.

66. TAL QUAL, TAIS QUAIS

A locução *tal qual* tem plural, mas nem sempre ele é usado. É corrente o emprego de *tal qual* invariável; é a fórmula viva na linguagem popular, ao passo que *tal quais* ou *tais quais* existe tão somente na literatura ou numa linguagem idealizada.

Na interpretação originária, *qual* é pronome relativo e *tal* é pronome demonstrativo. Sendo assim, deveríamos dizer:

Os filhos são *tais quais* os pais.

João será *tal quais* seus avós paternos.

As mães eram *tais quais* suas filhas no modo de vestir.

Elas são *tais qual* a modelo Gisele Bündchen.

Essas construções, no entanto, são bastante artificiais. Sentimos a estranheza de qualquer um dos temos no plural porque interpretamos *tal qual* como partícula (conjunção comparativa), ou seja, o filho é tal qual o pai = o filho é *como* (que nem) o pai; fizeram tal qual mandei = fizeram *como* mandei. Surge daí a forma evoluída, invariável:

Os filhos são **tal qual** os pais.

João será **tal qual** seus avós paternos.

As mães eram **tal qual** suas filhas no modo de vestir.

Elas são **tal qual** a modelo Gisele Bündchen.

67. VÓS, ALGUMAS REFLEXÕES

Vale recordar que em português temos três pronomes pessoais no singular e três no plural. A primeira pessoa é a que fala: *eu* e *nós*. A segunda é a pessoa com quem se fala: *tu* e *vós*. A terceira é a pessoa de quem se fala: *ele/ela* e *eles/elas*. Ocorre que nós brasileiros deixamos de lado *tu* e *vós* em favor de *você* e *vocês*, que seriam pronomes de tratamento tanto quanto *o senhor, a senhora, vossa senhoria, vossa excelência*.

O pronome pessoal *tu* é ainda usado em algumas regiões do Brasil (eu mesma tuteio a maioria das pessoas com quem converso), mas o seu correspondente no plural – *vós* – jamais entra na conversa. Seu uso ficou restrito ao âmbito religioso e literário, podendo ser encontrado ainda em escritos de natureza bastante formal, como um discurso. É por essa raridade que os livros didáticos não incluem mais este pronome na conjugação verbal. Mas é interessante saber como ele funciona, ao menos como "conhecimento geral".

Vós singular

Apesar de pertencer à categoria do plural, *vós* pode ser usado em relação a uma só pessoa. É o caso, por exemplo, da Divindade: *Pai Nosso, que* ***estais*** *no céu, santificado seja o* ***Vosso*** *nome...*

Também é muito comum os fiéis se dirigirem a Deus pela segunda pessoa do singular, sem que isso signifique menor respeito ou reverência. Assim sendo, a mesma oração pode ser feita com o uso do pronome *Tu*, mas neste caso é preciso observar a mudança dos verbos, naturalmente, e demais pronomes: *Pai Nosso, que* ***estás*** *no céu, santificado seja o* ***Teu*** *nome...*

Vós plural

Para ilustrar o uso do pronome *vós* como segunda pessoa do plural, eis um trechinho do poema "Versos", de Cruz e Sousa, escrito em 1881 na então Desterro, hoje Florianópolis:

> [...]
> Eia, jovens, avante!
> Ser artista é brilhante,
> Trabalhar é uma lei!
> [...]
> **Não temais** os pampeiros
> **Sois** gentis brasileiros
> **Deveis** pois progredir!
> Quem **vos** traça na história
> **Vossa** augusta memória
> É um deus – o Porvir!

Do mesmo Cruz e Sousa destaco o poema "O Assinalado" para demonstrar que ele usava *tu* sempre que se dirigia a uma só pessoa, reservando *vós* para o coletivo (no poema acima, vimos que se tratava dos jovens):

> **Tu és** o louco da imortal loucura,
> o louco da loucura mais suprema.
> A Terra é sempre a **tua** negra algema,
> prende-**te** nela a extrema Desventura.
>
> Mas essa mesma algema de amargura,
> mas essa mesma Desventura extrema
> faz com que **tu**'alma suplicando gema
> e rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
que **povoas** o mundo despovoado,
de belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
toda a audácia dos nervos justifica
os **teus** espasmos imortais de louco!

Condomínios Garantidos

CONTRATANDO UMA GARANTIDORA AFILIADA AOS CONDOMÍNIOS GARANTIDOS

o condomínio assegura que os moradores tenham uma percepção diária de mais segurança, conforto e bem-estar.



Conheça a cobrança com garantia de receita e descubra a garantidora mais perto de você em vivaocondominio.com.br/condominios-garantidos

Viver em um condomínio garantido é muito melhor! Dá gosto **compartilhar os momentos felizes!**

_conjunções e transição textual

Um dos recursos para dar conexão entre ideias é o uso das chamadas partículas, locuções ou expressões de transição. São elas que permitem encadear de maneira coerente vários enunciados. Autor do prestigiado livro *Comunicação em prosa moderna* (1988), Othon M. Garcia separa-as em grupos analógicos que encerram o sentido de "prioridade, relevância; tempo; semelhança, comparação, conformidade; dúvida; certeza, ênfase; surpresa, imprevisto; esclarecimento; propósito, intenção; causa e consequência; resumo, conclusão; lugar; oposição; adição, continuação".

Não só as conjunções, como também os advérbios e as preposições – que constituem capítulos separados – criam uma relação entre as ideias, *i.e.*, fazem a transição no fluxo de pensamento, entrosando orações, períodos e parágrafos.

Aqui trataremos das conjunções e locuções conjuntivas que estabelecem uma conexão entre as orações, assim como do ***e***, considerado um legítimo conectivo intervocabular e interoracional, no tocante ao uso da vírgula.

68. À MEDIDA QUE, NA MEDIDA EM QUE

São duas locuções diferentes, embora semelhantes na aparência. Cuidemos para não fazer um cruzamento entre elas, como neste caso: "*À *medida em que* recuavam, o exército russo e a população civil iam queimando plantações e destruindo fábricas".

I. A locução conjuntiva à *medida que* está classificada entre as conjunções subordinativas proporcionais; tem o significado de "*à* proporção que, ao mesmo tempo que, conforme":

> **À medida que** os relógios de precisão se sofisticaram, a velocidade se tornou vital.
>
> No caso do Mal de Alzheimer, que é a principal doença da memória, os neurônios são destruídos **à medida que** a enfermidade avança.

"**À medida que** o regime foi se consolidando, só o caminho que Jango preconizava, de resistência política, é que podia mesmo prevalecer", Brizola reconheceu.

À medida que eram desocupados, galpões impregnados de fuligem passaram a ganhar cores e aromas.

II. A segunda locução, *na medida em que*, não se encontra nos livros de gramática tradicionais ou antigos, mas está legitimada pelo uso. Não é "invenção de brasileiro". Em francês, p. ex., se diz "*dans la mesure où*". Em italiano: "*I diritti umani hanno in potenza una dimensione culturale,* ***nella misura in cui*** *un diritto culturale è un diritto all'identificazione*".

Na medida em que se encaixa nas conjunções causais, tendo o sentido aproximado de "tendo em vista que, pelo fato de que, uma vez que, porquanto":

Essa concepção de linguagem está associada à teoria da comunicação e é falha **na medida em que** reserva ao emissor um papel ativo e ao receptor um papel passivo.

O Estado, **na medida em que** se responsabiliza apenas pelo financiamento do ensino fundamental, estaria se abstendo de cumprir seu papel de promotor do bem comum.

O currículo escolar daria então sua contribuição **na medida em que** abrisse discussões ideológicas e metodológicas.

A requisição distingue-se da desapropriação **na medida em que** somente a União pode requisitar a desapropriação, entre vários outros fatores.

69. ANTES DE MAIS NADA

Para começar, a língua não se comporta racionalmente como nós; ela tem sua lógica própria. Por isso não adianta falar em expressões vazias, que não têm sentido, não dizem nada. Tudo tem sentido. Os falantes vão criando expressões e modos de dizer que atendam às suas necessidades de comunicação. Eu poderia ter iniciado este parágrafo, além do modo como o fiz, com *Primeiramente, Em primeiro lugar, Antes de tudo, Primeiro que tudo*, ou mesmo o mal falado *Antes de mais nada* – sem preconceito.

Se não é possível precisar a sua origem, é importante destacar que *antes de mais nada* é uma locução adverbial antiga na língua portuguesa. O escritor luso Camilo Castelo Branco já a empregava nos idos de 1800:

"Vamos ver quem geme **antes de mais nada**."

E também a utilizou Rui Barbosa, na *Réplica* (1902):

"Ora, **antes de mais nada**, se essa dissonância fosse inevitável, eu não a teria notado."

Por conseguinte, não é preciso mudar a expressão se o corretor ortográfico ou alguém sugerir "antes de tudo" ou "antes de qualquer coisa". Pensando bem, esta última não parece pior?

70. ASSIM E VÍRGULA

Há diferença de uso da vírgula entre a conjunção e o advérbio de modo.

A conjunção conclusiva, que tem o mesmo sentido de "portanto" e pode ser substituída por "sendo assim", deve ser separada por vírgula:

Faremos tudo certinho. **Assim,** ninguém poderá reclamar.

Como advérbio de modo, não há separação por vírgula:

Evidentemente, faremos **assim**.

Sem privilégios, sem identidade, sob o jugo da escravidão: **assim** viveram 800 mil pessoas entre 1821 e 1870.

71. BEM COMO E VÍRGULA

A locução *bem como* ou *assim como* (e a conjunção *como* quando tem o sentido de adição) se aplica da mesma forma que a conjunção aditiva ***e***: João *bem como* Maria defenderam o réu = João *e* Maria defenderam o réu. Neste tipo de coordenação, não haveria razão para a vírgula diante dela:

Compete aos Tribunais Regionais Federais **bem como** ao Superior Tribunal de Justiça julgar essas questões.

Portanto a contestação **assim como** a exceção eram tempestivas.

Prometeu aceitá-la na riqueza **como** na pobreza.

De fato, a redação pode ficar mais fluida sem o uso da vírgula:

Finda a instrução, o juiz dará a palavra aos advogados **bem como** ao membro do Ministério Público, se for o caso.

As razões finais escritas serão apresentadas pelo autor e pelo réu **bem como** pelo Ministério Público em prazos sucessivos de 15 dias.

Entretanto, também se admite o isolamento por vírgulas do sintagma ou da oração iniciada por *bem como*:

Aplica-se aos ocupantes de cargos, funções e encargos**, bem como** ao pessoal requisitado, legislação específica já mencionada.

Andaimes do real, *O divã a passeio***, bem como** outros livros de Herrmann, dizem respeito à cultura humana.

Ela será responsável pelo prejuízo em decorrência da indisponibilidade de ativos em valor superior ao indicado na execução**, bem como** por não cancelar a indisponibilidade no prazo de 24 horas.

72. *COMO* E VÍRGULA

O emprego da vírgula antes da conjunção *como* depende do contexto, se é mais uma referência de semelhança ou uma exemplificação de fato. Na frase "Para o evento, fizeram *pratos como* o quibe, a esfirra e o tabule" não se coloca a vírgula antes de *como* porque a palavra *pratos* está indeterminada, é inespecífica; os nomes seguintes é que vão especificar os pratos.

Quando, porém, o substantivo já traz alguma qualificação ou especificidade, usa-se a vírgula: "Fizeram *vários* pratos*, como* o quibe, a pizza e o fondue". Os pratos de exemplo (quibe, pizza e fondue) explicam ou especificam a palavra *vários*.

Nas frases de ilustração, abaixo, coloquei entre colchetes as palavrinhas que se poderia usar como reforço de cada caso:

Não gosto de **frutas** [tais] **como** cupuaçu e mangaba.
Não gosto de **frutas cítricas, como** [por exemplo] limão e acerola.

Adolescente, ela não entende de **coisas** [tais] **como** amamentar e trocar fraldas.
Adolescente, ela não entende **dessas coisas, como** [por exemplo] amamentar e trocar fraldas.

A paciente é portadora de uma mutação que predispõe a **tumores como** esse [o de ovário].

A paciente é portadora de uma mutação que predispõe ao câncer de mama e muitas vezes também a **outros tumores, como** o de ovário.

Há três procedimentos capazes de reduzir drasticamente a escala de **ataques como** o ocorrido na última sexta-feira.

Em 2017 foram aperfeiçoadas e lançadas **novas vertentes** da norma**, como**: 1. xxx; 2. yyy; 3. zzz.

73. *E* COM VÍRGULA – SIM OU NÃO

A conjunção ***e*** é uma das partículas mais utilizadas no nosso idioma. Como tal, ela pode ser encontrada em várias situações: com vírgula antes ou depois e, mais frequentemente, sem vírgula. Vamos ver caso a caso.

1. Não se usa vírgula junto com a conjunção ***e*** quando ela coordena ou liga os elementos de uma enumeração (indicação de coisas uma por uma), que pode ser formada por substantivos, pronomes, adjetivos, orações etc. O ***e*** justamente substitui a vírgula diante do último elemento da enumeração:

Fico satisfeito em ver matéria tão clara, objetiva, concisa, correta **e** informativa.

Ele **e** ela estão casados há dez meses.

Produtos inovadores reduzem o colesterol, controlam a pressão arterial **e** tratam a depressão, entre outros efeitos.

Thompson era extremamente criativo **e** original, com seu estilo próprio **e** sua notável capacidade de interpretação **e** de crítica.

ENUMERAÇÃO SEM *E*

Admite-se também a enumeração só com a vírgula entre os elementos, sem o ***e***. É uma questão de estilo, e acontece quando o redator quer deixar a série de itens em aberto, a dizer que a enumeração não para por ali – poderiam ser acrescentadas mais unidades, como se houvesse um "etc." ou mesmo reticências:

Fico satisfeito em ver matéria tão clara, objetiva, concisa, correta.

São coisas transitórias a riqueza, a saúde, o prazer.

2. Usa-se necessariamente uma vírgula antes ou depois da conjunção *e* na enumeração quando ali se coloca alguma intercalação. Neste caso a vírgula não tem relação direta com o *e* – ela está lá para fechar ou abrir o encaixe apenas.

Abaixo, veremos a enumeração sem a intercalação e com ela:

> O Estado de São Paulo **e** a Fundesp firmaram convênio na área de RH.
> O Estado de São Paulo, *através da Secretaria de Meio Ambiente*, **e** a Fundesp firmaram convênio.
>
> Proceder de acordo com os arts. 2º **e** 10 da Lei 2.309/87.
> Proceder de acordo com os arts. 2º, **§** 1º, **e** 10 da Lei 2.309/87.
>
> João Silva **e** sua mulher, Nair Silva, brasileira, professora, requerem...
> João Silva, *brasileiro, comerciante, residente na Rua X*, **e** sua mulher, Nair Silva, brasileira, professora, requerem...
>
> Só beberam água **e** um cafezinho.
> Só beberam água, *que faz tanto bem à saúde*, **e**, *ao final da festa*, um cafezinho.
>
> Dividiu o bolo em fatias **e** distribuiu-as rapidamente.
> Dividiu o bolo em fatias **e**, *pela pressa das crianças*, distribuiu-as rapidamente.

3. Quando duas orações interligadas por *e* têm sujeitos diferentes, a vírgula é *comumente usada* junto com a conjunção no intuito de prevenir o leitor contra ambiguidades; e *deve* realmente ser usada quando a primeira oração acaba com substantivo e o sujeito a seguir é também um substantivo, pois aí é que a leitura pode ficar truncada.

Vamos perceber esse problema na primeira frase abaixo. Já na segunda, a vírgula antes do *e* permitirá saber de pronto que a partir dela começa uma nova afirmação:

> Velhos processos sociais e econômicos perduram com novos significados e novas práticas e valores no nível macro e micro reconfiguram relações entre nações e entre indivíduos.
>
> Velhos processos sociais e econômicos perduram com novos significados e novas práticas, **e** valores no nível macro e micro reconfiguram relações entre nações e entre indivíduos.

Outros exemplos de vírgula bem colocada para dar clareza ao enunciado:

> Mas as Ciências Sociais acompanharam de perto todas essas mudanças, **e** a produção de conhecimento foi extraordinária.
>
> A mudança se exprime através de tensões graves, **e** destruições de toda ordem a acompanham.

Não havendo problemas de ambiguidade, a vírgula *pode ser deixada de lado*, o que acontece muito na linguagem jornalística:

> Acredito que sanções econômicas severas funcionariam **e** com essas medidas ganharíamos uma maior cooperação dos europeus.
>
> O simulacro de uma máquina de lavar tornou-se o conceito de felicidade **e** o apresentador da mercadoria tornou-se o filósofo, o artista.
>
> No decorrer do tempo continuaram as apresentações teatrais de grupos profissionais e amadores **e** a casa também era cedida para funções comemorativas.

4. É possível também encontrar uma vírgula antes do *e* que introduz uma oração com o *mesmo sujeito* da oração anterior. Este uso se justifica por estilo, pela necessidade que sente o autor de fazer uma pausa por ênfase:

> Cometemos equívocos com nós mesmos, **e** jogamos fora boa parte de nossa energia vital com coisas que não valem a pena.
>
> Nosso nascimento como nação não resultou de guerra ou revolução; foi antes uma transição natural da condição de colônia para a autodeterminação, **e** já estava implícita quando D. João VI instou seu filho a consumá-la antes que um aventureiro o fizesse.
>
> Comecei a fazer uma prece para os soldados judeus que estavam sendo mortos naquele momento, **e** também o fiz para os soldados egípcios.

74. EIS QUE

A locução *eis que* tinha originalmente o sentido temporal, equivalente a *quando* e a *eis senão quando* (de repente):

> Seguia o monge pelo caminho, meditando com a natureza, **eis que** um asno lhe interrompe a concentração e o andar.

Aconteceu com essa expressão um fenômeno semelhante a *posto que* (cf. tópico 89): de temporal, *eis que* passou a causal, sobretudo nos meios forenses. O seu significado, neste caso, é igual a "visto que, já que, uma vez que, porquanto":

> Foi-lhe dado o direito de aduzir suas razões, **eis que** a ampla defesa é essencial à legitimidade do processo.
>
> Mais uma vez ficou claro que há muitos palpiteiros no campo do Direito Desportivo, **eis que** o texto do art. 93 da LGSD, na redação que lhe foi dada pela Lei 9.981/00, é de clareza irretorquível.

75. ENQUANTO QUE

A conjunção *enquanto* introduz uma oração subordinada adverbial. Seu sentido originário é "em quanto [tempo]": *durante o tempo em que*. Posteriormente veio a ter o significado de *ao passo que,* num emprego com sentido adversativo. Vem certamente daí o uso do *que* como reforço para desfazer ambiguidades, pois em muitas situações a conexão apenas com *enquanto* pareceria temporal quando a intenção seria a mesma da conjunção proporcional (*ao passo que, à medida que*).

O emprego de *enquanto que* já foi condenado por puristas, até porque é um galicismo (em francês: *pendant que, tandis que*), mas é encontrado em escritores corretos pela necessidade de clareza:

> Luís estudava **enquanto** os colegas se divertiam. [sentido de tempo simultâneo]
>
> Luís estudava, **enquanto que** os colegas se divertiam. [sentido adversativo]
>
> A presença dela pode dar mais brilho ao evento, **enquanto que** sua ausência pode deixar o pessoal mais à vontade.

76. E/OU

Tem havido, infelizmente, um abuso de *e/ou*, quando bastaria empregar a conjunção *ou* para denotar exclusão e a conjunção *e* para alternativas que não necessariamente se excluem. Vamos a casos reais:

1. Favor indicar nome de um escritor negro **e/ou** mulato.

Errado. O indivíduo não é negro e mulato ao mesmo tempo, portanto o ***e*** está sobrando. São alternativas mutuamente excludentes. O correto é: "um escritor negro *ou* mulato".

2. Pode tomar chá **e/ou** café.

Errado. Basta o ***e***: pode tomar *chá e café*. A escolha está implícita: sei que posso tomar chá e, se quiser, café. Só se um excluísse realmente o outro se usaria *ou*, isto é, quem tomasse café *não* poderia tomar chá, e vice-versa.

3. Fico grato se você puder me responder **e/ou** mandar material sobre o assunto.

Correto. Com isso o leitor quer dizer que é grato em qualquer situação: se eu apenas responder; se eu apenas mandar o material (sem responder); se eu responder e além disso mandar o material.

Vê-se, então, que só deve usar *e/ou* quem deseja deixar claríssimo que se trata de três situações distintas. Mas nem sempre isso é fundamental. Na maioria dos casos, até mesmo neste último exemplo, as opções ficam implícitas apenas com o uso de *ou*.

77. E SIM, MAS SIM, E NÃO

A locução *e sim* forma um todo indivisível, com o significado de *mas*. Desta forma, não se põe este *sim* entre vírgulas como se fosse advérbio. Se vírgula cabe, é aquela à esquerda, que normalmente precede *mas* e outras expressões adversativas:

> O novo modelo não é mais o da grande fábrica**, e sim** o da facção, como no Brasil do início do século.

Procede-se da mesma forma com *mas sim*:

> Não se deve falar em descobrimento do Brasil**, mas sim** em chegada dos europeus.

Diante da locução *e não,* é optativa a vírgula:

> Saiu da reunião dizendo que havia chamado o sujeito de incompetente**, e não** de autoritário.

A vida é mais emocionante quando se é ator **e não** espectador, quando se é piloto **e não** passageiro, pássaro **e não** paisagem.

78. HAJA VISTA

A expressão *haja vista* significa: "atente-se para, haja atenção para, tenha-se em consideração, veja [o leitor] tal coisa ou pessoa, tenha [o leitor] em vista o que se passa a exemplificar".

Segundo a tradição literária, *vista* fica invariável, não importa que o sintagma seguinte – o objeto direto, no caso – esteja no masculino ou no plural:

... **haja vista** a dieta prescrita.

... **haja vista** o art. 93 do Código Civil.

... **haja vista** as obras que já publicou.

... **haja vista** os ingredientes recomendados.

Também se encontram exemplos na literatura de flexão do verbo haver – ele pode ir para o plural, continuando invariável a palavra "vista":

... **hajam vista** os acontecimentos na África.

... **hajam vista** essas frases em francês.

Haja vista não é expressão jornalística. Quando se encontra em algum texto popular, pode estar lá como "haja visto": *visto* no lugar de *vista*, porém, é uso malvisto pelos puristas.

79. INOBSTANTE

Inobstante é uma forma evoluída e reduzida de *não obstante* (igual a *nada obstante*), com valor equivalente a "apesar de, a despeito de", locuções que dão uma ideia oposta àquela expressa na outra parte do enunciado, contrariando uma provável expectativa. As três formas de uso são comuns na área jurídica:

Inobstante as acusações, o réu foi liberado.

Não obstante as acusações por crime hediondo, ele conseguiu progressão da pena.

Isto **nada obstante**, a Procuradoria Jurídica entende que não compete ao Banco Central autorizar tal transação.

Não obstante isso, coube ao Banco Central autorizar a transação.

Enfim, pode ainda não haver aceitação de *inobstante* pela Academia Brasileira de Letras, mas já há registro seu no *Dicionário de usos do português do Brasil* (BORBA, 2002), o qual diz ser uma preposição que "expressa relação de concessão" [apesar de, não obstante] e também advérbio de concessão [apesar disso], apresentando vários exemplos nesse verbete.

80. JÁ

Além de advérbio, *já* pode ser conjunção coordenativa de duas modalidades: alternativa e adversativa.

É conjunção alternativa quando repetida no início de duas frases sequentes (atualmente prefere-se usar *ora...ora*):

Já chateada, **já** raivosa, quedou-se na rede.

O menino não fica quieto: **já** pula no sofá, **já** mexe nas panelas.

No seu sentido adversativo, é conectivo utilizado tanto na fala quanto na escrita em substituição a *mas, no entanto, por outro lado:*

A agremiação votou em bloco no ex-presidente. **Já** a tesoureira recusa-se a apoiá-lo.

Os líderes mundiais aprovaram a medida. **Já** a mídia detonou o que considera uma falácia, um engodo.

81. MAIS (DO) QUE, PREPOSIÇÃO FACULTATIVA

É possível suprimir *de+o* no caso de comparações com *mais* e com *menos*; no entanto, a presença da preposição pode dar mais clareza ao discurso, ao passo que sua omissão pode deixar a frase mais eufônica. Sendo assim, o contexto tem um bom peso na avaliação da melhor forma:

Queremos **mais do que** isso. / Queremos **mais que** isso.

Amigos valem **mais do que** parentes. / Amigos valem **mais que** parentes.

Ela é **mais** alta **do que** ele. / Ela é **mais** alta **que** ele.

Pago **menos do que** isso. / Pago **menos que** isso.

Todos sabem **menos do que** o gênio. / Todos sabem **menos que** o gênio.

82. NÃO SEM ANTES (QUE), SEM QUE

Com os elementos de transição *não sem antes que* e *não sem antes* podemos construir duas frases sintaticamente corretas mas distintas:

1. Tu sempre passas o hotel das luzes acesas, **não sem antes que** o porteiro te saúde, chamando-te de Elias. [A oração subordinada, com o verbo no presente do subjuntivo, é desenvolvida.]

2. Tu sempre vais passar o hotel das luzes acesas, **não sem antes o porteiro te saudar**, chamando-te de Elias. [Aqui a oração subordinada é reduzida de infinitivo, o que resulta na eliminação da conjunção *que*.]

Não sem antes que não configura locução conjuntiva em si – esta seria apenas *sem que* precedida de uma negativa na oração principal:

Tu **não** passas **sem que** o porteiro te saúde.

Não *irei* **sem que** *ela chegue.*

83. NA VERDADE

Usar a expressão *na verdade é um fenômeno atual ou um vício?* – me perguntaram. Posso afirmar que nem um, nem outro.

O livro *Locuções adverbiais* (SCHWAB, 1985, p. 231) contempla a expressão de transição *na verdade*, que quer dizer "realmente, certamente, de certo, por certo" e já foi usada até por Machado de Assis no romance D. Casmurro:

"**Na verdade,** Capitu ia crescendo às carreiras."

O fato é que não se pode fugir dessa locução quando se trata de linguagem coloquial. É uma expressão de reforço, usual e lícita.

84. ONDE OU AONDE

Na fala pouco se faz distinção entre *onde* e *aonde* – a diferença de pronúncia é pequena, então não se costuma reparar muito nisso. Aliás, na língua clássica essa distinção não existia. Mas há um emprego gramaticalmente correto dos dois termos, a ver:

1. ONDE = lugar em que / em que (lugar). Indica permanência, o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Complementa verbos que exprimem estado ou permanência e que normalmente pedem a preposição *em*:

Onde estás? – *Em* casa.

Você sabe **onde** fica o Sudão? – *Na* África.

Não entendo **onde** ele estava com a cabeça quando falou isso.

De **onde** você está falando?

Não sei **onde** me apresentar nem a quem me dirigir.

2. AONDE = a que lugar. É a combinação da preposição *a* + *onde*. Indica movimento *para* algum lugar. Dá ideia de aproximação. É usado com os verbos *ir, chegar, retornar* e outros que pedem a preposição *a*:

Aonde você vai todo dia às 9 horas? – *A* Brusque.

Sabes **aonde** eles foram? – *Ao* cinema.

A mulher do século 21 sabe muito bem **aonde** quer chegar.

Não sei **aonde** ou a quem me dirijo.

Faz três dias que saiu do Incor, **aonde** deverá retornar para uma revisão.

Estavam à deriva, sem saber **aonde** ir.

VERBO PRINCIPAL + ONDE / AONDE

Atentar para a colocação desses termos quando complementam uma locução verbal com o verbo auxiliar *ir*, que pode confundir o redator. O que interessa observar é o verbo que tem ligação com onde/aonde, qual seja, o verbo principal (o que vem por último na locução). Um exemplo:

Antes de viajar para Madri, **onde foi receber** o prêmio "Príncipe de Astúrias", Fernando Henrique Cardoso falou com a imprensa.

Aí o pronome relativo *onde* está ligado a *receber* e não a *foi,* mero auxiliar, tanto é que no mesmo lugar se poderia dizer "onde recebeu".

85. OU

Como reconhecer quando a conjunção *ou* tem o sentido de exclusão e de equivalência em frases não muito óbvias? São óbvias as frases do tipo "andar *ou* caminhar, subir *ou* descer", em que está clara a condição de exclusão. O exemplo clássico de equivalência é "Rui Barbosa ou Águia de Haia".

De fato, pode haver alguma confusão entre os dois usos da partícula *ou* se o contexto for insuficiente para elucidar quando os elementos se excluem e quando se equivalem.

Em primeiro lugar, *ou* é uma conjunção alternativa, o que implica alternância/exclusão:

Pode-se tomar chá **ou** café.

Ele não entende nada mesmo **ou** se faz de tolo.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou vai **ou** racha.

Das duas uma: **ou** ele não compreendia nada **ou** se fazia de tolo.

Para certificar-se de que se trata de exclusão, pode-se repetir a partícula mentalmente:

Pode-se tomar [**ou**] chá **ou** café.

Vamos visitar [**ou**] o templo de Hércules **ou** o de Hermes.

Em segundo lugar, *ou* exprime igualdade, equivalência dos elementos ligados pela conjunção. É uma outra maneira de dizer a mesma coisa. Se for preciso deixar clara a equivalência, pode-se usar a locução *ou seja (isto é)*

explicitamente, como é habitual, ou então só mentalmente para tirar a prova:

> A receita pede meio litro(,) **ou** 500 ml de leite. / A receita pede meio litro, **ou seja,** 500 ml de leite.
>
> Visitamos o templo de Hércules, **ou** Héracles. / Visitamos o templo de Hércules, **ou** [**seja**] Héracles.

86. PORÉM

Há quem questione o uso de *porém* no início da oração. Seria erro? Estou certa de que não é errado se expressar desta forma:

> O lançamento dessa medicação é um avanço, **porém** a reportagem não comentou o seu preço.
>
> Vence quem ganha mais e cede menos. **Porém**, ceder é preciso.

Iniciar a oração ou período com esta conjunção adversativa faz parte da nossa escrita, sempre fez. Portanto não vejo razão para uma afirmação deste tipo: *"Porém: não inicia oração e, por isso, deve aparecer no interior dela"*. Pode-se até dizer que essa conjunção fica elegante, talvez requintada, quando aparece no meio da oração (a exemplo de "Ceder, *porém*, é preciso"), mas não que essa deva ser a regra.

E já que se trata mais de estilo do que de erro, que Gladstone Chaves de Melo tome a palavra. O conhecido professor mineiro-carioca, doutor em língua portuguesa e autor de mais de 30 obras, faz as seguintes ponderações no capítulo "Como se deve estudar a língua" (MELO, 1957, p. 353-5, grifo do autor):

> Todo o ensino da língua deve consistir em *apurar o sentimento da linguagem*. Mostrar o que está certo, chamar a atenção para o que está bem [...]. Aprimorar o gosto, despertar e fomentar o senso de distinção, exercitar a plasticidade da inteligência, para fazer compreender que para cada *uso linguístico* há uma linguagem especial, de tal modo que não é possível estabelecer esquemas rígidos, grosseiramente aplicáveis a todos os casos [...].
>
> Se alguém traz no bolso do colete a regra seca de que não se começa a frase por pronome oblíquo, como poderá apreciar a beleza daqueles versos do *Evangelho nas Selvas*, de Fagundes Varela, quando Anchieta encontra uma índia cismarenta, lhe dirige a pergunta: "O que fazias, filha?", e ouve como resposta: "Me lembrava dessa criança"? [...]

> Se alguém levou a sério a lição veiculada por Cândido de Figueiredo de que "não é bem português" a colocação de *porém* no início de frase – não obstante as centenas de exemplos em contrário, desde os mais antigos até os mais modernos textos –, se alguém levou a sério a cerebrina teoria, não poderá saborear devidamente a beleza desta construção de "*A cruz mutilada*", de Herculano: "*Porém*, quando mais te amo/ Ó cruz de meu Senhor" [...].

87. POR QUE E OUTROS PORQUÊS

Há toda uma geração de brasileiros que aprendeu o seguinte: *por que* separado se usa em perguntas; *porque* junto se usa na resposta. É verdade, mas não é a verdade toda. O correto é acrescentar que *por que* separado também se usa em respostas e afirmações.

▸ Por que

Expressão formada pela sequência de *preposição + pronome interrogativo ou relativo*. Usa-se *por que* em perguntas diretas e indiretas; em frases afirmativas/negativas como complemento (objeto direto) de verbos como mostrar, justificar, saber, explicar, entender e outros; em títulos de obras/artigos. Equivale a *por qual razão / por qual motivo*.

> **Por que** está tão difícil a captação de recursos?
>
> Vocês entenderam agora **por que** é importante ler bons textos?
>
> Sabes **por que** ela não veio? Sinceramente, não sei **por que** ela não veio.
>
> Sempre me pergunto **por que** a inflação está voltando a esse patamar.
>
> Vamos verificar **por que** as vendas estão caindo nesse setor.
>
> **Por que** parar de fumar [título de artigo]
>
> **Por que** formar uma miniempresa – anote dez razões [título de livro]

Usa-se *por que* como complemento das expressões *eis, daí, não há*:

> **Eis por que** resolvemos fazer a paralisação.
>
> Não pude me preparar, **daí por que** desisti do concurso.

Não há por que temer mudanças.

Em todos esses casos a palavra *motivo/razão* pode estar apenas subentendida ou aparecer explicitamente:

Por que (razão) as mulheres ocupam tão poucos cargos políticos?

Não entendo **por que** (motivo) os eletricitários entrarão em greve.

Houve um engarrafamento, **daí** (o motivo) **por que** nos atrasamos.
[*ou:* daí o motivo pelo qual]

Eis **os motivos por que** eles parecem tão felizes.

Não consigo entender **por que razão** foram descontados os dias de greve.

► Por quê?!

O monossílabo átono *que* passa a ser tônico em final de frase. Acentue-o, portanto, antes do ponto (final, de interrogação ou de exclamação):

Obrigado. – Não há de **quê**.

O prefeito convocou uma reunião mas ninguém compareceu, só Deus sabe **por quê**.

Quem foi à festa adorou. Você não quer descobrir **por quê**?

Ela é especial, sabes **por quê**?

Qual o **quê**! Isso é pura intriga.

► Porque

Conjunção explicativa ou causal, substituível por *pois, uma vez que, já que, porquanto,* ou *pelo fato de que, como* (caso dos dois últimos exemplos a seguir):

Não foi ao treino **porque** não se sentia bem.

Por que foram a juízo? **Porque** estavam cheios de razão.

Abandonou o curso de pós-graduação **porque**, tendo de dar aulas à noite e trabalhar de manhã, sentiu-se no limite.

Porque o fumo é plantado em lombas, as mudas nem sempre podem ser replantadas em terreno contínuo.

- Porquê

Acentuado, numa palavra só e antecedido de artigo, agora é substantivo masculino, pluralizável, equivalente aos substantivos *motivo, causa, razão, indagação*:

> Não entendo **o porquê** da rejeição.
>
> O Congresso precisaria analisar **o porquê** de tantos desmandos.
>
> É difícil achar respostas para todos (**os**) nossos **porquês**.

88. POR UM LADO E POR OUTRO...

"É verdade que, por paralelismo, não se deve usar a expressão 'por outro lado' no início de frases sem que antes haja 'por um lado' expresso, mesmo que anteriormente esteja subentendida a ideia de oposição?", pergunta um leitor.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que a locução *por outro lado* pode ser usada, sim, "isoladamente", como elemento de transição que é.

> Como expusemos anteriormente, na década de 1910 o Estado chamava para o espaço escolar as camadas pobres da população, incluindo os negros. **Por outro lado**, a inclusão dos negros na escola deveu-se em alguns casos a uma oportunidade apadrinhada. Essa foi a condição do poeta catarinense Cruz e Sousa.

Tanto é uma expressão a ser usada por si mesma que ela tem substitutos ou equivalentes:

> **De outro lado**
> De outra parte
> De outro ponto de vista
> Por seu lado
> Por sua vez
> Por seu turno
> Sob outra perspectiva

No tocante ao paralelismo, o que não pode ocorrer é você usar *por outro* (sem a palavra *lado*) sem colocar um *por um lado* anteriormente. Nem tampouco você pode dizer *por um lado* esquecendo-se do correspondente *por outro (lado)*.

Nos dois exemplos abaixo aproveitemos para observar a pontuação usada com estas locuções, que não precisam ficar necessariamente entre vírgulas:

> Ao longo dos anos 1980 ocorreu a consolidação da sistemática da avaliação: **por um lado**, foram introduzidos aprimoramentos nos formulários de obtenção de dados bem como sua progressiva informatização; foram criadas comissões de especialistas, etc.; **por outro**, a instituição oficial passou a consultar as áreas de conhecimento para obter indicações de nomes.

> Essa prática tem suas raízes históricas nos critérios estéticos neoclássicos impostos **de um lado** pela Missão Francesa (1816) e, **de outro**, pelo ensinamento de artes e ofícios (1549 a 1780) desenvolvido pelos jesuítas.

89. POSTO QUE

Locução conjuntiva de valor concessivo, *posto que* é também, modernamente, de valor explicativo ou causal. Originalmente ela se enquadrava apenas nas conjunções concessivas, as quais dão a ideia de concessão [posto que = pondo-se (a concessão) que...].

Como conjunção concessiva, *posto que* rege o subjuntivo e tem como equivalentes "embora, ainda que, se bem que, conquanto, mesmo que":

> **Posto que seja** fácil, sempre tenho dúvidas. [ainda que seja fácil]

> O trabalho, **posto que fosse** árduo, acabou no prazo. [embora fosse árduo]

> Aceitamos o acordo, **posto que não agrade** a todos. [conquanto desagrade a todos]

Entretanto, vejamos outro tipo de frase relativamente comum, em que as orações introduzidas por *posto que* não traduzem a mesma ideia das concessivas acima:

> Aceitamos o acordo **posto que agrada** a todos.

> A denúncia foi julgada improcedente, **posto que não havia** prova da contravenção.

Observe que o verbo está no modo indicativo. Neste caso, o seu sentido é explicativo/causal, como se constata com o uso de outras conjunções nas mesmas frases:

Aceitamos o acordo **pois** / **já que** / **porque** agrada a todos.

A denúncia foi julgada improcedente, **visto que** não havia prova da contravenção.

Se a locução *posto que* não pudesse ser causal, como é que iríamos interpretar o Soneto de Fidelidade, de Vinicius de Moraes? Relembremos seus últimos versos:

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal **posto que** é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Não se pode precisar quando e por qual razão o *posto que* concessivo foi desembocar no *posto que* causal. Mas pode ter sido por influência castelhana: *puesto que* é conectivo explicativo/causal. Aliás, o mesmo fenômeno evolutivo aconteceu no espanhol, em cuja literatura clássica se encontra *puesto que* com valor concessivo.

90. QUANDO DE

É lícito usar a locução (entendida como conjunção temporal) *quando de*, embora seja considerada um galicismo. Os estudiosos acreditam que seja má adaptação do francês "*lors de*", que quer dizer "no tempo de, por ocasião de, quando", e sua origem remonta ao século 18. Então, em vez de "*quando foi a* invasão francesa" começou-se a dizer "*quando foi da* invasão francesa" e depois, abreviadamente, "*quando da* invasão francesa". Hoje se encontram frases assim:

O chefe pediu que seu grupo estivesse presente **quando da** apresentação do relatório final.

Todos os funcionários estão sujeitos à mesma política anticorrupção, que se aplica também **quando do** recebimento ou da oferta de presentes.

Mesmo que os puristas possam considerá-la "construção incorreta", ela tem tradição na língua. O uso da preposição (junto com *foi*) encontra-se nos clássicos: "Aristóteles mal teria a barba ruça *quando foi daquele* seu

último namoro" (Almeida Garrett); "...*quando foi do* terremoto" (Camilo Castelo Branco).

91. QUANDO MAIS NÃO SEJA

A locução *quando mais não seja* possui valor condicional ou concessivo. Vale aproximadamente por "se não for (para) outra coisa, nem que seja" e tem uma forma variante com *tanto* (daí o cruzamento que leva algumas pessoas a falar "quanto mais não seja"). No sentido de passado (na dependência do verbo subordinante), o verbo *ser* da locução toma a forma do pretérito imperfeito do subjuntivo:

> Convém protestar, **quando mais não seja** para provar que estamos vivos.
>
> Era uma medida a ser tomada com urgência, **quando mais não fosse** para se corrigir uma velha distorção.
>
> Embora sonolenta, pretende recitar todos os versos de cor, **tanto mais não seja** para agradar à tia, empertigada na primeira fila do teatro.

92. QUE NEM, COMO

Em frases comparativas, como recurso expressivo, usa-se *que nem* no lugar de *como*, mas apenas na fala coloquial:

> Você agiu **que nem** uma criança!
>
> Eu era **que nem** meu pai.

No português formal diga-se:

> Você agiu **como** criança mais uma vez!
>
> Eu sou **como** você, tal **como** ela é.

93. SEJA...OU

Apesar da "proibição" que às vezes aparece por aí, não é erro usar *seja...ou* (em vez de *seja...seja*). Esta variante é uma forma evoluída de uso,

aliás bastante comum na fala e numa linguagem menos literária.

Em sua grande obra *Syntaxe histórica portuguesa* (DIAS, 1959, p. 254-5), Augusto Epiphanio da Silva Dias exemplifica o emprego dos "membros disjunctivos" *ou seja...ou seja* e *ou seja...ou* valendo-se do Pe. Antônio Vieira (século 17):

> "De lá... onde ilustrais o Mundo com vossas vitórias, **ou seja** no círculo do Astro, **ou** no frio do Setentrião."
>
> "Se alguém me replicar, que este, **ou seja** conhecimento, **ou** modéstia, não é tão decente."

Assim como o primeiro *ou* não precisa ficar explícito na alternativa *ou...ou* (p. ex. Visitaremos [*ou*] a abadia *ou* o museu), também ele tornou-se facultativo naquela que ilustramos com Pe. Vieira: [*ou*] *seja...ou*. E vamos admitir que esta forma é mais simples, fácil e comunicativa! Portanto, que os professores de português não vejam erro em frases deste tipo:

> É importante tomar este medicamento, **seja** em drágeas **ou** mediante injeção.
>
> Desse modo, a mera circunstância da morte de alguém – **fosse** ela resultante das leis da sociedade **ou** de um acidente – poderia ser interpretada de maneira simplista.

SEJA...OU EM ESPANHOL E INGLÊS

Só por curiosidade, em espanhol e em inglês é de praxe utilizar a sequência *seja...ou*:

> ***Ya sea** mala **o** buena, la gente necesita nuestra atención.*
>
> *Do intentions, **whether** good **or** bad, really matter in the end?*
>
> *Thus, the mere circumstances of a person's death, **whether** resulting from the laws of society **or** from an accident, could be misinterpreted.*

94. SEJA...SEJA

A denominada conjunção coordenativa alternativa *seja...seja*, pelo fato de ser constituída de uma forma verbal (imobilizada, no caso), pode aparecer flexionada. Assim, concorda com o sujeito e varia em tempo, como nestes exemplos:

A feira acontecerá de qualquer maneira, **seja** hoje, **seja** amanhã.

Sejam sócios, **sejam** visitantes, todos participarão do sorteio.

Fosse ele bom, **fosse** mau, a instituição lhe daria o apoio necessário.

Expressava tudo quanto sentia, **fossem** tristezas, **fossem** alegrias.

Peço notar o uso da partícula *como* antes do substantivo plural na frase a seguir, a denotar que não há sujeito com que fazer a concordância no plural:

Santa Catarina terá a obrigação de receber bem os colombianos, **seja como** turistas, **seja como** alunos em nossas universidades.

Portanto, constitui erro dizer **sejam como turistas* (ou outro substantivo no plural).

95. SENDO QUE

É possível ligar duas orações por meio de *sendo que*? Claro que sim. Se se discute esse uso, é porque ele existe. É válido? Sem dúvida, pois mesmo bons autores se servem dessa locução conjuntiva (duas palavras usadas como conjunção), que foi além do valor causal originário para assumir um valor aditivo.

Nenhum gramático ousa dizer que seu emprego constitui erro, nem mesmo Napoleão Mendes de Almeida, em quem me esteio algumas vezes apesar de sabê-lo tradicionalista. O que esse mestre e seus seguidores ressaltam é que "não fica bom", é "péssimo", é "abuso do gerúndio", da mesma maneira como se propala não serem recomendáveis "a nível de" e "mesmo" (no lugar do pronome reto ou oblíquo), por exemplo. Por conseguinte, eles apresentam sugestões de substituição de *sendo que* por ***e*** (opção 1) ou por *ponto e vírgula* (opção 2) ou por outra construção. Para atender à recomendação, vamos ver três frases de exemplo:

O enfoque é outro, **sendo que** a justiça constitui a legitimação da norma.

São dois os tipos de ambientes virtuais de aprendizagem destinados à educação, **sendo que** um deles foi desenvolvido com base num servidor *web*.

O tratamento com aqueles medicamentos era muito caro, **sendo que** este novo produto, além de custar menos, é mais eficaz.

OPÇÃO 1

O enfoque é outro, **e** a justiça constitui a legitimação da norma.

São dois os tipos de ambientes virtuais de aprendizagem destinados à educação, **e** um deles foi desenvolvido com base num servidor *web*.

O tratamento com aqueles medicamentos era muito caro, **e** este novo produto, além de custar menos, é mais eficaz.

OPÇÃO 2

O enfoque é outro**;** a justiça constitui a legitimação da norma.

São dois os tipos de ambientes virtuais de aprendizagem destinados à educação**;** um deles foi desenvolvido com base num servidor *web*.

O tratamento com aqueles medicamentos era muito caro**;** este novo produto, além de custar menos, é também mais eficaz.

Será que as opções sugeridas denotam melhor redação que a original? Em princípio, sobressai que a conjunção aditiva ***e*** ou o *ponto e vírgula* não têm a mesma força expressiva da locução conjuntiva visada. Já quando se trata de números, quantidades, é mais viável a alteração, como neste exemplo:

Em 1997 o curso à distância já contava com 160 mil alunos, **sendo que** 70% deles trabalhavam meio período.

Em 1997 o curso à distância já contava com 160 mil alunos, **70% dos quais** trabalhavam meio período.

Outro gramático que aborda rapidamente o assunto é Kury (1983, p. 188). Embora advirta que não é bom abusar da locução *sendo que* com o valor de ***e***, ele a considera aceitável quando configura a redução de "sendo certo que" ou "notando-se que". É o caso das frases utilizadas acima como exemplo, senão vejamos:

O enfoque é outro, **sendo [certo] que** a justiça constitui a legitimação da norma.

O tratamento com aqueles medicamentos era muito caro, **sendo [de notar] que** este novo produto, além de sair mais em conta, é também mais eficaz.

Enfim, trata-se de estilo, de gosto pessoal, jamais de erro. E a escolha por uma ou outra expressão vai depender muito do contexto, dentro do qual

se deve verificar se já não existe gerúndio em excesso, ou muitos *sendo que*, ou muito ***e***. O importante para a harmonia do texto é que não se utilize abusivamente de expressões fortes, marcantes. Apenas isso.

96. SE SE SABE OU SE SE SENTE...

O duplo *se,* que aparece nas frases abaixo, pode deixar a pessoa se perguntando se está sobrando palavra ou se a repetição faz sentido:

1. Paulino Jacques também faz uma crítica a essa terminologia, advertindo que é ambígua porque não se sabe **se se** trata de um novo direito ou do próprio direito do trabalho.
2. **Se se** aplicasse ao direito do trabalho a simples divisão usual do Direito em público e privado, separar-se-ia aquilo que vive em união interna.
3. Nessas sentenças haveria clareza **se se** observasse a regra citada.
4. **Se se** tratar da entrada, informe o responsável pelo setor de compras.

As frases acima, de 1 a 4, estão corretas, perfeitas. Em 2, 3 e 4 seria possível trocar o primeiro *se*, que é conjunção condicional, por *caso*, o que contudo não significa melhor estilo, mas apenas uma alternativa de redação:

2. **Caso se** aplicasse ao direito do trabalho a simples divisão...
3. Haveria clareza **caso se** observasse a regra citada.
4. **Caso se** tratar da entrada, informe o responsável...

No mais, é impossível a ênclise (o pronome depois do verbo) porque a conjunção subordinativa *se* atrai o pronome. E atrai justamente por questões de eufonia. Vejam como soaria mal: *Não se sabe se trata-se... *Se aplicasse-se... *Haveria clareza se observasse-se...

Não é à toa que Camões, há mais de quatro séculos, escreveu estes versos: *"Se se sabe ou se se sente, não (n)a digo a toda a gente"* [...] – provocando intencionalmente essa sonoridade. Observem que o usual é pronunciar \ se\ no 1° e \si\ no 2°, evitando-se o cacófato se-se.

Eis a explicação gramatical para o caso:

O primeiro *se* é sempre *conjunção condicional.*

O segundo *se* é *pronome*, que pode ter três funções:

- partícula apassivadora:

  Se **se** aplicasse a divisão... [= se fosse aplicada a divisão]

  Se **se** observar a regra... [= se a regra for observada]

- indicativo de verbo pronominal:

  Não sabe se **se** despede agora ou não, se **se** casa ou se **se** deita e espera.

- índice de indeterminação do sujeito:

  Para saber se **se** trata de entrada, é preciso analisar todo o material.

  Se **se** trata de um novo direito, saberemos.

  Se **se** ama, sente-se saudades.


LFQ
& ADVOGADOS ASSOCIADOS
ADVOCACIA CÍVEL E EMPRESARIAL
COBRANÇAS CONDOMINIAIS E DE ALUGUÉIS
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
tradição
39 ANOS DE HISTÓRIA.
Conhecimento e excelência que só a experiência traz.
OAB-PR n. 037
41 3224 2709
41 3224 1719
41 98517 8410
Mal. Deodoro, 235
12° andar - 1201 - 1206/8
Curitiba – Paraná
@lfqueirozadvogados
juridicolfqueiroz@grupojuridico.combr
www.grupojuridico.com.br

_preposições

97. A - A FALTA QUE FAZ

A preposição ***a*** indica várias circunstâncias, podendo-se elencar, entre outras menos visíveis: movimento; concomitância ou coincidência no tempo; situação no espaço: proximidade, contiguidade; instrumento, meio, modo; finalidade (DIAS, 1959, p. 109-20).

Interessa-nos agora apontar para a necessidade da preposição ***a*** na questão do movimento (ou direção a um limite) no tempo e no espaço, pois temos observado a sua ausência em expressões como "daqui **a** uns dias", talvez porque soe como **daqui uns dias*, ou **fica cerca de 2 km daqui*, em vez de "fica **a** cerca de 2 km". Outro mau exemplo está na frase **Cada passo que dou me fortaleço*, na qual a locução "a cada passo" foi mutilada, fazendo parecer que o sujeito seria *cada passo* (com a troca do verbo para a 3ª pessoa: Cada passo que dou me fortalece) em vez de *eu*: A cada passo que dou me fortaleço.

Vejamos então bons exemplos:

A que distância fica o castelo?

Está **a** cerca de 200 quilômetros ao sul.

A tantos metros encontra-se uma parada de ônibus.

A dois meses da eleição ainda não há candidato favorito.

Daqui **a** uns cinco dias teremos o resultado do exame.

98. A CORES, EM CORES

O correto pela norma padrão é dizer *televisão em cores*, assim como se diz *tevê em preto e branco* (e não *tevê a preto e branco). Da mesma forma se verifica, em situações similares, a preposição *em*:

O cartaz foi feito **em** várias cores.

Apareceram milhares de votos **em** branco.

As paredes serão pintadas **em** quatro tons mas **em** uma cor só.

Em quantas cores você quer o folheto?

Todavia, não se pode ignorar que a maioria das pessoas fala ***televisão a cores*** ou ***tevê a cores***, que devemos também aceitar, pois a preposição *a* costuma ser usada, por tradição (desde o português arcaico), no lugar de *em, de* ou *com* em situações semelhantes, como "carro *a* gasolina, navio *a* vapor, andar *a* cavalo", entre outras.

99. A CURTO, MÉDIO OU LONGO PRAZO

É também dentro do espírito de concorrência das preposições *em* e *a* que temos três possibilidades de uso:

Sentiremos as consequências **a médio prazo**.

Nossas finanças estarão recompostas **em curto prazo**.

No longo prazo, o mal que a reeleição vai produzir é coisa muito séria.

Embora essas três formas sejam válidas, as expressões correntes são *a curto prazo* e *a longo prazo*. Não há razão para certo corretor ortográfico sugerir apenas *em* curto prazo e *em* longo prazo.

Quando a locução acompanha um substantivo, também se usa a preposição *de* em certos contextos: prestações *de curto prazo*; programas *de longo prazo* (para realização a longo prazo / em longo prazo).

Eis mais evidências de que na língua portuguesa é muito comum a preposição *em* comutar com ***a***:

Vende-se **a** quilo / **em** quilo.

Eles tocam **a** quatro mãos / **em** (com) quatro mãos.

Navega **a favor** do vento / **em** favor do vento.

Parou **à frente** / **na** frente / **em** frente da escola.

Àquela altura / **naquela** altura dos acontecimentos, nada surpreendia.

Àquela época / **naquela** época se usava gravata-borboleta.

100. A DOMICÍLIO, EM DOMICÍLIO

As duas formas estão corretas: ***a*** domicílio, *em* domicílio.

A regra purista é usar ***a*** *domicílio* com palavras que indicam movimento (levar roupa, mandar o lanche, enviar bilhetes, trazer uma pizza, ir até a casa) e ***em*** *domicílio* quando *sem* movimento (dar aulas, cortar cabelo, fazer a unha/comida/consertos na casa da pessoa). Em suma: ***entregar em*** *domicílio* e ***levar a*** *domicílio*. No entanto, a prática indica que essa diferenciação está ultrapassada, pois o uso mais comum é *a domicílio* em ambos os casos.

A divisão certo/errado em termos de língua é relativa. *Em domicílio* é o certo segundo a gramática normativa, porque "entregar não é verbo de movimento" e porque se diz "entrega em casa". Este último argumento é falho porque igualmente se diz "cheguei em casa" embora continue sendo "cheguei **à** conclusão".

A domicílio é o certo no português brasileiro não padrão e até mesmo no português padrão, pois é assim que se expressa a grande maioria dos falantes cultos (os que têm curso universitário, segundo a ciência linguística).

Estudos de filologia mostram a grande variedade de uso da preposição ***a***, indicando que equivale a *em* nalgumas expressões avulsas e que concorre com *em* noutras, como nos dias do mês [*a/aos* ou *em* 29 de maio]; ademais, "em algumas locuções designa o modo" [a cavalo, às pressas]. Não se pode pensar que *a domicílio* designa modo – o modo de entrega?

O que proponho é a aceitação do diverso: aceitar a entrega ou coleta tanto *em domicílio* como *a domicílio* ou *em casa*.

101. A EXPENSAS, ÀS EXPENSAS

A palavra *expensas*, que significa despesas, custos, é usada apenas nesta locução, que equivale a "por conta de, à custa de" ou "*às custas de*". Até pouco tempo atrás só se admitia a construção com ***a*** (e não *às*) na língua culta, mas o uso se impôs – os dicionários registram as duas formas em condição de igualdade:

> Armou um batalhão **a expensas** suas.
>
> O rapaz, universitário, vive **às expensas** do pai.

102. A FAVOR, EM FAVOR

A favor e *em favor* são expressões equivalentes, cujo uso varia muito em razão do antecedente: vento a favor, nem contra nem a favor; trabalhei em seu favor, fiz um pedido em favor do Tiago.

Os políticos evitam se posicionar **a favor** / **em favor** do aborto.

103. A FIM, AFIM

Quando você quer dizer que tem vontade de fazer algo ou quer dar ideia de finalidade/objetivo, use *a fim de*, que por ser locução é invariável:

Saiu mais cedo **a fim de** resolver os negócios pendentes.

Estou **a fim de** um chope.

Afim se refere àquele que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco); é adjetivo mais comumente usado no plural:

Relacione neste quadro só os assuntos **afins**.

Isso não deve constar no parágrafo porque não é matéria **afim**.

João e Maria são **afins**.

104. A INTERVALOS, EM INTERVALOS

Não há diferença semântica entre *a intervalos* e *em intervalos*. Não é muito rara, nas locuções adverbiais, a permuta entre as preposições ***a*** e *em*, como nestes exemplos:

a curto prazo / **em** curto prazo
a domicílio / **em** domicílio
a goles / **em** goles
a longos prazos / (= **em** grandes intervalos)
em boa hora / **a** bom tempo
em redor / **ao** redor

A locução original, em todo caso, é *a intervalos*, que significa "de vez em quando, de tempos em tempos, aqui e ali, a espaços":

Prosseguiu falando **a intervalos**.

As nuances poéticas que ele, **a intervalos**, dava ao conto eram soberbas.

Mas no momento em que se usa um qualificador, a preposição passa a ser *em*:

Prosseguiu falando **em intervalos curtos** / **em grandes intervalos**.

105. À OU NA

Perguntaram-me se estão bem corretos estes dois casos: *Preferiu sentar-se* no *sofá*. *Sentamos* **à** *mesa principal*. Sim: pode-se usar tanto a preposição ***a*** quanto *em* com o verbo sentar(-se). Nós brasileiros ora falamos *sentar na* poltrona, *num* banco, *no* sofá, *na* mesa, ora *sentar à* poltrona, *a* um banco, *ao* sofá, *à* mesa.

Da mesma forma, pode-se dizer: bater *na* porta e bater *à* porta, lavar a roupa *na* mão e lavar a roupa *à* mão.

O fato é que o uso da preposição *em* é mais comum na fala, por ser mais audível do que ***à*** (cujo som se confunde com *há* e com ***a*** artigo ou preposição). Já a crase sugere uma escrita mais elegante e erudita.

Também nas expressões de tempo pode-se fazer a substituição do *em* pelo ***a*** (à/ao):

Não respondi ao telegrama pois **naquela** / **àquela** hora o correio já havia fechado.

Naquela / **Àquela** altura dos acontecimentos, ninguém se lembrou do cachorro.

O forno de micro-ondas custava, **na** / **à** época, uns oito salários mínimos.

Na / **À** oportunidade, envio-lhe meus cumprimentos.

No / **Ao** ensejo, reiteramos nossas cordiais saudações.

106. A PAR, AO PAR

A par, além de "ciente, ao corrente de", quer dizer "lado a lado, junto, ao mesmo tempo", semelhante a: *de par em par, (a) par e par, de par*:

Não precisam me dar conhecimento dos fatos, já estou **a par** de tudo.

Inspiração e suor caminham **a par**.

Os feixes de trigo foram colocados **a par**.

Ao par é expressão usada coloquialmente como sinônimo de *a par*, mas de preferência deve ser reservada para significar, na área financeiro-comercial, que estão em equivalência a cotação de um título de crédito e o seu valor nominal:

Com o novo pacote econômico o câmbio ficou **ao par**.

107. A PÉ, DE PÉ, EM PÉ

Vejamos as diferenças e semelhanças entre os três casos:

Estar *a pé* – estar sem carro, "desmotorizado". Ir (vir, viajar etc.) *a pé* = deslocar-se sem qualquer tipo de veículo:

Como estava **a pé**, pedi ao José uma carona.

Acho que teria sido preferível vir **a pé** até o centro da cidade.

Estar/ficar *de pé* – continuar firme, subsistir, resistir, manter-se:

O nosso jogo de sábado está **de pé –** avisaram por mensagem eletrônica.

Estar *em pé / de pé* – estar ereto sobre seus próprios pés, sem ser sentado ou deitado:

Permaneci **de pé / em pé** a missa toda.

Acabei pegando um ônibus lotado e fiz **em pé** todo o trajeto.

108. A PRINCÍPIO, EM PRINCÍPIO

O termo *princípio* se refere tanto a "origem, começo, estreia" quanto a "convicção, modo de ver, opinião que o espírito admite como ponto de partida", além de "preceito moral, regra, lei", entre outras acepções. Com as preposições ***a*** e *em* forma duas locuções diferentes, mas que em certos contextos podem até se confundir, a saber:

A princípio – no princípio, no começo, de início, inicialmente, primeiramente; de entrada, de começo (ou na gíria, "de cara"):

> Pensamos, **a princípio**, que se tratava de um animal pré-histórico, mas depois constatamos que era simplesmente uma espécie rara de predador.
>
> **A princípio** eu não sabia de nada, mas um dia ela me contou tudo.

Em princípio – em tese, em teoria, teoricamente, em termos, de modo geral, antes de qualquer consideração:

> Vais assistir ao filme conosco? – **Em princípio**, vou; mas dependo da confirmação de outro compromisso.
>
> **Em princípio** não estamos interessados em vender esse imóvel.
>
> "Hoje, reúno duas condições que **em princípio** se excluem: sou careca e grisalho." (Otto Lara Resende)

109. A TEMPO, EM TEMPO

Tanto faz utilizar *a tempo* como *em tempo* quando se quer dizer "no momento oportuno, dentro do prazo":

> Os moradores ao redor da usina nuclear receberam doses fatais de radioatividade, a menos que tenham sido retirados **a tempo**.
>
> Infelizmente eles não deixaram a casa **em tempo**.

Mas com *de* na sequência (tempo *de*), a preposição ***a*** é mais usual:

> Por sorte chegou **a tempo de** pegar o avião.

110. A(O) PONTO DE

Existem três expressões parecidas:

- Ao ponto

Diz-se de carne medianamente passada:

> Quero minha picanha **ao ponto.**

► A ponto de

a) Locução prepositiva que significa "prestes a; em perigo de"; segue-lhe um verbo no infinitivo:

> Quando chegou a visita, estávamos **a ponto de** sair de casa.
>
> Estivemos **a ponto de** comprar a casa que ruiu na última enchente – sorte nossa.
>
> Jota estava **a ponto de** afogar-se quando chegou o guarda-vidas.

b) Locução de valor consecutivo (recordemos as conjunções consecutivas: tão...que, tal...que, tanto...que, tamanho...que), com sentido equivalente a "a pique de"; também seguida de um verbo no infinitivo:

> O sujeito ficou furioso, **a ponto de** agredir fisicamente o árbitro (que esteve **a ponto de** perder a imparcialidade).
>
> Jota indignou-se **a ponto de** interromper o discurso do paraninfo.
>
> Tal programa vem cumprindo sua missão de maneira invejável, **a ponto de** suscitar muitas imitações.
>
> A inflação recrudesceu, **a ponto de** o presidente convocar reunião de emergência com a equipe econômica.

► Ponto

É um substantivo com o sentido de "limite, situação extrema" que pode ser definido: o ponto, esse ponto, que ponto, tal ponto etc.; muito usado com o verbo chegar, que requer a preposição ***a*** (se for usado o artigo, ficará *ao*):

> Bateu na mulher – nunca pensei que fosse chegar **a esse ponto**.
>
> A lei não chega **ao ponto de** exigir a assinatura do destinatário.
>
> O desequilíbrio o levou **ao ponto da** violência física.
>
> O condomínio tradicional perdeu importância nos últimos 40 anos diante da presença dos empreendimentos imobiliários subordinados à Lei 4.591/64, [chegando] **a tal ponto** que hoje se costuma adjetivá-lo como milenar, antigo.

111. AGENTE DE POLÍCIA, PROJETO DE LEI

A dúvida é qual a preposição a ser usada: agente *de* ou *da* polícia civil?

A rigor, uma vez que se qualifique ou determine o segundo substantivo de uma locução, deveria se determinar o antecedente usando *da* e não *de*. Por exemplo: "ele é chefe de gabinete". Se o gabinete é *da* presidência, como consequência se diria: ele é o chefe *do* gabinete *da* Presidência. Mas também é lícito dizer "chefe *de* gabinete da Presidência" quando se quer ou se precisa manter a unidade da expressão "chefe de gabinete". Isto é: ele é *chefe de gabinete* (do gabinete) *da Presidência*. Subentende-se a repetição da palavra *gabinete*.

Outro caso semelhante é o do "projeto de lei orçamentária", que está registrado, por exemplo, inúmeras vezes na Constituição Federal. Pode parecer estranho, mas tem a mesma lógica: *o projeto de lei* (da lei) *orçamentária*. Nesse tipo de estrutura está se evitando – reitero – a repetição do segundo substantivo (lei), que então estaria determinado pelo artigo. O *projeto de lei* forma uma unidade "imexível": o "projeto da lei orçamentária" seria outra coisa, diferente do "projeto de lei (da lei) orçamentária".

Chegamos, então, ao agente de polícia. O seu cargo é exatamente este: *agente de polícia*, assim como *delegado de polícia*. Mas qual polícia? perguntamos. – A polícia civil. Portanto, ele é um *agente de polícia da polícia civil*. Sem a repetição, dizemos: um *agente de polícia civil*.

112. ANTE, PERANTE

Ante *o* juiz ou ante *ao* juiz?

O correto é *ante o* juiz, fem. *ante a* juíza, porque não se trata de uma locução, mas da mera preposição *ante*; o ***a*** ou ***o*** que vem depois **é** o artigo definido eventualmente exigido pelo substantivo a seguir. Também se pode usar um artigo indefinido ou pronome. O mesmo vale para *perante,* que tem igual significado: "diante de, em presença de alguém ou de algo, em posição próxima ou frontal". Exemplos:

> **Ante a** plateia, ele vacilou.
>
> Calou-se **ante os** argumentos apresentados.

Ante um escândalo como esse, não sabemos o que pensar.

Apresentou-se **perante a** ministra com certa arrogância.

Perante tantas dificuldades, só nos resta torcer e rezar.

113. AO ENCONTRO DE, DE ENCONTRO A

Vir/ir de encontro a e *vir/ir ao encontro de* são duas expressões semelhantes na forma mas opostas na ideia que exprimem. É importantíssimo saber a diferença entre elas, não só para interpretar corretamente um texto (supondo que ele esteja correto) como também para informar de maneira precisa o que se quer dizer ao usar tal expressão. O problema é que ambas podem se encontrar no mesmo tipo de frase, por exemplo:

1. A promessa veio **de encontro aos** nossos desejos.
2. A promessa veio **ao encontro dos** nossos desejos.

Dependendo da promessa, você escolhe a primeira ou a segunda opção. Em 1 o prometido deve ser desagradável, ruim, pois *de encontro a* denota oposição, contrariedade. Em 2 o sentido muda completamente, pois *ao encontro de* designa algo agradável, bem-vindo; significa favorecimento.

Portanto, ao ler cada uma das frases abaixo, você a interpreta conforme a expressão ali encontrada:

Os homens públicos devem vislumbrar saídas que venham **ao encontro das** aspirações não só do seu eleitorado mas de toda a população.

Será que a construção de uma usina termelétrica virá **ao encontro dos** interesses da população?

A instalação de uma feira no bairro vem **de encontro à** vontade da minoria abastada.

Comportamentos antiéticos deveriam levar a pessoa a repensar os valores de sua profissão; senão ela estará indo **de encontro a** todos os princípios de seu juramento.

Em suma, a interpretação depende do contexto. Em geral a própria frase ou o parágrafo traz uma palavra negativa ou positiva que corrobora a expressão em uso. Observe os grifos:

Os noivos subiram a escadaria da igreja para **ir ao encontro** da *felicidade*.

Acho *ótima* sua ideia. Ela vem **ao encontro do** que eu tinha imaginado.

Infelizmente seu projeto foi **de encontro ao** desejo da maioria.

Essa medida *arbitrária* virá **de encontro às** aspirações da sociedade.

Além disso, as expressões são usadas no seu sentido mais óbvio, de "encontrar" mesmo, por um lado, e de "bater, ir contra", por outro, como nos seguintes exemplos:

Subiu a rampa para ir **ao encontro do** presidente.

O carro desgovernou-se e foi **de encontro ao** muro.

Voltem o mais rapidamente à nossa companhia, **ao encontro de** seus amigos do campo e dos bairros; visitem nossas casas; conversem conosco.

Guarde este resumo:
Ao encontro de: a favor, favorável a; para junto de
De encontro a: contra; em oposição, em prejuízo de

114. AO GLOBO - PREPOSIÇÃO E ARTIGO COM NOMES PRÓPRIOS

Deve-se escrever, por exemplo, "minha resposta *ao* Globo ou *a* O Globo"?

Há três variações. A primeira é desconsiderar o artigo definido que possa existir no nome do jornal, na razão social da empresa ou no título de uma obra, como é o caso de: *O Globo, O Estado do Maranhão, A Gazeta Esportiva, Os Lusíadas, Os Sertões, A Divina Comédia*. Esse artigo fica incorporado à preposição anterior, não sendo escrito em maiúscula:

Na minha última resposta **ao Globo**, mencionei esse caso.

Vi suas fotos **no Globo**.

Vovô costumava dirigir-se por carta **à Gazeta Esportiva**.

Apreciamos os artigos publicados **pelo Estado do Maranhão**.

O professor não aceitou cópia **dos Lusíadas** nem **da Divina Comédia**.

A segunda possibilidade – mais usada em obras literárias do que em jornais – é separar a preposição daquele artigo que faz parte do nome próprio:

> Os alunos se debruçaram sobre a lexicografia **de Os Sertões**.
>
> O professor pediu que ela encontrasse tal figura de linguagem **em Os Lusíadas**.
>
> Vi uma foto sua **em A Gazeta Esportiva** de 1998.
>
> Dirigiu-se por *e-mail* **a O Globo**.

A terceira opção é o uso do apóstrofo, que, embora esteja previsto no Acordo Ortográfico (ABL, 2009), não é moderno:

> Vi sua foto **n'O** Globo.
>
> Encontrei sua dedicatória **n'Os** Sertões.

115. APÓS E DEPOIS

Rigorosamente falando, há uma distinção entre os dois vocábulos:

Após é preposição – liga palavras ou termos de uma oração: *ano após ano, um após outro, Pedro após Paulo.*

Depois é advérbio – basicamente modificador do verbo: *falaremos depois, vou depois.*

E temos ainda a locução prepositiva *depois de*, que rege um substantivo ou um pronome: *depois da chuva, depois de mim, depois de você.*

Acontece que *após* vem sendo usado há séculos também nas duas últimas situações (como advérbio e no lugar da locução): *falaremos após, após a chuva, após mim...* Já não dá para dizer que esse emprego esteja errado, mas certamente é melhor usar *depois (de)* com verbos e também com o particípio: *veremos depois, sairei depois, depois de distribuído, depois de organizado.*

Recomenda-se ainda usar *depois* (nunca *após*) no início da oração se tiver o sentido de "posteriormente, em seguida":

> Disse que não ia. **Depois,** disse sim.
>
> Pensou muito e **depois** tomou a decisão.

116. ATRAVÉS DE

No seu sentido original, a expressão *através de* equivale a "por dentro de, de um lado a outro, ao longo de, no decurso de":

Curiosa, observava tudo **através da** janela.

Andou **através de** campos e matas.

Grael velejou **através de** todo o mar.

Foi sempre o mesmo cidadão **através dos** anos.

Houve um tempo em que se sugeria não recorrer a *através de* como sinônimo de *por meio de*, caso em que expressões como *através do* ***telefone****, através* ***deste****, através de um* ***comunicado****, através da* ***gente****, através do* ***rádio*** estariam incorretas. Entretanto este uso acabou se generalizando.

Enfim, já está consagrado, acertado e dicionarizado o uso da locução *através de* em qualquer sentido:

O convênio foi firmado **através da** Fundação de Tecnologia.

Educamos **através de** exemplos.

Tal energia entra no corpo **através do** bulbo raquidiano.

Nem haveria uma razão lógica para não usarmos *através de*, expressão tão comum em outras línguas, como o espanhol *a través de*, o inglês *through* e o francês *à travers de*.

O que devemos procurar é evitar muitas repetições dentro de um texto, empregando também as variações disponíveis: *mediante, por intermédio de, por meio de*.

117. CERCA DE, ACERCA

A locução *cerca de* significa "aproximadamente, quase":

Cerca de duas horas depois da missa o pároco faleceu.

Ela diz que emagreceu **cerca de** quatro quilos em uma semana.

Foram destruídas **cerca de** mil casas.

Antecedida da preposição ***a***, a locução marca distância aproximada:

> Não devem demorar, pois só foram ao sítio, **a cerca de** 10 km daqui.

Antecedida da forma verbal *há*, tem o sentido de certo tempo transcorrido:

> Os vizinhos saíram de casa **há cerca de** uma hora. [faz mais ou menos uma hora]

Temos também a locução *acerca de*, que tem o mesmo sentido de "a respeito de, quanto a, sobre":

> Falou duas horas **acerca da** nova proposta de lei.
>
> Sempre tenho dúvidas **acerca da** sinceridade de suas palavras, principalmente quando repete que me ama "há cerca de dez anos".

118. COM REFERÊNCIA A, REFERENTE A

À primeira vista, o caso parece banal, mas sei que não é, pois muitas vezes já encontrei em redação de aluno a construção "Referente ao verbo, não há erro" quando deveria ser "Com/Em referência ao verbo, não há erro".

A locução *com referência a* tem função prepositiva; é invariável; o substantivo *referência* é o núcleo de uma construção adverbial. Nesta situação, a expressão pode ser substituída pelas locuções prepositivas que relacionamos abaixo:

> **Com referência a** esses assuntos, é melhor consultar o chefe.
>
> **Com relação ao** incêndio, não se sabe a causa.
>
> **Quanto à** intenção do réu, nada ficou provado.
>
> **Relativamente ao** incêndio do Mercado, ainda não temos o laudo.
>
> Não se sabe nada **no tocante a** / **no que toca a** suas intenções.
> **no que tange a**
> **no que concerne a**
> **no que se refere a**
> **no que diz respeito a**

Já a palavra *referente* é um adjetivo, um qualificador de nome, e neste caso vem sempre depois de um substantivo; é variável (tem plural):

Ainda não li a crônica **referente** à atuação da CPI.

As providências **referentes** ao caso devem ser divulgadas.

Não serão publicados os artigos **referentes** à corrupção no Paço.

E *referente* pode comutar com outros adjetivos:

Li o artigo **concernente** à impunidade no Brasil.
alusivo
atinente
pertinente
relacionado
relativo
respeitante

119. CONOSCO E COM NÓS DOIS

O caso da preposição *com* em relação ao pronome oblíquo é peculiar, pois com ele o *com* se amalgama, à exceção da 3ª pessoa: *comigo, contigo, com ele/ela, conosco, convosco, com eles, com elas*. Registre-se, porém, que se usa *com nós* quando aparece um aposto, um elemento especificador depois do pronome:

O diretor discutiu o caso apenas **com nós três**.

Com nós da família aconteceu o mesmo.

Quando isso acontece **com nós próprios** é que entendemos a solidão.

No final da cerimônia o presidente falou **com nós todos**.

120. CONSOANTE O, CONSOANTE AO/À

As duas formas podem ser corretas dependendo do contexto.

Como adjetivo, com o sentido de "que consoa, está em consonância e harmonia", usa-se a preposição ***a*** ou *com*:

Ali se exige uma prática **consoante à** teoria.

O tema está **consoante com** o público infantil.

Entretanto, o emprego mais comum de *consoante* é como preposição, à maneira de *conforme* (de acordo com, segundo), neste caso sem o uso de outra preposição:

> **Consoante** César Pasold, pode haver função sem poder, mas nunca poder sem função.
>
> A cláusula de eleição de foro, **consoante** disposição do art. 55 da Lei 8.666/93, servirá para dirimir questões contratuais.
>
> **Consoante** o disposto no art. 175, incumbe ao poder público a prestação desses serviços.

121. DADO O, DADA A

Que não se faça confusão com *devido a*, apesar da semelhança de significado e uso. *Dado* é um particípio; não rege preposição, portanto não forma uma locução, mas concorda com o substantivo sequente:

> **Dado o** mau tempo, cancelou-se o evento.
>
> **Dada a** dificuldade em alugar uma casa, ficaremos no apartamento.
>
> **Dados os** benefícios indiretos da medida, acabamos por aceitá-la.
>
> **Dadas as** condições de tempo, não fomos à praia.

122. DE FÉRIAS, EM FÉRIAS

Pode-se dizer das duas maneiras:

> Ele está **em** férias. / Ele está **de** férias.
>
> Vou entrar **em** férias. / Vou entrar **de** férias.

Mas basta você acrescentar um adjetivo às férias para que se eliminem as opções – aí só se deve usar a preposição *em*:

> Os trabalhadores das indústrias têxteis entrarão **em férias coletivas** amanhã.
>
> Sairemos **em férias regulamentares**... e merecidas!

123. DE/DA/DO NO CASO DE SECRETARIAS E OUTRAS ENTIDADES

Secretaria Municipal *da* Saúde ou Secretaria Municipal *de* Saúde?

Ambas as preposições estão corretas. Entre Secretaria *de* Saúde e Secretaria *da* Saúde não há diferença de sentido, apenas de forma (questão de rigor gramatical *versus* questão evoluída de uso).

Em princípio, os substantivos (em geral abstratos) que não contêm nenhuma especificação ou determinação de significado dispensam a anteposição do artigo definido. Por exemplo:

Queremos paz e amor.

Temos saúde.

Precisa-se de justiça e caridade.

Demonstrou a relação entre ciência e tecnologia.

É possível ter educação sem bons livros?

Sendo assim, usa-se a preposição *de* nos seguintes casos, entre outros:

Secretaria Municipal **de** Saúde

Secretaria de Estado **de** Educação

Secretaria Estadual **de** Planejamento

Ministério **de** Minas e Energia

Procuradoria **de** Justiça

Hospital **de** Clínicas

Instituto **de** Tecnologia e Meio Ambiente

Mas também se pode usar *da* em situações idênticas, mesmo que não haja especificação do substantivo. Ou seja, embora com significado amplo e genérico, tais nomes podem ser precedidos do artigo determinado. É uma tradição no Brasil; é mais comum e chega a soar melhor em muitos casos:

Secretaria **da** Saúde

Secretaria **da** Indústria e Tecnologia

Ministério **da** Educação

Ministério **do** Planejamento

Hospital **das** Clínicas

Palácio **da** Justiça

Fundação **do** Meio Ambiente

Outra pergunta que sempre me fazem é se se deve repetir o artigo ou a preposição quando a instituição tem mais de uma área no seu âmbito. O certo é Secretaria *da* Educação e *da* Cultura ou Secretaria *da* Educação e Cultura?

A resposta é: *não* se repete a preposição no segundo e no terceiro termos de uma mesma pasta, de modo que fique marcada sua unidade ou pertencimento a um mesmo regime. Além do mais, isso evita confusão quando se faz referência a mais de um órgão. Veja-se, por exemplo, como fica problemática a distinção para quem não conhece bem a estrutura governamental:

Sua solicitação não poderá ser atendida no momento, conforme informação que recebemos das Secretarias *da Administração e da Cultura e do Desporto*. [São duas ou três? Quais duas?]

De acordo com projeto de lei encaminhado à Assembleia no dia 8, as Secretarias *da Fazenda e do Planejamento e da Administração e da Cidadania* terão maiores encargos. [São duas, três ou quatro secretarias, afinal?]

Nessas frases haveria clareza se se observasse a regra citada:

Sua solicitação não poderá ser atendida no momento, conforme informação que recebemos das Secretarias **da** Administração e **da** Cultura e Desporto.

De acordo com projeto de lei encaminhado à Assembleia no dia 8, as Secretarias **da** Fazenda e Planejamento e **da** Administração e Cidadania terão maiores encargos.

O ideal é que seja adotado um critério uniforme na nomenclatura dos órgãos municipais, estaduais ou federais, tanto em relação ao *de/da/do* quanto no tocante à repetição da preposição. Bons exemplos:

Secretaria **dos** Transportes e Obras

Secretaria **da** Justiça e Cidadania

Secretaria **da** Educação e Desporto

Secretaria **do** Desenvolvimento Rural e Agricultura

124. DE ELA IR OU DELA IR - CONTRAÇÃO E INFINITIVO

Na sequência *de+artigo+substantivo+infinitivo*, ou *de+ele/ela+infinitivo*, são correntes duas formas de uso:

1. Com a preposição *de* separada da vogal posterior:

   Eles têm defendido a possibilidade **de a** União **conceder** isenção de tributos.

   O fato **de ele ser** assim me comove.

2. Com a preposição *de* contraída ao artigo ou pronome:

   Apesar **dos** políticos **serem** tão operosos, não houve quórum para a aprovação das medidas.

   Qual a possibilidade **dela trabalhar** aqui?

A contração pode ocorrer porque na fala há uma natural fusão da preposição *de* com a vogal seguinte, ficando *da, do, dele, dela*. Entretanto, pela gramática normativa, não se deve fazer isso na escrita porquanto "não existe sujeito preposicionado".

Assim, quando se diz, por exemplo, *Está na hora da onça beber água*, a onça, sujeito do infinitivo *beber*, fica antecedida por uma preposição em desacordo com as normas gramaticais. Só que em alguns casos realmente não soa bem a separação da preposição, especialmente quando se tem uma frase feita. Dizer "Está na hora *de a* onça beber água" iria descaracterizar a expressão. Por isso mantém-se a fusão (*da* onça). Mas num texto formal (e nos concursos!) trocaríamos a construção "Está na hora *do governo intervir* no câmbio" por "Está na hora *de o governo intervir* no câmbio".

O Acordo Ortográfico promulgado em 2008 reforça o uso gramatical: "Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os, as*, ou com quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontece estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo, não se emprega o apóstrofo, nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente:

a fim de ele compreender; apesar de o não ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; o fato de o conhecer; por causa de aqui estares."[8]

Convém perceber que a maior parte dessas construções acontece com as expressões *o/pelo fato de, apesar de, antes/depois de, a possibilidade de, o direito de...*

Com a separação da preposição *de* do substantivo ou do pronome *ele/ela/eles/elas* que precede o infinitivo temos sentenças mais elaboradas, próprias da linguagem escrita formal:

> A participação dos alunos é obrigatória, **apesar de** eles **poderem** escolher a atividade.
>
> Há rumores sobre a **possibilidade de o** grupo **negociar** sua rendição.
>
> Mágoas ele tem algumas, especialmente **depois de a** Justiça não **ter** levado em conta sua vida antes do crime.
>
> Essa ação não elide o **direito de o** credor **ver** cumprida a liminar.
>
> Um ponto delicado é o **fato de a** droga **ser** injetável, gerando discussão sobre o manuseio e descarte das seringas infectadas.

Nas frases em que está presente um substantivo tal como *possibilidade* ou *direito*, é possível manter a contração, porém repetindo a preposição:

> Essa ação não elide o direito **do** credor **de** ver cumprida a liminar.

Quando as frases são mais simples e refletem a fala corrente, é comum a contração da preposição *de* com um artigo definido ou pronome da terceira pessoa (singular ou plural). Embora malvista em situação formal, devo dizer que essa fusão se encontra até em bons textos, e no correr da leitura poucos reparam na sua "impropriedade":

> Apesar **do artigo 10 vedar** tal contrato, ele foi assinado.
>
> Apesar **da ação ter** transcorrido há muitos anos, ela ainda é lembrada.
>
> Pelo fato **do filho ser** menor de idade, não haverá problemas.
>
> Antes **da chuva cair**, saímos.

8 Acordo ortográfico da língua portuguesa : atos internacionais e normas correlatas. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014, p. 28 (Base XVIII, 2º, b, obs).

Também se pode evitar essa situação trazendo o infinitivo para a frente do substantivo (quando possível e soar bem):

Antes **de cair a** chuva, saímos.

O fato **de ser a droga** injetável foi menos mau.

Apesar **de ter a ação** transcorrido...

125. DEVIDO A

O uso de *devido a* não tem "respaldo nos autores cuidadosos", no dizer do professor Adriano da Gama Kury, porque a locução surgiu da "masculinização" do particípio do verbo *dever*, que "concordava normalmente com o substantivo referente: 'ausência *devid***a** a motivo imperioso'; com o tempo, foi-se usando o masculino, surgindo a locução: 'ausência *devido* a motivo imperioso'" (KURY, 1989, p. 198, grifo do autor).

Já a opinião de Celso Luft (Mundo das Palavras 2.606) é a seguinte: "Os puristas não gostam desta locução e acham que *devido* deve ser usado apenas como particípio: o acidente *foi devido* (= deveu-se) a um descuido. O uso corrente da locução, claro, desautoriza os puristas".

Em todo caso, observe-se a concordância quando *devido* é realmente particípio e atente-se para a colocação do acento indicativo de crase diante de substantivo feminino, dada a presença da preposição ***a*** nos dois casos: Acidentes *devidos* ***a*** motoristas imprudentes / ***ao*** desatino / ***à*** imprudência do motorista... Foi cancelado o espetáculo *devido* ***a*** problemas / *devido* ***ao*** tempo / *devido* **à** chuva.

De qualquer modo, para quem gosta da locução, é um conforto saber que ela já está dicionarizada desde 1957. Consta no *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* de Laudelino Freire, embora com a ressalva:

> **Devido a**, loc. prep. Por causa de, em razão de, em virtude de: "Humilde e pronta, mais *devido ao* terror que à lealdade, ao serviço acorria" (Porto Alegre). Obs.: "O uso, porém, do particípio *devido*, em frases como: '*Devido ao* mau tempo, adiou-se a festa', – '*Devido à* epidemia reinante, ficam suspensas as aulas desta escola' – e outras iguais que muito amiúde lemos e ouvimos, é coisa recente. O que empregam os bons escritores, em vez destes *devidos* das frases modernas, é *por causa de, em razão de, em virtude de, por obra de, em consequência de, graças a*. E às vezes a só partícula *por* basta a remediar a incorreção" (Mário Barreto). (FREIRE, 1957, p. 1925).

Quero deixar claro que não é "proibido" utilizar *devido a* (expressão que termina num *a* obrigatório), mas sim – como apontam alguns gramáticos – é recomendável evitar seu uso na linguagem culta formal. No mínimo, não se deve usá-la a torto e a direito. Por isso apresento abaixo algumas alternativas; elas poderão ser úteis aos leitores que não gostam de ser repetitivos em sua redação:

O rapaz sobreviveu **devido à** habilidade do piloto.

Os produtores de uva tiveram uma queda de produção de 70% **devido à** ocorrência de geadas.

Em virtude do mau tempo, a festa foi suspensa.

Em razão do ocorrido, o prejuízo foi grande.

Em face do exposto, solicitamos a autorização para o corte das árvores.

Face à confissão do réu, novo julgamento será marcado.

Cortaram as pensões **em vista das** irregularidades encontradas.

O caixa foi demitido **em consequência da** fraude que descobriram.

Afastaram o técnico **em decorrência dos** maus resultados obtidos.

A empresa faliu **pela** falta de cuidados dos donos.

Não joguei bem **por causa de** uma lesão no tornozelo, disse o atleta.

Dado o estrelismo da equipe, a comissão resolveu tomar atitudes mais enérgicas.

Compraram uma casa maior **em função da** gravidez.

Foi salvo **graças à** experiência dos bombeiros. (ver box)

GRAÇAS À

É oportuno lembrar que a locução *graças a* deve ser empregada apenas no bom sentido, com fatos positivos, como neste outro exemplo: "Houve uma queda muito acentuada da mortalidade no pós-guerra **graças aos** antibióticos".

126. EM + GERÚNDIO

Está correto o uso de *em sendo, em se tratando,* ou é modismo?

Esse uso não constitui um modismo. Ao contrário. O *em* com o gerúndio é fórmula usada há alguns séculos (já no português arcaico) como alternativa quando o gerúndio exprime tempo, hipótese ou condição "se com o verbo subordinante se expressa o que costuma acontecer, ou uma ação futura" (DIAS, 1959, p. 242). É o caso de:

> **Em aparecendo** Isabel na praia, o sol se abria de repente.
> [= quando aparecia]
>
> **Em se tratando** de contravenção, devemos recorrer ao Judiciário.
> [= quando se trata, como se trata]
>
> E **[em] sendo** a liquidez um dos pressupostos para a execução, é imprescindível a produção de outras provas. [= já que / como a liquidez é um dos]

Os meios modernos de comunicação orientam seus redatores a evitar o uso do gerúndio com a preposição *em*, visto ser muito literária essa construção. Em inglês é usual (corresponde a ***by** doing so*), e seria facilitado o trabalho dos tradutores se em português "pudéssemos" também usá-la. Uma boa opção é empregar nesse caso, conforme a conveniência, a fórmula equivalente, com o infinitivo antecedido de preposição: ***ao fazer** assim...*

127. EM ANEXO

Há quem diga ainda hoje que a expressão *em anexo* não existe e que seria correto apenas o uso da palavra *anexo* acompanhando o substantivo: certidão anexa, boletim de ocorrência anexo... Mas se estamos a discutir a expressão é porque ela existe!

Comecemos com a palavra isolada: *anexo* é um adjetivo, portanto variável em gênero e número conforme o substantivo a que se refere. A flexão é obrigatória:

> A certidão segue **anexa**.
>
> As cópias **anexas** devem ser rubricadas por Vossa Senhoria.

Todas as informações estão contidas no boletim **anexo**.

Os documentos **anexos** devem ser preenchidos e devolvidos a esta diretoria.

A locução adverbial *em anexo* possui o mesmo sentido do adjetivo e pode ser usada no mesmo tipo de frase. Até recomendo às pessoas que têm alguma dificuldade com a concordância nominal que utilizem sempre a locução, pois aí não há perigo de erro, uma vez que ela fica invariável em qualquer situação:

A certidão segue **em anexo**.

As cópias **em anexo** devem ser rubricadas por Vossa Senhoria.

Todas as informações estão contidas no boletim **em anexo**.

Os documentos **em anexo** devem ser preenchidos e devolvidos a esta diretoria.

As mesmas orientações valem para o adjetivo *apenso* e para a locução *em apenso*.

128. *EM* E *DE*, OMISSÃO POSSÍVEL

- Em

É correto dizer "no momento que" ou é obrigatório o uso da preposição *em*: "no momento em que"?

Em primeiro lugar, a elipse da preposição é uma liberalidade da língua nos adjuntos adverbiais de tempo, sobretudo na fala. Podemos dizer de uma ou de outra maneira:

Neste ano / **Este** ano mudaremos de casa.

Chegarei **no** sábado / Chegarei sábado.

No dia 10 / Dia 10 teremos Lua Cheia.

Domingo próximo / **No** próximo domingo estaremos de volta.

O resultado sai esta semana / **nesta** semana.

Na terça-feira / Terça-feira o programa se repete.

Muitas vezes fica forçado o uso do *em* (*no, na, neste*) nesses casos, sobretudo quando há outras preposições por perto. A eufonia pode ser uma boa via de escolha.

Da mesma forma, a preposição *em* também pode ser omitida antes do pronome relativo *que* quando este introduz uma oração temporal. São exemplos clássicos:

> Neste tempo **que** as âncoras levavam... (Camões)
>
> No instante **que** sucedeu o que vos citei... (A. Garrett)
>
> No tempo **em que** o lobo e o cordeiro... (Bernardes)
>
> No momento **em que** se quis erguer... (A. Herculano)

Como se vê, o uso da preposição em frases desse tipo não é questão de certo/errado, mas sim de escolha por conveniência ou bom ouvido. Na dúvida, contudo, ou num texto formal, é sempre melhor usar a preposição.

Exemplos atuais:

> No tempo (**em**) **que** Sarney era presidente, a inflação corria solta.
>
> Todos se levantaram na hora (**em**) **que** o imperador Hirohito falou.
>
> No momento (**em**) **que** os discípulos se aquietaram, o mestre desapareceu.
>
> No / O dia (**em**) **que** eu souber de uma falha sua, ficarei desapontado.

Fora desse caso relacionado a *tempo*, a preposição diante do pronome relativo é obrigatória na linguagem culta formal (cf. tópico 151).

▸ De

Também a preposição *de* é facultativa ao introduzir uma oração: (1) completiva nominal ou (2) objetiva indireta. Vale dizer que depois de adjetivos como *certo/seguro/ansioso* ou substantivos como *esperança/receio/medo* (no caso 1), ou de verbos transitivos indiretos que regem a preposição *de*, como *duvidar/lembrar/convencer-se* (no caso 2), muitas vezes a preposição *de* é omitida, especialmente na linguagem falada. Exemplos:

CASO 1

Estou **certo** (de) que seremos bem-sucedidos.

Estamos **convencidos** (de) que ele virá.

Estava **ansioso** (de/para) que ele viesse.

Tenho **esperança** (de) que meus colegas concordem.

Temos **certeza** (de) que nosso time vencerá.

Temos **receio** (de) que ela não passe no vestibular.

Tenho **conhecimento** (de) que ela foi aprovada.

De Machado de Assis, sem a preposição: "Já achava o Elisiário à minha espera, à porta, *ansioso que* eu chegasse".

CASO 2

Convenceu-se (de) que a situação vai melhorar.

Lembre-se (de) que nada é perfeito.

Esqueceu-se (de) que já havia comentado o caso.

Assegurei-me (de) que nada faltaria.

Duvido (de) que eles reatem o namoro.

Torço (para) que ele volte.

129. EM FUNÇÃO DE

Eis outra expressão que deve ser usada com parcimônia. A palavra *função* já tem inúmeras "funções" (significados) e por isso pode sobrecarregar o texto. Quando o seu sentido equivale a "em resultado de", pode-se trocá-la por outra locução, como *em razão de, em virtude de, por causa de, graças a*, especialmente se houver a mesma palavra nas proximidades. Exemplos:

Era sua *função* manter a ordem. *Em função de* tanto zelo, receberia aplausos. / **Em virtude de** tanto zelo, receberia aplausos.

Em função disso, o imposto deve aumentar. **Em razão disso** / **Por essa razão,** o imposto deve aumentar.

Vítima de previsíveis trocadilhos *em função de* / **pelo fato de** seu

sobrenome soar em inglês como a palavra limão, o ator Jack Lemmon não tinha nada de azedo.

Também consta nos dicionários o seu sentido correspondente a "de acordo com; na dependência de". É esse, na verdade, o significado original em francês (*en fonction de* = *selon*), língua que influenciou o emprego desta locução prepositiva no português. O que ocorreu – e já está sedimentado – foi uma tradução direta de *en fonction de* por *em fun*ção de, em vez de "segundo, de acordo com" ou ainda "dependendo de", expressões que na língua inglesa são traduzidas por *according to; depending on*. É assim que a mesma expressão em francês e inglês acaba recebendo diferente tradução, sendo a mais apropriada aquela traduzida do inglês:

Ils seront sélectionés en fonction de *leurs aptitudes.*
→ Eles serão selecionados *em fun*ção de suas aptidões.
They will be selected according *to their skills.*
→ Eles serão selecionados **de acordo com** suas aptidões.

Ça *peut varier* en fonction du *pays.*
→ Isso pode variar *em função do* país.
This may vary depending on *the country.*
→ Isso pode variar **dependendo do** país.

130. EM NÍVEL, A NÍVEL

Muito me perguntaram se se fala ***em*** *nível de* ou ***a*** *nível de*. Fácil é dizer que *em nível* constitui a forma "correta". Mais difícil é explicar a razão e a origem de tal expressão. Pensa-se que *a nível* é tradução do francês *au niveau*: trocou-se o *au* por *ao* sem se atentar que *em* seria a preposição mais apropriada para o caso, visto ser esta que indica "lugar onde" ou o alcance de uma situação no tempo e no espaço.

Não se pode desconhecer que há uma tendência na língua portuguesa ao uso da preposição ***a*** no lugar de *em*, do que são exemplos atuais: *a cores, a domicílio, a curto prazo*. Em outras locuções adverbiais as preposições se alternam: *a* tempo = *em* tempo, pagar *em* dinheiro = *a* dinheiro. Em muitos casos a preposição ***a*** é a preferida: *em/aos borbotões, em/às gargalhadas, em/ao certo, em/a céu aberto, em/a par, em/aos ombros, em/a rigor* etc.

Tudo isso quer dizer que não há rigidez no uso das locuções adverbiais. Hoje entendo que o problema não é a preposição, mas sim o emprego indevido

ou abusivo da locução *em/a nível de*. Vejamos então as possibilidades existentes para quem almeja escrever com mais propriedade e elegância (no Brasil, porque os portugueses usam *a nível de* sem nenhum problema).

1. Emprego errôneo de *a nível de* no lugar de uma preposição (indica problema de regência):

   Errado: As queimadas, embora prejudiciais, não tinham efeito *a nível da* contaminação da cadeia alimentar e da água.
   Certo: As queimadas, embora prejudiciais, não tinham efeito **na** contaminação da cadeia alimentar e da água.

   Errado: Isso possibilita pensar *a nível de* múltiplos caminhos e soluções.
   Certo: Isso possibilita pensar **em** múltiplos caminhos e soluções.

   Errado: A resposta está bastante difundida não só na bibliografia especializada mas também *a nível do* senso comum mais generalizado.
   Certo: A resposta está bastante difundida não só na bibliografia especializada mas também **no** senso comum.

   Errado: Respeita os valores sociais que atuam *a nível dos* sujeitos.
   Certo: Respeita os valores sociais que atuam **nos** sujeitos.

   Errado: O assunto deve ser tratado *a nível de* família.
   Certo: O assunto deve ser tratado **em** família.

2. Emprego abusivo, sem necessidade – basta excluir as duas palavras intrometidas:

   Havia uma resistência (a nível) pessoal às normas estabelecidas no regulamento.

   O tema foi decidido numa reunião (a nível) de ministros.
   [ou reunião ministerial]

   Sua meta é desenvolver um trabalho (a nível) de ginástica para executivos.

   O que se pode oferecer (a nível) de bebida a uma mulher?
   [ou mudar a frase: Que tipo de bebida se pode oferecer a uma mulher?]

3. Emprego inadequado quando se quer dizer "com relação a, no que se refere a, em termos de":

   Impróprio: Verificamos a falta de esquemas predefinidos *a nível das* técnicas.

Mais adequado: Verificamos a falta de esquemas predefinidos **relativamente às** / **com relação às** técnicas.

Impróprio: *A nível de* transmissão, o processo de desenvolvimento tecnológico tem início com o par de fios de cobre, chegando à fibra ótica.
Mais adequado: **Em termos de** transmissão, o processo de desenvolvimento tecnológico tem início com o par de fios de cobre, chegando à fibra ótica.

4. Alternativas para substituir a locução quando o sentido é "âmbito, instância, esfera, plano":

Originalmente: Criou um programa *a nível de Estado e de município.*
Substitua: Criou um programa **estadual e municipal** / para o **Estado e municípios** / de âmbito / abrangência **estadual e municipal**

Originalmente: A matéria que está sendo veiculada *a nível nacional* atinge toda a classe política.
Substitua: A matéria que está sendo veiculada **nacionalmente** atinge toda a classe política.

131. EM QUE PESE A/À

Temos duas maneiras de empregar esta expressão: "em que pese *o* fato, em que pesem *as* circunstâncias" (sem a prep. ***a***), ou como locução prepositiva: "em que pese às dificuldades, em que pese *ao* temporal".

Há diferença entre elas? Não de sentido, mas de sintaxe. No primeiro caso você flexiona o artigo e o verbo pesar de acordo com o substantivo próximo:

Em que **pese o** temporal, houve jogo.

Em que **pese a** chuva, houve jogo.

Em que **pesem os** problemas financeiros, devem continuar a viagem.

Em que **pesem as** circunstâncias, continuaram a viagem.

No segundo caso, o verbo pesar mantém-se no singular, seguido da preposição ***a***, que pode fazer a contração com o artigo definido:

Em que **pese a** tantos problemas, eles largaram o emprego.

Em que **pese ao** temporal, houve jogo.

Em que **pese à** chuva, sairá o piquenique.

Em que **pese aos** problemas financeiros, compraram carro novo.

Em que **pese às** dificuldades, fizeram a festa.

Explicação para os dois usos:

Em que pese a é a locução clássica; foi usada por Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, Garrett e outros autores portugueses e brasileiros. O seu sentido se origina do verbo "pesar" = incomodar, doer, magoar. Ou seja, a expressão quer dizer "ainda que cause pesar a alguém, ainda que lhe custe ou que contrarie sua opinião". O som do ***e*** é fechado: em que pêse a... Era mais usada em relação ao pesar das pessoas: "Em que pese (isso) ao rei, faremos a invasão" ou "Só Deus é Deus e Mafoma o seu profeta, em que pese isto aos incréus" (Gonçalves Dias). Entretanto veio a ser usada também em relação a coisas, daí o "em que pese ao temporal, às dificuldades" etc.

Em que pese(m) substitui a forma arcaizada, tomando o verbo o sentido de "ter peso" = valor, importância, valia, influência. Portanto, quer dizer: ainda que (isso) tenha peso, importância; apesar disso, farei aquilo. O ***e*** tem pronúncia aberta: em que pése a chuva...

Em resumo: tratando-se de pessoa, a palavra *pese* deve ficar invariável e acompanhada da preposição ***a*** (em que pese *à* família enlutada, *aos* incrédulos); quando se tratar de coisa, pode ser feita a flexão (em que pesem *as* dificuldades, em que pese *o* temporal). Mas nunca se deve usar apenas "pese", tipo "Foi feito isso, *pese a intenção de fazer o contrário"; uma opção correta é *apesar de*: "apesar da intenção".

132. EM RELAÇÃO A, COM RELAÇÃO A

Esta locução pode iniciar com *em* ou *com*:

Nada ficou provado **em relação a** João ou aos negócios que ele tinha em Miami.

Com relação à documentação, verificar sua origem.

Para não ser repetitivo, anote outras locuções que podem ser utilizadas para expressar a mesma circunstância:

com referência ao assunto
com respeito ao documento
no que concerne ao tema tratado
no que tange à administração
no tocante à lei
relativamente a isso

133. EM UM OU NUM

Não há nada na gramática e tampouco nas obras de literatura contra o uso da contração da preposição *em* com os artigos indefinidos: *um, uns, uma, umas*. A aproximação dos dois elementos conduz naturalmente, pela ressonância nasal, à contração: *num, numa, nuns, numas*. Tanto é que se fala assim.

Deixo por conta de Evanildo Bechara a síntese do caso:

> Sabemos desde os primeiros bancos escolares que, quando se encontra na cadeia da frase a preposição *de* com o artigo definido ou pronome iniciado por vogal, se dá a contração: O livro *de o* menino / O livro *do* menino. A casa *de ele* / A casa *dele*. Já com os artigos indefinidos e certos pronomes iniciados por vogal esta contração é facultativa: O livro *de um* menino / O livro *dum* menino. É revista *de outros* tempos / É revista *doutros* tempos (BECHARA et al., 2002, p. 177).

A observação a fazer é que no Brasil o uso de *dum* é menos frequente do que em Portugal. Recebi mensagem de um lusitano assim: "Votos dum feliz Natal". Também na *Revista Luso-Brasileira,* de Florianópolis: "A Marcha dum Povo". Entretanto, *num* é tão usual aqui quanto lá. Existem algumas situações em que a eufonia exige mesmo a contração, por exemplo quando a palavra anterior traz a terminação *em*: Creem em um só Deus [em em]. Melhor: Creem num só Deus.

O único caso em que se recomenda (mas não se obriga, cf. exemplo 3, abaixo) usar *em um* é quando se trata do numeral, como nesta frase: Ele estará de volta **em um ou dois** dias.

Fui procurar tal uso no grande escritor brasileiro Machado de Assis. Em duas páginas seguidas de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1978, p. 22-3) já deparei com três ocorrências:

1. "Como tocássemos, casualmente, **nuns** amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados, vi-a falar com desdém."

2. "Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava **numa** planície branca de neve."

3. "Logo depois, senti-me transformado na *Suma Teológica* de Santo Tomás, impressa **num** volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas."

Frases de outros autores brasileiros:

> "Olin-Pin, abastado comerciante de óleos e arroz, vivia **numa** imponente mansão em Kin-Tipê." (Millôr Fernandes, *100 Fábulas fabulosas*)

> "Cuidar também que lamparinas ardam **numa** e **noutra** casa, pois o inimigo pode atacar à noite." (Deonísio da Silva, *Avante, soldados: para trás*)

> "Ele fora enviado pelo partido **numa** missão secreta. [...] Foi **num** fim de tarde em que os dois passeavam de mãos dadas por um parque nos arredores de Munique." (Fernando Morais, *Olga*)

Então, não é questão de bom ou mau uso, certamente. Apenas de estilo e gosto – gosto pela redação mais fluente que as contrações das preposições com os artigos sem dúvida propiciam.

134. EM VEZ DE, AO INVÉS DE

Na teoria, temos o seguinte:

Em vez de significa "em lugar de"; dá ideia de substituição:

> Peço usar 11 cadeiras **em vez de** 12.

> Quando chove as crianças ficam em casa **em vez de** irem à escola.

> Serviram cerveja **em vez de** refrigerante.

Ao invés de significa "ao contrário"; indica situação oposta:

> **Ao invés de** ajudar-me, seu gesto me prejudicou.

> Subiu **ao invés de** descer.

> Ali compareceu o pessoal da direita **ao invés do da** esquerda.

Isso é o que dizem os livros e manuais de gramática. Na prática, porém, nem sempre essa distinção é clara, pois toda ideia de oposição implica uma coisa

no lugar de outra, o que dá margem ao uso de *em vez de* – ou mesmo *no lugar de* – em qualquer situação. Vamos conferir:

> Seu gesto me prejudicou **em vez de** me ajudar.
>
> **Em vez da** direita, quem compareceu ao comício foi a esquerda.
>
> Ela subiu a rampa **em vez de** descê-la.

O gramático Napoleão M. de Almeida (1981, p. 26) assevera: "A primeira locução – *em vez de* – pode ser usada nos dois casos; a segunda, que se prende ao étimo *inverse* (inversamente), denota sempre contraste, oposição; não pode ser empregada como simples sinônima da primeira". Daí se conclui que utilizar apenas (ou pelo menos em caso de dúvida) a expressão *em vez de* significa estar sempre certo.

E para quem sabe inglês, devo chamar a atenção de que a tradução de ambas as locuções é uma só: *instead of*, o que mostra mais uma vez o artificialismo da "diferença" entre elas.

135. ENTRE...E, DE...A

A correlação certa na indicação de um período entre duas datas é *entre...e* ou *de...a*:

> O evento acontecerá **de** 10 **a** 20 de maio próximo.
>
> Estaremos viajando **de** julho **a** setembro.
>
> Ele disse que passaria por Veneza **entre** os dias 21 **e** 30 do corrente mês.

Também se usa *entre...e* para correlacionar dois espaços ou duas situações quaisquer:

> **Entre** o fim do inverno **e** o início da primavera notamos mudanças maiores na natureza.

136. ENTRE E DENTRE

Dentre é a combinação das preposições *de+entre*. Por consequência, você só vai usar *dentre* com verbos que exijam ao mesmo tempo as duas

preposições, como *sair, tirar, surgir, destacar, extrair* e similares. Podemos nos certificar de que está correto o uso de *dentre* quando o substituímos por *do meio de*:

> Ressurgiu **dentre** os mortos. [ressurgiu *de* entre = do meio dos mortos]
>
> Tirou, dos fatos, as suas conclusões; **dentre** estas, tirou uma que doeu.
>
> Pinçou, **dentre** os destroços, um pedaço de fotografia antiga.

No mais, use *entre*, principalmente com verbos transitivos diretos. Embora tenha outros significados, a preposição *entre* pode ser pensada aqui como equivalente a *em meio a*:

> Citou, **entre** outros, Sabino e Veríssimo.
>
> **Entre** tantas gravatas, comprou a mais cara.
>
> Não distinguiu, **entre** os alunos, aquele que sempre tirava 10.

137. ENTRE ELES... SEM VÍRGULA

Não há necessidade nem motivo para usar uma vírgula depois da locução *entre eles* ou *entre elas*. Bons exemplos:

> Compramos uma grande variedade de frutas, **entre elas** maçã, jabuticaba, fisális e framboesa.
>
> Até o fechamento desta edição ele havia passado por vários países do Caribe, **entre eles** Aruba e Curaçao.

138. ENTRE MIM E VOCÊ

Se ocorrer pronome pessoal após a preposição *entre*, preceitua a gramática normativa que a forma deve ser a de pronome oblíquo (NEVES, 2000, p. 684). Portanto, o recomendável seria dizer "Esse segredo deve ficar *entre mim e você*", por exemplo. Nas regiões em que o pronome usual é *tu*, o correto formal seria *entre mim e ti*.

Todavia, na linguagem popular do Brasil é comum e aceitável dizer assim:

> Esse segredo deve ficar **entre você e eu**.

O que acontece **entre eu e minha mulher** só diz respeito a nós dois.

Essa rejeição ao *mim* só se dá com a preposição *entre*. Com as demais preposições o uso desse pronome é natural: *a* mim, *até* mim, *contra* mim, *de* mim, *em* mim, *para* mim, *por* mim, *sem* mim.

139. FACE A, FRENTE A E OUTRAS LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Talvez ainda haja pessoas que condenem a locução *face a*, a qual a seu ver deveria ser *em face de*.

O fato é que *face a* existe: é uma forma evoluída, reduzida e moderna da locução originária *em face de*, que a princípio comutava com à *face de*. Ambas eram usadas com o sentido de "diante, perante, defronte, na presença de". Mais tarde surgiu a variante com a preposição ***a*** no final: *em face a* (por possível analogia com "junto a, próximo a"). Inovação mais recente é a redução para *(em) face a*.

O mesmo se dá com *em frente a* e *em frente de* comutando com *frente a*, locução cuja legitimidade não é questionada. São comuns frases como:

A advogada se rendeu **frente aos** argumentos da promotoria.

A cerimônia será na casa **em frente à** minha.

Houve um acidente **em frente de** casa.

Lembro, contudo, que é preciso ter conhecimento da crase para poder usar as variantes que terminam com a preposição *a*:

face a o exposto → **face ao** exposto

face a a explicação → **face à** explicação

em face a o exposto → **em face ao** exposto

em face a as normas → **em face às** normas

Quem prefere não se arriscar com a crase deve se ater a locuções semelhantes que não terminem com ***a***, com estas:

À vista do exposto...

Ante os fatos apontados...

Diante das evidências...

Em face das normas adotadas...

Em vista da situação encontrada...

Aí estão várias opções. O que não se deve é eliminar uma delas por preconceito ou purismo. O maior gramático que o Brasil já teve, Ernesto Carneiro Ribeiro, termina as suas *Ligeiras Observações sobre as Emendas do Dr. Rui Barbosa feitas à redação do Projeto do Código Civil* (1917, p. 92) com estas palavras: "Temos, logo, razão de dizer: o purismo exagerado, intransigente, é impossível, perante o estudo histórico das línguas".

140. JUNTO A, COM, DE

Para indicar proximidade, pode-se usar *junto de* ou *junto a:*

Ele só se diz feliz **junto dela**.

Nosso embaixador **junto ao** Vaticano foi quem nos orientou.
[significado especial: "adido a"]

Encostou o carro **junto ao** passeio.

O governador logrou êxito **junto às** autoridades federais para que fossem liberadas outras linhas de crédito.

Pretendemos obter um empréstimo **junto ao** Banco X.

JUNTO A

Estritamente falando, *junto a* significa apenas "perto, próximo, ao lado". Por isso, o uso de *junto a* para solicitar/obter/acertar providências de alguém em algum lugar era malvisto por puristas. Mas não há como negar a sua frequência em jornais, revistas, livros, daí a sua aceitação atual mesmo na língua culta.

Para indicar companhia, combinação – *junto com*:

Ficarei **junto com** você o tempo que for necessário para tranquilizá-la.

Listar o movimento do material **junto com** *a quantidade estocada.*

Também para exprimir combinação temos a locução prepositiva formada pelo advérbio *juntamente* no lugar de *junto*:

> *Listar o movimento do material* **juntamente com** *a quantidade estocada.*

141. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS E CRASE

A locução prepositiva é composta de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples (ex.: *ao lado de, de acordo com, frente a*). Sua função é a mesma da preposição. Como queremos chamar a atenção para o uso da crase com as locuções prepositivas, só nos interessam agora aquelas que acabam na preposição ***a***.

Como são relativamente poucas as locuções que se enquadram nessa categoria, vamos ver um exemplo de cada uma acompanhada de um substantivo feminino determinado, situação que exige o uso da crase:

1. **Graças à** competência do médico, o menino se curou completamente.
2. **Em atenção à** reclamação formulada por sua empresa, revisaremos o produto.
3. Foram abertas inscrições **com vistas à** renovação da diretoria.
4. Nada apuramos **quanto à** participação da nossa equipe no campeonato estadual.
5. **Em relação à** solicitação de emprego que V. Sa. nos fez, nada podemos adiantar.
6. Qual seu interesse **relativamente às** tabelas afixadas no mural?
7. O governo se calou **no tocante às** perguntas sobre o empréstimo compulsório.
8. Qualquer matéria **com referência à** música minimalista é de nosso interesse.
9. **Face às** necessidades detectadas, novas prioridades serão estabelecidas.
10. Qual foi sua atitude **com respeito à** difamação?
11. O carro pifou **próximo à** rua onde morávamos.

12. **Frente às** reivindicações dos funcionários, a diretoria fará alterações no quadro.

13. Parou **em frente às** galerias.

14. Vamos nos encontrar **defronte à** barbearia do Luís.

15. Viajou **em direção à** fronteira.

Outras duas locuções são *devido a* e *junto a*, que têm destaque especial nos tópicos 125 e 140 respectivamente.

142. OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Dúvida de um aluno: *Salvo melhor juízo, parece-me equivocada a redação do art. 229, inc. III, do Código Civil, que dispõe: "Art. 229. Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato: [...] III – que o exponha, ou ÀS pessoas referidas no inciso antecedente, a perigo de vida, de demanda, ou de dano patrimonial imediato.*

Nesse caso não houve equívoco, não: a redação do inciso destacado está correta. Ele se refere ao fato de o verbo *expor* ser transitivo direto em relação a pessoa – o que está visível no início da frase [que o exponha] com o pronome oblíquo *o* – e no entanto aparecer um *às* diante de *pessoas referidas* quando se sabe que a preposição denota um objeto indireto. Se naquela oração o verbo fosse repetido, o complemento *pessoas* não admitiria preposição: "que o exponha, ou que exponha as pessoas referidas no inciso antecedente, a perigo de vida etc." Mas no inc. III o que temos é um *objeto direto preposicionado*, possibilidade prevista na língua portuguesa para algumas situações. Explico.

Sabemos que o objeto direto caracteriza-se por não vir preposicionado, mas há exceções. Observemos, por exemplo, a frase *O benefício atingiu os trabalhadores* – entre o verbo e o objeto não há preposição, a qual todavia aparece nas construções a seguir:

O benefício atingiu **a** todos.

O benefício atingiu **a** quem?

O benefício atingiu **a** ambos os herdeiros.

O benefício atingiu **a** nós e não **a** vocês.

O benefício atingiu somente **a** José.

Tais frases estão corretas? Sim. Por uma questão de eufonia, é permitida a anteposição da preposição ***a*** ao objeto direto quando ele é constituído de palavras como *todos, quem, ambos* etc. Essa e as demais possibilidades são esquematizadas abaixo.

O *objeto direto* pode ser precedido de preposição:

1. Quando tem como núcleo *nome personativo*:

Judas traiu **a Jesus**.

Na escola aprendia-se a amar **a Deus** e à Pátria.

Estimo **a Leandro**, meu sobrinho.

2. Quando se constitui de *pronome pessoal tônico* (neste caso, obrigatoriamente) ou dos pronomes *todos, quem, outro, ninguém*:

O benefício atingiu **a nós** e não **a vocês**. [Caso de pronome pessoal tônico. O átono seria: atingiu-nos]

Não amou **a ninguém**; quis **a todos**; desejou **a quem** desdenhava.

As mulheres deviam apoiar não só **a mim** mas **a outras mulheres**.

3. Quando é objeto direto o numeral *ambos*:

A chuva molhou **a ambas**.

Vi **a ambos** no trem rumo a Salzburg.

4. Quando o objeto direto vem *antecipado*:

Ao inimigo não se poupa.

Ao cliente ele explora vergonhosamente. [Compare: Ele explora **o cliente** sem dó.]

5. Para *evitar ambiguidade* (mesmo que puramente teórica):

Trata o rapaz como **a um filho**. [Sem preposição a frase poderia ser interpretada assim: Trata o rapaz como um filho (trata o rapaz)].

6. Nas *construções paralelas*, quando não se repete o verbo, caso do exemplo do Código Civil:

"Conheço-os e **aos leais**." [Compare: Conheço-os e conheço os leais.]

Senhor diretor: devo avisá-lo e **aos seus funcionários** que o projeto está pronto.

Os profissionais foram distribuídos por diferentes lugares, sem que se possa precisá-los e **às datas.**

143. PARA MIM (LER) - SEQUÊNCIA PREPOSIÇÃO + PRONOME + INFINITIVO

É muito difundida no Brasil a sintaxe "*disse para mim ir, para mim trabalhar, para mim descansar*". Há uma explicação para isso se se considera que toda língua transplantada é mais arcaizante que a original: no período em que se falava o português arcaico – entre os séculos 12 e 16, justamente quando o Brasil foi descoberto – usava-se o pronome pessoal sujeito pelo pronome complemento e vice-versa. Exemplos apresentados na *Gramática histórica* de Ismael de Lima Coutinho (1968, p. 67): *"o coração pode mais que mim"* e *"enforcariam ele"*.

No entanto, a gramática normativa determina o uso de *eu, tu, ele, nós, vós, eles* (os pronomes pessoais retos) como sujeitos, e os pronomes oblíquos como complementos do verbo (objeto direto ou indireto). Quando se acrescenta um verbo no infinitivo ao sintagma *para mim* – para mim ler *v.g.* –, aí *mim* deixa de ser objeto indireto para ser sujeito desse infinitivo. Ao transformar a oração reduzida em desenvolvida temos a prova do sujeito: "um livro para eu ler" é igual a "um livro para que eu leia"; "presente para eu embrulhar = para que eu embrulhe".

Em suma: *mim* não pode ser sujeito, *mim* é objeto indireto: *de* mim, *para* mim, *sem* mim. Portanto, seria errado dizer "comprei a passagem para mim viajar" porque *mim* teria aí o papel de sujeito [de viajar], e o emprego do pronome oblíquo com função subjetiva é considerado erro pela gramática tradicional. Comparem as frases sem o verbo no infinitivo e com ele:

Entregou o bilhete **para mim**. / Entregou o bilhete **para eu ler** depois.

O abacaxi é **para mim**. / O abacaxi é **para eu descascar** agora.

Fez um pavê **para mim**. / Fez um pavê **para eu experimentar**.

O produtor mandou 100 páginas **para mim**. / Mandou 100 páginas

para eu decorar até amanhã.

Um alerta – pode-se encontrar ***para mim*** diante de um infinitivo corretamente colocado, como nestes enunciados:

Está sendo difícil **para mim** aceitar seu novo casamento.

É importante **para mim** fazer alongamento numa academia.

Foi mais interessante **para mim** ler sua redação do que para você escrevê-la.

Aparentemente estamos contrariando a sequência *para+eu+infinitivo*. Então vamos rever a regra: o pronome é reto quando sujeito do infinitivo. Acontece que nas frases acima o infinitivo não tem um sujeito, ele é o próprio sujeito da oração principal. Para confirmar, façamos a construção na ordem direta:

Aceitar seu novo casamento está sendo difícil **para mim**.
[complemento nominal de *difícil*]

Fazer alongamento numa academia é importante **para mim**.

Ler sua redação foi mais interessante **para mim** do que [foi] para você escrevê-la.

144. PRA

É correto escrever *pra* (sem acento no ***a***), contração de *para a* – já que assim se reproduz a nossa fala diária – em determinados contextos: na linguagem coloquial, na exposição de um diálogo, na propaganda, em frases feitas:

Não dê bola **pra** isso, filho.

Então ela pergunta **pra** formiga: "Muito trabalho?"

Agora sim, é **pra** valer!

É um prato bom **pra chuchu**.

Correu **pra burro**, mas conseguiu o que queria.

Também se encontra a contração *pro*, mas o masculino é menos comum na escrita. Exemplo de uma campanha popular: "Não dê forças **pro** sarampo".

145. PREPOSIÇÃO *A* COM O VERBO VIR

Não é indiferente o uso da preposição com o verbo vir: há mudança de significado. Na combinação de *vir* (e suas conjugações) com outro verbo no infinitivo existe uma boa distinção. A ver:

1. Com *vir+infinitivo* tem-se a noção de *chegar* ou de se locomover com alguma finalidade. A preposição *para* está implícita:

   Vim [para] **saber** o que ocorreu.

   A senadora **veio participar** da campanha eleitoral.

   Espero que **venhas trazer** o dinheiro ainda hoje.

   Os três bolivianos não **vieram cursar** medicina, mas sim enfermagem.

2. O uso de *vir+a+infinitivo* tira da locução verbal a noção de finalidade e empresta-lhe o sentido de "acontecer, ocorrer, suceder", de "chegar" mas não com o sentido físico:

   Vim a saber da tragédia pelos jornais. [aconteceu de eu saber]

   A senadora **veio a participar** da campanha eleitoral. [chegou a participar]

   Espero que **venhas a encontrar** o que queres. [que acabes encontrando]

   Depois de um tempo, **veio a amá-lo** como a um filho.

146. PREPOSIÇÃO DUPLA

Em português (embora não tanto como no inglês), também se vê uma preposição regendo outra em certos casos de ênfase ou maior definição. A prep. *por* exprime, entre outras coisas, ideia de percurso, e quando esse percurso se dá *sobre* alguma coisa, como por exemplo uma trave, é possível deixar isso bem claro: a bola passou **por sobre** o gol.

Outros exemplos de dupla preposição:

O bichinho passou **por entre** a ramagem.

Mergulham e desaparecem **por sobre** o imenso telheiro.

Passou **por detrás** do galpão.

O terreno lhe foge **de sob** os cascos.

Cumpre seus deveres **para com** a religião.

147. REPETIÇÃO OU NÃO DE PREPOSIÇÕES

É possível ocorrer a elipse da preposição em séries coordenadas (sequência de dois ou mais substantivos regidos por preposição):

Conseguiu o cargo à custa **de** concessões e promessas humilhantes.

Tudo por honra **dos** santos e dias de festa!

Quando a preposição vem acompanhada de artigo, é mais frequente repeti-la:

Sua influência se verifica **na** medicina, **na** biologia, **na** educação e **na** estratégia empresarial.

Silva impetrou mandado de segurança **contra** o gerente regional e **contra** o diretor financeiro da Fazenda.

Saiu em direção **à** Argentina e **ao** sul do continente.

Ele falou **das** restrições e **dos** usos e costumes.[9]

Na língua espanhola e na francesa só se usa a preposição a primeira vez, repetindo-se todavia o artigo, por isso é chamado de castelhanismo ou galicismo esse mesmo emprego em português. É o caso, por exemplo, de *Todos se opuseram *às* arbitrariedades *e os* desmandos, em vez de: "Todos se opuseram *às* arbitrariedades e *aos* desmandos". A solução para esse impasse é não repetir nem a preposição nem o artigo, como visto inicialmente: "Todos se opuseram *às arbitrariedades e desmandos* daquele Poder".

Comentemos algumas preposições especificamente:

- **A** – Pode-se usar a prep. ***a*** combinada com o artigo diante de cada substantivo, ou então só colocá-la antes do primeiro:

  Fez um tributo **à** beleza e **ao** charme da mulher brasileira.
  Fez um tributo **à** beleza e charme da mulher brasileira.

9 Não se diria dos usos e dos costumes porque "uso e costume" é expressão feita, em que os termos juntos denotam uma só coisa.

As pessoas se referem **aos** erros, **aos** acertos e **aos** desvios do processo.
As pessoas se referem **aos** erros, acertos e desvios do processo.

- **De** e **Em** – É normal sua repetição:

  Suas obrigações constam no Estatuto **da** Criança e **do** Adolescente.

  Lauri faz um programa dominical **na** rádio e **na** tevê.

- **Por** – Esta preposição pode ser repetida, mas quando ela se contrai com o artigo formando *pelo/pela* se nota uma tendência generalizada a usar apenas o artigo na segunda vez. Em qualquer caso, a frase fica melhor sem a repetição:

  Passou **por** problemas e (por) dificuldades.

  A melhoria do ensino passa **pela** formação e **o** treinamento dos professores.

  A melhoria do ensino passa **pela** formação e treinamento dos professores.

- **Com, Contra, Para** – Neste caso tem ocorrido o castelhanismo sem que os ouvidos brasileiros manifestem reação de repulsa:

  Tal atitude milita **contra a** efetividade do processo e **a** realização do direito.

  A associação Pintores **com a** Boca e **os** Pés não é beneficente.

  Tal projeto contribui na construção de uma cultura de direitos, deveres, liberdade e responsabilidade voltada **para as** crianças e **os** adolescentes. [embora coubesse perfeitamente: *para as crianças e adolescentes*]

De qualquer modo, fica a recomendação no sentido de que analisem o castelhanismo (em itálico, abaixo) antes de usá-lo, para ver se não resulta malsoante. Segue-se opção de redação:

Os camponeses se orientam pelo sol, a lua e as estações.
Os camponeses se orientam **pelo** sol, (pela) lua e (pelas) estações.

Ele é figura singular na vida pública brasileira, tão marcada pelo oportunismo, a demagogia e a retórica fácil dos tribunos da plebe.
Ele é figura singular na vida pública brasileira, tão marcada **pelo** oportunismo, (pela) demagogia e (pela) retórica fácil...

Os dois princípios são temperados e ajustados aos tempos e os lugares.
Os dois princípios são temperados e ajustados **aos** tempos e (aos) lugares.

Por fim, repetir a preposição fortalece os elementos, dá destaque a cada um deles separadamente, ao passo que a preposição única enfatiza o conjunto, como podemos ainda observar nestes exemplos:

Atribui-se um caráter interdisciplinar necessário **ao** ensino**, à** pesquisa e **à** extensão.

É hora de se redesenharem muitos conceitos relativos **à** educação, ensino, aprendizagem e conhecimentos.

148. RESIDENTE À, RESIDENTE NA

A rigor, como os verbos *morar, residir, situar, localizar* e semelhantes são regidos pela preposição *em*, deveria se usar *na* e não à nos casos específicos. Mas é muito comum o uso intercambiável das preposições ***a*** e *em*, como anotamos em diversas ocasiões. Então, nesta situação se veem ambas as formas: *na rua* e *à rua*, com preferência por esta última na língua escrita. O mesmo acontece com seus derivados *morador, residente, domiciliado*:

Ela reside **à** rua Tupi.

Jacó Silva, brasileiro, casado, domiciliado **à** rua Sete de Setembro, requer...

Vende-se casa [situada/sita] **à** avenida Salinas.

Vamos nos encontrar na sede do Partido, **à** R. Cristal.

Aluga-se imóvel [localizado] **à** Av. Central, no Kobrasol.

Na língua falada justifica-se o uso mais frequente de *na* porque o ***à*** se confunde na pronúncia com *há* e com o artigo ***a***. Já o *em*, combinado ou não com um artigo, não deixa margem a dúvidas:

Residimos **na** rua Tupi.

A casa está situada **na** avenida dos Guararapes.

Você ainda mora **na** mesma travessa?

A sede do Partido se localiza **na** rua do Ouvidor.

Isso não quer dizer que não se possa ou não se deva escrever "Vende-se casa *na* Av. Central", "residente e domiciliado *na* rua Botucatu". Absolutamente! É uma boa opção. Mas por outro lado não se pode tachar de erro o emprego do ***a*** craseado nesses casos, uma vez que já está consagrado pelo uso... e abonado pelos gramáticos.

Quanto aos gramáticos, valho-me do saudoso Celso Luft, que, na sua coluna O Mundo das Palavras 2.347, resume o assunto desta forma: "No português brasileiro atual, com o verbo *morar* e derivados a preposição originária **em** pode comutar com **a** (esta, sobretudo na língua escrita): morar (morador) **na** ou **à** Rua X. O mesmo vale para *residir (residente)* e *situado, sito*".

149. SOBRE

Vejamos este exemplo: "Sobre ser leal e atencioso, o mordomo reunia as qualidades do zelo e da minúcia".

Estranhável à primeira vista, tal construção frasal está perfeita. A preposição *sobre*, a par do seu sentido usual de "em/por cima, acima de, em posição superior, relativamente a, acerca de", entre outros menos votados, significa "além de". Portanto, nesse caso se disse que, além de ter outras qualidades, o mordomo era leal e atencioso.

Mais dois exemplos:

> **Sobre** serem dóceis, as duas gatas eram lindas e espertas.
>
> A interpretação lógica é aquela que, **sobre** examinar a lei em conexão com as demais, investiga também as condições e os fundamentos de sua origem e elaboração.

150. TENDÊNCIA (DE)

O substantivo *tendência* pode ser regido por mais de uma preposição: *a, de, em, para*:

> Tem tendência **à** embriaguez.
>
> Opõe-se à sua tendência **de** conferir o ascendente.
>
> Observou a tendência natural das crianças **em** contrariar tudo.

A senhora respondeu que não tinha tendências **para** freira.

No caso da preposição *de* em situações como "a tendência é", encontram-se frases ora com a preposição, ora sem:

Tendência é **de que** problemas com chuvas aumentem!

A tendência **é de** as provas oficiais se expandirem para além do Estado.

Portanto, a tendência **é** que não se registrem nem ganhos nem perdas.

O mercado está confiante, e a tendência **é** a queda do dólar.

Contudo, quando se tem a construção *tendência+verbo ser+predicativo* (ou *oração predicativa*), a preposição pode ser omitida. Aliás, a frase fica melhor sem ela:

A tendência **é** melhorar.

Nossa tendência **é** conquistarmos o hexa.

A tendência **é** a queda dos preços.

151. PREPOSIÇÃO NECESSÁRIA ANTES DE *QUE*

**Sabe aquele lugar que você planejava viver no futuro? A inauguração é hoje.*

Assim foi escrito no lançamento de um condomínio. A construtora se preocupou com os "apartamentos totalmente mobiliados", mas a agência de propaganda falhou na redação do texto. O correto segundo a norma-padrão seria:

Sabe aquele lugar **em que** você planejava viver no futuro?

Isso porque o verbo viver reclama a preposição *em* (você vive *em* um lugar), que deve aparecer nitidamente na frase. Neste caso, a preposição se desloca para a frente do pronome relativo *que*, o qual introduz a oração subordinada em que se encontra o verbo preposicionado. Nos exemplos abaixo, observe entre colchetes o mesmo verbo com sua preposição:

A marca **em que** você sempre **confiou** está de volta. [confiar em]

Só faço as coisas **de que gosto**. [gostar de]

Não publicou as notas mais importantes **a que** me **referi**. [referir-se a]

Ninguém precisou se perguntar **a que** pressões **aludia** o presidente. [aludir a]

A gramática interior do falante lhe permite saber a preposição adequada a cada situação. É natural dizermos "confiou na marca, gosto de coisas boas, eu me referi a notas importantes, ele aludia a pressões"; porém é preciso um bom ouvido para reconhecer a falta da preposição quando ela está distante do verbo. Nem todas as pessoas sentem problema na frase "A marca que você sempre confiou", por exemplo.

Na fala cotidiana a tendência é simplificar deixando de lado essas particularidades. Todavia, quem quer escrever de acordo com o padrão culto formal não pode omitir essa preposição que antecede o pronome relativo.

haus

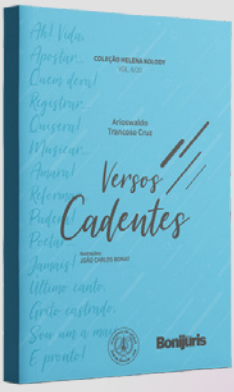
Coleção

Helena Kolody













Para adquirir a versão impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **POESIA15**

41 3323 4020 www.livrariabonijuris.com.br 0800 645 4020

_crase

152. O QUE CHAMAMOS DE CRASE

Entende-se por crase a fusão de vogais idênticas. Em Gramática Descritiva se utiliza o termo para designar a contração da preposição ***a*** com o artigo definido ***a*** *(as)* e com *aquilo, aquele* e flexões, contração indicada pelo acento grave: *à/às, àquele, àquilo.*

ACENTO GRAVE

Uma curiosidade: até meados do século 20 não existia o acento grave. Essa notação era feita pelo acento agudo: *áquelle* por *a aquelle*, *á mão* por *a a mão.*

Destaco ainda duas acepções do Dicionário Houaiss (2001) no verbete *crase* que corroboram o modo brasileiro de expressar esse fato linguístico:

3.1 A contração da preposição *a* e o artigo *a* (ou no pl.: *as*), grafada *à*, *às*, e seu emprego na língua escrita (já que na fala essas formas geralmente não se distinguem). Ex.: <erra muito em crase> <fez muito erro de crase>

4. Derivação: por extensão de sentido. **O acento grave que marca na escrita a contração**.

Sendo a crase a fusão da preposição ***a*** com o artigo ***a***, como dito antes, ela tem a ver fundamentalmente com os *substantivos femininos*, explícitos ou implícitos, pois são eles os termos determinados por artigo, o que não ocorre em nenhuma outra classe gramatical. Naturalmente esse substantivo pode estar precedido de um adjetivo, pronome ou numeral (adjuntos adnominais), mas é com ele – o substantivo como núcleo de um sintagma nominal – que a crase está relacionada.

153. VERBOS

O universo dos verbos que admitem **à** ou **às** após si é relativamente restrito, pois compreende apenas os verbos *transitivos indiretos* e, entre estes, somente aqueles que exigem complemento regido da preposição ***a***.

Nas frases abaixo, de construção semelhante, vamos perceber o mesmo verbo seguido de complemento *com* crase e *sem* crase (neste último caso, trata-se ou do objeto direto ou do sujeito da oração):

Abandonou à própria sorte os filhos pequenos quando se aventurou com um desconhecido.
Abandonou a própria sorte quando se aventurou com um desconhecido.

A massagem relaxa e **leva à mente o** aquietamento.
A massagem relaxa e *leva a mente ao* aquietamento.

Favor **anexar à folha 4 o** mapa estatístico.
Favor *anexar a folha 4 ao* mapa estatístico.

Vai à luta com você, pois solidário ele é.
Vai a luta ser desigual? todos nos perguntamos.

Sugeriu à diretoria a concentração de esforços nas escolas.
Sugeriu a diretoria a concentração de esforços nas escolas.

ARTIFÍCIO: troca do feminino por masculino

Um bom artifício para confirmar se em determinada circunstância o verbo exige a crase é trocar seu complemento feminino por um masculino, de preferência sinônimo. Onde se usa *ao*, deve-se usar **à**, pois um **à** (a a) é o feminino de um *ao* (a o):

Fez agradecimentos **à equipe** [ao grupo].

Fale **à moça** [ao rapaz] sobre isso.

Anexar essas informações **à folha** 4 [ao volume].

154. NOMES: SUBSTANTIVOS, ADJETIVOS E ADVÉRBIOS

Usamos o termo gramatical "nome" para designar genericamente os substantivos, adjetivos e advérbios[10], os quais podem ser seguidos por crase quando regidos da preposição ***a*** e acompanhados de um substantivo feminino determinado. Exemplos:

Fez **referência à** má gestão das empresas.

10 De modo geral, na gramática, "nome" é um designativo genérico de substantivo e adjetivo. Aqui adotamos critério de Celso Luft que inclui nos nomes o advérbio, já que este faz, junto com o adjetivo, uma oposição "secundária, sintática" ao substantivo (LUFT, 1985b, p.101).

Sempre faço **elogios às** pessoas esforçadas.

Deu **preferência à** uva mais cara.

Fizemos uma **consulta à** entidade indicada.

Vamos oferecer **apoio à** formação desse novo grupo.

Tornou-se instrumento **útil à** maioria dos trabalhadores.

É uma criança **obediente à** sua mãe.

Agiu **obedientemente à** legislação em vigor.

Paralelamente à exposição haverá cursos de arte.

Também nestes casos vale a pena a troca do substantivo feminino pelo masculino:

Manifestou seu horror **à** depredação [**ao** estrago] do patrimônio.

Margarida tem apreço **à** sogra [**ao** sogro].

155. NOME E SOBRENOME DE MULHER

O acento indicativo de crase antes de nome próprio de mulher é tido como "facultativo". O que demarca nossa opção é a possibilidade de esse nome, principalmente o de batismo, ser anteposto por um artigo definido, o que lhe dá um tom de afetividade ou de familiaridade, indicando a pessoa como conhecida ou "de casa".

No Brasil, além disso, esse uso tem caráter regionalista – em algumas regiões, como Sul e Sudeste, é habitual: **o** Marcos, **a** Lea, **a** Joana. Isso quer dizer que, se você costuma empregar o artigo definido diante de um nome de mulher, pode usar o *a craseado* quando a situação pedir (ou seja, quando a expressão ou verbo diante do nome exigir a preposição ***a***).

Assim, no caso de mulheres a quem se chama pelo nome de batismo, vale o uso regional. Se você diz: "Gosto *de* Beatriz. Penso *em* Rita", não usará crase: Contei **a** Beatriz o que relatei **a** Rita. Mas se você diz: "Gosto *da* Beatriz. Penso *na* Rita", escreverá: Contei **à** Beatriz o que relatei **à** Rita.

Já quando se faz referência a *nome e sobrenome*, tão somente a familiaridade é que vai determinar o uso do acento indicativo de crase:

1. A crase não ocorrerá se o nome da pessoa for mencionado formalmente ou se tratar de personalidade pública, pois nessas circunstâncias o nome da pessoa, seja homem ou mulher, nunca é precedido de artigo definido:

   Referiu-se **a** Rachel de Queiroz. [compare: Gosta **de** Rachel de Queiroz]

   Fizemos uma homenagem **a** Euclides da Cunha.

   Muitos fizeram elogios de última hora **a** FHC e **a** Ruth Cardoso.

Basta ao nome próprio feminino repelir o artigo para que não possa ser antecedido de crase:

   Rezamos toda noite **a Nossa Senhora**. [compare: imagem **de** Nossa Senhora]

   Em Nova Trento/SC, fiz uma promessa **a Santa Paulina**.

   Os templos dedicados **a Diana** e **a Minerva** estão bem preservados.

2. A crase ocorrerá se, apesar do nome completo, a pessoa for referida com amizade, numa atmosfera afetiva. É muito comum este tipo de uso nos agradecimentos que se fazem em livros, teses e dissertações, situação que por sua formalidade e tipo de divulgação comporta o nome completo das pessoas homenageadas, embora possam ser da intimidade do autor. É importante que se mantenha a coerência: se o nome do homem é precedido de artigo [*o, ao*], também o da mulher deverá ser [*a, à*]. Vejamos um exemplo comum:

   Desejo externar os meus agradecimentos

   ao Dr. Alceu Silva, por sua contribuição nesta pesquisa;

   ao Prof. Nilo Lima, pela dedicada orientação;

   à Profa. Maria Lima e Silva, por sua amizade;

   ao Renato Cruz e Sousa, pelo companheirismo;

   à Rejane Silva e Sousa, pela revisão.

Há igualmente a situação de nomes próprios (verdadeiros ou artísticos) de homens e mulheres famosos com os quais também se usa o artigo definido porque a fama implica uma pretensa familiaridade com a pessoa. No Sul, por exemplo, dizemos "Gosto *da* Gal Costa". Portanto, na linguagem escrita: "Refiro-me **à** Gal (Costa)". Entretanto, quem diz "Gosto *de* Gal Costa" deve escrever: "Refiro-me **a** Gal (Costa)".

156. NOMES PRÓPRIOS GEOGRÁFICOS

Quando se trata de saber se diante dos nomes de cidades, estados e países se usa ***a*** ou ***à***, fica valendo o mesmo princípio da determinação: se o nome é feminino e pode ser precedido pelo artigo definido ***a***, existe a possibilidade do uso do *a craseado*.

▸ Cidades

Como regra, não se usa o acento indicativo de crase diante dos nomes de cidades, porque eles repelem o artigo definido, como se pode observar: "Venho *de* Florianópolis. Ele mora *em* Curitiba. Estivemos *em* Vitória. Salvador é uma festa." Portanto, nada de crase:

Bem-vindos **a** Salvador.

Vamos **a** Blumenau.

Refiro-me **a** Imperatriz, no Maranhão.

Somente quando modificados por algum elemento restritivo ou qualificativo é que os nomes de cidade podem receber o artigo feminino e portanto a crase. São casos pouco comuns:

Bem-vindos **à** Florianópolis das 42 praias.

Fomos **à** bela Blumenau.

Refiro-me **à** Brasília dos excluídos, e não dos políticos endinheirados.

▸ Estados

Em princípio, só dois Estados brasileiros admitem a crase: a *Bahia* e a *Paraíba*. As demais unidades da Federação ou são nomes masculinos ou não são determinados por artigo[11]. Sendo assim:

Bem-vindos **à** Bahia.

Vamos **à** Paraíba e **a** Santa Catarina.

Refiro-me **ao** Rio Grande do Sul e **ao** Pará.

11 Ver a lista completa no capítulo Artigos, tópico *1. Artigos definidos e indefinidos – usos e não usos.*

▸ Países

A presença da crase diante de um nome de país depende de ser esse nome determinado ou não pelo artigo feminino. Entre os países que levam artigo – e que constituem a maioria – alguns são masculinos (*o Canadá, os Estados Unidos, o Japão, o Chile*), outros femininos (*a Rússia, a Venezuela, a Índia*). Existem países que rejeitam o artigo, como *Angola, Portugal, Israel, Moçambique, El Salvador, Liechtenstein*.

E há nomes que se usam tanto com o artigo quanto sem ele – no Brasil preferimos com o artigo; em Portugal, sem ele: *na* França/*em* França; *da* Itália/*de* Itália; *na* Espanha/*em* Espanha; *da* Inglaterra/*de* Inglaterra. O mesmo vale para o continente: *da* Europa/*de* Europa. Portanto, escrevemos:

Bem-vindos **à** Argentina.

Quanto **à** Europa, refiro-me **à** França, **(à)** Áustria e **(à)** Alemanha.

Enviamos saudações **à** Colômbia.

Chegou **à** Inglaterra por volta do meio-dia, mas não foi a Londres.

ARTIFÍCIO: PARA A, DA, NA, PELA

O artifício para verificar a correção de uso com relação aos nomes próprios de lugar é este: se o ***a*** pode ser substituído por *para, de, em, por,* continua sendo ***a.*** Se no lugar de ***a*** pode-se usar *para a, da, na, pela,* então é ***à***:

Vim *de* Brasília. Estou *em* Brasília. → Excursão **a** Brasília.

Vim *da* Índia. Vive *na* Índia. Foi *para a* Índia. Andou *pela* Índia. → Foi **à** Índia.

157. HORAS

Na maioria absoluta dos casos usa-se o *a craseado* diante da palavra *horas*, uma vez que ela vem determinada pelo artigo (*as horas*):

Os bancos abrem **às 10 horas**.

Precisamente **às 20h43min** teve início o espetáculo.

O casamento civil se realizará **às dezoito horas** do dia vinte de maio.

Horário de atendimento: [das] **12 às 20 h.**

► À uma hora, à zero hora

Como a crase, por definição, é a fusão de prep. ***a*** com o artigo ***a***, naturalmente não ocorre crase diante de artigo indefinido (p. ex.: Falou **a** *uma* multidão. Entregou o papel **a** *uma* das secretárias. Essa é tarefa restrita **a** *uma* grande nação). Mas no caso de *uma hora* escreve-se ***à*** porque aí se trata do numeral *uma*. Pela mesma razão se usa a crase antes da hora *zero*:

O eclipse da Lua vai começar **à uma hora** (ou **à 1 h**) da madrugada.

Foi dada a largada **à zero hora**.

► Para as 12 horas

Sendo a crase a fusão da prep. ***a*** com o artigo ***a***, não se poderá acentuar o *a/as* diante das horas quando se empregar outra preposição no lugar da prep. ***a***, para que não haja uma superposição de preposições. Quando só existe o artigo *as* (as horas), não há como ocorrer uma fusão. Temos quatro possibilidades de uso das horas sem crase: com as preposições *para, desde, após* e *entre*:

A conferência está marcada **para as 10 horas** da noite.

Foi estabelecida a largada **para a zero hora**.

Desde as duas estou te esperando.

Não atendemos **após as 18 h** de sábado.

Tenho horário na minha agenda **entre as 13** e **as 15 horas**.

► Até as/às 12 h

Embora tenhamos dito que não se usa o *a craseado* depois de uma preposição, é possível usá-lo junto com *até* diante da expressão indicativa de horas, uma vez que a prep. *até*, por motivo de clareza, pode ser seguida da prep. ***a***, como se prefere no português europeu. No Brasil há uma preferência pela construção com a prep. *até* diretamente ligada ao termo regido (sem crase):

Os portões ficarão abertos **até às** / **até as** 23 horas.

De qualquer forma, escrever *até as 23 h* ou *até às 23 h* é indiferente, porque em tais casos não há o perigo de confusão com a partícula de inclusão *até*, que tem o sentido de "mesmo, inclusive, ainda, também". Em alguns contextos, no entanto, ela pode se confundir com a preposição, como neste exemplo: "Queimou todo o cabelo *até a* raiz" [inclusive a raiz]. Se não for esse o caso, a crase dará a clareza necessária: "Queimou todo o cabelo *até à* raiz" [até junto à raiz].

158. NUMERAIS

Embora a crase só tenha cabimento diante de substantivos femininos que admitem a anteposição do artigo definido, será possível visualizar ***à*** ou ***às*** – corretos – diante dos numerais cardinais em duas circunstâncias:

1. Quando houver, subentendido diante do numeral, um substantivo feminino definido, que não se repete por questão de estilo:

   Li da página 1 **à** 10. [da página 1 à página 10]

   Caminhou da rua Augusta **à** 7 de Setembro. [da rua Augusta à rua 7]

2. Quando houver explicitamente junto ao numeral um substantivo feminino determinado (do qual o numeral é apenas um dos determinativos):

   Dirigiu-se **às duas** crianças abandonadas.

   Servem café da manhã grátis **às dez** primeiras pessoas que aparecem no hotel.

   Chegou-se, dessa forma, **às 12** propostas descritas no memorial.

Como se vê, a crase aí está relacionada não ao numeral mas ao substantivo determinado: *as crianças abandonadas, as primeiras pessoas que aparecem, as propostas descritas*. Mudando-se esse substantivo para um equivalente masculino, temos *aos* em vez de *às*: **aos** dois meninos abandonados, **aos** dez primeiros indivíduos, **aos** 12 projetos descritos.

159. DE 1 A 10, DE SEGUNDA A SEXTA, DA 1ª À 4ª

Quando se faz a ligação de dois numerais ou de dois substantivos por *de...a*, não se deve crasear o segundo; mas quando se determina o primeiro

elemento com *da* ou *do*, o segundo inicia com *à* (ou *ao*, se masculino). É uma questão de coerência: havendo determinação no primeiro substantivo ou numeral ordinal que acompanha o substantivo, deve haver determinação no segundo. O que não pode acontecer é a mistura, por exemplo: **de 2ª à 6ª*.

*Exemplos **sem** a determinação:*

Trabalhamos **de** 3ª **a** sábado.

A exposição ficará aberta ao público **de** hoje **a** domingo.

Ainda há vagas para alunos **de** 5ª **a** 8ª série.

Só sabe contar **de** 1 **a** 100.

Os eletrodomésticos estão em todas as casas, **de** norte **a** sul do país.

As inscrições poderão ser feitas **de** 1° de maio **a** 15 de junho.

*Exemplos **com** a determinação:*

Todas as alunas **da** 1ª **à** 4ª série foram dispensadas.

Molhou-se **dos** pés **à** cabeça.

A ceia será servida **da** meia-noite **à** uma hora.

Trabalho **desta** segunda **à** quinta-feira próxima.

O jantar estava perfeito **da** entrada **à** sobremesa.

Atendimento preferencial: [**das**] 7 **às** 13 h

Passou **do** zero **ao** auge, **do** ápice **à** inatividade.

160. PRONOMES POSSESSIVOS

Sabemos que a crase está condicionada ao uso simultâneo da preposição ***a*** com o artigo ***a***; portanto, para ela ocorrer é preciso que a palavra anterior (um verbo ou um nome) exija a preposição ***a*** e que o substantivo posterior – obrigatoriamente feminino, explícito ou não – admita a presença do artigo definido.

Se por exemplo você escreve "para minha mãe", sem o artigo antes do possessivo, e troca o ***para*** pela preposição ***a***, isso significa que não há crase:

(Eu) Disse **a minha** mãe que voltaria cedo.

Entretanto, muitos brasileiros, principalmente os do Sul e Sudeste, escrevem "para *a* minha mãe", o que pressupõe a coexistência da preposição com o artigo definido. Neste caso, a forma correspondente é com crase:

> Disse **à minha** mãe que voltaria cedo.

Embora facultativo, é sempre recomendável o uso do acento indicativo de crase diante dos pronomes possessivos porque sua ausência cria ambiguidade (a não ser que o contexto a desfaça). No caso acima, por exemplo, "a minha mãe" poderia ser o sujeito de "disse". Já "à minha mãe" indica ser este sintagma o complemento verbal de "disse", sendo o sujeito outra pessoa.

Exemplos com o bom uso da crase:

> Cada um **à sua** maneira!
>
> Estou à **tua** disposição.
>
> Coloque-se **à nossa** esquerda.
>
> **À sua** queixa será dada bastante atenção.

Em Portugal a crase (que é chamada simplesmente de *acento grave*) com os pronomes possessivos é de lei, pois o emprego do artigo definido diante deles é a norma naquele país. Numa biblioteca pública do Porto, em agosto de 2001, li num manual de gramática que era "mania de brasileiro" a dispensa do artigo na frente dos possessivos! No Brasil, de fato, tanto faz.

▸ Possessivo plural

É preciso ter cuidado com a opção diante de pronome possessivo plural: a alternativa não é *as*/às, mas sim *a*/**às**, pois aí se trata de escolher entre a simples preposição (entendendo-se que não se queira usar o artigo definido antes do possessivo) ou a preposição combinada com o artigo no plural:

> Não reconheceu o Estado de Israel por questões políticas ligadas **a** suas / **às** suas relações com os países árabes.

É interessante manter a coerência dentro do texto, ou pelo menos dentro da frase, quando possível (nem sempre o é, dada a variedade de uso dos possessivos):

Passo **a suas** mãos documento que já é **de seu** conhecimento.
Passo **às suas** mãos documento que já é **do seu** conhecimento.

Na casa **de minha** irmã, eu me referi **a minhas** dificuldades.
Na casa **da minha** irmã, eu me referi **às minhas** dificuldades.

161. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A crase também ocorre com os pronomes demonstrativos *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo*. Isso acontece quando a expressão anterior é acompanhada da preposição ***a***, que se aglutina ao ***a*** inicial desses pronomes. Pronuncia-se um ***a*** só. Na escrita, também fica um ***a*** só, mas com acento grave:

Refiro-me **a aquele** homem.
→ Refiro-me **àquele** homem.

Refiro-me **a aquela** mulher.
→ Refiro-me **àquela** mulher.

Não me refiro **a aquilo**.
→ Não me refiro **àquilo**.

Quando se analisa a mesma frase com o uso dos demais pronomes demonstrativos, constata-se que a crase é impossível, pois eles não começam pela vogal ***a***: "Não me refiro *a isso*, refiro-me *a esta* questão, *a esse* tema".

Muitas pessoas estranham o acento numa palavra masculina como "aquele". Vale lembrar que a crase implica duas vogais idênticas, portanto o que conta é a fusão do ***a*** preposição com a letra ***a*** que dá início ao pronome. Vejamos alguns exemplos:

Todas as minhas taças são iguais **àquelas** que vovó tinha.
[iguais **a**+**a**quelas]

Tem respeito absoluto **àquilo** que de melhor lhe foi transmitido por seus pais. [respeito **a**+**a**quilo]

Ganhei uma toalha idêntica **àquela** que me deste no Natal.

Prefiro este quadro **àquele**.

Agradeço aos meus chefes e **àqueles** que sempre confiaram em mim.

162. SUBSTANTIVO SUBENTENDIDO - *QUE* E OUTROS

Também se pode ver o pronome relativo *que* antecedido de *a craseado*. Mas na verdade a crase aí ocorre em razão de um substantivo feminino subentendido, que está oculto justamente porque se pretende evitar sua repetição. O mesmo acontece com os numerais e com o demonstrativo ***a***, equivalente a *aquela* e usado como pronome substantivo:

Espero que você compre uma peça idêntica **à** [peça] **que** você quebrou.

Queria ir às regiões mais extremas, mas só foi **às** [regiões] litorâneas.

Temos que contar da casa 1 **à** [casa] 90.

As fibras dessa planta têm a textura do algodão mas a capacidade de reter calor semelhante **à** da lã.

Entusiasmado com a proximidade das atrizes, dirigiu-se **à** que era mais famosa.

Vamos visitar as escolas e distribuir prêmios **às** que mais se destacarem.

163. LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

A locução prepositiva, que tem a mesma função da preposição, é o conjunto de duas ou mais palavras, sendo a última delas uma preposição simples: *quanto* ***a***, *ao lado* ***de***, *de acordo* ***com*** etc.

Aqui nos interessam apenas as locuções que acabam na preposição ***a***, pois elas exigem o *a craseado* quando se ligam a um substantivo feminino determinado:

Graças à competência do médico, o problema desapareceu.

Parou **em frente às** galerias.

Foram abertas inscrições **com vistas à** renovação da diretoria.

Relativamente às tabelas afixadas no mural, nada sabemos.

Ele se calou **no tocante às** perguntas sobre doações irregulares.

Qual foi sua atitude **com respeito à** difamação?

O carro pifou **próximo à** rua onde morávamos.

Em atenção à reclamação que fizeram, revisaremos o produto.

Vamos nos encontrar **defronte à** barbearia.

Viajou **em direção à** fronteira.

Encostou o carro **junto à** calçada.

164. LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE CIRCUNSTÂNCIA

As expressões ou locuções adverbiais de circunstância que indicam *modo, meio, lugar* e *tempo* são formadas pela sequência *preposição* ***a*** + *substantivo* ou *adjetivo*. Elas sempre começam com a preposição ou crase. A maioria delas tem a ver com o modo, respondendo à pergunta *Como?* (p. ex.: Como ele comprou o carro? *À vista*).

Nas locuções adverbiais masculinas, como *a pé, a cavalo, a caminho, a capricho, a caráter, a frio, a gás, a gosto, a lápis, a meio mastro, a nado, a óleo, a postos, a prazo, a sério, a tiracolo, a vapor* etc., não se acentua o ***a***, que é mera preposição.

Nas locuções circunstanciais femininas, contudo, embora esse ***a*** possa ser apenas preposição, é de tradição acentuá-lo por motivo de clareza. Compare nos exemplos abaixo o significado da frase sem o acento e com ele:

Favor lavar a mão. – Favor **lavar à mão**, e não **à máquina**.

Fazer a tinta. – **Fazer à tinta**.

Foi caçada a bala (a bala foi caçada). – Foi **caçada à bala**.

Trancou a chave (a chave foi trancada). – **Trancou à chave**.

Pagou a prestação (pagou-a). – **Pagou à prestação** (em prestações).

Bater a porta. – **Bater à** (na) **porta**.

É por essa questão de clareza que se recomenda e geralmente se acentua o ***a*** nas locuções femininas de circunstância, para que a preposição não seja confundida com o artigo feminino. Nestes casos, não funciona o artifício de ver como é que se comporta uma expressão similar no masculino, pois não haverá correspondência de *à* com *ao*. Trata-se de uma exceção. Então,

por exemplo, mesmo que se escreva *a prazo* (subst. masc.), escreve-se *à vista*, com acento.

Modo e meio

Exemplos de locuções em que o acento indicativo de crase é de praxe:

à espreita
à evidência
à farta
à unanimidade
amor *à primeira vista*
andar *à solta*
apanhar (flores) *à mão*
assalto *à mão armada*
cortar *à faca* ou *à gilete*
cumprir o trato *à risca*
encontra-se *à paisana*
escreve *à perfeição*
escrever *à caneta*
estamos *à disposição*
falar *à boca pequena* [em voz baixa]
ficar *à vontade*
modéstia *à parte*
provou o caso *à saciedade* [plenamente]
tomar uma injeção *à força*
viver *à toa*

É facultativo o acento indicativo de crase quando não **há** confusão possível:

barco a *vela*
carro *a gasolina*
guardar o dinheiro *a chave*
matou o cachorro *a bala*

É obrigatório o acento quando a locução é formada com *adjetivo* – singular ou plural:

bife *à milanesa*
lasanha *à bolonhesa*
agir *à louca*
comer *às escondidas*
falar *às claras*
ficar *às escuras*
pregar a revolução *às abertas* [abertamente]
viver *às tontas*

Também levam acento obrigatório as locuções femininas terminadas em *de* (adverbiais) e em *que* (conjuntivas):

à custa de
à força de
à frente de
à mercê de
à semelhança de
à testa de
à medida que
à proporção que

Tempo e lugar

É obrigatório o acento nas locuções circunstanciais femininas de tempo e lugar em que de fato se tem ***a*** + ***a***, o que se comprova com a substituição do primeiro ***a*** por outra preposição:

à época = na época
à frente = na frente
à direita
à esquerda
à beira do caminho = na beira
à sombra = na sombra
à porta
à beira-mar

As expressões de tempo *à tarde* e *à noite* são obrigatoriamente acentuadas por questão de clareza, pois podem ocorrer na mesma situação de um sujeito ou objeto direto:

Veio a tarde. / Veio **à tarde.**

Fotografei a noite. / Fotografei **à noite.**

A notar que as locuções equivalentes não têm o artigo determinado: *de tarde, de noite*.

A/à distância

Considera-se facultativa a crase na locução adverbial *a distância*. É preferível usar o acento porque a ausência dele pode deixar o texto ambíguo. Em "ensinar/estudar a distância", por exemplo, tem-se com a impressão de

que é a distância que está sendo ensinada ou estudada. É o mesmo caso de *viu a distância, escreveu a distância, curou a distância, fotografe a distância, permanece a distância* [= a distância permanece], entre outras, que ficam melhor quando craseadas:

Viu **à distância** o que lhe pareceu uma lebre correndo.

Tantas cartas ela escreveu **à distância** e perto!

Conheço várias pessoas que curam **à distância**.

São animais perigosos – só é permitido fotografar **à distância**.

Solicita-se permanecer **à distância**.

Em 2017 o curso **à distância** já contava com 160 mil alunos.

Naquele jogo o zagueiro, totalmente sem convicção, marcou **à distância.**

Com a distância determinada, especificada, o ***a*** deve ser obrigatoriamente acentuado:

Fotografe **à distância** de um metro.

Cientistas esperam medir 60 mil galáxias **à distância** de nove bilhões de anos-luz.

Ficou **à distância** de uns 10 km.

Já na frase "Compramos uma chácara *a grande distância* daqui" não há crase porque está subentendido o artigo indefinido: a (uma) grande distância.

ÀS AVESSAS *vs.* A EXPENSAS

Acentua-se todo tipo de locução adverbial feminina quando o substantivo está no plural e o artigo também:

às avessas
às centenas
às mil maravilhas
às ordens
às pressas
às vezes

Atenção: jamais acentuar o ***a*** (sem *s*) diante de plural: *a duras penas, a altas horas, a dentadas, a expensas, a portas fechadas, a prestações, a várias vezes* etc. Nesse caso o ***a*** só pode ser uma preposição; o artigo, se ali ocorresse,

seria *as*, já que o substantivo está no plural. Isso quer dizer que, na locução adverbial, ou se usa o *a craseado* (**às** expensas, por exemplo) ou a mera preposição (**a** expensas).

165. QUANDO NÃO USAR A CRASE

Conhecer os casos em que empregamos o acento indicativo de crase nos permite inferir aqueles em ele não é usado. Como a crase ocorre apenas diante de substantivo feminino determinado pelo artigo, é evidente que ela *não pode* ocorrer antes de:

1. Palavra *masculina* – Fazemos a entrega **a domicílio**, desde que **a pedido** do cliente.
2. *Verbos* – Tenho um assunto **a tratar** com você.
3. *Pronomes* em geral – Vai dirigir-se **a toda** a família **a esta** hora. O prêmio foi dado **a quem** menos merecia.
4. Palavras de *sentido indefinido* – Apresentou-se **a uma** idosa, mas não falou **a nenhuma** das moças. Não chegou **a** conclusão **alguma**.

Outros casos em que *não ocorre* a crase merecem destaque:

5. Nas locuções formadas por substantivos repetidos

   É para deixar o óleo cair **gota a gota**.

   Os adversários se encontraram **frente a frente**, afinal.

   Foi de **cidade a cidade** vendendo seu "peixe".

6. Diante de expressões de tratamento, exceto *senhora* e *senhorita* (substantivos que admitem o artigo)

   Solicitamos **a Vossa Excelência** permissão para sair.

   Dedicarei minha vida **a você**.

   O cardeal informou **a Sua Santidade** que grande multidão o esperava na praça.

Mas:

Disse formalmente: "Quero unir-me *à senhorita* em matrimônio".

D. Dalva e D. Inês, informo *às senhoras* que o jantar está servido.

7. Na expressão *a casa*, quando significa o próprio lar

Voltou **a casa** depois da meia-noite.

Chegavam **a casa** exaustos de tanto trabalhar.

VOLTA A CASA

Observe a ausência de artigo: saí *de* casa, estou *em* casa, passei lá *por* casa. Com os verbos voltar e chegar temos os exemplos clássicos: *voltamos a casa* e *chegamos a casa* (todavia, as formas consagradas na fala dos brasileiros são: *voltamos para casa* e *chegamos em casa*).

Mas:

Jamais voltei *à casa onde nasci.* [A casa onde nasci é linda]

Fez sua visita semanal *à Casa de Misericórdia.* [A Casa de Misericórdia fica longe.]

Dirigiu-se *à casa do primo Ernesto* sem ter o endereço completo. [Visitou a casa do primo...]

8. Na expressão *a terra* quando significa *terra firme,* em oposição a mar, bordo

Tão logo o navio atracou, a maioria dos passageiros desceu **a terra**.

Os marinheiros sempre iam **a terra** para visitar a cidade. [Compare a ausência de artigo: viajou *por* terra.]

Mas:

Segui em peregrinação *à terra* do Senhor.

Há dez anos afastado do país, o cientista volta *à terra* para mostrar seu trabalho. [terra natal, país de origem]

Disparavam mísseis que caíam de volta *à Terra.* [planeta, mundo, daí com inicial maiúscula]

▸ Nas generalidades – palavras de sentido indefinido

Vamos agora detalhar o caso do não uso da crase diante de substantivos femininos quando se empregam em sentido geral e indeterminado ou indefinido.

Como a crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido ***a*** ou ***as***, não se pode crasear o substantivo que tenha junto de si uma palavra indefinida como *alguma, nenhuma, qualquer*, esteja explícita ou implícita:

Soltos, esses animais estão sujeitos **a** doença.

Ele responde **a** ação penal no TRE.

Descumprimento de ordem judicial pode levá-lo **a** condenação.

Crédito sujeito **a** aprovação.

Cardeal submetido **a** cirurgia no coração.

Se o contexto deixar margem a dúvida, é bom resolvê-la imaginando uma palavrinha indefinida na frente do substantivo em questão. Se ela pode ser usada, significa que o ***a*** que se encontra ali é apenas uma preposição, e não um *a craseado*. O exercício mental é o seguinte:

Estão sujeitos **a** [certa] doença.

Ele responde **a** [uma] ação penal no TRE.

Descumprimento de ordem judicial pode levá-lo **a** [alguma] condenação.

Crédito sujeito **a** [qualquer] aprovação.

Na mesma frase será necessária a crase se o substantivo em questão estiver acompanhado de uma especificação que o distinga:

Crédito sujeito **a** *aprovação.*
→ Crédito sujeito **à** *aprovação da maioria.*

Cardeal submetido **a** *cirurgia do coração.*
→ O cardeal será submetido hoje **à** *cirurgia do coração prevista para ontem.*

A proposta do sindicato foi levada **a** *votação.*
→ A proposta do sindicato foi levada **à votação** *do plenário.*

PLURAL DE GENERALIDADE	Notar que muitas vezes a ideia de generalidade é dada pelo mero uso do plural: É um homem pouco afeito **a cortesias**. No relatório foi esquecido o item "subvenção **a instituições** culturais". TRF antecipará pagamento **a credoras** do INSS que sofram de doença grave. As declarações foram apresentadas fora de contexto, servindo **a conclusões** preconcebidas.

166. À MODA, À MANEIRA DE

As expressões *à moda (de)* ou *à maneira de* podem ser usadas explicitamente ou vir subentendidas diante de nome feminino ou masculino (daí a possibilidade de crase antes de nome próprio de homem):

Foi uma goleada **à Pato**! [à maneira do jogador de futebol Alexandre Pato]

Belíssima exposição de sapatos **à Luís XV**!

Cantou **à Maria Callas** e foi muito aplaudida.

Para mim, camarão e arroz **à** (moda) **grega**, por favor.

É tudo bem servido **à moda da** casa.

167. À OUTRA, DE UMA A OUTRA

Com o pronome indefinido *outra(s)* pode ocorrer a crase, dependendo da determinação do substantivo que o pronome *outra* acompanha, esteja esse substantivo implícito ou aparente na frase (uso adjetivo).

1. Quando se fala genericamente "*de* outra" entre diversas, não há crase:

Vive **de uma** bodega **a outra**. [são várias bodegas]

Andou **de uma a outra** cidade como se nada fosse.

2. Quando se trata "*da* outra", que se coloca em contraposição a uma

primeira – explicitada no texto ou não –, há crase, até porque a palavra subentendida ou explícita é um substantivo feminino:

Foi católico e protestante. Passou de uma religião [a católica] **à outra** [a protestante] em pouco tempo.

Isso significa que finalmente as duas mulheres começaram a se dirigir uma **à outra** [mulher] do mesmo modo que às demais.

O produto só era vendido em duas butiques. Na primeira custava R$ 520,00, mas fui **à outra** e o encontrei por menor preço.

Meninas, vou contar **às outras** a novidade!

168. ÀS EXPENSAS, A EXPENSAS

Pergunta de um leitor: "A contratada deve refazer os serviços *as expensas* da empresa? A contratada deve refazer os serviços *às expensas suas* ou *às expensas próprias?*"

No primeiro caso é incorreto escrever **as expensas* (sem acento de crase), pois a expressão comporta ou apenas ***a*** (simples preposição) ou **às**, à semelhança da locução *às custas de*:

Ele vive **a expensas** da mulher.

A contratada vai refazer os serviços **às expensas** da empresa.

João começou a viver **a suas expensas** ao atingir a maioridade.

Oferecemos a hospedagem, mas as refeições correm **às suas expensas**.

Também é possível falar *às próprias expensas*. E ainda se pode inverter a ordem das palavras nesta locução: "vive *a expensas suas*" ou "vive *às expensas suas, às expensas próprias*".

169. FAZER AS VEZES

A expressão **fazer as vezes de** não tem *a craseado* porque aí "as vezes" não tem o sentido de tempo, mas sim de "substituição, papel (representado)". Significa, pois, "substituir, servir para o mesmo fim, desempenhar as funções que são de outrem". Ela se aplica em casos como uma caneca que

faz as vezes de vaso, uma bacia que vai *fazer as vezes* de banheira, um lençol que pode *fazer as vezes* de cortina. Outros exemplos:

> Nem sempre as partes **fazem as vezes** do todo.
>
> O Albergue D. Rosa **faz as vezes** de casa-lar para muita gente.

30 ANOS

UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA DESDE 1991, SOBRE 4 PILARES FUNDAMENTAIS:

1. *Garantia de receita*
2. *Segurança financeira*
3. *Confiança no trabalho*
4. *Respeito ao condômino*



DUPLIQUE *condomínios*

SC
Balneário Camboriú
Campeche
Canasvieiras
Chapecó
Criciúma
Estreito
Florianópolis
Joinville
Palhoça
São José

PR
Curitiba
Desembargador Executive
Generoso
Nova

RJ
Atlântica
Carioca
Predial
Rio

SP
Desembargador
Do Vale
Guarulhos
Sampa
Solution
Sorocaba

MG
Triângulo

170. COLOCAR UMA QUESTÃO

Pode-se usar a palavra *colocação* no sentido de sugerir uma ideia ou opinião? Claro. Não se trata de ser correto ou não, mas sim de estilo. Em "quero fazer uma colocação", a impropriedade estaria no uso da palavra *colocação* no lugar de "afirmação ou manifestação, apresentação, exposição (de fatos ou ideias)". Também é criticado o uso do verbo *colocar* (uma questão). Todavia, os dicionários lhe dão igualmente o sentido de "trazer à baila, propor, aventar, apresentar, expor". Isso quer dizer que errado não é.

Para expressar-se sem o emprego abusivo de *colocar*, especialmente em textos mais formais e monitorados, há opções: "Gostaria de **falar** / **comentar** / **afirmar** / **dizer** / **mencionar** / **comunicar** / **aduzir** / **informar** / **anotar** / **observar** / **registrar**" etc. Ou ainda: "Quero **me manifestar** sobre o assunto / **fazer uma observação** / **expor** ou **apresentar** uma ideia em relação ao tema" e assim por diante.

171. DARMOS E DAR-NOS – DIFERENÇA

Darmos se escreve junto e se refere ao verbo *dar* na 1ª pessoa do plural do infinitivo (flexionado), com a desinência *mos*:

Disse para (nós) **darmos** nossa opinião.

Convém **falarmos** baixo.

Para **acertarmos** as contas, precisamos nos reunir.

A outra palavra é *dar-nos* – com *n*, pois se refere ao pronome oblíquo *nos*, que quando vem depois do verbo (ênclise) se separa com hífen. Exemplos:

Ela já comprou o presente que quer **dar-nos** no Natal.
[dar-nos = nos dar]

Ele vem **falar-nos** sobre deveres e direitos. [ou: vem nos falar]

Pelo jogo, nossos adversários devem **acertar-nos** somente nas pernas.

172. DELETAR E LINCAR

Hoje é comum deparar-se com verbos de cunho técnico que não constam no dicionário, como *itemizar* e outros que vão sendo criados ou adaptados de outras línguas para o português. É correto o seu uso?

"Tudo o que se vê tem um nome" (ABL, 1999, p. xxii) e tudo o que se faz também é denominado. Se o ser humano cria objetos, inventa instrumentos e descobre novos afazeres, precisa dar-lhes nomes, que vão sendo incorporados à língua.

A questão é que normalmente na área técnica e científica eles têm vindo do inglês, e aí deveriam pelo menos sofrer uma nacionalização na ortografia. Por que escrever *ticket* ou *copydesk* se podemos escrever **tíquete** e **copidesque**? Ou "linkar" no lugar de lincar? Na verdade, por que lincar se temos ligar? Por que deletar e não apagar?

A resposta foi dada pelo então presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Arnaldo Niskier: "O certo é que a língua portuguesa cresceu, até mesmo em virtude da introjeção de termos ligados ao desenvolvimento científico e tecnológico e de muitos estrangeirismos.[...] *Não há* como conter esse crescimento, mesmo que, por vezes, seja ele fruto de [...] um lamentável 'linguicídio', palavra que, aliás, consta do nosso Vocabulário" (ABL, 1999, p. xlv). Refere-se ele ao *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, organizado pela ABL, cuja edição de 1999 registra a grafia correta e a classe gramatical de 350 mil verbetes. Nele já constavam vocábulos como lincar e deletar.

Outro fator que responderia a essa fácil adesão ao estrangeirismo – mesmo nacionalizado – é "a lei do menor esforço". Consta que o escritor português José Saramago, numa visita ao Brasil, indignou-se ao escutar no saguão do hotel: "Vamos **checar**". O Nobel de Literatura não se conteve: "*Ora, pois, não se pode mais verificar, averiguar?*". O caso é que checar (aportuguesamento do inglês *to check*) é muito mais fácil de dizer e escrever do que seus sinônimos em português.

Enfim, a língua é mais dinâmica do que os dicionários, ainda que desde o

século 20 eles já pudessem contar com a tecnologia para atualizar amiúde o léxico online. De qualquer forma, verbos como agilizar, oportunizar, parabenizar, otimizar, customizar, acessar, deletar, itemizar, estão legitimados... pelo uso.

173. DESSUMIR

O verbo dessumir significa "deduzir, inferir, concluir por ilação, depreender" e é mais usado pronominalmente no tempo presente:

Dessume-se que o acusado já sabia dos fatos na ocasião do delito.

Sua conjugação no presente do indicativo fica assim: *dessumo, dessumes, dessume, dessumimos, dessumis, dessumem*. Para reter a forma certa na memória, melhor é pensar em "presume-se".

174. FORMAS VERBAIS ENCLÍTICAS: SOLICITAMOS-LHE, VAMO-NOS

Como proceder quanto à presença ou não do *s* final nas formas verbais da primeira pessoa do plural quando se segue a elas, separado por hífen, um pronome átono?

A melhor orientação: escrever **encaminhamos-lhe** o documento, **solicitamos-lhes** as fotos, **fizemos-lhe** um favor, com o *s* da desinência *mos* antes do pronome *lhe*.

Eliminar o *s* apenas com os oblíquos *nos* e *lo*: **encontramo-nos** aqui, **amamo-los** muito, **temo-lo** como amigo, **vamo-nos** embora (mas *vamos nos* encontrar, p. ex.).

Há uma regra que diz genericamente: "A desinência pessoal *mos* perde o *s* antes de formas pronominais enclíticas", sem especificar quais pronomes repelem o *s*. Ao mesmo tempo, como assegura Napoleão Mendes de Almeida (1983, p. 493), "gramaticalmente não se pode dizer errada a forma *queixamos-nos*. Se outro, no entanto, é o uso geral, explica-o a facilidade, ou melhor, o hábito da pronúncia, o qual regula a omissão ou não do *s* final nos diferentes casos".

Também confirmam a supressão do *s* somente antes de *nos*, "por eufonia",

autores como Laudelino Freire, Celso Pedro Luft, Vasco Botelho e Eduardo Carlos Pereira.

Quanto aos pronomes *o, a, os, as* enclíticos, sua forma depende da terminação do verbo:

- Altera-se para *lo, las, los, las* quando a forma verbal termina em *r, s, z*, como *deixar, contatemos, faz*, caindo essa consoante na nova composição: vamos **deixá-lo** em casa, **contatemo-los** agora, **fá-los** bem feitos.

- Altera-se para *no, na, nos, nas* quando o verbo termina em som nasal: **dão-no** como perdido, **põe-na à mesa, mostram-nas** cruas, **fazem-nos** bem.

Há um probleminha, porém, com o *nos* em tal situação verbal, pois pode nos confundir quanto ao objeto direto: o *nos* se refere à primeira ou à terceira pessoa do plural? O fato chamou minha atenção quando vi uma cena de perseguição num filme antigo, em que um dos líderes clamava: "Sigam-nos, sigam-nos!" Não dava para saber se ele queria dizer *sigam a nós* ou *sigam eles* (aos que estavam à frente). Já em "pequenos gestos faziam-nos fortes", pode-se eliminar a ambiguidade com a próclise: "pequenos gestos *os* faziam fortes ou *nos* faziam fortes".

175. FAZER - USO IMPESSOAL

O verbo *fazer* conserva-se na 3ª pessoa do singular quando indica tempo transcorrido (do passado até o presente) ou fenômeno meteorológico. Estando o verbo fazer na função de verbo impessoal (sem sujeito), deve também assumir a forma impessoal o verbo auxiliar que porventura o acompanhar:

Faz dois dias que não chove.

Dizem que **faz** 10 meses estão se preparando para o concurso.

Quando saí da cidade, **fazia** 40 graus à sombra.

Em julho **fez** uns dias de verão.

Vai fazer cinco anos que eles estão noivos.

Poderá fazer três anos sem que ele saia do sanatório.

176. HAVER - USO IMPESSOAL

Emprega-se o verbo *haver* como impessoal – isto é, sempre na 3ª pessoa do singular – quando ele tem o sentido de *existir*. Este é um dos casos de "oração sem sujeito". Exatamente por isso o verbo haver fica neutro, impessoal, pois ele não tem um sujeito com quem concordar. Os substantivos que complementam o verbo haver são considerados seu objeto direto. Assim, para atender aos preceitos da língua culta, é preciso observar a forma no singular quando o verbo haver está conjugado nos tempos pretéritos ou futuros (no presente dificilmente se cometeria um engano: ninguém diria *hão outros casos). Exemplos:

Não **há** / **haverá** / **haveria** soluções a curto prazo.

Não mudaremos o país se não **houver** transformações profundas no ensino fundamental.

Se **houvesse** mais justiça, **haveria** menos descontentes.

Para que **haja** menos neuroses é preciso reeducar as pessoas.

Vamos apurar todas as irregularidades que **houver**, disse o relator.

As mesmas frases, se construídas com *existir*, teriam o verbo flexionado de acordo com o substantivo, que aí é considerado o sujeito do verbo existir:

Não **existem** soluções a curto prazo.

Se **existisse** mais justiça, **existiriam** menos descontentes.

Para que **existam** menos neuroses é preciso reeducar as pessoas.

Vamos apurar todas as irregularidades que **existirem**.

Em algumas situações também se pode substituir *haver* por outros verbos:

Se houver / **ocorrerem** problemas, teremos de devolver o dinheiro.

Não é natural que haja / **aconteçam** tantos distúrbios.

Às vezes havia / **encontravam-se** vasilhas de cerâmica aos pés dos mortos.

▸ Haver nas locuções verbais

Quando o verbo haver no sentido de existir faz parte de uma locução verbal, ele transfere sua impessoalidade ao verbo auxiliar dessa locução,

que por isso permanece no singular:

Deve haver outras técnicas para melhorar o cultivo.

Pelas informações recebidas, **está** novamente **havendo** discussões clandestinas.

Está havendo coisas de arrepiar os cabelos.

Não sei se **chegou a haver** sessões no Senado naquele período.

177. HAVER - SINTAXE COMPLETA

Vejamos toda a sintaxe do verbo haver, tanto no seu uso pessoal quanto impessoal.

1. Como verbo PESSOAL, pode empregar-se em todas as pessoas, fazendo a devida concordância com seu sujeito. Ocorre nos seguintes casos:

1.a Como auxiliar de outro verbo, o qual vai dar o sentido à frase e por isso é chamado de *principal*:

Vamos nos mudar deste bairro caso ele **haja encontrado** casa em outro.

O convite **havia sido feito** para que se discutisse a ética nas relações profissionais.

Falou como se não **houvéssemos admitido** o erro!

O verbo haver neste caso comuta com o auxiliar *ter*, que é mais popular:

Vamos nos mudar caso ele **tenha encontrado** casa em outro bairro.

O convite **tinha sido feito** para discutir a ética profissional.

Falou como se não **tivéssemos admitido** o fato.

1.b Na forma pronominal – *haver-se* – com o sentido de "portar-se, conduzir-se, proceder", acompanhado obrigatoriamente de um sintagma adverbial de modo:

O jogador **se houve dignamente** quando foi eliminado da Seleção.

Houveram-se com acerto ao expulsar os invasores, uma vez que as terras eram produtivas.

Eu **me haverei bem** diante dos convidados.

Aqui, não cai bem o tempo presente: *eu hei-me bem.

1.c Também na forma pronominal – *haver-se* – com o significado de "ajustar contas":

Ela vai **se haver** comigo quando chegar em casa.

Obrigou-o a aderir à greve. Depois, ele que **se houvesse** com o patrão.

1.d Num uso mais raro e incomum atualmente, quando significa

– ter, possuir:

Pediam que o inimigo **houvesse** piedade deles.

Haveis consciência do que estais a fazer?

– obter, conseguir ou herdar:

Queriam saber onde ele **houvera** o dinheiro.

Houvemos as terras de nossos pais.

– considerar, julgar, pensar, achar:

Se **houveres** que é tempo perdido, desiste da empreitada.

Os generais **houveram** todos os soldados por competentes.

1.e Semelhante ao item anterior é a expressão *haver por bem* (= julgar por bem), que tem o sentido de *dignar-se a* ou *decidir-se a* (alguma coisa) por achar melhor, por entender mais conveniente:

Houve por bem libertar seus escravos antes que fosse obrigado por lei a fazê-lo.

Tenham paciência que eles **haverão por bem** conceder o abono.

HAVER DE / TER DE

Os auxiliares ter e *haver* quando seguidos da preposição *de* formam locuções verbais com sentidos diferentes entre si.

Haver de expressa intenção, promessa:

Hei de comprar um carro o km.

Por que **haveríamos de** nos preocupar em aumentar nossa renda?

O direito à diversidade **haverá de** prevalecer.

Ter de (ou *ter que*, modernamente) dá ideia de obrigatoriedade, necessidade:

Lamentavelmente **tenho de** lhes dizer que seu crédito foi cortado.

Temos que decidir o que vale e o que não vale a pena.

2. O verbo haver também pode ser usado como IMPESSOAL, sem flexão de número-pessoa, isto é, ele permanece na 3ª pessoa do singular seja qual for o tempo e modo verbal. Neste caso, tem a significação de:

2.a existir:

A ética é o reconhecimento de que somos indivíduos porque **há** outros indivíduos.

O pior talvez seja não o fato de **haver** concentração de renda, mas o fato de se considerar isso normal, banal, inevitável.

2.b acontecer, realizar-se:

Houve mais dois simpósios para discutir o tema.

2.c decorrer, ter passado (tempo):

No campo filosófico o debate está aceso **há vários anos**.

Faz tempo que não a vejo, pois **há dias** não vem trabalhar.

Vale observar que neste caso (2.c) *haver* comuta com *fazer*, sendo opcional o uso da partícula *que* quando a expressão de tempo vem no início da oração:

No campo filosófico o debate está aceso **faz vários anos**.

Há tempos [que] não a vejo, pois **faz dias** [que] não vem trabalhar.

178. INDICAÇÕES DE TEMPO

▸ Tempo passado-presente: faz e há

Na indicação de tempo transcorrido, emprega-se impessoalmente tanto o verbo haver quanto o verbo fazer:

Faz dois anos que não o vejo.

Há dois anos (que) não o vejo.

Há / **faz** um século, havia cerca de 80 mil tigres no mundo.

▸ Tempo pretérito: fazia e havia

Quando se quer indicar tempo transcorrido apenas no passado, usa-se *havia* ou *fazia*. Está se generalizando o emprego de "há" em qualquer situação de tempo transcorrido, mas é preciso lembrar que *há* indica uma data no passado tendo como referência o dia de hoje. Quando se quer marcar um tempo anterior a uma ação pretérita, deve-se usar, em redações formais, *havia* ou *fazia* (este fica mais espontâneo). Note que os verbos de todas as orações estão no pretérito:

Havia / **Fazia** uma semana que estava soterrado quando o **encontraram**. [tudo aconteceu no passado]

Fazia tempo que eu não pilotava algo tão rápido. [hoje, agora, já estou pilotando]

Juntos **havia** 18 anos, os dois artistas famosos se divorciaram na semana passada. [ficaram 18 anos juntos; há uma semana estão separados]

Criticou-se a decisão de entregar a aeronave ao comando de um piloto que estava inativo **havia** vários meses.

Em 1866 o tigreiro Wenceslau tinha 18 anos e já **fazia** sete meses que caçava tigres.

▸ Há ou atrás

Tendo em conta a letra da música de Raul Seixas "Eu nasci há dez mil anos atrás", vejamos se dizer "há tempo atrás" é inadequado ou incorreto.

Na linguagem culta formal, quando se quer indicar um acontecimento

que transcorreu no passado – começando e terminando no passado – usa-se ou *há* ou *atrás*. Nunca os dois termos juntos, por ser redundância. Até podemos *falar* "há tempo atrás" como um reforço, uma vez que o ouvido pode captar mal o som \a\ inicial, mas ao escrever devemos utilizar ou um ou outro termo:

> Tal civilização desapareceu **há** 200 anos. [ou: desapareceu 200 anos **atrás**]
>
> A aparição da cerâmica na Amazônia data de 3.000 anos **atrás**.
>
> Os egípcios usaram esse unguento cinco mil anos **atrás**.
>
> **Até há** pouco tempo os professores eletrônicos eram inacessíveis à maioria.
>
> Exibia uma vasta cabeleira **até** dois anos **atrás**, mas o vi **há** um mês sem um fio de cabelo.

- Tempo futuro: *a* e *daqui a*

Na indicação de um tempo que se conta de hoje para o futuro, usa-se *daqui a* ou apenas a preposição ***a***, conforme a construção frasal:

> Viajaremos **daqui a** dois dias.
>
> **Daqui a** pouco até eu me sentirei um peixe fora d'água.
>
> Estamos **a** uma semana do festival e nada foi feito. [o festival acontecerá dentro de uma semana]
>
> Embora estejamos ainda **a** seis meses da realização do evento, vimos convidá-la a tomar parte do corpo de jurados. [o evento será daqui a seis meses]
>
> De fato, **a** 40 dias do campeonato e com esse despreparo, não se pode esperar o título.

179. MAIS-QUE-PERFEITO

Tem-se a impressão de que ninguém mais o emprega. Refiro-me apenas ao pretérito mais-que-perfeito simples [*fora, amara, vendera, saíra*], restrito quase que apenas ao âmbito literário, pois o mais-que-perfeito composto continua a ser usado cotidianamente: *tinha sido, tinha amado, havia vendido, havia saído* são formas verbais comuns na linguagem falada.

A rigor, o mais-que-perfeito não se deve confundir com o pretérito perfeito simples: este exprime uma ação ou processo que se completou no passado; aquele, uma ação que ocorreu antes de outra já passada. Sendo assim, a construção no mais-que-perfeito está sempre ligada a uma oração no pretérito – geralmente no mesmo período (algumas vezes, dependendo do estilo de quem escreve, o pretérito perfeito vem na sentença anterior).

Nos exemplos abaixo se pode perceber a íntima relação dos dois tempos verbais:

> Um sueco **devolveu** as moedas que **roubara** em Vaexjoe, no sul do país, em 1972.
>
> A viagem se **tornara** tão monótona que a maioria **resolveu** desembarcar no primeiro porto.
>
> Quando **chegamos**, a festa já **havia começado**.
>
> Daniel, 25 anos, **acidentou-se** gravemente. Meses antes ele **tinha recebido** um rim doado pela própria mãe.

180. NADA A VER

É errado escrever **nada haver*. A grafia correta desta expressão coloquial é *nada a ver,* que quer dizer "não estar relacionado, não ter nenhuma correspondência"; significa que *não se vê* nenhuma relação entre uma coisa e outra:

> Não tive **nada a ver** com o fato.

Também se pode usar *que* no lugar de ***a***:

> Isso não tem **nada que ver** com o assunto tratado na reunião.

181. PENALIZAR

Depois da discussão sobre deletar e protocolar, questionou-se a utilização de *penalizar*. Devo dizer que é lícito, sim, empregar este verbo no sentido de "apenar, punir, infligir pena a", conforme registram alguns dicionários. Como verbo transitivo direto que é, também pode ser usado na voz passiva:

> Pelo art. 304 do decreto, o clube será **penalizado** com multa de 40 a 200 reais.

A ré interpôs recurso de apelação, alegando que não pode ser **penalizada** por erro a que não deu causa.

Os meios de comunicação de massa atacam a benevolência da justiça e a falta de severidade das penas, fazendo ressurgir as teorias que **penalizam** infratores cada vez mais jovens e reacendem o debate sobre as vantagens dos castigos extremos.

182. PODIA E PODERIA, DEVIA E DEVERIA

A forma *podia* pertence ao pretérito imperfeito do modo indicativo, que designa um fato passado mas não concluído, dá ideia de continuidade, de processo que no passado era constante:

Naquela época, eu **podia** ir lá todos os dias.

A menina nunca **podia** brincar no pátio, a mãe não deixava.

Poderia faz parte do futuro do pretérito do indicativo, que é o nosso condicional e exprime dúvida, probabilidade, suposição sobre fatos passados:

Se ele quisesse, tudo **poderia** ser diferente.

Não sei se eu **poderia** ir com você...

Acontece que na linguagem falada, provavelmente por comodidade, costumamos dizer *podia* no lugar de *poderia*. No português de Portugal, aliás, este uso do imperfeito pelo futuro do pretérito é bastante comum. Vale o mesmo para *devia/deveria* e outros verbos na mesma situação. Sendo assim, é aceitável e correta a frase que utilize o pretérito imperfeito no lugar do futuro do pretérito, ainda que este mantenha sua integridade em textos mais monitorados:

Acho que ela **devia** ir junto.

Será que a gente não **devia** colocar o cinto de segurança?

Você **podia** me mandar a foto hoje?

Agora já era, mas sua mãe não **ia** gostar disso.

183. PROTOCOLAR E PROTOCOLIZAR

Ambas as formas têm o sentido de "registrar no protocolo". *Protocolar*

é uma simplificação brasileira do verbo original protocolizar, formado pelo adjetivo *protocolar* + sufixo *izar*, que indica ação. Para fugir de possível confusão entre o adjetivo protocolar ("Foi uma conversa curta e protocolar", por exemplo) e o verbo protocolar, um amigo meu sai pela tangente ao empregar *protocolizar* quando usa o infinitivo, utilizando a forma mais rápida e simples nos outros casos:

Favor **protocolizar** todos os ofícios, solicitou ela.

Afirmou o juiz que o recurso foi **protocolado** fora do prazo.

O partido **protocolou** no Senado denúncia de que o deputado estaria envolvido em muitas irregularidades.

184. SUBJUNTIVO - USO DO PRESENTE OU PRETÉRITO

A origem da palavra subjuntivo (do latim *subjunctivus* – que serve para ligar, para subordinar) indica sua função principal. O subjuntivo é por excelência o modo utilizado nas orações subordinadas que dependem de verbos cujo sentido esteja ligado à ideia de *ordem, proibição, desejo, vontade, necessidade, condição* e outras correlatas.

O uso do subjuntivo implica, em qualquer caso, uma probabilidade, uma não concretização – ainda – de alguma coisa. Observe a diferença entre o modo indicativo (MI), que exprime, em geral, uma ação ou estado na sua realidade ou na sua certeza, e o modo subjuntivo (MS) em frases similares:

MI: Temos lideranças **que contribuem** para uma sociedade mais justa e igualitária. [o verbo da oração principal é *ter*, portanto já existe tal liderança, o que requer o uso do indicativo na oração subordinada]
MS: Queremos formar lideranças **que contribuam** para uma sociedade mais justa e igualitária. [aqui estamos na fase de *querer*: ainda não temos essas lideranças, daí o uso do subjuntivo na oração subordinada]

MI: Vamos endossar medidas **que** [já] **merecem** apoio.
MS: Vamos endossar medidas **que** [acaso] **mereçam** apoio.

MI: São iniciativas **que auxiliam** o agricultor.
MS: Só serão tomadas iniciativas **que auxiliem** o agricultor.

MI: Existem práticas **que contêm** boa dose de preocupação ecológica.
MS: Ele (não) deve definir práticas **que contenham** tal preocupação.

Os verbos achar e acreditar no negativo levam o verbo para o subjuntivo:

MI: Eu acredito / acho que isso **é** bom.
MS: **Não** acredito / acho que **seja** bom.

MI: Acho que a aula **foi** boa.
MS: **Não** acho que **tenha sido** boa.

MI: Acredito que o dia **vai** ser chuvoso.
MS: **Não** acredito que **vá** chover esta tarde.

► Exemplos de uso do subjuntivo

1. Para exprimir ordem, proibição, desejo, vontade, pretensão, pedido, súplica:

Ele ordenou que ela **ficasse** quieta.

Proibiu que os sócios **bebam** e implorou que **trabalhem** sempre com afinco.

Deseja que eu **volte** logo.

Gostaria que me **considerasse** um amigo.

Esperamos então que os guardas-florestais já **possam** estar uniformizados no próximo verão.

Nada impede que a integração se **dê** e que alguns gerentes de unidades de conservação **possam** ser escolhidos.

Ele sempre pede que o avô **escreva** suas memórias.

Pretendemos desenvolver ações que **incentivem** a implementação de práticas pedagógicas antirracistas.

Imagino que ele não **seja** tolo a ponto de se deixar prender.

Vamos discutir ações que **busquem** alterar as desigualdades sociais.

2. Para exprimir dúvida, receio, necessidade, condição, apreciação, aprovação, admiração:

Duvido que **saibas**.

Será melhor (ou pior) que não **diga** nada.

Negou que **tenha** cometido o delito.

Lamentamos que nossos atendentes **tenham sido** relapsos.

É importante que todos **percebam** o real papel dos guardas-florestais.

Eles são os verdadeiros heróis da conservação das áreas protegidas e não é justo, nem bom para a natureza, que **continuem** sendo esquecidos.

É preciso que se **deixe** de lado esta visão que nos aprisiona num passado de dor e não permite melhorar as condições de vida dos afrodescendentes.

O Estado deveria definir políticas educativas que **possibilitassem** às crianças condições plenas de letramento.

Temo que não mais se **publiquem** livros que **provoquem** o pensar.

3. Para exprimir fatos incertos com o advérbio *talvez* em períodos simples ou orações coordenadas:

Talvez eu **assista** ao jogo.

Talvez **sejam** contempladas, talvez **sejam** eliminadas.

Ela talvez lhe **mandasse** uma mensagem de texto à noite.

4. Para dar a noção de imperativo:

Que **sejas** feliz.

(Que) Deus nos **abençoe**.

Bons ventos o **levem**!

Cantemos a uma só voz...

185. TER DE, TER QUE

Deve-se dizer *tenho que* ou *tenho de* (+ infinitivo)? As duas formas estão corretas:

Os alunos **tiveram que** ir para o auditório.

Os autores **tiveram de** se desfazer do negócio.

A forma original – como ensina longamente Napoleão Mendes de Almeida

– é TER DE, no sentido de "obrigação, necessidade": *temos de fechar o negócio agora; ele teve de sair; as crianças têm de dormir cedo.* TER QUE seria reservado para expressar "coisas que, algo", como por exemplo: *Tenho muito que fazer*, isto é, tenho muitas coisas que fazer (por fazer). Porém houve uma evolução do *que* na direção da obrigatoriedade. Ao falante atual a diferença está mais na repercussão sonora e na força expressiva do que no aspecto histórico. Se *ter de* soa mais culto, *ter que* é a forma mais viva, da linguagem corrente.

Aceitando-se que as duas formas estejam corretas, o que sugiro em frases mais longas é usar o *de* quando já existam outros "ques", e usar *que* num contexto de muitos "des":

> É intolerável **que** o povo **tenha de** pagar o pato. [Em vez de: É intolerável *que* o povo tenha *que* pagar]
>
> Depois **de** fazer as contas, **temos que** proceder aos pagamentos devidos. [Melhor do que: Depois *de* fazer as contas, temos *de* proceder]
>
> A necessidade **de ter que** lutar a fim **de** garantir um trabalho permeia a vida **de** todos.
>
> É vergonhoso **que** os pais **tenham de** se submeter a tantas dificuldades para ver os filhos na escola.

No mais, deixando a gramatiquice de lado, a escolha é pessoal.

186. TER POR HAVER

Em "No meio do caminho", Carlos Drummond de Andrade usa várias vezes o verbo ter no lugar de haver, ou seja, *tinha* por *havia*. O poema termina assim:

> Nunca me esquecerei que no meio do caminho
> tinha uma pedra
> tinha uma pedra no meio do caminho
> no meio do caminho tinha uma pedra.

Também os versos de Chico Buarque *"Tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu..."* corroboram fato linguístico muito comum na língua portuguesa que é o uso do verbo *ter* de forma impessoal, com o sentido de *existir*. Impessoal quer dizer que não há um sujeito com quem fazer a concordância; por isso ele permanece na forma neutra, que é a terceira pessoa do singular.

Vejamos uma frase em que o verbo *ter* flexiona de acordo com seu sujeito: "Tinham alguns meninos chegado ao ponto de ônibus quando o acidente aconteceu". Quem tinha chegado? A resposta será "alguns meninos". No entanto, o verbo ficará no singular se "alguns meninos" não for o sujeito da oração, mas sim o objeto direto: "*Tinha alguns meninos* no ponto de ônibus quando o acidente aconteceu". Aqui não existe resposta para "quem tinha", pois ninguém tinha feito nada. Não existe um sujeito. O verbo é portanto impessoal, não podendo ser flexionado. É por essa razão que não se usa o acento circunflexo no presente em condições de impessoalidade:

Tem mulheres que adoram "rodar a baiana".

Tem vezes que só queremos é sair do país.

Na padaria do português sempre **tem pães e doces** feitos na hora.

Tem mais rapazes que moças na discoteca hoje.

Acho que **tem pessoas** assim em todo lugar.

É evidente que o tempo do verbo pode ir além do presente, e ele é usado inclusive em tempos compostos e locuções verbais:

Na festa **tinha** mais mulheres que homens.

Tem tido muitas brigas no condomínio.

Vai ter uma feijoada lá em casa no sábado.

Com certeza **teve** ocasiões em que eles se sentiram desanimados.

Tinha gente que apelava para o ridículo.

Estamos entendidos: tudo isso está certo, é válido, está muito bom. Porém... O "porém" da história é que nenhuma das frases acima citadas é de natureza formal. Ou é poesia, ou propaganda (em que se costuma privilegiar o coloquial) ou frase do dia a dia, incluindo transcrição de depoimento nos autos de um processo. Em linguagem mais cultivada, exigida nos meios acadêmicos ou oficiais, impõe-se o uso do verbo haver, e nos mesmos moldes, isto é, sem a flexão:

Sempre **haverá os descontentes** com o rumo dos acontecimentos.

Há ocasiões em que todos nos sentimos propensos ao desânimo.

Enfrentaremos com denodo todos os **obstáculos que houver**.

187. TIVESSE E ESTIVESSE

Dá no mesmo dizer *Se eu tivesse* e *Se eu estivesse*? Não. Apesar de na fala as duas formas parecerem iguais, há uma boa diferença entre elas, que deve ser observada na escrita. *Tivesse* é o pretérito imperfeito do subjuntivo (que exprime uma condição) do verbo *ter*, enquanto *estivesse* é do verbo *estar*. Eles podem ser usados como verbo principal ou como auxiliar:

Eu veria mais filmes se **tivesse** tempo.

Se ela **tivesse ouvido** seus conselhos, não estaria hoje em maus lençóis.

Ele não teria perdido o concerto se **tivesse** saído de casa mais cedo.

Ele disse que iria ao Pão de Açúcar quando **estivesse** em boa forma.

Se seu irmão **estivesse** aqui hoje, ele certamente não aprovaria sua atitude.

Ela não teria batido a cabeça se **estivesse** dirigindo com o cinto de segurança atado.

188. VER E VIR

Os verbos *ver* e *vir* podem ser confundidos em duas situações:

– No presente e pretérito do indicativo, pois o mesmo *vimos* é presente de *vir* e passado de *ver*.

– No futuro do subjuntivo, com as formas *vir* e *vier*.

É preciso recordar algumas conjugações:

▸ Vimos

a) O verbo *vir* tem formas diferentes na 1ª pessoa do plural no presente e no pretérito. Presente: venho, vens, vem, *vimos*, vêm. Pretérito perfeito: vim, vieste, veio, *viemos*, vieram.

Vimos, nesta data [hoje, presente], convidá-lo a paraninfar nossa turma.

Já passamos várias vezes na frente deste museu, mas nunca **viemos** visitá-lo.

b) *Vimos* pode expressar também uma forma de passado do verbo *ver* (enxergar), que no pretérito perfeito é assim conjugado: vi, viste, viu, *vimos*, viram.

Nós **vimos** uma estrela cadente de madrugada.

Já vi isso, ou melhor, já **vimos** isso antes.

▸ Vir e vier

a) O verbo *ver*, no futuro do subjuntivo, confunde-se com o verbo vir porque é assim conjugado: (quando/se) eu *vir*, vires, *vir*, virmos, virem.

Darei o recado se eu **vir** o meu chefe amanhã. [e não "ver", como parece que seria]

Se você não **vir** o que estão fazendo, cometerão mais erros.

b) Já o verbo *vir* no futuro do subjuntivo se conjuga assim: (quando/se) eu *vier*, vieres, *vier*, viermos, vierem.

Quando eu **vier** visitá-la de novo, trarei os doces, vovó.

Eles têm procurado votar em pessoas que representem suas preocupações. Se o senhor **vier** a ser um desses representantes, qual será seu compromisso?

189. VERBO SUBENTENDIDO E VÍRGULA

Em itálico, ponderações de um leitor:

Tenho visto com frequência em revistas, jornais e até livros uma pontuação que me parece inadequada e me soa mal. Veja os seguintes exemplos:

O gerente ficou mais bonzinho e o motor, mais malvado.

A aeronave foi isolada e os passageiros, impedidos de desembarcar.

Carro popular fica mais caro e de luxo, mais barato.

A esquerda europeia reconhece seus ancestrais e a direita, seus inimigos.

A saída para a crise é de longo prazo e a receita, ortodoxa.

A empreiteira implodiu o edifício e o ministério, seus opositores.

[Pode-se entender que a empreiteira tinha dois opositores – o edifício e o ministério – e os implodiu.]

O jornalista desconhece a ortografia e o dicionário, a sintaxe e a pontuação. [Pode-se entender que o jornalista desconhece quatro coisas: ortografia, dicionário, sintaxe e pontuação.]

O Planalto fritou o ministro e o cozinheiro, frutos do mar. [sentido ambíguo]

O prisioneiro denunciou o amigo e o empresário, seus cúmplices. [idem]

O médico atendeu o paciente e a enfermeira, os feridos. [idem]

O que me parece é que os redatores têm receio de colocar a vírgula antes do ***e****. [...] Outra explicação seria a de que a vírgula está substituindo o verbo, oculto por elipse. O que eu aprendi em mil novecentos e antigamente é que a vírgula pode ser usada para indicar a elipse do verbo. Mas neste caso ela não precisa ficar no lugar que seria o do verbo. Acho até mais razoável repetir o verbo, em vez de usar essa pontuação absurda. Na maioria dos casos, para corrigir essa pontuação, basta deslocar a vírgula. Em outros será necessário recorrer a ponto e vírgula ou ponto. Em raros outros, será melhor alterar a própria redação.*

É isso aproximadamente o que proponho. Ou seja: há opções de redação. Reitero que não há erro em nenhuma das frases apresentadas acima; no entanto, algumas (as últimas) ficariam melhores com outra pontuação, sem dúvida.

Considero ainda que em muitos casos basta a vírgula antes do *e*:

O carro popular fica mais caro**, e** o de luxo mais barato.

Os liberais ou radicais ficavam sentados à esquerda do orador**, e** os conservadores à direita.

Em 25 de fevereiro de 1975 o governo convocou a V Conferência de Saúde**, e** em março de 1977 a VI Conferência.

Quando aparece o verbo *ser*, pode-se pensar até em repeti-lo:

O Brasil reúne dois defeitos: o dinheiro **é** curto e a distribuição dos valores **é** heterogênea.

Entretanto, há frases sem a conjunção *e* entre as duas orações, que podem ser bem faladas mas mal escritas, como nestes exemplos:

A tevê confere visibilidade, o teatro, prestígio.

Torna-me refletido, mas não ranzinza, serviçal, mas não autoritário.

Nestes casos é preciso usar o ponto e vírgula em lugar do ***e***, para separar com clareza as duas orações:

A tevê confere visibilidade; o teatro, prestígio.

Torna-me refletido, mas não ranzinza; serviçal, mas não autoritário.

190. VERBOS COM A PRONÚNCIA FECHADA DO *E*

Esta é a regra: verbos da 1ª conjugação como *levar, errar, pescar, herdar, zelar, rezar, interessar, encrespar* etc., que têm o ***e*** fechado na penúltima sílaba, e outros como *rogar, almoçar, torrar, empolgar, apostar, forçar*, que têm o ***o*** da penúltima sílaba também fechado, passam a ter tais vogais temáticas abertas nas formas rizotônicas (aquelas em que a tonicidade recai na raiz da palavra). Exemplifiquemos:

- lévo, lévas, léva, lévam, léve, lévem...
- eu érro, ele érra, érram...
- pésco, péscam, pésque...
- eu almóço, rógo, tórro, me empólgo, apósto...
- fórço, fórças, fórça, fórçam, fórce, fórces, fórcem...

Constituem exceções os verbos terminados em **ejar, elhar, echar** e **exar**, menos *invejar*, que tem som aberto sempre: *invéjo, invéja*, etc.: "Espero que você nunca nos inveje".

Sendo assim, a recomendação para quem deseja conjugar eruditamente tais verbos é que emita um som fechado no ***e*** da sílaba paroxítona:

- vicêjo, vicêja (e não vicéja), esbravêja, cacarêja...
- eu me ajoêlho, aconsêlho, espêlho ("E o teu futuro espêlha essa grandeza", e não ... espélha), assemêlha-se, que a ele se assemêlhe...
- fêcho, fêchas, fêcha, eu desfêcho, eu bochêcho, ele bochêcha...
- vêxo, vêxas, vêxa, não vêxe fulano, ele não se avêxa...

Ocorre, no entanto, que essa pronúncia do *e fechado* não é tão simples para os habitantes do Nordeste brasileiro e outras regiões em que o natural é o

som aberto nas mais diversas circunstâncias. Já no Sul é mais fácil e comum a pronúncia do *e fechado* em vista da influência dos vizinhos de língua castelhana. Que ninguém se "avéxe" por não falar "avêxe" – todos nós dizemos "mexe e remexe", e realmente não dá para lembrar, antes da fala, que *mexe* vem de *mexer* (termina em *er*, não tem nada a ver com esta regra ou exceção) e *avexe* vem de *avexar* (verbo listado na exceção à regra que comentamos). A linguagem oral não funciona assim, e muito menos por decreto.

A evidenciar isso está o verbo fechar, que também já está constituindo uma exceção da exceção, a exemplo de *invejar*. Raramente se ouve a pronúncia erudita com *e fechado*: "fêche a porta". A absoluta maioria dos brasileiros emite o som aberto: "ele abre e fécha o cofre todos os dias; elas nunca fécham a matraca; por favor féche a porta".

Eis a lista dos verbos com *e fechado*:

EJAR

almejar
alvejar
badalejar
bocejar
bordejar
cacarejar
corvejar
cravejar
doidejar
esbravejar
espanejar
estalejar
manquejar
pelejar
pestanejar
rumorejar
sacolejar
velejar
verdejar
vicejar
voltejar

ELHAR

aconselhar
ajoelhar
assemelhar
espelhar

ECHAR
bochechar
desfechar
fechar

EXAR
avexar
vexar

191. VERBOS DEFECTIVOS

Verbo defectivo é aquele que tem "defeitos", falhas na conjugação. Ou seja, sua conjugação não é completa. Isso acontece principalmente na primeira pessoa do **presente** – ninguém diz, por exemplo, "eu falo" e "paro" referindo-se aos verbos falir e parir. Ou: eu não *fedo (feder), eu *abulo ou *abolo (abolir). Nem se diz *coluro ou *coloro, mas se usa o gerúndio ou um circunlóquio: *não estou fedendo, estou colorindo, faço um colorido*... São formas inexistentes mesmo, e vamos seguindo sem elas. Entretanto, algumas dessas lacunas se devem a uma questão mais propriamente estética do que técnica. É o caso de adequar, explodir e computar.

ADEQUAR é cada vez mais usado nas pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e mesmo no subjuntivo, inclusive por falantes cultos, que contam com o aval do *Dicionário Houaiss*. Se temos *obliquo, obliqua*, *obliquam*, por que não *adequo, adequa, adequam*?

Noto que *obliquar* é citado no Acordo Ortográfico promulgado em 2008, junto com *apropinquar, averiguar, delinquir* e afins, como verbos que oferecem dois paradigmas e por isso podem ter as formas rizotônicas "acentuadas no ***u*** mas sem marca gráfica" (p. ex.: *averiguo, enxaguas, delinquem*) ou "acentuadas fônica e graficamente nas vogais ***a*** ou ***i*** radicais" (a exemplo de *averíguo, oblíquas, enxágua, delínquem*).

Então, analogamente, quando se encontram as formas sem acentuação nessas pessoas consideradas defectivas, deve-se ler adeqUa, adeqUo, adeqUa, adeqUam, adeqUe, com a tonicidade na vogal *u*, que antes do Acordo levava acento agudo. Em Portugal, conforme assinalado no *Dicionário Houaiss*, a ocorrência dessa pronúncia é maior. No Brasil preferem-se as formas paroxítonas em ditongo decrescente, com a tonicidade na letra ***e***, que então devem ser acentuadas graficamente: a*déquo, adéqua, adéquam, adéque, adéques, adéquem*. Exemplos:

> Infelizmente eu não me **adéquo** a estas circunstâncias.

Diz o instrutor que o menino, ainda que tenha boa vontade, não se **adéqua** ao futebol.

Pessoas flexíveis e maduras se **adéquam** facilmente às novas situações.

A autora se preocupa em apresentar receitas que se **adéquem** ao dia a dia das pessoas que não têm tempo para cozinhar.

Esperamos que esse município se **adéque** à nova lei.

EXPLODIR não é verbo defectivo em si. Ele é conjugado conforme o verbo *dormir*, segundo dicionários especializados; portanto, pode-se dizer "ele *explode*, eu *expludo*; ele que *expluda* o balão". O *Dicionário Houaiss* registra as conjugações brasileiras *explodo, exploda*, observando que também existem *expludo* e *expluda*. Já vi *expludo* em livros editados em Portugal, numa boa. Aqui, depois que o ex-presidente Figueiredo falou (corretamente) "eu expludo", criou-se o estigma e a má reputação do verbo, como se ele devesse ter explodido de outra forma: "Ele que se exploda!"

COMPUTAR não é tampouco verbo defectivo. Existem e são usadas formas como "eu *computo*, ele *computa* os dados diariamente; *computa* isso para mim?" Não falar "computa" seria talvez uma opção pessoal por causa da sonoridade indigesta para alguns. O *Dicionário Houaiss* consigna todas as formas do verbo computar. Mas devemos lembrar que as palavras existem não porque os dicionários querem que elas existam. É o contrário: os dicionários devem espelhar o vocabulário existente.

De qualquer modo, um alerta: quem está se submetendo a um concurso público deve evitá-las, pois nunca se sabe o grau de tolerância da comissão que vai corrigir as provas, a qual pode aceitar ou rejeitar a forma adotada pelo *Houaiss*, dicionário que se propôs a registrar um uso efetivo, encontrado mesmo entre falantes cultos, assim considerados, na ciência linguística, os brasileiros da zona urbana que têm curso superior completo. Aliás, formas em discussão jamais deveriam ser objeto de provas de língua portuguesa.

▸ Verbos defectivos – meteorologia e natureza vegetal

Na categoria de verbos defectivos ou defeituosos, aqueles que apresentam lacunas em algumas pessoas verbais, enquadram-se todos os verbos que exprimem fenômenos meteorológicos. Por exemplo, *amanhecer, chover, anoitecer, garoar, gear, nevar, trovejar* só se conjugam na terceira pessoa do

singular de cada tempo e não possuem as formas imperativas. São chamados *verbos impessoais*.

Há outros que podem ser considerados defectivos, os *pessoais*, que se apresentam sobretudo na terceira pessoa do singular e do plural de cada tempo, como os que exprimem fenômenos da natureza vegetal (*arborescer, frutificar, murchar, verdejar, vicejar* etc.) e os verbos onomatopaicos ou imitativos de vozes de animais e de ruído das coisas (*balir, cacarejar, ganir, grasnar, latir, mugir, badalar, chiar, espoucar/espocar, tilintar/tlintar* etc.).

Tanto os verbos que exprimem estados atmosféricos ou vegetativos quanto os onomatopaicos admitem conjugação completa, pois eles podem ser empregados em sentido figurado (eu *trovejei* de raiva, *amanheço* pensando em ti, nós *frutificamos*, eles *uivaram* de dor) e também em outras acepções, como "eles *badalam* em todas as festas; o filme foi muito *badalado*".

Alguns, entretanto, continuam defectivos, já que não têm a primeira pessoa do presente do indicativo, tais como os verbos *falir, parir, balir, latir, colorir*, que por conseguinte não têm o presente do subjuntivo.

▸ Reaver, verbo defectivo

Em "ele reaveu os bens que havia perdido", está correto o uso do verbo? Não.

Não se diz nem *reaveu, nem *reaviu, pois o verbo reaver deriva de *haver* [re + haver sem o *h*], e não de *ver*. Ele é conjugado somente nas formas em que a letra ***v*** aparece nas flexões do verbo haver. Por exemplo, no tempo presente conjuga-se *hei, hás, há, havemos, haveis, hão*. Então, no caso de *reaver*, só temos as formas **reavemos** e **reaveis**. Trata-se de um verbo defectivo. Não existe o subjuntivo presente nem o imperativo. Nos outros tempos, segue-se o verbo haver, como foi dito:

> Ele **reouve** os bens que havia perdido.
>
> Se os rebeldes **reouvessem** as armas que lhes tiramos, voltariam a atacar.

192. VERBOS EM *ISAR* E *IZAR*

Não se perde por escrever corretamente. Mas os dicionários nem sempre estão à mão para dirimir dúvidas. Na hora do sufoco, tem-se que partir para uma solução de cabeça. E aí, quando o problema é decidir entre o ***s***

ou *z* dos verbos da 1ª conjugação terminados em *isar* ou *izar*, pode ser útil este lembrete: a diferença está na palavra de que eles derivam.

Primeiramente, os verbos em ISAR são derivados de nomes (radicais) terminados em **is** (com respectivos sufixos ou desinências, conforme o caso). Aqui "ar" não é sufixo: é sim a terminação verbal da 1ª conjugação, que agregada a um radical terminado em **is** forma os verbos em *isar* de que estamos tratando. Para exemplificar: agregando-se "ar" ao substantivo *anis* tem-se o verbo *anisar*; a *íris*, *irisar*, e assim por diante. Para distinguir esses verbos daqueles escritos com *z* (de *izar*), pode-se fazer sua associação com o substantivo aparentado. Se o nome é grafado com **is**, o verbo também o será:

l**is**o → alisar
anál**is**e → analisar
av**is**o → avisar
b**is** → bisar
div**isão** → divisar
fr**is**o, fr**is**a → frisar
gu**is**ado → guisar
paral**is**ia → paralisar
pesqu**is**a → pesquisar
p**is**o → pisar
prec**is**ão, prec**is**o → precisar
v**is**ão → visar

No entanto, escreve-se *deslizar* e *balizar* porque esses verbos vêm de deslize e baliza respectivamente.

Os verbos terminados em IZAR, por sua vez, formam-se de nomes (adjetivos, principalmente) aos quais se agrega o sufixo *izar*, que significa "tornar, transformar em". Assim sendo, de visual+*izar* formamos *visualizar*; de neutro, *neutralizar*; de tranquilo, *tranquilizar*; de harmonia, *harmonizar*.

Nessa passagem são feitas adaptações gráficas (acréscimo, eliminação ou mudança de letras) exigidas pela gramática, com as quais normalmente já estamos familiarizados. Para exemplificar: robô > *robotizar*; simpático > *simpatizar*; permeável > *permeabilizar*; ênfase > *enfatizar*; padrão > *padronizar*; catequese > *catequizar*.

Exemplos diversos:

álcool	– Pessoas **alcoolizadas** estragaram a festa.

canal	– Todos os recursos foram **canalizados** para essa obra.
estéril	– O médico mandou **esterilizar** os instrumentos.
formal	– **Formalizamos** o acordo.
industrial	– Eles **industrializam** tubos e conexões.
local	– Precisamos **localizar** os documentos.
oficial	– O noivado será **oficializado** no domingo.
poético	– Quero **poetizar** minhas horas.
urbano	– **Urbanizar** a periferia é sua promessa.

193. VERBOS PRONOMINAIS

Chamam-se verbos pronominais todos aqueles que aparecem acompanhados de um pronome oblíquo átono (me, te, se, nos, vos).

Existem alguns verbos essencialmente pronominais, que não se usam sem o pronome, como *queixar-se, arrepender-se, apiedar-se, indignar-se, suicidar-se, orgulhar-se, apoderar-se, atrever-se* etc., casos em que o *se* não tem nenhuma função sintática (não se analisa sintaticamente).

Há verbos transitivos diretos que são eventualmente pronominais, usados com os referidos pronomes átonos ou clíticos para indicar

– ***reflexibilidade*** (o sujeito pratica e recebe a ação verbal):

A velhinha **se penteia** com a mão esquerda.

Na briga entre as gangues, Pierre e Pedro **se machucaram** bastante.

Tu **te esquentas** à toa, rapaz!

Eles gostam de **se mostrar**, de **se exibir**...

– ***reciprocidade*** (um ao outro, mutuamente):

Cleusa e Carlos **se estimam** e **se tratam** como irmãos.

No Natal e Ano-Novo nós **nos cumprimentamos** por e-mail.

Entretanto, tem havido algumas mudanças no emprego dos pronomes reflexivos *me, te, se, nos* junto com verbos tradicionalmente pronominais como casar, sentar, mudar, divorciar. Há mesmo necessidade de usar os reflexivos? Ou seja, o correto é *ela casou* ou *ela se casou*? *Sentou-se* ou *sentou* um minutinho?

Ao pesquisar em dicionários (comuns e de regência), descobre-se que há possibilidades diversas; já existe um aval para a eliminação, mesmo no nível culto, do pronome reflexivo junto com os verbos citados (salvo *divorciar*, que sempre é apresentado como pronominal*: divorciar-se*). Isso quer dizer que é facultativo o uso do pronome nestes casos:

CASAR
Jucira anunciou que vai (se) **casar**. Mara vai (se) **casar** com Mauro. **Casei**(-me) cedo. Pedro e eu vamos (nos) **casar** brevemente.

SENTAR
Jucira preferiu **sentar**(-se) no sofá. **Sentei**(-me) e descansei um minuto. Chegamos cedo e (nos) **sentamos** à mesa principal.

MUDAR
Jucira vai **muda**r(-se) para longe. Resolvi (me) **mudar** para Taió. Decidimos que (nos) **mudaríamos** daqui tão logo saísse a aposentadoria.

Mesmo no caso do verbo *divorciar-se* há uma tendência – por contaminação sintática, pois as construções linguísticas se cruzam, se mesclam, se interinfluenciam – a suprimir o pronome, de que é prova a declaração à revista Istoé, em maio de 2005, da nossa grande escritora Lygia Fagundes Telles: "**Divorciei, casei** outra vez, com o Paulo Emílio Salles Gomes".

O cuidado que se deve ter, para que o texto seja considerado bom e agradável de ler, é com a clareza em primeiro lugar. Por exemplo, se você escreve "finalmente resolvi mudar", não se sabe qual o sentido: *mudar o quê?* Portanto, se for *deslocamento de um lugar para outro*, escreva "finalmente resolvi **me** mudar". Depois vem a sonoridade da frase – muitas vezes "nos mudamos" soa melhor do que "mudamos". Isso significa que não é preciso haver uniformidade, isto é, empregar o pronome todas as vezes ou suprimi-lo sempre. Pode-se variar no caso dos verbos *casar, sentar e mudar*, conforme a clareza ou sonoridade que se deseja.

No mais, é altamente recomendável usar os pronomes reflexivos sempre que a situação o exija, qual seja, quando o sujeito é o agente (pratica e recebe a ação), ou se refere a si mesmo e não a outra pessoa ou coisa. Por exemplo:

Sei que vou **me classificar** no concurso.
→ Vou classificar as figuras.

O time **se classificou** para a final.
→ O resultado classificou o time.

Ela **se sente** sozinha.
→ Ela sente o problema.

Os dois adversários **se confrontaram.**
→ Eles confrontaram suas propostas.

A crise **se refletiu** em todos os setores.
→ O espelho refletiu a imagem.

Vejamos ainda como usar de um modo melhor e mais culto três verbos que estão tendendo a perder o pronome reflexivo:

APOSENTAR – No sentido de "obter a aposentadoria", este verbo não é intransitivo (*eu aposentei), mas sim exige um complemento: alguém aposenta *os chinelos*, um instituição aposenta *um funcionário*, e você *se* aposenta. Então:

Ela vai **se aposentar** logo.

Eu já **me aposentei**.

Quando é que seu marido **se aposentou**?

CHAMAR – Quem diz "Eu chamo Mário" na verdade está dizendo que ele convoca ou contata alguém chamado Mário. Mas se este é o nome da própria pessoa, ela deve dizer: "Eu me chamo Mário". O sentido muda completamente, por isso insistimos nestas fórmulas:

Como você **se chama**?

Como o senhor **se chama**?

Tu **te chamas** Berenice, não?

FORMAR – O mesmo rigor deveria ser considerado em relação ao verbo formar quando tem o significado de "receber diploma". Em vez de *ele formou na Unicamp, por exemplo, diga-se:

Ele **se formou** na Unicamp.

Vou **me formar** em julho.

Elas **se formaram** com louvor.

- Verbos pronominais com o prefixo *auto*: autobiografar-se

Alguns alunos têm perguntado se é correto o uso concomitante de *auto* e *se*, como em *autobiografar-se, autossugestionar-se e autodesmamar-se*. Afinal, não têm aqueles dois termos o mesmo sentido?

O prefixo *auto* significa "si mesmo, (de) si mesmo, (por) si próprio". No entanto, *autobiografar* não funciona sem pronome reflexivo. É inviável, é ingramatical dizer: *Fulano autobiografou, porque *autobiografar* necessita de complementação, de um objeto direto que represente a mesma pessoa do sujeito. E esse complemento não pode ser *auto*, que é uma forma presa ao verbo – sendo elemento mórfico, *auto* é inapto a exercer função sintática. Necessita-se, portanto, do pronome para tomar o posto de objeto reflexivo.

Já estão dicionarizados muitos outros verbos em que se observa um processo de redundância necessário, como *autoanalisar-se, autoafirmar-se, autossugestionar-se, autopunir-se, autorretratar-se*. O simples *analisar-se* ou *afirmar-se*, por exemplo, não traz o ingrediente científico especializado do termo *autoanálise* ou *autoafirmação* da Psicologia e Psicanálise. Da mesma forma, pode-se contrapor *sugestionar-se* a *autossugestionar-se*, percebendo-se em cada verbo uma carga semântica diferente.

194. VIR E VIM

Existem as duas formas, *vim e vir*, mas cada uma tem o seu uso específico.

VIM é o pretérito perfeito de *vir* na primeira pessoa do singular:

Todas as vezes em que **eu vim** sem agasalho, fiquei resfriado.

Sempre **vim** à missa nesta igreja, como sabes.

Nem parece que **vim** mais tarde – ainda há pouca gente no salão.

VIR é o nome do verbo, ou infinitivo, que pode ser usado de diversas maneiras: junto com outros verbos, em locuções verbais, ou mesmo sozinho em frases como:

Vir bem trajado ao trabalho demonstra zelo.

Sempre soube que **vir** de bermudas não é proibido.

Entretanto, formou-se um cacoete na pronúncia do infinitivo **vir**, que se transforma em "vim" principalmente quando há aproximação de sons nasais, por exemplo: **Eles podem vim, devem vim, elas vão vim...* Mas com algum esforço e determinação é possível começar a acertar essa pronúncia (antes que ela acabe influenciando mal a escrita). Esta é a orientação que podemos oferecer:

1. Use o infinitivo ***vir*** (no afirmativo ou negativo) depois da preposição:

   Ele tem a obrigação **de vir** cedo.

   Os sobrinhos têm prazer **em vir** a nossa casa.

   O ministro fez de tudo **para vir** ao Estado, mas teve que ficar em Brasília no fim de semana por causa de compromissos de última hora.

   Sem dúvida, eles têm motivos **para não vir** aqui.

   O diretor disse que é **para** você **vir** à reunião amanhã, Dorneles. Mas nada **de vir** acompanhado de seus assessores!

2. Use ***vir*** nas locuções verbais (verbo auxiliar + infinitivo):

   Podem vir!

   Os alunos **devem vir** uniformizados, alertou a diretora.

   Não sei se os sobrinhos **vão vir** aqui nas próximas férias.

   Os garis **têm de vir** recolher o lixo desta viela todas as noites.

   Temos certeza de que agora vocês já **sabem vir** sozinhos.

   Eu **vou vir** acompanhado, posso?

gerúndio

195. GERÚNDIO - USO

O gerúndio, uma das três formas nominais do verbo, pode e deve ser usado para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea a outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares *estar, andar, ir, vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

1. com *ESTAR*, o momento é rigoroso:

   Está havendo, hoje em dia, um certo abuso...

   Os preços **estão subindo** todos os dias.

   O país **está entrando** numa crise sem precedentes.

2. com *ANDAR*, predomina a ideia de intensidade ou movimento reiterado:

   Andei buscando uma saída para a crise.

   Andaram falando mal de ti.

3. com *IR*, a ação durativa se realiza progressivamente:

   O tempo **foi passando** e nada de solução.

   Aos poucos ela **vai ganhando** a confiança do patrão.

4. com *VIR*, a ação se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

   O livro não registra como tal expressão **vem sendo** usada pelos brasileiros.

   A noite **vai chegando** de mansinho.

196. GERUNDISMO

▸ Um relato histórico

Juro que não tinha escutado o tal gerundismo até a véspera do feriado de 1º de maio [2002], motivo pelo qual eu ainda não havia tratado do assunto. Só ouvindo para crer.

Toca o telefone: era um rapaz muito simpático, da Embratel, a fazer novo cadastramento do proprietário daquela linha telefônica. Tentei me escapar dizendo que estava no nome do meu marido, mas fui "fisgada" quando ele se saiu com esta:

– A senhora pode estar respondendo a duas ou três perguntas? Eu vou estar confirmando os dados... blablablá... Nossa empresa vai estar lhe informando blablablá... A senhora vai estar pagando diretamente em conta corrente...

– Espera aí, moço. Será que não dava para fazer algumas alterações nesse texto que você acaba de ler?

– Como assim?? [surpreso e assustado]

– É o seguinte [me identifiquei melhor e...]: em vez de usar o verbo estar com o gerúndio, por exemplo "estar respondendo", você vai direto para o verbo principal: "responder".

– Ah, eu uso o presente...

– Não é bem o presente, é o infinitivo. Assim: em vez de dizer "pode estar respondendo", você diz **pode responder**; "vou estar confirmando" fica **vou confirmar**; "vai estar lhe informando" – **vai lhe informar;** "vai estar pagando" – **vai pagar,** e assim por diante.

– Está bem. Então posso estar continuando... ops!... pos-so con-ti-nu-ar [enfático] **a mensagem?**

– Vamos lá.

– A senhora vai... [pausa] **re-ce-ber** em seu domicílio...

Só não perguntei ao rapaz qual seu nome. Foi pena – eu poderia sugerir à empresa um melhor aproveitamento do funcionário, por sua disposição em aprender tão rapidamente a lição. Quanto a mim, cairia bem um descontinho nas ligações, pela aula à distância... via Embratel.

Endorreia e gerundismo

Se o gerundismo é fenômeno linguístico relativamente recente no Brasil, não o é a *endorreia* – "é assim que os puristas chamam ao abuso do gerúndio e ao seu uso pouco vernáculo", informa Lapa (1959, p. 177). Esse nome um tanto esdrúxulo provém da formação do gerúndio nos verbos da segunda conjugação [vendo, tendo, vendendo etc.] e chama a atenção para um excesso de gerúndio no português brasileiro que chega a soar mal aos falantes do português europeu. Lá se diz, por exemplo, "estão a fazer renda" em vez de "estão fazendo".

Dizem que a *endorreia* é francesismo. Já o gerundismo é atribuído à influência do idioma inglês no Brasil. Seria uma tradução malfeita de "*I am going to do something*" (literalmente: Estou indo fazer algo), ou então a tradução ao pé da letra de um futuro muito usado pelos americanos: "*We will be sending you the catalog soon*", que se traduziria literalmente

por "Nós estaremos lhe enviando o catálogo em breve". Em português temos a opção de dizer "Nós lhe enviaremos" ou "Nós vamos lhe enviar o catálogo", sem necessidade da fórmula **Nós vamos estar lhe enviando*.

Esta construção abusiva do gerúndio é muito utilizada nos serviços de atendimento ao cliente por telefone e *telemarketing*, e nesse caso pode se explicar por uma tradução apressada dos manuais que vêm do exterior. À medida que melhorarem as traduções, o gerundismo vai desaparecer.

Diferenças entre gerúndio e gerundismo

De qualquer modo, há que se distinguir o bom do mau emprego gerundial. "O problema consiste em saber se de fato o uso do gerúndio traz vantagem estilística sobre os outros processos" (LAPA, 1959, p. 178). Vale dizer que ele é muito apropriado nos casos em que se necessita transmitir a ideia de *movimento, progressão, duração, continuidade*.

O gerúndio é correto, então, nestes exemplos:

> Em virtude do atraso, **estaremos recebendo** o pagamento em conta corrente nos dias 27 e 28.
>
> – Podemos nos encontrar no fim de semana?
> – Infelizmente não, pois **vou estar viajando**. [ou: estarei viajando]
>
> Em outros artigos ela **estará dando** maior atenção a cada um desses temas.
>
> Ela **deve estar fazendo** as tarefas de casa agora.

É abusivo (classificando-se então como gerundismo) nos seguintes casos:

> Vou aproveitar o 13º para *estar pagando* tudo. [devemos trocar por: para **pagar**]
>
> Concomitantemente, temos que *estar discutindo e reconstruindo* um currículo escolar que venha a ser um instrumento de formação integral. [temos que **discutir e reconstruir**]
>
> Estes temas devem servir para *estarmos aprofundando* as discussões. [para **aprofundarmos**]
>
> Nossos atendentes *vão estar efetuando* a cobrança somente em maio. [vão **efetuar** = efetuarão]

Em suma: evita-se o gerundismo ao fazer a troca da locução verbal *ir* +

estar + gerúndio por *ir + infinitivo*. Em vez de "vou estar mandando", diga *vou mandar* ou *mandarei*.

197. ORAÇÃO REDUZIDA DE GERÚNDIO

Reduzida é a oração que não se inicia por pronome relativo nem por conjunção e tem o verbo numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. Equivale a uma oração desenvolvida (iniciada por conjunção e com o verbo numa forma finita – do indicativo ou do subjuntivo).

Exemplos de oração reduzida de gerúndio subordinada adverbial[12] seguida da oração desenvolvida correspondente:

> **Sabendo** disso, ela se afastou.
> Quando soube disso, ela se afastou.
>
> **Estando** inadimplente, José sofreu ação de despejo.
> Como / Porque estava inadimplente, José sofreu ação de despejo.

Quando se tem uma oração reduzida de gerúndio sem sujeito explícito, significa que o sujeito dela é o mesmo da oração principal, como nos exemplos acima: a pessoa que soube é a mesma que se afastou; José é o sujeito de *estar* e de *sofrer*.

Já quando se quer exprimir que o sujeito do gerúndio é diferente daquele da oração principal, cumpre deixá-lo explícito (os dois sujeitos estão destacados em itálico na oração desenvolvida):

> **Passando** o vendaval, atracaremos o barco.
> Depois que passar / Uma vez que passe *o vendaval*, [nós] atracaremos.
>
> **Estando** José inadimplente, o locador entrou com ação de despejo.
> Porque / Como *José* estava inadimplente, *o locador* entrou com ação de despejo.
>
> **Ocorrendo** lesão corporal grave, aplica-se o disposto no art. 258.
> Quando ocorre / Caso ocorra *lesão* corporal grave, aplica-se *o disposto* no art. 258.

▸ Considerando(-se)

Por ser tão popular, o termo "considerando" tem sido alvo de perguntas sobre

12 Sobre este tipo de gerúndio antecedido da preposição em, ver capítulo Preposições, tópico *126. Em + gerúndio.*

o seu uso com ou sem o pronome *se*. Dado que se trata de um gerúndio, segue-se a mesma regra apresentada acima: quando o seu sujeito é a pessoa constante na oração principal ou implícita no contexto (mencionada em frase anterior), não se usa a partícula *se* que denota impessoalidade:

> **Considerando** os argumentos, *o juiz* declarou nulo o ato. [quem considerou os argumentos foi o juiz]
>
> **Considerando** o aumento da arrecadação, *o governo* aumentou o salário dos professores.
>
> **Considerando** [eu] os argumentos, *declaro* que....
>
> **Considerando** [nós] os argumentos, *declaramos* que...

Emprega-se esse gerúndio com o pronome *se* para expressar que "algo foi levado em consideração, ou a gente considera" quando a oração principal tem uma forma impessoal (voz passiva, sujeito indeterminado). Ou seja, tanto a oração principal quanto a subordinada reduzida devem trazer a marca da impessoalidade:

> **Considerando-se** os argumentos, *declarou-se* nulo o ato.
>
> Esse cálculo *foi feito* **considerando-se** o tempo de secagem e colheita.
>
> *Vendem-se* tais casas **considerando-se** que estão velhas.
>
> **Considerando-se** que a empresa está em expansão, *precisa-se de* mais funcionários.

Ocorre que especificamente com o verbo considerar no gerúndio – talvez por haver considerandos (subst. masc.) ou um sujeito implícito no contexto – o pronome *se* não faz falta para impessoalizá-lo. É por esse motivo que se admitem frases assim:

> **Considerando** que a empresa está em expansão, *precisa-se de* mais funcionários.
>
> A arrecadação do IPVA, **considerando** multas, juros e dívida ativa bem como a restituição aos contribuintes, é apresentada no gráfico 3.
>
> **Considerando** que a atual forma de extração de cascas de barbatimão tem comprometido a sobrevivência da espécie nos ambientes naturais, são apresentadas recomendações em contrário.

198. GERÚNDIO E VÍRGULA

A colocação da vírgula antes do gerúndio é correta quando ele introduz uma oração reduzida equivalente a uma *coordenada aditiva*. Ou seja: em vez de usar ***e*** + o verbo conjugado no tempo apropriado à frase, você usa a *vírgula+gerúndio* (que não tem forma específica para presente, passado ou futuro; o tempo é dado pela oração principal). O sujeito do gerúndio é o mesmo da oração anterior. Vejamos, então, as mesmas frases nos dois estilos, que se equivalem:

Com vírgula e gerúndio

1. O plano veio para estabilizar a economia, **acabando** com a inflação.
2. Silvio Santos deu uma nova tacada com a reedição do programa, **garantindo** uma audiência ainda maior.
3. Tibaldeschi residiu em SC de 1924 a 1940, **dedicando-se** ao ensino da língua e à inspeção escolar.
4. Recomendou que continuassem com essa educação, **mantendo-se** laboriosos, honestos e dignos.
5. Ela se muda para Blumenau e se casa imediatamente, **abandonando** mais uma vez o emprego.

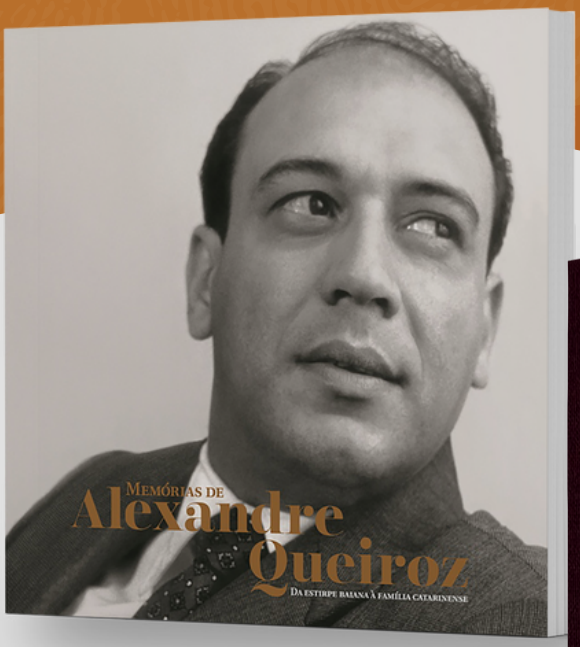
Com **e** *e sem vírgula*

1. O plano veio para estabilizar a economia **e acabar** com a inflação.
2. Silvio Santos deu uma nova tacada com a reedição do programa e **garantiu** (assim/com isso) uma audiência ainda maior.
3. Residiu em SC de 1924 a 1940 **e dedicou-se** ao ensino da língua *e* à inspeção escolar.
4. Recomendou que continuassem com essa educação **e se mantivessem** laboriosos, honestos *e* dignos.
5. Ela se muda para Blumenau *e* se casa imediatamente **e abandona** mais uma vez o emprego.

A oração aditiva introduzida pela conjunção *e* não significa melhor redação, e até mesmo deve ser evitada quando no período já existe outro *e* próximo, como nas frases 3, 4 e 5 acima.

haus

Biografias

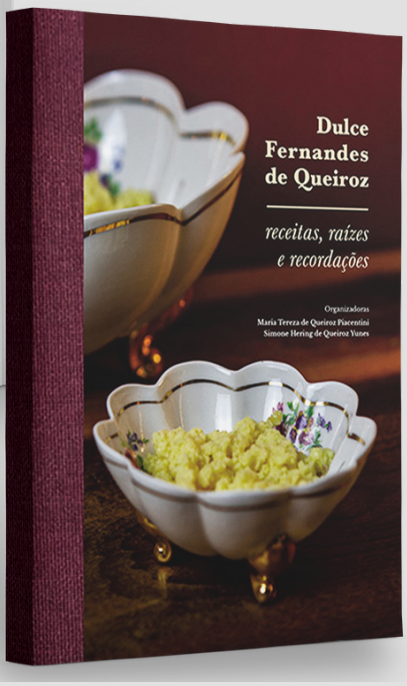


264 páginas

28 x 28 cm

192 páginas

18 x 23 cm



Para adquirir a versão impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **BIO15**

41 3323 4020 www.livrariabonijuris.com.br 0800 645 4020

199. GERÚNDIO SEM VÍRGULA

Primeiro caso: uso do gerúndio sozinho (sem verbo auxiliar) numa situação de oração reduzida adverbial depois da oração principal.

Quando o gerúndio denota MEIO, MODO, ou INSTRUMENTO – respondendo, portanto, à pergunta *como?* –, não se usa a vírgula, pois então se trata de uma oração subordinada na sua ordem normal, que é depois da principal:

> A criança constrói sua cultura **brincando**.
>
> Dewey já comentava a importância de "aprender **fazendo**".
>
> A cigarra passou a vida **cantando**.
>
> Esse fato contribui ainda mais para afastá-lo da sua missão de eliminar conflitos **realizando** a justiça.
>
> O Direito deve retomar o seu papel de instrumento de ordenação **respondendo** às convenções morais.
>
> Em 1831 um empresário decidiu minorar a falta de transportes públicos de Nova York **encomendando** um veículo para 12 pessoas a um fabricante de carruagens.

Em Portugal, é bom que se diga, o gerúndio é desprezado nesse tipo de frase. Lá se costuma empregar a oração reduzida de infinitivo, que nós brasileiros também usamos (mas não tanto): Subiu a rampa *a correr* / passou a vida *a cantar* / a criança constrói sua cultura *a brincar* e assim por diante.

Podemos reforçar que a ausência da vírgula diante do gerúndio (ou oração gerundial) é a regra em qualquer tipo de oração adverbial na sua ordem habitual, isto é, depois da oração principal, não anteposta nem intercalada. Constata-se esse uso mais frequentemente quando o gerúndio equivale a uma oração adverbial FINAL, ou seja, aquela que exprime uma finalidade (poderíamos dizer que responde à pergunta *para quê*?):

> Ele renunciou **objetivando** facilitar as investigações.
>
> A imobiliária deve enviar e-mail ao locador **avisando-o** da multa rescisória.
>
> Emitiu-se nota oficial **informando** que o prazo de entrega do IR foi prorrogado.
>
> Sempre escreve ao pai **pedindo** mais dinheiro.

A Associação de Proteção Animal enviou correspondência ao governador **cumprimentando-o** pela proibição da farra do boi.

O chefe telefonou ao secretário **dizendo** ser inadmissível tanto erro de português.

Decreto imperial concedeu permissão ao visconde de Barbacena para organizar uma companhia **visando** a exploração do carvão mineral no rio Tubarão.

Segundo caso: uso do gerúndio sem a vírgula quando ele equivale a uma oração adjetiva restritiva. É bom lembrar que mesmo a oração adjetiva restritiva desenvolvida – introduzida pelo pronome relativo *que* em vez do gerúndio – jamais vem separada por vírgula. Exemplos com as duas modalidades:

Foi interessante ver um palhaço **engolindo** / **que engolia** fogo.

Todo lojista, seja proprietário ou locatário, tem o direito de exigir documento **comprovando** / **que comprove** as despesas efetuadas no condomínio.

Foi acusado de prática de nepotismo **envolvendo** / **que envolve** a filha.

Disse que devemos redigir um texto **alertando** / **que alerte** sobre a prevenção de doenças.

Há torcedor do Figueirense **achando** / **que acha** que o time vai empatar.

As ações **envolvendo** / **que envolvem** a unidade de combate ao tráfico não foram divulgadas.

São feitas compras sem que o comprador tenha recibo **comprovando** / **que comprove** o pagamento realizado.

Levamos à apreciação da Câmara projeto de lei **proibindo** / **que proíbe** a importação de alho.

A notar que a oração gerundial é geralmente mais leve, pois evita o *que* ou sua repetição.

200. INFINITIVO FLEXIONADO

O uso do infinitivo flexionado é chamado de "idiotismo" por ser, entre as línguas neolatinas, peculiar e exclusivo do português. Se, por um lado, a flexão (*-es, -mos, -em*) serve para esclarecer a desinência número-pessoal ou pessoa do sujeito sem ser necessário mencionar explicitamente os pronomes *tu, nós, eles* (por exemplo, pode-se dizer "convém irmos juntos" em vez de "convém **nós** irmos juntos"), tornando a redação mais bonita e agradável, por outro lado deixa os falantes em dúvida sobre o que é melhor ou correto. Por esse motivo abordaremos todos os casos de flexão do infinitivo.

▸ Infinitivo impessoal

O infinitivo é uma das três formas nominais do verbo, junto com o gerúndio e o particípio. Por sua própria essência e natureza, o infinitivo é uma expressão verbal que não comportaria flexão – é o chamado **infinitivo impessoal**, que não tem sujeito próprio e geralmente corresponde a um substantivo, por exemplo: Trabalhar é bom = o trabalho é bom. Amar é sofrer = o amor é sofrimento.

▸ Infinitivo pessoal flexionado

No entanto, a língua portuguesa tem a peculiaridade de *poder* (e às vezes *dever*) flexionar o infinitivo, que passa a ser chamado de **infinitivo pessoal.** Flexionar quer dizer conjugar em todas as pessoas: *vender*, *venderes*, *vender*, *vendermos*, *venderdes, venderem*. Esse infinitivo pessoal, que apresenta um fato ou uma ação de modo geral, está usualmente ligado a uma preposição – *para ir*, vontade *de sair*, interesse *em ficar* – ou a orações em que ele tem a função de sujeito, como: Convém / Cumpre *dizer*... ou É preciso / é bom / é necessário / é importante / é possível *dizer*...

▸ O infinitivo flexiona

1. Quando tem sujeito claramente expresso**,** ou seja, quando o pronome pessoal ou o substantivo está na mesma oração do infinitivo, geralmente ao seu lado. É o único caso de flexão obrigatória:

É melhor **nós irmos** embora já.

Convém **os idosos saírem** em primeiro lugar.

Não é interessante **elas receberem** tanta gorjeta.

Farei o possível para **as crianças** aqui **terem** o conforto que tinham em casa.

Dê um jeito de **seus filhos estudarem** juntos, falou.

2. Quando se refere a um sujeito não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal, até mesmo para evitar ambiguidades:

Mencionei a intenção de **vendermos** a casa.

É melhor **saíres** agora – está na hora de **irmos** embora.

Não confiaram em nós pelo fato de **serem** jovens.

Não confiaram em nós pelo fato de **sermos** jovens.

Observe que as mesmas frases sem a flexão não deixariam claro o sujeito: "Mencionei a intenção de vender" poderia significar "eu vender". "É melhor sair" e "está na hora de ir" pode se referir a *eu, ele, ela, você*; "ser jovens" deixaria ambíguo: eles ou nós?

▸ O infinitivo não precisa flexionar

A flexão não é obrigatória quando o sujeito do infinitivo (ou da oração reduzida de infinitivo) é o mesmo que o sujeito ou o objeto da oração anterior, ao contrário dos casos acima. Tendo sido expresso de alguma forma na primeira oração, o sujeito já está claro, não precisando figurar outra vez no mesmo enunciado. É sempre mais elegante a não flexão:

Cometeram irregularidades só **para agradar** ao patrão.

Convidou os colegas **a participar** do debate.

A linguagem é o meio de que dispomos **para exprimir** nosso pensamento.

Não temos interesse **em adiar** a decisão.

O estudo ensinou os cientistas **a proteger** o algodão de pragas, **a amadurecer** tomates e **a dobrar** a produção de óleo de colza.

Vale repetir que quando não há um sujeito expresso (em outros termos:

quando o pronome pessoal ou o substantivo *vem antes da preposição* que rege o infinitivo), a flexão é facultativa, isto é, pode-se usar o infinitivo no plural, embora seja mais interessante não flexionar, como já dito:

Os dados servem **para guiar / guiarem** a comunicação das empresas.

Reuniram-se *os escoteiros* a fim **de deliberar / deliberarem** sobre o local do encontro.

Todos discutiram uma forma **de se proteger / protegerem** dos abusos.

Grupo ajuda *pessoas com deficiência* **a superar / superarem** seus limites.

Estudantes auxiliam *idosos* **a ter / terem** qualidade de vida.

Empresas aéreas colaboram com a arte **sem nada cobrar / cobrarem** pelo transporte.

RESUMO DOS CASOS EM QUE A PREPOSIÇÃO É USADA

A flexão é *obrigatória* quando o sujeito (substantivo ou pronome) do infinitivo se encontra claramente ao lado do verbo mas depois da preposição, na seguinte ordem: PREPOSIÇÃO – SUJEITO – INFINITIVO:

Falou **para – as crianças – saírem** da sala.

Discutiram uma forma **de – todos – se protegerem**.

A flexão é *facultativa* na ordem SUJEITO [do infinitivo] – PREPOSIÇÃO – INFINITIVO:

Convidamos a **todos – para – participar** do evento.

O calendário obrigava **os candidatos – a – se definirem** até 3 de julho.

Quero reiterar que, embora haja algumas recomendações e preferências, sobretudo em razão da eufonia, do que soa ou fica melhor no contexto, nem sempre se pode discutir sobre certo ou errado. Por exemplo, não dá para afirmar que há erro em "É preciso pensarmos no que fazemos ou deixamos de fazer para melhorarmos a vida do nosso irmão" [frase de um senador em 1999]. Todavia, o enunciado fica muito melhor assim: *É preciso pensar/Precisamos pensar no que fazemos ou deixamos de fazer para melhorar a vida do nosso irmão.*

201. FLEXÃO DO INFINITIVO COM VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS

Deve-se dizer "deixem as crianças brincar" ou "brincarem"?

Tanto faz. Vimos que o infinitivo pessoal tem flexão optativa [convidou as crianças *para brincar/brincarem* no pátio] ou obrigatória [reformou o pátio para *as crianças brincarem* à vontade]. Um passo além disso é conhecer e aplicar corretamente o infinitivo nas frases elaboradas com os verbos *ver, ouvir, sentir, fazer, mandar, deixar*. Se o complemento desses verbos for um substantivo, será optativa a flexão; mas se o complemento for um pronome pessoal oblíquo, a flexão será proibida:

COMPLEMENTO SUBSTANTIVO	/	COMPLEMENTO PRONOME
Viu os meninos pular/pularem o muro.	/	**Viu-os** pular o muro.
Ouvi os gatos arranhar/arranharem a porta.	/	**Ouvi-os** arranhar a porta.
Não **sinto os corações** bater/baterem.	/	Não **os sinto** bater.
Faça os alunos ficar/ficarem quietos.	/	**Faça-os** ficar quietos.
Vou **mandar as meninas** entrar/entrarem.	/	Vou **mandá-las** entrar.
Deixou as duas ficar/ficarem descalças.	/	**Deixou-as** ficar descalças.

Os verbos *ver, ouvir e sentir* (e sinônimos) são chamados de sensitivos; *fazer, mandar e deixar*, de causativos ou factitivos.

Qual a melhor opção do redator?

1. Preferentemente, não flexionar quando o infinitivo vem logo depois dos verbos sensitivos e causativos:

   O papel da imprensa é **fazer circular** as informações.

   "**Deixai vir** a mim as criancinhas."

Francisco Braga demonstrou sua inclinação para a música fabricando instrumentos rústicos de bambu, nos quais imitava trechos que **ouvia executar** os seus colegas mais velhos.

2. Quando o infinitivo é um verbo pronominal (com o pronome *se*), a preferência é pela flexão:

O fato é que pelo país afora vemos esses hospitais **se afundarem** em dívidas e **mostrarem-se** incapazes de se equipar.

O joalheiro vê **multiplicarem-se** os pedidos e o faturamento da firma.

O cinegrafista ainda conseguiu ver as mãos **se soltarem** do gradil.

Mas devo repetir: em qualquer circunstância, basta haver um pronome oblíquo para que não se possa pluralizar/flexionar o infinitivo:

Mande-as entrar, por favor.

"Não **nos deixeis cair** em tentação."

Faça-os calar imediatamente.

Nós **os ouvimos fechar** a porta de mansinho.

O cinegrafista **as viu se soltar** do gradil.

Laurindo sempre **nos deixou falar**.

Nos demais casos, a escolha é pessoal, talvez até uma questão de ouvido:

O que faz certas regiões **ser** / **serem** mais populosas que outras?

O jacaré deixou os patinhos e todo mundo **nadar** / **nadarem** na lagoa.

Não há quem faça esses baderneiros **respeitar** / **respeitarem** a lei.

Ficava olhando as formigas **carregar** / **carregarem** pedaços de folhas de um lado para o outro.

202. FLEXÃO DO INFINITIVO COM A VOZ PASSIVA

A flexão do infinitivo com a voz passiva implica a presença do verbo *ser* no infinitivo + um *particípio*. O esquema é este: SUJEITO – PREPOSIÇÃO – SER – PARTICÍPIO.

► Primeiro caso

A flexão do infinitivo passivo é preferível e preferida quando o substantivo que é sujeito do infinitivo vier logo na frente da preposição:

Conheci os **métodos a serem** usados.

Relacione **as medidas a serem tomadas**, por favor.

O editor guardou mil **histórias para serem contadas**.

É importante zelar pela qualidade das **obras a serem publicadas**.

Vovó guardou os **quitutes para serem** provados na hora do lanche.

As casas a serem visitadas foram apontadas pelo delegado.

Encaminho-lhe os seguintes **documentos para serem analisados**.

Agradeceu as **mensagens a serem** transmitidas em seu nome.

Levar o cão ao veterinário e cuidar da sua alimentação são apenas alguns dos **itens a serem observados**.

Falando em termos de análise sintática: essa preferência pela flexão se justifica quando o sujeito da primeira oração é diferente do sujeito da segunda (a do infinitivo). Ao analisar as frases acima constatamos que os sujeitos da primeira oração – a principal – são respectivamente: *eu, você, o editor, zelar, vovó, as casas, eu, ele* e *levar/cuidar*; portanto, são distintos dos sujeitos do infinitivo (grifados, antes da preposição).

► Segundo caso

Prefere-se deixar o infinitivo sem flexão

1. Quando *o sujeito das duas orações é o mesmo* e está no plural:

Casos desse tipo levam até vinte anos **para ser decididos**.

Eles estão **para ser exilados**.

Saíram **sem ser notados.**

"**Regras** são feitas **para ser quebradas**", disse o estilista.

Os documentos são gerados **sem ser abertos** no Word.

As falas, se já eram complexas no papel, tornam-se de árdua

apreensão **ao ser mantidas** quase intactas nos monólogos em *off* de André.

Por vezes, grandes **autores** esperam décadas **para ser reconhecidos**.

Os projetos levaram dez dias **para ser aprovados.**

Transtornos no comportamento alimentar têm diferentes características e devem ser bem avaliados antes **de ser tratados**.

2. Quando o infinitivo serve de complemento nominal a um adjetivo, ou seja, quando se tem um *adjetivo (plural) antes da preposição:*

São obras **dignas de ser** imitadas.

Os animais estavam mortos e **prontos para ser** vendidos.

Elas pareciam tão perto e tão **fáceis de ser** apanhadas...

Vendem muito porque são autores **bons de ser** lidos.

Apresentamos exercícios **simples de ser** feitos.

As razões pessoais, mesmo sendo complexas e **difíceis de ser** apreendidas, baseiam-se nas afinidades individuais.

Podemos identificar obras **capazes de ser** enquadradas nesta corrente do humor pelo menos desde os gregos do século 5 a.C.

Volto a dizer que ninguém deve ser dogmático ou autoritário a ponto de tachar de errado o enunciado que não siga estritamente as recomendações acima, pois o contrário nem sempre fica mal. Por exemplo, na frase "Os dois rapazes viram ruir seu sonho ao serem devolvidos ao Brasil como se fossem mercadoria", soa melhor "serem" do que "ser", embora ela se encaixe no segundo caso, item 1.

Mas de maneira geral fica menos pesado não flexionar o infinitivo quando facultativo. Veja-se: "As mulheres celtas eram criadas tão livremente como os homens. A elas era dado o direito de escolherem seus parceiros. Eram ensinadas a trabalharem para seu próprio sustento". Pode-se notar maior leveza em "As mulheres celtas eram criadas tão livremente como os homens. A elas era dado o direito de escolher seus parceiros. Eram ensinadas a trabalhar para seu próprio sustento."

203. LOCUÇÃO VERBAL DE INFINITIVO

Locução verbal é o conjunto formado de verbo auxiliar mais verbo principal (no particípio, gerúndio ou infinitivo). O auxiliar exprime uma ideia acessória e indica o modo, tempo, pessoa e número do sujeito. O principal expressa a verdadeira ação ou processo verbal.

Aqui vamos ver apenas as locuções formadas com o infinitivo, que se compõem com dois tipos de verbo auxiliar:

1. Determinam mais acuradamente os aspectos da ação verbal: *costumar, começar a, andar a, continuar a, pôr-se a, vir (a), parar de, deixar de* etc.

   As clientes **costumam se arrumar** no próprio ateliê.

   Continuam a estudar coisas desnecessárias.

   Sua prisão **veio a ser** transformada num trunfo valioso para o governo.

2. Exprimem o modo como se realiza ou deixa de se realizar a ação verbal: *poder, dever, haver de, ter que/de, tornar a, chegar a, precisar, querer, desejar, buscar, conseguir, tentar* etc.

   Vocês **querem ser** milionários?

   Por motivo de justiça, **devemos assinalar** que há políticos sérios e honestos.

   A sociedade **teve que se confrontar** com cenas explícitas de transgressão à lei.

   Hei de ser respeitado até pelos adversários.

   Acontece que, para **poderem ser** aplicados, os princípios não **precisam estar** previstos nos textos normativos.

   Líderes do movimento **chegaram a ser** recebidos pelo chefe da nação.

Vale enfatizar que nesses casos é errado flexionar o infinitivo, por exemplo: As clientes costumam se *arrumarem no ateliê / Os líderes chegaram a *serem recebidos...

▸ Com verbo pronominal na voz ativa

Vejamos inicialmente alguns exemplos de locução verbal formada com o pronome *se+infinitivo*:

Procura-se estudar um outro idioma.

Busca-se domesticar a gata.

Pretende-se alugar uma casa na praia.

Quer-se fazer o melhor possível.

Proíbe-se criar animais em apartamentos.

Tente-se desdobrar essas frases como se faz em *Alugam-se casas = Casas são alugadas* e se verá que esse desdobramento não é possível. Pode-se dizer que "a gata busca ser domesticada"? De jeito nenhum! Isso significa que *domesticar* (o infinitivo) é o sujeito (domesticar busca-se = buscamos).

Nesses casos, o verbo usado pronominalmente [procura-se, pretende-se, proíbe-se] fica no singular, mesmo que o complemento do infinitivo esteja no plural: *Procura-se estudar* outros idiomas*, busca-se domesticar* os sentidos*, pretende-se alugar* casas *na praia, quer-se fazer* planos possíveis. Nessa categoria de análise se enquadram os "verbos que indicam intenção, declaração de vontade" (ALMEIDA, 1983, p. 217).

Outros exemplos:

Procurou-se verificar os níveis de domínio cognitivo dos alunos.

A partir de agora, **pretende-se reivindicar** todos os direitos.

Proibiu-se, por escrito, **jogar** papéis no chão.

Mais uma vez **intenta-se criar** codornas numa pequena área.

Quer-se escolher os melhores.

Finalmente **se conseguiu fazer** transplantes de fígado.

Tenta-se não **cometer** erros de digitação.

Desejava-se vender hortifrutigranjeiros.

204. INFINITIVO E SUBJUNTIVO - DIFERENÇAS

Vamos ver como discriminar entre o infinitivo e o modo subjuntivo. O problema mesmo é distinguir o *infinitivo pessoal* do tempo *futuro do subjuntivo* quando se usam verbos regulares, pois nesses dois casos a conjugação é idêntica: *amar, amares, amar, amarmos, amarem*, por exemplo,

serve tanto à conjugação do infinitivo quanto à do subjuntivo futuro. Então, a maneira prática de distinguir um do outro é reconhecer, no período, a *preposição* (ligada ao infinitivo) e a *conjunção* (ligada ao subjuntivo).

O *infinitivo pessoal* é usado no que se denomina de "oração subordinada reduzida de infinitivo". Caracteriza-se por não exprimir sozinho nem o tempo nem o modo – o valor temporal ou modal depende do contexto. Observar as preposições:

1. Deram um telefonema **para convidar** os amigos...
2. Saiu antes **de faltar** um minuto.
3. Mesmo **sem ser** conveniente, ele vai dar o troco.
4. **Ao estar** com D. Diva, dê a ela minhas lembranças.

O *futuro do subjuntivo* marca a eventualidade no futuro; é usado sobretudo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, neste caso com as conjunções *se* e *quando*:

1. Só irei **se** ela me **convidar**.
2. Sairei **quando faltar** um minuto.
3. **Se for** conveniente, ele dará o troco.
4. **Quando estiver** com D. Diva, dê a ela minhas lembranças.

Vimos, em primeiro lugar, exemplos de orações reduzidas (de infinitivo) e, em contraposição a elas, orações desenvolvidas (adverbiais). Em 1 e 2, usamos verbos regulares. Em 3 e 4, verbos irregulares, com os quais é mais fácil constatar a diferença, já que sua conjugação no futuro difere bastante da do infinitivo pessoal.

Para ilustrar melhor a diferença entre oração reduzida de infinitivo e oração desenvolvida com o uso do subjuntivo em geral (presente, pretérito e futuro), vamos fazer uma equivalência usando apenas verbos irregulares:

Para manter a forma, você deve nadar.
= Para **que** você **mantenha** a forma, deve nadar.

Verifique os dados antes **de** eu **ir** lá.
= Verifique os dados antes **que** eu **vá** lá.

Sem ele **saber** disso, joguei os papéis fora.
= Sem **que** ele **soubesse** disso, joguei os papéis fora.

Vão fechar o contrato somente depois **de dispor(em)** de verba.
= Vão fechar o contrato somente depois **que dispuserem** de verba.

Ao fazer isso, você jogará fora sua felicidade.
= **Se fizer** isso, você jogará fora sua felicidade.

Quando se empregam verbos regulares no subjuntivo, torna-se ainda mais útil a dica dada a princípio, qual seja, observar a presença da *preposição* (no infinitivo pessoal) e da *conjunção* (no subjuntivo), sobretudo quando se trata do tempo futuro, dada a semelhança formal já mencionada:

Ao sair da sala, feche a porta.
= **Quando sair** da sala, feche a porta.

A dirigir desse jeito, você levará multa.
= **Se dirigir** desse jeito, você levará multa.

Depois **de entendermos** a questão, tudo ficará bem.
= **Quando entendermos** a questão, tudo ficará bem.

Vou esperar **até** ele **vender** tudo.
= Vou esperar até **que** ele **venda** tudo.

Não faça nada **sem** ela **mandar**.
= Não faça nada sem **que** ela **mande**.

205. INFINITIVO E PRONOME *SE*

▸ Infinito como sujeito oracional

A pergunta é: devemos usar o pronome *se* em frases do tipo "O melhor é pensar assim"? Ou seria melhor "O melhor é pensar-se assim"? Nada de *se* neste caso!

Quando o infinitivo é o sujeito de uma oração formada com o verbo *ser+predicativo*, não se usa o pronome *se*, que não teria aí nenhuma função sintática; não é caso de voz passiva nem de sujeito indeterminado. Para nos certificarmos de que o sujeito é mesmo o infinitivo, podemos inverter a construção da frase, colocando-a na ordem direta: o melhor é pensar = pensar é o melhor.

O mais valioso é **ter** amigos. [e não: "é ter-se amigos"]

É bom **viajar**. [= Viajar é bom]

Não é saudável **fumar**.

É preciso **viver** com fé.

Não é possível **duvidar** do rapaz.

O bom é **morar** nesta cidade.

Era importante **manter** negociações com os países fronteiriços.

Nesta construção com *ser*, o infinitivo só vem acompanhado do pronome átono [me, te, se, nos] quando é verbo pronominal, como *queixar-se, arrepender-se, preocupar-se* e outros:

O essencial é não **se arrepender** do que passou.

O correto é **nos preocuparmos** com os outros.

Não é bom **queixar-se** a toda hora.

▸ Outros casos de infinitivo e pronome *se* inútil

Vejamos alguns casos específicos – e mais difíceis – do emprego do infinitivo sem o pronome *se* para indicar impessoalidade.

1. Não se usa o pronome *se* com o infinitivo de orações substantivas, das quais a mais comum é a oração subjetiva, que funciona como sujeito do verbo *ser* (caso tratado no item anterior) e de outros verbos como *convir* e *caber*:

   Convém **fazer** a escalada devagar.

   Não havia como **suspeitar** da moça, sempre tão solícita...

   As mesmas roupas permitem **chegar** a um visual novo e bonito, bastando **acrescentar** acessórios diferentes.

Na estrutura *ser de+infinitivo*, o *se* não precisa ser usado, embora não seja errado:

Era de ver a confusão no parque!

É de ver e rever!

Não havia lei que regulamentasse as temporadas de caça ou a captura de animais com armadilhas, de modo que **não era de espantar** que a maioria dos colonos praticasse a caça livremente.

É de esperar que os melhores candidatos sejam aprovados.

2. Não se usa o pronome *se* quando o infinitivo complementa um *adjetivo* e tem sentido limitativo ou passivo (por isso às vezes chamado de *infinitivo passivo*):

É uma cidade **boa de viver**. (*de alguém viver, de a gente viver*)

Tal sujeito é osso **duro de roer**! (*de ser roído*)

No estande da feira havia livros baratos e **bons de ler**.

Algumas poesias são **fáceis de decorar**, outras não.

Só encontrei no saite exercícios **difíceis de fazer**.

3. O infinitivo fica invariável quando funciona como complemento nominal de um *substantivo*:

Já era hora **de investigar** o delito. [e não: *de investigar-se]

Assim foi feito para **evitar** maiores danos.

O processo **de dividir** as cotas foi rápido.

Encontrou-se muita dificuldade **em obter** a cura.

O hábito **de beber** álcool é nocivo à saúde.

Há várias maneiras **de fazer** planilhas.

Observe que em alguns desses casos será possível flexionar o infinitivo se for preciso deixar claro que o sujeito é "nós", perdendo o infinitivo a sua impessoalidade: *Já era hora **de investigarmos** o assunto. / O processo **de dividirmos** as cotas foi rápido.* Mas normalmente o contexto em que se acha a frase já deixa isso evidente, tornando desnecessária a flexão.

Alguns poderão objetar, dizendo que usam o *se* porque tal construção corresponde à voz passiva sintética. A ver: *hora de ser investigado o assunto; dificuldade de ser obtida a cura, maneiras de ser feita uma planilha*... Se assim for, é conveniente notar que no plural, no rigor da gramática, deverá ser feita a concordância verbal:

Há várias maneiras **de se fazerem planilhas**.

Assim foi feito **para se evitarem** maiores danos.

Lembro ainda que é bom analisar a construção sintática antes de excluir o pronome *se*, pois pode se tratar realmente de voz passiva, a demonstrar impessoalidade, como neste exemplo:

> Durante a Segunda Guerra Mundial, com a proibição **de se falar** o idioma alemão, a Irmã Cácia foi substituída por uma brasileira.

Se se dissesse apenas "de falar o idioma alemão", a proibição pesaria somente sobre a Irmã Cácia; mas não é o caso, pois nesse período da guerra decretou-se que ninguém podia falar alemão no Brasil.

206. PRONÚNCIA DO R FINAL: VER, DAR, LER, ESTAR

Se existe problema em distinguir *está* de *estar* ou *ver* de *vê* na hora de escrever, a primeira causa é a nossa pronúncia. Acontece que no mais das vezes, ao falar descompromissadamente, "comemos" o *r* final do infinitivo: *vou *vê* isso, *é bom *vê* isso logo, *vou *dá* uma olhada, *você vai *ficá* linda, *podes me *fazê* um favor?, *não tem jeito de *gostá* dela, *vamo(s) *vendê* a casa, *quero *lê* o jornal agora, *preciso *está* lá ao meio-dia, *é melhor *falá* com ele...

A segunda causa é que essa pronúncia do infinitivo sem o *r* fica igual à pronúncia da 3ª pessoa do presente do indicativo de alguns verbos como *ver, ler, dar* e *estar*: ele **vê**, ela **lê**, você **dá**, a senhora **está**. Já não se faz confusão, no entanto, com centenas de outros verbos, como por exemplo *gostar, falar, vender, cumprir*, porque eles mudam a tonicidade no presente do indicativo, ficando paroxítonos: **gos**ta, **fa**la, **ven**de, **cum**pre.

Assim sendo, o correto pela norma culta é escrever e pronunciar o *r* quando o verbo está no infinitivo, principalmente quando usado com outros verbos, no que se chama de locução verbal:

> É bom **ver** isso logo!
>
> É melhor **falar** com ele.
>
> Não tem jeito de **gostar** dela.
>
> Vou **ver** isso.
>
> Vou **dar** uma olhada.
>
> Você vai **ficar** linda.
>
> Vamos **vender** a casa.

Quero **ler** o jornal agora.

Preciso **estar** lá ao meio-dia.

Podes me **fazer** um favor?

E devemos usar o acento gráfico quando empregamos os verbos *ver, dar, ler, estar* na 3ª pessoa do singular do *presente* do indicativo, caso em que ele estará sozinho, sem outros verbos de apoio:

Ela **vê** tudo com bons olhos.

Ana Maria **dá** suas receitas para todos.

Você **está** bem?

Ele **lê** dois livros por mês.

particípio

O particípio acumula as características de verbo com as de adjetivo e, na forma, se distingue pelas desinências *-ado* para a 1ª conjugação e *-ido* para a 2ª e a 3ª. O particípio permite a formação dos tempos compostos que exprimem o resultado do processo verbal:

Dora **tem provado** nos palcos que se pode reescrever o destino das crianças de rua.

O canário **vem sendo negociado** por duzentos reais.

Aquele sofá já **está vendido**.

Quando chegamos ao encontro, eles já **haviam saído**.

207. O PARTICÍPIO DUPLO

Existem verbos, em português, que possuem dois particípios: um *regular,* com as terminações *-ado* e *-ido,* e outro chamado *irregular*, porque se forma de modo contraído, sem tais desinências, como *solto, findo, salvo, seco* etc.

O particípio regular é usado com os auxiliares *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa:

Dizem que a polícia **tem prendido** alguns traficantes adolescentes.

Ele já **havia soltado** o cachorro quando o vizinho entrou pelo portão.

Parece que o correio não **tem entregado** as cartas pontualmente.

O particípio irregular exprime um estado – é usado na voz passiva, em especial com os auxiliares *ser, estar, ficar*, e neste caso flexiona no feminino e no plural:

O traficante só **será preso** depois de muita busca.

Os cachorros **estão presos** desde que morderam o carteiro.

A cinta **ficou presa** na porta alguns instantes; logo **foi solta**.

Mesmo os malotes **têm sido entregues** com atraso.

Para sua consulta, listamos alguns verbos com duplo particípio, separados por conjugação:

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	[tem] aceitado	[foi, está] aceito
dispersar	dispersado	disperso
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
findar	findado	findo
ganhar	ganhado	ganho
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
murchar	murchado	murcho
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
salvar	salvado	salvo

secar	secado	seco
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso
expelir	expelido	expulso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
submergir	submergido	submerso

Uso facultativo do particípio duplo

Vimos no item anterior que existem alguns verbos com particípio duplo: o *regular* (*-ado, -ido*) usado com *ter* e *haver*; e o *irregular* (forma contraída), com *ser* e *estar*. Com alguns desses verbos, todavia, já não se faz distinção, ou seja, na mesma situação emprega-se tanto um quanto outro:

> Os sábados e domingos ele **tem gasto** / **gastado** em comícios e reuniões políticas.
>
> **Fomos pegos** / **pegados** desprevenidos, e as consequências se mostraram dramáticas.

Foi assassinado a tiros mesmo depois de a família **ter pago** / **pagado** o resgate.

Vamos entrevistar aquelas pessoas que **têm ganho** / **ganhado** na Sena repetidamente.

Foram fritos / **fritados** quatro ovos.

Não **temos elegido** / **eleito** nosso candidato há vários anos.
[Mas com os auxiliares *ser* e *estar* só há uma opção: ele *foi eleito*]

▸ Pego ou pegado

O verbo pegar insere-se nesses casos em que, como dito acima, se usam indiferentemente os dois particípios, seja com os auxiliares ter/haver, seja com ser/estar. *Pego* é a forma inovada e *pegado* a forma tradicional:

Ele foi **pego** em flagrante.

Ele foi **pegado** à força.

Não tenho **pego** resfriado ultimamente.

Não temos **pegado** peixes graúdos.

▸ Particípio *versus* adjetivo

Há alguns verbos que escapam à regra dos particípios duplos, pois o irregular é usado somente como adjetivo. Exemplos:

Tudo **foi anexado** conforme sua orientação. [voz passiva com verbo ser + particípio]

O documento está **anexo**. [*anexo* é adjetivo]

Neste rol temos, entre outros, os seguintes verbos:

Infinitivo	Particípio	Adjetivo
absorver	absorvido	absorto
anexar	anexado	anexo
aprontar	aprontado	pronto
cativar	cativado	cativo
completar	completado	completo

concretar	concretado	concreto
confundir	confundido	confuso
corromper	corrompido	corrupto
entortar	entortado	torto
estender	estendido	extenso
estreitar	estreitado	estreito
livrar	livrado	livre
nascer	nascido	nato/nado
omitir	omitido	omisso
quitar	quitado	quite
restringir	restringido	restrito
revolver	revolvido	revolto
torcer	torcido	torto

208. CASOS ESPECIAIS DE PARTICÍPIO

▸ Abrir, cobrir, escrever

O verbo abrir já teve dois particípios: *abrido* e *aberto*; o primeiro saiu de uso. O mesmo aconteceu com os verbos cobrir e escrever, que de *cobrido/coberto* e *escrevido/escrevinhado/escrito* só ficaram com o último particípio.

A menina já tinha **aberto** a porta quando tocamos a campainha.

O sol entrou quando a janela foi **aberta**.

A estrada foi **coberta** pela névoa.

É só isso que temos **escrito**.

▸ Chegar

Tem um único particípio: o regular *chegado*. **Chego* é vulgarismo.

Na hora de fechar o colégio o pai de Leonardo ainda não havia **chegado**.

É **chegada** a hora de sanearmos as finanças do país.

► Empregar

Por analogia com entregar, que tem dois particípios – *entregado* e *entregue* –, há quem diga "empregue". Mas na língua culta no Brasil só o particípio regular é aceito:

Na construção da casa foi **empregado** material de primeira classe.

A empresa tem **empregado** mais digitadores este ano.

► Imprimir

O verbo imprimir tem particípio regular e irregular: *impresso* e *imprimido*. Mas eles não podem ser usados aleatoriamente: o emprego depende do significado do verbo. Quando imprimir quer dizer "incutir, infundir, produzir movimento", só tem o particípio em *-ido*. Usa-se *imprimido*, então, com qualquer auxiliar:

Este governo **tem imprimido** pouca velocidade aos seus projetos.

Justificaram sua atitude ao dizer que a fisionomia austera do chefe **havia imprimido** neles profundo medo.

Foi nomeado para a Companhia de Saneamento, entidade à qual **foi imprimida** uma boa política de preservação ambiental.

Com o significado de "fazer a impressão (gráfica), publicar, gravar, estampar", o verbo imprimir possui duplo particípio, usado convencionalmente: o regular [*imprimido*] com os auxiliares *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa, e o particípio irregular [*impresso*] com os auxiliares *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva:

O governo já não **tem imprimido** seus atos em papel.

Todos **haviam imprimido** a marca de suas mãos na tela a ser exposta ao público.

Os cartazes para a eleição não **serão impressos** agora.

O diário oficial já tinha **sido impresso** quando pediram para sustar sua divulgação.

As estampas já **estão impressas**, só falta embalá-las.

- Morrer

Morrido é particípio usado com ter e haver. *Morto* se usa com os auxiliares ser e estar, mesmo subentendidos:

> Alguns trabalhadores nesse meio **têm morrido** precocemente.
>
> Nascido na França em 1881, **morto** em Nova Iorque a 10 de abril de 1955, Teilhard de Chardin descendia de família ilustre.

- Vir

Fugindo à regra da formação em *-ado* ou *-ido*, o verbo vir tem como particípio *vindo*, igual ao seu gerúndio. Verbos correlatos: advindo, intervindo, provindo, sobrevindo.

> Ele não tem **vindo** à igreja ultimamente.
>
> Se não tivesses **intervindo** a tempo, as crianças teriam se machucado.

regência verbal

209. AGRADAR

Há multiplicidade de uso deste verbo. "A regência, como tudo na língua, a pronúncia, a acentuação, a significação, etc., não é imutável. Cada época tem sua regência, de acordo com o sentimento do povo, o qual varia, conforme as condições novas da vida", já dizia o filólogo e dicionarista Antenor Nascentes em 1960 (apud LUFT, 1987, p. 15).

E agradar é um dos verbos que Celso Luft usa justamente para exemplificar a evolução da regência verbal pela alteração dos traços semânticos ou de significado: "*Agradar a alguém*, *agradar-lhe* torna-se *agradar alguém*, *agradá-lo*, certamente por efeito de sinônimos como 'contentar, satisfazer', 'alegrar, deleitar', e obviamente prescinde de preposição com o traço de 'acarinhar, mimar', de um uso popular deste verbo" (LUFT, 1987, p. 15).

Em resumo, pode-se usar corretamente o verbo agradar como pronominal, intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto, todos devidamente dicionarizados:

Agradou-se da moça à primeira vista.

A festa não **agradou**, embora o anfitrião tivesse feito tudo para **agradar** os convidados.

A infraestrutura das praias **agradará os** / **aos** turistas.

Nada **agrada aos** mais exigentes.

Adquire a qualquer custo algo que **lhe agrade**.

Quisemos **agradá-lo**, mas não houve jeito.

210. AGRADECER

De acordo com a norma padrão, é assim que se deve dizer: agradecemos *os* cumprimentos, *as* flores, *a* recomendação, e não "agradeço *pelos* cumprimentos e *pela* recomendação", que no entanto é menos mau do que *agradecer *aos* cumprimentos (pois a preposição ***a*** só vale para agradecimento a pessoas).

O verbo agradecer tem dupla regência: é transitivo direto de coisa e indireto de pessoa. Em outros termos: você agradece alguma coisa [objeto direto] **a** alguém [objeto indireto]. Nem sempre é mencionada a pessoa a quem se agradece algo. Mas se precisar ou quiser mencioná-la, você a introduz com a preposição ***a***, antes ou depois do objeto direto:

Agradecemos **a** Deus as bênçãos recebidas.

Agradeço **à** senhora as flores que me enviou.

Agradeço **ao** senhor tanta gentileza!

Vou agradecer a carta de recomendação **ao** chefe.

Os hóspedes foram agradecer o bom atendimento **à** camareira.

Repetindo: só se usa a prep. ***a*** para agradecer a uma pessoa; não se agradece "a" uma coisa. Então, em vez de "Agradecemos *ao apoio", escreva: "Agradecemos *o* apoio emprestado", ou coloquialmente, quando se coloca o complemento de pessoa antes: "Agradecemos a todos *pelo* apoio".

A introdução de *pelo* na frase se explica pelo uso dessa preposição com o adjetivo *obrigado* e semelhantes:

Muito obrigada **pelas** flores.

Estou agradecido **por** tudo.

Ficamos gratos **por** / **pela** sua compreensão.

Mas no caso do verbo agradecer teríamos (do ponto de vista rigoroso da gramática) dois objetos indiretos se disséssemos "Agradeço *a* vocês *pela* compreensão".

Quando for o caso de substituir a pessoa por um pronome pessoal, diga:

Agradeço-**lhes** a recomendação.

Devo agradecer-**lhe** os cumprimentos.

Agradecemos **a ele** o bom atendimento e **a ela** também.

211. ASSISTIR

No sentido de "ajudar, prestar assistência ou socorro, tratar", o verbo assistir é transitivo direto, isto é, seu complemento não é precedido por preposição:

Assistiu **a** doente assim como assiste **muitas pessoas** necessitadas.

Recordo-me que o padre assistia **o** bispo no desempenho de seu cargo.

Com o significado de "ver, presenciar, estar presente, observar, acompanhar com atenção", ele é transitivo indireto, com complemento preposicionado:

Vamos assistir **aos** jogos de tênis.

Assistimos **a** uma conferência de nível internacional.

Vocês vão assistir **à** ópera?

Na linguagem coloquial brasileira, no entanto, ouve-se (e também se lê, até em bons autores) habitualmente o verbo sem a preposição: assistir **o** filme/ **a** minissérie/ **os** jogos. No caso da televisão, valem as duas regências, já consagradas pelo uso (e anotadas por Celso Luft): *assistir à TV* ou *assistir TV*.

Sempre assistimos **(à) tevê** em família.

Aqui em casa todos gostam de assistir **televisão**.

Nesta segunda acepção, usa-se *a ele / a ela* (e não *lhe*) quando o complemento é um pronome pessoal:

Não posso dizer como andam as corridas de touros, pois não assisto **a elas** há muito tempo.

Quando aplicado em linguagem jurídica, é comum a dúvida: assiste razão ***à*** ou ***a*** advogada? O acento indicativo de crase está correto. No sentido de "caber, competir, pertencer" o verbo assistir é transitivo indireto, ou seja, algo assiste a alguém:

Razão assiste **à** advogada.

Assiste razão **ao** juiz.

Assiste**-lhe** o direito de ficar calado.

Não **lhes** assiste nenhum direito.

Sobre o uso de "foi assistido", ver Voz Passiva (tópicos 247 a 253).

212. ATENDER

Pode ser tanto transitivo direto quanto indireto, ou mesmo intransitivo.

Exemplos de emprego como verbo intransitivo:

Esse médico **atende** bem.

Ele só **atende** em casa.

Toquei duas vezes, mas ninguém **atende**.

Como transitivo indireto, ele pede a preposição ***a,*** especialmente para coisas:

Atenderemos **ao** pedido na próxima semana.

Atenderemos **a** quaisquer pedidos via internet.

Lamento não poder atender **à** solicitação de recursos.

A reitoria atendeu **às** reivindicações.

O juiz atendeu **ao** requerimento.

Não vou atender **a** nenhum dos conselhos, mas somente **à** minha intuição.

Atenda **ao** telefone, por favor. [preferência lusitana]

Como transitivo direto, *atender* é usado sem preposição, sobretudo

quando o complemento verbal é pessoa:

A reitoria atendeu **as** candidatas ao magistério.

O juiz não pretende atender **o** advogado.

O Papa atenderá **os** peregrinos no salão nobre.

Atenda **o** telefone, por favor. [preferência brasileira]

Vale observar que raramente o pronome *lhe* é utilizado. Ou seja: empregam-se primordialmente as formas diretas (o/a, os/as) quando o complemento verbal é um pronome:

Comunicamos aos nossos clientes que vamos **atendê-los** em novo endereço.

Júlia e Jane, vamos **atendê-las** em seguida.

Posso **atendê-lo**, senhor?

Foram muitas as reivindicações, e a reitoria **as atendeu** parcialmente.

213. AVISAR

A construção originária é *avisar alguém (de alguma coisa)*:

Não saia sem avisar seus pais.

Bem que eu a avisei, Marcela.

Ninguém me avisou disso.

Avisamos os clientes da mudança de endereço.

É bom avisá-la do perigo.

Avisou os funcionários de que os documentos estavam prontos.

Também são usadas as preposições *para* e *sobre*:

O médico avisou o rapaz **para** largar o cigarro.

Avisei os amigos **sobre** os problemas pendentes.

Entretanto, por analogia com os verbos dizer e comunicar, já tem tradição na língua o uso de *avisar* com objeto indireto de pessoa e objeto direto de

coisa (ou oracional); neste caso, trata-se de *avisar alguma coisa a alguém:*

Eu **lhe** avisei **a** data da reunião.

Avisamos **aos** nossos clientes **que** vamos atendê-los em novo endereço.

214. CHEGAR

De acordo com a ciência linguística, pode-se dizer *Chegar em Santos* ou *Chegar a Santos*. A diferença está no nível de linguagem: menos/mais formal. Em princípio, por ser verbo de movimento, *chegar* rege a preposição ***a***: chegar **ao** lugar certo / **à** frente / **às** vias de fato; chegar **a** uma conclusão etc.

Todavia, no Brasil é frequente o uso da preposição *em* diante de complemento de lugar, sobretudo cidades, assim como se usa *em* com o complemento *casa*: **chegar em casa**. Já no tempo do português arcaico (séculos 14 a 16) havia grande emprego de verbos de movimento com a preposição *em* no lugar de ***a***. Portanto, nada de novidade em "chegou *em* São Paulo, chegaram *no* aeroporto". Contribui para isso o fato de a ideia de estado e repouso se sobrepor à de movimento; quando você manda uma mensagem dizendo "Cheguei", isso significa: "Já estou aqui *em* São Paulo (ou outro lugar)".

Portanto, a regência do verbo chegar é esta:

Bem formal

Chegaremos **a** Santos ao meio-dia.

O avião já está chegando **à** Bahia.

Coloquial e até mesmo língua culta brasileira

Chegaremos **em** Santos ao meio-dia.

O avião já está chegando **na** Bahia.

215. CONDENAR

No sentido de "sentenciar, proferir sentença condenatória contra", este verbo é transitivo direto (de pessoa) e indireto: *condenar alguém a*. Exemplos:

O juiz o condenou **ao** pagamento de mil reais.

Condenou-o **à** prisão perpétua.

O impostor foi condenado **a** degredo.

Condenou a ré **a** dois anos de prisão.

Condenou-as **ao** cumprimento de pena compatível com o crime perpetrado.

A preposição *em* pode ser usada apenas com complemento de tempo especificado:

O juiz condenou-o **em 20 meses** de prisão.

Condenou-o em nove anos de prisão.

Se não mencionar número específico e em qualquer dos outros casos, portanto, empregue a preposição ***a***.

216. CONHECER

O verbo conhecer, nos seus significados mais comuns de "saber, ter ideia, informação, consciência ou experiência, apreciar, conviver com", é transitivo direto, ou seja, é usado sem nenhuma preposição; neste caso o pronome objeto é *o/a*, e não *lhe*:

Conheço bem **os seus defeitos**.

No ano passado conhecemos **o sul da Espanha**.

Já não **a** conheço?

O desembargador conhece **português** como poucos.

Vou assistir à conferência de Maffesoli, pois eu **o** conheci em Paris há alguns anos.

É igualmente possível usar o verbo conhecer como transitivo indireto, preposicionado – porém com o sentido mais restrito de "informar-se, procurar saber":

Precisamos conhecer **das condições** de venda do imóvel.

E também, na área jurídica, usa-se *conhecer de* significando "ter (juiz ou tribunal) competência para intervir num processo; tomar conhecimento

de uma causa ou recurso e dar-se competente para julgá-la", conforme palavras dos dicionários:

> O juiz decidiu conhecer **do pedido**.
>
> O Supremo não conheceu **do recurso**.
>
> Nos termos do voto do relator, à unanimidade conheceram **do recurso** para negar-lhe provimento.

217. CONSPIRAR

O verbo conspirar tem o sentido negativo de tramar, maquinar, conchavar, *i.e*, secretamente planejar, junto com outra(s) pessoa(s), ações contra alguém:

> Foram os palacianos mais chegados que **conspiraram** contra o rei.
>
> Todos **conspiraram** para tirá-lo da chefia do museu.
>
> Armados, vivem a **conspirar** contra nossos ideais.

Entretanto, de "tramar, planejar ou concorrer para uma conspiração", o verbo conspirar passou a designar também "concorrer para algum fim" ou, em outros termos, "tender ao mesmo objetivo"; enfim, "contribuir".

O que muda é a regência. A preposição *contra* sempre traduz um fator negativo:

> Ele conspira **contra** qualquer iniciativa.

As preposições *para, em* ou ***a*** podem ser usadas em qualquer situação:

> Conspira **para** sua felicidade. Conspira **em** prejudicar nossos interesses.
>
> Tudo conspira **a** seu favor.

Há estudiosos, contudo, que asseveram não ser correto alterar o significado original para "a favor" porque, com base na derivação latina (do verbo *spiro,as,avi,atum,are*, precedido da preposição *contra*, significando "soprar contra", *contra-inspirare*, "*conspirare*"), isso configuraria um contrassenso. "Quem conspira sempre planeja ações contra alguém ou algo, jamais a favor, sendo forçada a significação de conspirar a favor", diz um deles, e o *Dicionário Houaiss* corrobora esse fato ao não registrar as acepções positivas.

O fato é que Francisco Fernandes (1958, p. 164) consignava no verbete *conspirar* o sentido de "concorrer, tender (ao mesmo fim)", e daí para "concorrer ou contribuir para uma coisa boa" foi um pulo! Em todo caso, recomendo que esta última acepção fique restrita à linguagem coloquial.

218. CONSTAR EM/DE

As duas preposições – *de* e *em* – são corretas quando se usa o verbo constar com o sentido de "estar escrito, registrado ou mencionado" ou "fazer parte, incluir-se":

Tal vocábulo nunca **constou nos** dicionários.

Vou fazer **constar** o incidente **em** meu relatório.

Consta nos autos que... **Consta dos** autos que...

Seu nome **consta da** lista de aprovados.

O ideal seria que neste caso só se usasse o complemento regido da preposição *em*, mas de qualquer modo se aceitam as duas formas. Já quando *constar* tem o significado de "ser composto, constituído ou formado; consistir em algo", usa-se apenas a preposição *de*:

Os Lusíadas **constam de** dez cantos.

A casa que alugamos **consta de** peças grandes e arejadas.

Seu relatório **constava de** 50 páginas, mas teve de reduzi-las a 35.

219. CONSTITUIR

Além de transitivo direto (constituir alguma coisa), *constituir* pode ser verbo pronominal: *constituir-se* ***de*** significa "ser composto, ser formado"; já *constituir-se* ***em*** é uma derivação da construção originária que veio a ser usada com o sentido específico de "passar a ser, tornar-se", talvez por analogia com *transformar-se*. Quer dizer, o pronome átono (se, me, nos) e a preposição não se fazem necessários na frase, mas assim são usados como ênfase, para reforçar a ideia do ser, do vir a ser, da transformação:

Nós jovens **nos constituímos na** esperança da nação.

Este texto **se constitui em** breve reflexão sobre o Terceiro Setor.

O Instituto tornou-se mais do que simples local para a reunião de intelectuais: **constituiu-se** sobretudo **numa** situação de prestígio.

O diploma deixou de **se constituir num** bem raro.

Em todas essas frases pode-se suprimir o pronome oblíquo e a preposição ao mesmo tempo. Além da concisão, consegue-se até maior elegância:

Nós jovens **constituímos** a esperança da nação.

Este texto **constitui** breve reflexão sobre o Terceiro Setor.

O Instituto tornou-se mais do que simples local para a reunião de intelectuais: **constituiu** sobretudo uma situação de prestígio.

O diploma deixou de **constituir** um bem raro.

Em suma: pode-se usar a construção "constituir-se em", mas com critério.

220. DEPARAR

O verbo deparar pode ser transitivo direto (sem a preposição), que é uma forma menos comum, ou indireto (com a preposição *com*); neste último caso ele também pode ser usado pronominalmente, isto é, acompanhado dos pronomes *me, te, se, nos*. Vejamos exemplos das diversas possibilidades de uso:

Nunca havia **deparado** um quebra-cabeça tão complicado.

Foi tateando no escuro até que **deparou com** o interruptor de luz.

Às vezes **deparamo-nos com** preconceitos nunca imaginados.

Ela busca ajuda profissional quando **se depara com** situações mais difíceis.

Como transitivo direto, na voz passiva pronominal temos as seguintes opções, singular e plural:

Depara-se a inocuidade dos documentos apresentados para confronto.

Deparam-se documentos inócuos.

E também se pode construir a frase com sujeito indeterminado (observe a preposição, característica do verbo transitivo indireto):

Depara-se com a inocuidade dos documentos apresentados para confronto.

Depara-se com documentos inócuos.

221. DESCULPAR

Pode-se dizer "desculpe o transtorno" ou tem que ser "desculpe pelo transtorno"?

Há várias maneiras corretas de pedir desculpas. O Padre Vieira (1608-1697), nos seus famosos *Sermões*, já usava o verbo desculpar como transitivo direto (sem preposição): "Por isso já desculpa a ingratidão dos homens com a sua ignorância". Os exemplos clássicos e atuais são inúmeros nesse sentido. Pode o leitor confiar e continuar a dizer:

Desculpe o atraso.

Desculpe a insistência.

Desculpem o pouco conforto no nosso *flat* e fiquem à vontade.

Desculpa o mau jeito!

Desculpa a minha fraqueza, podes?

Desculpem as brincadeiras.

Peço que vocês **desculpem** nossos amigos pelos excessos cometidos.

Queira **desculpar** a falta de urbanidade dos colegas.

A boa senhora estava sempre disposta a **desculpar** os outros.

Desculpe, não ouvi bem, pode repetir?

É bom notar que a forma verbal *desculpe* é o imperativo da terceira pessoa (*você*), e *desculpa* é da segunda, isto é, refere-se a *tu*. Ao empregar *desculpem*, estamos falando com mais de uma pessoa: [vocês] desculpem. Essas são formas usuais de polidez, para justificar ou minimizar a falha cometida.

Essas fórmulas ou frases de desculpas também poderiam ser usadas pronominalmente, ou seja, com o pronome átono e uma preposição:

Querida, desculpe-**me pela** demora.

Desculpe-**me por** insistir no assunto.

Não vou desculpá-**lo por** tanto atraso!

Desculpa-**me por** ter te chamado tão cedo.

Favor **nos** desculpar **pelos** erros involuntários.

No entanto, até por comodismo, costuma-se deixar pronome e preposição de lado. Aliás, observe-se que falamos da preposição *por* na versão acima, atual. Já nos exemplos registrados em dicionários antigos a preposição encontrada é *de*, e também *com* quando se trata de "alegar ou pretextar como desculpa":

O visconde abriu a porta da sala imediata, culpando-se e desculpando-se **da** demora.

Desculparam-se **de** só chegar àquela hora.

Tornou o mineiro a desculpar-se **da** insuficiência e mau preparo da comida.

Teresa, desculpando-se **com** o cansaço, arrancou-se ao martírio de não poder chorar em silêncio.

222. DIGNAR-SE (DE)

Com relação ao verbo pronominal **dignar-se**, ele pede a preposição *de* (e não *em*). No entanto, pode haver a elipse da preposição diante de verbo no infinitivo. Exemplificamos:

O juiz não **se dignou de** nos ouvir.

Esperamos que o nobre parlamentar **se digne (de)** conceder o aparte.

Digne-se V. Exa. conceder a audiência solicitada.

223. ESQUECER

Há mais de uma forma de usar este verbo:

1. *esquecer* alguma coisa ou alguém; *esquecer que* (o objeto direto

oracional é introduzido pela conjunção integrante *que*):

Esqueça o passado!

Jamais **esqueceremos** a professora Jacira.

Esqueci que eu tinha um compromisso às duas da tarde.

2. *esquecer-se de* alguma coisa ou pessoa; *esquecer de, esquecer-se (de) que*:

Não **se esqueça de** mim!

"Ia **esquecendo de** fazer uma confidência importante." (Érico Veríssimo)

Esqueceu-se de que haveria uma reunião hoje.

"Não **se esqueceu que** foram criados juntos." (Machado de Assis)

Dependendo da construção, o pronome reflexivo é deixado de lado, em favor da simplicidade e economia. Por exemplo, dizer "Esqueci de trazer meus livros" é mais natural do que "Esqueci-**me** de trazer meus livros". "*Esquecer-se de que...* permite a elipse da preposição" (LUFT, 1987, p. 277).

224. GOSTAR

O verbo gostar, ninguém tem dúvida, pede a preposição *de*:

Gosto de vocês.

Gostaria de tomar água de coco.

Entretanto, a sequência **gostar de que** permite deixar a preposição de fora, porque frases como *Gostaria que você fosse pontual* ou *Ela gosta que a elogiem* soam melhor do que *Gostaria de que você fosse pontual* ou *Ela gosta de que a elogiem*.

225. IMPLICAR

No sentido de "ter como consequência, resultar, acarretar, originar, pressupor, exigir, tornar necessário", o verbo implicar é transitivo direto, devendo ser usado sem a preposição:

Maior consumo **implica mais** despesas.

Combater a desigualdade **implica adotar** medidas drásticas neste momento.

A contratação de funcionários qualificados **implicará gastos** excessivos.

A aceitação desta proposta não **implica a** contratação de serviços futuros.

Os novos estágios de modernidade na arquitetura não **implicam a** destruição de épocas passadas.

A utilização de energia nuclear **implicaria riscos** tremendos.

No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante mas de regência indireta, quais sejam, *resultar em, redundar em, importar em*, o verbo implicar passou a ser usado com a preposição *em*, sem que nosso ouvido encontrasse nisso alguma estranheza. Tanto é assim que no *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft, está registrado "TI: *implicar em algo*", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa" (LUFT, 1987, p. 326).

Aberta a concessão, nós brasileiros vamos aceitar como correta a regência indireta do verbo implicar nas mesmas frases:

Maior consumo **implica em** mais despesas.

A contratação de funcionários qualificados **implicará em** gastos excessivos.

A aceitação desta proposta não **implica na** contratação de serviços futuros.

Os novos estágios de modernidade na arquitetura não **implicam na** destruição de épocas passadas.

Contudo, se na prática valem os dois usos – e até por uma questão de economia – é melhor deixar a preposição de fora, não é mesmo? Para mim a frase geralmente soa melhor sem a preposição, mas nem sempre – cada caso é um caso.

Outra coisa: seja qual for sua escolha, mantenha a coerência quando usar o verbo implicar com dois objetos diretos coordenados. Não se deve usar um objeto preposicionado e outro não, como neste exemplo: **A exigência das notas fiscais implicaria novos custos e também* em *operações humilhantes para muita gente*. A solução é se valer só da regência inovada brasileira ou só da clássica:

A exigência das notas fiscais **implicaria em** novos custos assim como **em** operações humilhantes para muita gente.

A exigência das notas fiscais **implicaria** novos custos assim como operações humilhantes para muita gente.

226. LEMBRAR

O verbo lembrar pode ter objeto direto de pessoa e indireto de coisa – você lembra alguém de alguma coisa:

1. Devo **lembrá-lo de que** todo cuidado é pouco.

E também pode ter objeto direto de coisa e indireto de pessoa (não necessariamente nessa ordem) – você lembra alguma coisa a alguém:

2. Devo **lembrar-lhe que** sua missão ainda não terminou.

Acontece que a preposição *de* pode ser omitida na frase (1), conforme ensina Luft (1987, p. 351, grifo do autor): "A sequência *lembrar-se de que*... faculta a elipse da preposição: '*Não se lembra a sogra que já foi nora*' (Prov.), i. é., *...de que já foi nora*". Então, é essa omissão da preposição que pode dar a falsa noção de dois objetos diretos em frases como:

Lembro-**o que** as precauções foram tomadas.

Devemos lembrá-**la que** o aluguel vence no dia 30.

Tais construções são, pois, corretas.

227. NAMORAR

A regência gramatical do verbo namorar é sem a preposição, e é essa a exigida em alguns concursos. Em outros termos: segundo a norma padrão, o verbo namorar é transitivo direto. Mas modernamente, por analogia e tendo por modelo *casar com* e *noivar com*, também se usa o verbo namorar preposicionado (transitivo indireto). Portanto, ambas as regências devem ser aceitas como corretas:

José **namorou** muitas moças.

José **namora com** Maria.

Como intransitivo – isto é, sem complemento verbal – o verbo namorar pode ser utilizado no sentido de "andar de galanteios, ter namorado(a)":

Maria **namorou** uma única vez na vida.

228. PEDIR (PARA)

O verbo pedir pode ser transitivo direto:

Ele vive pedindo **dinheiro**.

Ela pediu **que** fizéssemos silêncio.

Ou transitivo direto e indireto:

A professora pediu **silêncio aos alunos**.

A Deus só peço **proteção**.

Ou indireto:

O professor **pediu para** se ausentar mais cedo.

Ela não entendeu quando **pedi para** sair da sala.

Neste último caso (pedir para), está implícita a palavra *permissão* ou *licença*. Portanto, "pedi para sair da sala" significa "pedi permissão para eu sair". No outro exemplo significa "o professor pediu licença para ele se ausentar mais cedo".

Isso é o que recomenda a gramática tradicional. Mas no Brasil está bem disseminado o uso, especialmente na linguagem coloquial, da construção com o infinitivo (*pedir para sair/deixar/ficar* etc.) em vez do subjuntivo (*pedir que saísse/deixasse/ficasse* etc.) com o sentido de fazer qualquer tipo de solicitação. E vem ocorrendo até mesmo um cruzamento – não recomendável – das duas formas: "O chefe pediu *para que* o funcionário fosse mais eficiente".

Em suma, quando queremos solicitar que alguém faça alguma coisa, temos o seguinte emprego:

Vamos **pedir que** o chefe assine os papéis. [formal]

Vamos **pedir para** o chefe assinar os papéis. [informal]

229. PISAR

O verbo pisar, no sentido de "pôr os pés no chão, andar, caminhar", pode ser tanto transitivo direto quanto indireto, com a preposição *em*. Isso significa que a preposição *a*, no caso de "[pisar] à grama", é mal empregada. É possível dizer:

Pisar **a** grama ou Pisar **na** grama.

Pisar **as** flores.

Pisar **nos** amores-perfeitos.

Pisar **em** ovos.

Pisar **nos** calos.

230. PRECISAR

O verbo precisar é transitivo direto ou indireto. Pode-se *precisar de dinheiro* ou *precisar dinheiro,* por exemplo. Contudo, o mais usual no Brasil contemporâneo é:

- Usar a preposição quando o complemento verbal é um substantivo ou pronome:

  Preciso **de dinheiro**. Preciso **de você**.

- Omitir a preposição quando o complemento é um verbo no infinitivo:

  Preciso **ir.** Precisamos **sair** já**.**

231. PREFERIR

O verbo preferir pode ser usado apenas com o objeto direto:

Preferimos os lugares mais à frente.

Prefiro ficar onde estou.

Ou se pode explicitar o objeto indireto, neste caso precedido da preposição *a:*

Prefiro chá **a** café.

O atleta disse que sempre **preferiu** sauna seca **a** banho turco.

Contudo, por analogia com a construção "Gosto mais disso do que daquilo", costuma-se falar "*Prefiro* isso *do que* aquilo", que é um modo mais eficaz de se comunicar e se fazer entender, apesar de ser regência condenável do ponto de vista da gramática normativa. Sendo assim, temos:

Acho que **prefiro** sair **a** sentar tão longe. [formal escrito, coloquial tenso]

Acho que **prefiro** sair **do que** sentar tão longe. [informal, coloquial]

Também na linguagem mais policiada o verbo preferir repele qualquer expressão que indique intensidade, como *mais, muito, antes, mil vezes* (*prefiro mais isso, p. ex.).

232. PROCEDER A

Conforme a norma padrão, na acepção de "realizar, executar, levar a efeito" o verbo proceder é transitivo indireto, o que significa que ele sempre se liga ao seu complemento através de uma preposição – ***a***, no caso: quem realiza algo *procede a* alguma coisa. Assim, com objeto indireto no masculino, temos a seguinte construção de frase:

Vão **proceder a um** rigoroso inquérito sobre os bingos no país.

O Ministério vai **proceder ao** levantamento de todos os gastos na área.

Com complemento feminino fica assim:

O juiz deve **proceder a uma** nova convocação dos depoentes.

A junta **procedeu à** apuração dos votos.

233. REMONTAR A

Geralmente o verbo *remontar* é seguido de uma expressão de tempo: *x* anos, por exemplo, ou alguma data ou época passada. Diante disso, surge a dúvida: remonta *a* mais de x anos ou remonta *há* mais de x anos?

O correto é escrever ***a***, que é simples preposição, exigida pelo verbo

transitivo indireto remontar, o qual tem aqui o sentido de "voltar no tempo, recuar ao passado; ter origem, existir a partir de tal data":

> Essa prática remonta **a** mais de 20 anos.
>
> *É uma situação que* remonta **ao** Renascimento.
>
> Remontam ***à*** Idade Média os últimos achados arqueológicos da equipe.
>
> Os grandes descobrimentos remontam **ao** século 16.

Pode-se ver que nesses exemplos não é possível trocar o ***a*** por *faz*, como acontece em "mora ali há mais de 20 anos = mora ali faz mais de 20 anos".

234. RESPONDER

Quando se comunica alguma coisa (falando ou escrevendo) em resposta, o verbo responder pode ser transitivo direto ou indireto; no último caso significa que se usa a preposição ***a***. A regência tradicional é, por exemplo, "responder **a** uma carta", e não "responder uma carta", considerando-se que alguém responde a algo [diz alguma coisa] de uma pergunta, em uma carta etc. No português brasileiro, todavia, essa preposição é muitas vezes omitida, motivo pelo qual no *Dicionário Houaiss* se vê: "1 dizer ou escrever em resposta Exs.: *respondemos que todos somos iguais / r.* (*a*) *uma carta / r. às perguntas*".

De qualquer forma, gostaria de recomendar o emprego da preposição, que é clássico e mais elegante:

> Favor responder **às** questões.
>
> O rapaz está respondendo **a** [um] processo.
>
> Já respondi **ao** questionário enviado pela internet.
>
> Ela não soube responder **à** pergunta formulada pelo juiz.
>
> **A** essa pergunta ninguém respondeu.
>
> Deus respondeu **às** nossas súplicas.

Cabe observar, também, que o verbo responder pode ser usado como transitivo direto e indireto ao mesmo tempo; a pessoa é sempre objeto indireto:

O candidato **respondeu** *sim* **à** maioria das questões.

Respondeu ao auxiliar de escritório que o receberia.

Não sei o que ele **respondeu aos** colegas.

Vamos **responder-lhe** imediatamente.

Eles **devem ter respondido** que aceitariam o desafio.

235. REQUERER

No caso deste verbo, a *dúvida geralmente ocorre na primeira pessoa do singular do presente do Indicativo:* está correto dizer "requeiro"? Sim, porque *requerer* não se conjuga pelo verbo querer, embora haja algumas formas semelhantes. Assim, dizemos: eu *quero*, ele quer, nós queremos; mas eu *requeiro*, ele requer, nós requeremos. Exemplo:

Excelência, **requeiro** o arbitramento dos honorários advocatícios.

Veja também a diferença no passado (pretérito perfeito): eu *quis*, ele *quis*, *quisemos, quiseram*; mas eu *requeri*, ele *requereu*, nós *requeremos*, eles *requereram*.

236. SEGUIR(-SE)

No sentido de "vir depois, suceder", o verbo seguir é intransitivo (usado sem pronome) ou pronominal:

As informações que **seguem** são sigilosas.

As informações que **se seguem** são sigilosas.

Ao trabalho **seguiu-se** um bom descanso.

É também intransitivo com o significado de "estar anexo ou próximo, acompanhar":

Com a foto, **segue** o autógrafo do cantor.

Seguem aqui as minhas recomendações para a sua família.

Não se preocupe: o cheque **seguirá** junto.

Leia atentamente as instruções que **seguem** (abaixo).

Para exprimir uma "continuação da ação", diz a gramática, ele funciona como verbo auxiliar, seguido de gerúndio ou de ***a***+infinitivo: *seguiu dizendo horrores*; *segue a perguntar pelo pai*. No entanto, caiu no gosto do brasileiro, talvez por influência do espanhol, o emprego de *seguir* como "continuar" sem ser verbo auxiliar:

O tempo **segue** estável.

Seguimos com nossa programação.

Depois de oito dias, eles **seguem** firmes na escalada.

A motociclista **segue** internada.

Aí está tudo correto. Mas já não seria boa a frase "os mineiros seguem na mina", por exemplo, se a ideia é dizer que eles **continuam** [soterrados] na mina; "seguir na mina" dá ideia de "continuar na marcha iniciada; prosseguir". Enfim, muito cuidado para não abusar desse emprego!

237. SOLICITAR A/DE

Com o verbo solicitar as preposições ***a*** e *de* podem ser usadas:

Solicitamos **a** V. Exa. todo o apoio à nossa causa.

Solicitamos **de** V. Exa. o apoio necessário à dita comemoração.

238. SUBIR

O verbo subir pode ser empregado de várias maneiras:

1. Como intransitivo:

   O balão está **subindo**.

   Subimos devagarzinho.

2. Como transitivo direto:

   Subiu a escada com cuidado.

   O menino precisou **subir um** muro alto.

3. Como transitivo indireto, com várias preposições (por ser verbo de movimento, a regência lógica seria com a prep. ***a***, mas é usual no Brasil o emprego de *em*):

Subir **à** mesa. [+ culto]

Subir **na** mesa. [+ coloquial]

Subir **ao** alto, à cabeça.

Subir **em** lugares altos.

Subir **pela** escada.

Subir a criança **aos** / **nos** joelhos.

Subir **em** cima da mesa.

Subir **sobre** a mesa.

Subir **para** cima da mesa e do muro.

Só não se deve usar "subir para cima" assim sem um complemento como mesa ou muro – é pleonasmo –, pois subir já tem o significado de "ir para cima".

239. SUBSCREVER

O verbo subscrever pode ser transitivo indireto (com a prep. ***a***) na acepção de "conformar-se (ao parecer de alguém)", como em *subscrever a preceito, a conselhos, a um regimento.*

Já com o significado de "dar sua aprovação a; assinar ou firmar aprovando", ele é transitivo direto – daí ser desnecessária a preposição ***a*** nestas frases:

...pelo promotor de justiça **que esta subscreve**.

Desconhecemos a autoridade **que subscreve o** parecer.

O magistrado **subscreveu a** sentença na mesma data.

240. SUBSUMIR

O culto verbo subsumir significa, na sua origem latina, "apropriar-se". Hoje é usado com o sentido de "incluir, considerar como dependente ou

como compreendido em". Assim sendo, uma coisa maior subsume uma menor, ou uma coisa menor é subsumida em outra maior. A subsunção implica subordinação, sujeição, perda de autonomia.

Na construção da frase sempre haverá um objeto direto, seja *subsumir* considerado verbo transitivo direto, ou bitransitivo [trans. dir. e ind.], ou mesmo pronominal. Exemplos:

> Vê-se um Japão no nascedouro da fase industrializante, aos poucos **subsumido** pela mundialização do capital financeiro.
>
> Admite-se a pré-qualificação jurídica dada pelo Ministério Público toda vez que o delito imputado se encontra **subsumido** nos extremos do art. 278 do Código Penal.
>
> Esta tese acompanha a crítica bergsoniana à psicologia, cujo intento de **subsumir** o humano à matéria condena ao fracasso sua pretensão de conhecê-lo.
>
> À impossibilidade de **subsumir** a pluralidade de capitais, resta ao governo americano o keynesianismo de guerra.
>
> A redação final do inciso I do art. 49 da CF, que menciona especificamente "acordos gravosos", acabou por **subsumir** a prerrogativa do Congresso Nacional de apreciar atos internacionais.
>
> As atitudes do réu **se subsumiram** no fato típico penal.

241. VENCER(-SE)

O verbo vencer não é pronominal quando usado no sentido de "expirar, terminar" – ao menos no Brasil de hoje e conforme estatística de *corpus* linguístico realizada recentemente, a qual não detectou construções do tipo "a fatura se vencerá", mas sim "a fatura vencerá", em que *vencer* é verbo intransitivo:

> O prazo **vence** na segunda quinzena de agosto.
>
> As promissórias **estão vencendo** hoje.
>
> Os títulos **venciam** no banco e eles nem aí...

Devo acrescentar que alguns dicionários, contudo, registram a possibilidade de empregar o verbo vencer pronominalmente em tal acepção: "o prazo **se vence** no dia 10". Esta não seria portanto uma forma incorreta, mas sim desusada.

242. VISAR

1. Com o sentido de "dirigir o olhar ou a pontaria; pôr o visto em", é transitivo direto:

   Visou o alvo / a refém / os pardais.

   Os fiscais **visaram** o passaporte e demais documentos.

   O gerente financeiro deve **visar** a folha de pagamento.

2. Com o sentido de "propor-se, dispor-se, ter em vista, pretender, objetivar", pode ser transitivo indireto (com a preposição ***a***) ou direto:

   O ensino **visa ao** progresso social.

   As notas, porém, **visavam** mais o professorado que os alunos.

   O novo ambulatório **visa** (**a**) atender a população de baixa renda.

Professores mais conservadores ensinavam que *visar* com o sentido de "ter em vista, objetivar", deveria ser usado com a preposição ***a***. Neste caso, transitivo indireto:

O regulamento **visa à** comodidade de todos e **ao** bem-estar coletivo.

Visamos a garantir sua segurança.

Mas existe o dinamismo do idioma a ser considerado. Esse é o caso do verbo visar, que vem perdendo a preposição, sobretudo antes de um infinitivo:

Sua missão **visava encontrar** resposta para o imponderável.

Foram implementadas medidas políticas que **visavam regular** a sociedade.

O princípio da razoabilidade **visa**, ademais, **impor** valores.

Mesmo diante de substantivo, a forma direta tem tido a preferência:

As artes **visam** a expressão do belo e o despontar da sensibilidade.

A divulgação deve ser impessoal, **visando** unicamente o interesse público.

Essa regência direta já está abonada por bons dicionários e bons autores, como Cegalla (1985, p. 423): "Entretanto, mesmo nessa última acepção

[de ter em vista, objetivar] não é sintaxe condenável dar ao verbo *visar* objeto direto", e Cunha e Cintra (1985, p. 525, grifo do autor): "Esta *última* construção [com objeto direto], condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo: O ataque **visava cortar a retaguarda da linha de frente**".

Devo esclarecer que este último exemplo é de Euclides da Cunha. Quem não costuma usar a preposição, portanto, está bem acompanhado!

243. VIVER

Segundo os dicionários, o verbo viver é usado com a preposição *em* no caso de complemento de lugar:

> Ele vive **em** São Paulo há anos.
>
> Vive **na** casa do sogro.
>
> Nossos avós viveram **em** casas construídas com muita madeira.

A mesma regência acontece nas expressões "viver em paz" e "viver em família". Também se usa a preposição *em* quanto se tem um adjunto adverbial de tempo posposto ao verbo:

> Estamos vivendo **numa** época de muita violência.
>
> Esse autor viveu **no** Século das Luzes.

Por outro lado, o verbo viver dispensa qualquer preposição quando significa "passar a vida; vivenciar, experimentar, passar por; fruir, desfrutar, aproveitar (a vida)":

> Ela disse que nunca **viveu** certas experiências.
>
> **Vive** uma vida folgada.
>
> Os melhores momentos da minha infância **foram vividos** solitariamente.
>
> **Vivemos** bons momentos juntos.

244. VERBOS INTRANSITIVOS: BASTAR, FALTAR E OUTROS

Que o verbo concorda com seu sujeito é princípio gramatical bem conhecido. O problema ocorre, porém, quando a pessoa não se dá conta de que o substantivo que vem depois do verbo é seu sujeito (o núcleo), embora pareça objeto direto, como no caso do verbo haver impessoal. Por exemplo, em "há perguntas sem resposta", o substantivo *perguntas* é o objeto direto do verbo haver, que não tem sujeito. Usemos o verbo existir na mesma frase e já teremos 'perguntas' como sujeito: "Existem perguntas sem resposta".

Assim é que na nossa fala cotidiana se tornou comum a ocorrência de frases sem a concordância verbal exigida pela gramática normativa. Isso se dá com verbos que, ao serem usados intransitivamente (sem complemento verbal), costumam vir **antes do sujeito**, como nos exemplos a seguir (o asterisco indica que está errado):

* Basta poucos minutos e estarei pronta.
* Falta três meses para o encerramento do curso.
* Segue em anexo os arquivos solicitados.
* Apareceu na sua casa cinco sujeitos mal-encarados.
* Surgiu de repente vários brotos.
* Ainda persiste as dúvidas.
* Vejo que permanece no texto algumas falhas.
* Resta menos de dez reais e sobra dólares.
* Ficou só dois.

Parece haver nesses casos uma tendência à impessoalização, justificativa que não os torna aceitáveis na linguagem culta. Observa-se também que o reconhecimento do sujeito plural é ainda menor quando ele não está imediatamente depois do verbo (pode se dar a intercalação de outros termos, em geral um adjunto adverbial).

Com esses verbos antecipados é preciso, pois, muita atenção, principalmente com *bastar, faltar* e *seguir*. Como dito, as construções acima, pela norma padrão, não são corretas, devendo o verbo ser pluralizado quando o núcleo do sujeito (abaixo, sublinhado) está no plural:

Bastam poucos minutos e estarei pronta.

Faltam três meses para o encerramento do curso.

Não **faltam** razões para apoiar o fechamento dos bingos.

Seguem em anexo os arquivos solicitados.

Apareceram na sua casa cinco sujeitos mal-encarados.

Ainda **persistem** as dúvidas.

Surgiram de repente vários brotos.

Vejo que **permanecem** no texto algumas falhas.

Restam menos de dez reais e **sobram** dólares.

Ficaram só dois.

Estando o verbo nessa situação de intransitividade, é bem menos comum o uso da ordem direta, com o sujeito encabeçando a oração, como em: "alguns minutos **bastam** / três meses **faltam** para o encerramento / razões não **faltam** / só dois **ficaram**" etc., cuja vantagem seria não induzir a nenhum erro gramatical.

245. VERBOS DE DIFERENTE REGÊNCIA COM O MESMO COMPLEMENTO

Dentro do rigor gramatical, não se poderia dizer, por exemplo, "entrei e saí de casa em questão de minutos", porque entrar e sair pedem preposições diferentes (entrei *em* casa e saí *de* casa) e sendo assim a primeira preposição sai prejudicada, isto é, desaparece. Esse tipo de construção é normal quando o primeiro verbo da primeira oração é transitivo direto e o segundo é indireto; neste caso o objeto direto é eliminado e aparece, embora preposicionado, como complemento dos dois verbos, de que é um bom exemplo: "Li e gostei dos livros" (usualmente não se fala "Li os livros e gostei deles").

A razão disso está no fato de que no português brasileiro, diferentemente do que ocorre em outras línguas, costuma-se deixar de fora o complemento verbal quando já houve menção anterior. O complemento existe, só não está explícito:

Você viu o Paulinho?
– Vi. **Vi** (-o) há pouco.

A que horas você saiu de casa?
– **Saí** (de casa) ao meio-dia.

Não sei se a vovó gosta de manga.
– Claro que **gosta** (dela/disso).

Entraste no escritório cedo?
– **Entrei** (no escritório) às sete.

Entregou a pasta ao juiz?
– Sim, senhor, **entreguei** (-a a ele). [raro: entreguei-lha]

Fizeram os deveres?
– **Fizemos**, sim. [raro: Fizemo-los / Nós os fizemos]

É por isso que se admite como correta, no Brasil, a sequência de dois verbos de regências diferentes com um só complemento, o qual – reforço – fica subentendido no primeiro verbo. Em outras palavras, não há necessidade ou obrigação de repetir o complemento verbal ou nominal, desdobrando-se a frase, como alguns querem nos impor. Por favor, não vamos levar tão longe a nossa regência!

Vejamos alguns exemplos: a primeira frase é a versão normal, mais solta; entre parênteses, a que algumas gramáticas sugerem, muitas vezes artificial:

Fui e voltei de Cerquilho no mesmo dia.
(Fui a Cerquilho e de lá voltei no mesmo dia.)

Você é **contra ou a favor das** mordomias?
(...contra as mordomias ou a favor delas?)

O valor pode ser **maior ou igual a** zero.
(O valor pode ser maior que ou igual a zero.)

Conheceu, apaixonou-se e casou-se com Maria.
(Conheceu Maria, apaixonou-se por ela e casou-se com ela.)

Exaltaram **o orgulho e o amor ao** país.
(Exaltaram o orgulho do país e o amor a ele.)

Apareceu e sumiu de casa sem ninguém perceber.
(Apareceu em casa e de lá sumiu sem ninguém perceber.)

Tinha os mesmos desejos **antes e durante a** gravidez.
(Tinha os mesmos desejos antes da gravidez e durante a gravidez.)

Vamos **assistir e participar do** grande momento histórico.
(Vamos assistir ao grande momento histórico e dele participar.)

Bom, se a regência é a mesma, nem há o que pensar – a síntese fica perfeita:

> Exaltaram o amor e a obediência à pátria. [amor **à** pátria e obediência **à** pátria]
>
> Ensinaram a decorar e a representar a peça. [decorar **a** peça e representar **a** peça]

Confirma Bechara (2001b, p. 569), ao tratar de *complementos de termos de regências diferentes*: "Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente lógico nem sempre conhece. [...] Salvo as situações de ênfase, [...] a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar."

246. TAUTOLOGIA VERBAL

Perguntaram-me se seria viciosa, por tautológica, a construção de sentenças como "concelebrar uma missa com os prelados" ou "compartilhar sua alegria com os amigos", nas quais o *com* aparece duplamente.

Chama-se tautologia a repetição das mesmas palavras ou o uso de palavras diferentes para dizer o que já foi dito. Pode ser de significado ou de forma. No primeiro caso, configura um vício de linguagem; exemplo: "Haverá simulação nos atos quando as partes os tiverem simulado". Já no segundo, de *forma*, não há problema: trata-se de fenômeno linguístico natural, de evolução regencial.

Quando se analisa a regência preposicional, dentro da regência verbal, pode-se observar um condicionamento morfossemântico entre prefixos e preposições, isto é, o prefixo da palavra regente volta sob a forma de preposição. Assim, por exemplo, de "celebrar com" e "partilhar com" tem-se a evolução para *concelebrar com* e *compartilhar com*.

Do mesmo modo, temos: *acorrer a, compactuar com, contemporizar com, conviver com, derivar de, embarcar em*. Isso ocorre também com alomorfia (variação de forma), como em *cúmplice com, incluir em, implicar em, interpor entre, peregrinar por, perpassar por* (cum-com / in-em / inter-entre / per-por).

haus

Ebook
Português
para Estrangeiros

Maria Tereza de Queiroz Piacentini
e Ademir Nunes de Camargo

Adquira este e-book em uma das plataformas abaixo

amazon

Google Play

Apple Books



É uma obra única no mercado. Responde de forma simples as dúvidas mais frequentes de estudantes e professores de português como língua estrangeira. Questões como: tudo ou todo, ficar ou estar, obrigado ou obrigada, nós ou a gente, tudo bem ou tudo bom.

ISBN 9788565017022 | 304 páginas | Formato digital

247. VENDEM-SE OU VENDE-SE CASAS - USO BRASILEIRO

Muitos leitores desejam saber se estão corretos os anúncios de venda e aluguel de casas com o verbo no singular. O que comumente se vê é *vende-se casas*, sintaxe correspondente ao uso espontâneo da língua e de grande eficiência comunicativa. É uma forma aceita socialmente, mas (ainda) não gramaticalmente. A gramática normativa recomenda que o verbo aí vá para o plural para concordar com seu sujeito, que é *casas*. Não se trataria, pois, de uma questão rigorosa de certo ou errado, mas de gramática natural *vs.* artificial, de adequação ou nível de formalidade, até porque o uso do singular não altera em nada a clareza e o entendimento do assunto – é tão somente uma questão de sintaxe.

O uso popular no Brasil é este: *conserta-se relógios, aluga-se quartos, faz-se chaves, vende-se lotes, forra-se botões, pinta-se muros, lava-se roupas* – isso porque as pessoas sentem a construção como ativa, com um sujeito ativo (alguém faz, a gente faz), e não com um sujeito passivo. De modo geral, entende que o sujeito de vender é *casas* ou *lotes* apenas quem pensa a frase na voz passiva com verbo auxiliar: *casas são vendidas, botões são forrados, quartos são alugados, roupas são lavadas...* E para chegar a essa conclusão é preciso muito estudo teórico – não é uma questão de semântica!

Além disso, embora essas formas no singular já tenham sido inúmeras vezes documentadas em textos de bons autores, ainda exige a gramática tradicional (e os vestibulares e outros concursos também) o verbo no plural. É "sintaxe mais conceituada junto a pessoas de prestígio social e cultural", dizia Celso Luft. Assim sendo, vamos pluralizar o verbo em frases deste tipo:

> Não **se discutem** os sonhos e as alegrias de uma jovem ou o quanto ela se realiza como ser humano, mas **se debatem** os centímetros a mais ou a menos em seus quadris.
>
> **Realizaram-se** todas as investigações possíveis.
>
> No dia 12 passado **expediram-se** os ofícios de n. 55 e 56.
>
> **Evitaram-se**, dessa maneira, as injustiças que por muitos anos se fizeram presentes.
>
> Veja como **se armam** estratégias, como através da formalidade **escondem-se** afetos e desejos.

Já não **se aceitam** essas falcatruas como antigamente.

Na década passada **elaboraram-se** muitas pesquisas na área do direito ambiental, mas **colheram-se** poucos resultados.

Consomem-se produtos transgênicos sem se saber se haverá danos à saúde.

A teoria estabelecida, pois, é de que "verbos transitivos diretos com *se* estão na voz passiva" [vende-se = é vendido]. São transitivos diretos aqueles verbos que se ligam diretamente ao seu complemento, ou seja, sem a intermediação de uma preposição como *de, a, para, com,* e somente eles podem ser transformados em voz passiva. Vejamos quatro exemplos de verbos transitivos diretos na voz ativa:

- Voz ativa

1. O general Videla derrubou a presidenta Isabelita Perón.
2. O Conselho discutirá o assunto em mesa-redonda.
3. Nesta temporada o time alcançou suas metas.
4. Muitos fazendeiros ainda marcam os bois a ferro.

Quando construímos a voz passiva com verbo auxiliar *ser+particípio*, o objeto direto da voz ativa se torna o sujeito da voz passiva (sujeito paciente), e o sujeito da voz ativa se torna o agente da passiva, o qual pode ser declarado ou não:

- Voz passiva com auxiliar (ou analítica)

1. A presidenta Isabelita Perón **foi derrubada** pelo general Videla.
2. O assunto **será discutido** em mesa-redonda [pelo Conselho].
3. Nesta temporada as metas **foram alcançadas** [pelo time].
4. Os bois ainda **são marcados** a ferro por muitos fazendeiros.

Quando não é necessário explicitar o agente, há uma segunda maneira de indicar a voz passiva: por meio do pronome *se*, conhecido então por *partícula apassivadora*. Esta passiva se constrói apenas com o verbo na 3ª pessoa – do singular ou do plural, conforme o substantivo/sujeito que o acompanha:

- Voz passiva pronominal (ou sintética)

1. **Derrubou-se** então a presidenta Isabelita Perón.
2. **Discutir-se-á** o assunto em mesa-redonda.
3. Nesta temporada **alcançaram-se** todas as metas.
4. Ainda **se marcam** bois a ferro.

248. EXTENSÃO DO EMPREGO DO PRONOME *SE*: INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

Vejamos, na sequência, os casos em que o verbo acompanhado do pronome *se* não configura voz passiva e, portanto, não se pluraliza. Isso acontece com os verbos (1) intransitivos; (2) transitivos indiretos e (3) verbos de ligação. São verbos que, não tendo um objeto direto, não admitem a construção passiva. Neste caso o sujeito é indeterminado, representado então pelo pronome *se*, que se chama "índice de indeterminação do sujeito". E o verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular, impessoal, pois aí ele não tem com quem concordar.

1. *Intransitivos* são os verbos que não precisam de complemento/substantivo; geralmente são acompanhados de um adjunto adverbial ou predicativo. Exemplos de verbos intransitivos usados impessoalmente (o sujeito é indeterminado):

   Trabalhou-se demais naquela época.

   Vive-se bem quando **se tem** paz de espírito.

   Errou-se no julgamento uma vez; não **se errará** mais.

   É fato sabido que **se come** mal quando **se come** às pressas.

   Cantou-se, dançou-se e **bebeu-se** muito nos anos 1960.

2. *Transitivos indiretos* são os verbos que requerem um complemento regido de preposição. Então, ao ver o complemento/substantivo com a partícula *se* acompanhada de uma preposição, você já sabe que *não* deve pluralizar o verbo mesmo que esse substantivo esteja no plural, justamente porque aí ele não é o sujeito do verbo, mas sim o objeto indireto:

   Trata-se de obras antiquíssimas.

No último festival de cinema **assistiu-se a** dublagens bem feitas.

Depende-se dos outros como eles dependem da gente.

Ou se desmonta a inflação ou **se chegará aos** tempos em que restos de comida valerão mais do que um prato cheio.

No Brasil, infelizmente, não **se obedece às** normas de trânsito como se deveria.

Neste departamento **responde-se a** cartas comerciais.

Confia-se em todas as pessoas.

3. Também com os verbos de ligação *ser* e *estar* o pronome *se* marca a indeterminação do sujeito:

No momento em que **se é** criança, tudo parece fácil.

Quando **se está** bem de saúde, a vida fica mais leve.

249. VERBOS DE DUPLA TRANSITIVIDADE - VOZ ATIVA E PASSIVA

Por que às vezes se diz "*Trata-se* de casos raros" mas também se encontra o mesmo verbo no plural numa frase semelhante: "*Tratam-se* casos raros de câncer naquele hospital"? Qual a diferença? Na 1ª frase o verbo tratar é usado como transitivo *indireto* (portanto o sujeito é indeterminado), e na 2ª como transitivo *direto*, o que lhe permite ser apassivado (há um sujeito na voz passiva).

Esses verbos que têm mais de uma regência podem ser encontrados em frases estruturalmente parecidas mas sintaticamente diferentes justamente por causa da preposição. Podemos verificar que, ao ser usado um complemento/substantivo no plural, a construção varia de singular para plural conforme a transitividade do verbo:

Precisa-se de vendedores ágeis. ["vendedores" é objeto indireto – *voz ativa*]
Precisam-se vendedores ágeis. ["vendedores" é sujeito da *voz passiva*]

Acabou-se finalmente **com** os mosquitos da dengue.
Finalmente **acabaram-se** os mosquitos!

Atendeu-se às reivindicações dos trabalhadores.

Atenderam-se as reivindicações.

Falou-se dos deputados em todo o país.
Falaram-se assuntos impublicáveis no Congresso.

Necessita-se, urgente, **de** mais verbas.
Necessitam-se mais verbas urgentemente.

Para dar conta do desafio, **parte-se dos** seguintes princípios.
Para dar conta da alimentação de todos, **partem-se** os pães em pedaços.

Sabe-se dessas coisas por meio dos jornais.
Sabem-se coisas do arco-da-velha.

Usa-se de artifícios para driblar a torcida.
Usam-se artifícios para driblar a torcida.

Sempre **se utilizou de** vacinas para tratar o gado.
Sempre **se utilizaram** vacinas para tratar o gado.

Com este projeto **visa-se aos** interesses ecológicos da comunidade ilhoa.
Com este projeto **visam-se** os interesses ecológicos da comunidade ilhoa.

250. VOZ PASSIVA PRONOMINAL EM LOCUÇÃO VERBAL

Quando se utiliza uma locução verbal[13] na voz passiva pronominal ou sintética com um verbo (principal) transitivo direto, pode-se empregar o verbo auxiliar [dever, poder, estar] tanto no singular quanto no plural:

Deve-se analisar os fatos. / **Devem-se analisar** os fatos.

Pode-se arrumar as camas agora.

Não **se pode impor** limites ao coração.

Está-se a dizer coisas de arrepiar...

Pode-se usar as toalhas brancas que estão no armário?

Podem-se comprar carnes e frios à vontade na loja da esquina.

Acredito que **se deveriam dar** melhores condições aos produtores.

Acho que **se devem estudar** os processos minuciosamente.

13 Para mais detalhes sobre a locução verbal, ver tópico *203. Locução verbal de infinitivo.*

É certo que todas essas frases podem ser desdobradas na voz passiva analítica. Por exemplo: *Os fatos devem ser analisados, carnes e frios podem ser comprados, poderiam ser dadas condições...* Esse desdobramento mostra que há um sujeito no plural com o qual deveria concordar o verbo. Contudo, também se pode entender que o sujeito é o infinitivo, como se fosse assim o enunciado: *analisar os fatos se deve; impor limites ao coração não se pode...* Isso explicaria a aceitabilidade da construção no singular, aliás muito mais usada, por soar melhor.

A maior parte dos livros de gramática foge dessa particularidade. Domingos Paschoal Cegalla, no entanto, ao tratar da concordância do verbo passivo, diz textualmente: "Nas locuções verbais formadas com os verbos auxiliares *poder*, *dever* e *costumar*, a língua permite usar o verbo auxiliar no plural ou no singular, indiferentemente" (1985, p. 388).

251. VOZ PASSIVA COM AUXILIAR EM LOCUÇÃO VERBAL

Quando se utiliza uma locução verbal na voz passiva analítica, ou seja, formada com verbo auxiliar [dever, poder, querer, entre outros] e infinitivo ou gerúndio do verbo *ser* mais o particípio (do verbo principal), só o primeiro auxiliar é conjugado; também o particípio faz a concordância com o sujeito:

Os fatos **devem ser** bem **analisados**.

As camas **podem ser arrumadas** agora.

Limites ao coração não **devem ser impostos**.

Carnes e frios **podem ser comprados** à vontade.

Acredito que **deveriam ser dadas** melhores condições aos produtores.

Os compromissos não **podem deixar de ser cumpridos**.

Acho que os processos **precisam ser estudados** minuciosamente.

As crianças não **querem continuar sendo incomodadas** pelos mosquitos.

252. COMUNICADO E INFORMADO

Certa vez o comunicador Boris Casoy criticou, no noticiário que ele apresentava, o uso da forma "fulano foi comunicado". Como esse uso é bastante comum e por isso soa "bem", muita gente ficou sem entender onde estaria o erro. Explico.

Tomemos a seguinte frase "errada" como exemplo: *O inquilino foi comunicado pelo síndico que as taxas seriam aumentadas*. Essa é uma construção passiva que teria como correspondente "O síndico comunicou **o** inquilino". Grifei o artigo ***o*** para chamar a atenção da agramaticalidade da oração, que, segundo o português padrão, é dita assim: *O síndico comunicou **ao** inquilino*.

A regência normal do verbo comunicar é: a gente – comunica – alguma coisa – a alguém [voz ativa]. Aí vemos objeto *direto de coisa* e objeto *indireto de pessoa*, a mesma regência que se observa nestes exemplos:

O gerente comunicou **ao servidor** que seu horário fora alterado.

O repórter comunicou a morte de Getúlio Vargas **à nação**.

Peço que **nos** comunique qualquer decisão em contrário.

Gostaria de comunicar-**lhe** que você foi aprovado nos exames.

Então, ao passar esse tipo de frase para a voz passiva, ou seja, quando se usa o particípio *comunicado*, o objeto direto [de coisa] vem a ser o sujeito da oração: alguma coisa – é comunicada – a alguém [voz passiva]. E não o contrário, não a pessoa como sujeito: "alguém é comunicado de algo", como já é hábito falar (esta construção já está tão arraigada que pouquíssimas pessoas se dão conta da sua agramaticalidade). De qualquer modo, a construção passiva recomendada com o verbo comunicar é a seguinte:

O resultado das eleições **será comunicado** em rede nacional.

O aumento das tarifas **foi comunicado** aos inquilinos.

Foi-me comunicado que passei nos exames.

Qualquer decisão em contrário **deverá ser comunicada** à diretoria.

A morte de Getúlio Vargas **foi comunicada** à nação pelo Repórter Esso.

Qual a alternativa para quem quer ser "gramaticalmente correto" mas ao mesmo tempo não deseja usar este último tipo de frase? É se valer do verbo informar, que tem mais flexibilidade e admite tanto pessoa quanto coisa/fato como sujeito passivo. Assim, em vez de "fulano foi comunicado", podemos dizer:

O inquilino **será informado** de que as tarifas devem aumentar.

O povo brasileiro **foi informado** da morte de Vargas pelo Repórter Esso.

Fui informada de que passei nos exames.

Os diretores **deverão ser informados** de qualquer decisão em contrário.

O rapaz **foi informado** pelo gerente de que seu horário havia sido alterado.

253. OBEDECIDO E ASSISTIDO

Pergunta um leitor: "É correto usar o acento indicador de crase em frases nas quais apareçam verbos transitivos indiretos no particípio? Exemplo: *obedecidas às normas regimentais."

Não se coloca esse acento indicativo de crase, pois aí o verbo obedecer é usado transitivamente (no caso, *normas* é o sujeito passivo de *obedecidas*). O emprego de *obedecer* na voz passiva é uma reminiscência dos tempos em que ele era transitivo direto (vale lembrar que a regência é muito dinâmica, mutável). Escreve-se, portanto, sem crase:

Serão obedecidas as normas regimentais.

Dizem que não **foram obedecidas** as instruções.

Quando é que a lei **será obedecida**?

O verbo assistir é parecido, pois pela norma padrão se escreve "assiste-se **a** bons filmes", como verbo transitivo indireto que é. No entanto é possível usá-lo na voz passiva:

A final do vôlei no Rio de Janeiro **foi assistida** por uma multidão.

Tais palestras **foram assistidas** por um público médio de 300 participantes.

haus

Ebook
Portuguese
for Foreigners

Maria Tereza de Queiroz Piacentini
e Ademir Nunes de Camargo

Get this e-book by clicking below

amazon

Google Play

Apple Books



It is a unique work in the market. It answers in a simple way the most frequent doubts of students and teachers of Portuguese as a foreign language. Questions such as: tudo ou todo, ficar ou estar, obrigado ou obrigada, nós ou a gente, tudo bem ou tudo bom.

ISBN 9788565017022 | 304 páginas | Formato digital

_concordância nominal e verbal

254. CONCORDÂNCIA VERBAL E NÚCLEO DO SUJEITO

O verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito – este é o fundamento da concordância verbal. O sujeito é sempre representado por um substantivo, pronome, palavra substantivada, numeral, infinitivo ou por uma oração. Em princípio, a concordância se faz com o núcleo do sujeito. Sendo assim, dizemos:

O **decreto** finalmente **foi** aprovado.

As **pesquisas** de opinião pública **põem** os pingos nos is.

O substantivo (ou equivalente) que representa o sujeito pode vir acompanhado de outros elementos. Para reconhecer qual é o substantivo que constitui o núcleo do sujeito basta identificar aquele que não é antecedido de preposição. Quando não se reconhece o núcleo (que não será o substantivo preposicionado, repito), podem ocorrer erros de concordância como estes:

* A imposição de reformas estruturais para as minorias *tornam-se imperiosas.*
* *Havia sido impresso* aproximadamente mil exemplares da revista quando notaram o erro.

A concordância correta é:

A imposição de reformas estruturais para as minorias **torna-se imperiosa**.

Haviam sido impressos aproximadamente mil exemplares da revista quando notaram o erro.

255. VERBO ANTECIPADO AO SUJEITO SIMPLES

A falta de concordância verbal ocorre mais facilmente quando o verbo

se antecipa ao sujeito – sobretudo na fala. Nesse caso, a mente não se dá conta ainda de qual sujeito virá e por isso coloca o verbo no singular, que seria uma forma neutra de uso. Então, ouvem-se frases assim (o asterisco indica erro gramatical):

* *Está* em andamento *estudos* para alterar essa lei.
* Dessa vez *rolou milhões*.
* *Encerra* dia 9 *as inscrições* para o concurso.
* *Existe academias* especializadas.
* Amanhã *terá* início *os treinos*.
* *Está* acontecendo *coisas* de arrepiar os cabelos.
* *Sobrou*, se não me engano, oito *tíquetes*.
* Já é *dado* como *certo a abertura* da investigação.

Essa tendência à impessoalização, porém, não é uma justificativa aceitável na escrita, quando se tem mais condição de elaborar e revisar o discurso. De acordo com a linguagem culta, há que se escrever desta forma:

Estão em andamento estudos para alterar essa lei.

Dessa vez **rolaram** milhões.

Encerram dia 9 as inscrições para o concurso.

Existem academias especializadas.

Amanhã **terão** início os treinos.

Estão acontecendo coisas de arrepiar os cabelos.

Sobraram, se não me engano, oito tíquetes.

Já é **dada** como **certa** a abertura da investigação.

256. VERBO ANTECIPADO AO SUJEITO COMPOSTO

A base da concordância verbal é, resumidamente:

- *sujeito simples* com um só núcleo no singular > verbo no singular [João saiu]; com um só núcleo no plural > verbo no plural [eles saíram];

- *sujeito composto* (formado por mais de um núcleo) > verbo no plural [João e Maria saíram].

Contudo, existe um caso em que o verbo pode ficar no singular mesmo se referindo a um sujeito composto: é quando se antepõe o verbo a esse sujeito composto. Nesta situação, o verbo pode concordar tanto com *o núcleo mais próximo* quanto com *o conjunto*, ainda que haja na língua "a tendência para que a concordância se faça com o termo mais próximo, o que se acentua quando a construção se faz em ordem inversa – anteposição do adjunto adnominal aos substantivos, ou do verbo ao sujeito composto" (KURY, 1989, p. 177).

Vejamos uma oração na ordem direta com sujeito composto: "A Lei 2.089/88 e demais disposições em contrário ficam revogadas". Habitualmente essa frase clássica do Direito é construída na ordem indireta (com o verbo anteposto ao sujeito), o que pode ser feito de duas formas:

> **Fica revogada** a Lei 2.089/88 e demais disposições em contrário.
>
> **Ficam revogadas** a Lei 2.089/88 e demais disposições em contrário.

Exemplos com a dupla possibilidade de uso:

> Ali pelo parque sempre **passava** / **passavam** uma senhora com os sete filhos e várias avós com os netinhos.
>
> **Redigiu-se** / **Redigiram-se** novamente o Decreto 9.959 e as alterações contratuais dele decorrentes.
>
> Deve-se conservar a mente forte quando **vem** / **vêm** a dor e o sofrimento.
>
> Nas mãos não **se reflete** / **se refletem** unicamente a nossa vivência psíquica e o nosso estado anímico.
>
> No livro, **narra-se** / **narram-se** a queda dos preços do café a partir da crise de 1929 e os desmandos do populismo getulista.

O que é melhor? Em princípio, tanto faz, desde que a clareza não seja prejudicada. Ao pluralizar, concordando com o conjunto, você estará mais seguro e evitará possíveis ambiguidades. Mas a eufonia tem um papel importante na escolha. A ver:

Opção 1: Sobre a diferença **incidirão** *multa* de 10% e *honorários* advocatícios.

Opção 2: Sobre a diferença **incidirá** *multa* de 10% e *honorários* advocatícios.

Opção 3 (se não achar bons os dois modos acima, usar o plural antes do singular): Sobre a diferença **incidirão** *honorários* advocatícios e *multa* de 10%.

257. A MAIORIA, A MAIOR PARTE - SUJEITO COLETIVO PARTITIVO

A maioria das pessoas *faltou* ou *faltaram* à festa?

As duas formas são consideradas corretas, mas a primeira é a mais recomendável: "A maioria das pessoas *faltou* à festa". Neste caso, o verbo concorda com o núcleo do sujeito (a parte não preposicionada do sujeito), que é *maioria*.

Entretanto, quando esse sujeito que tem o núcleo no singular é seguido por uma expressão de quantidade (coletivo partitivo) no plural, pode ocorrer dupla concordância:

1. *Concordância gramatical* – o verbo fica no singular em conformidade com o núcleo do sujeito:

   Na região, a maioria das crianças **morre** de inanição.

   A minoria dos deputados **esteve** presente à sessão.

   O jornal lamenta que a totalidade deles **seja** favorável à proposta.

2. *Concordância ideológica* – o verbo vai para o plural em razão da ideia de pluralidade que a expressão transmite através do adjunto adnominal:

   O grosso dos mantimentos **perecem** nos armazéns.

   Em meio a grande confusão, os presos e seus reféns dirigiram-se ao auditório, enquanto a maioria deles **corriam** para as celas.

   A metade dos melões **foram** desperdiçados por falta de embalagem adequada.

A concordância ideológica só é aceita quando há um complemento (adjunto adnominal) plural expresso. Não o havendo, **é obrigatória** a concordância com o núcleo do sujeito, ficando o verbo no singular:

A **maioria faltou** à festa.

A **minoria se regenerou**.

Dos animais doentes, parece que **parte foi sacrificada**.

Disse que a **totalidade ficaria** do seu lado.

Para completar o registro das expressões de quantidade ou coletivo partitivo, seguem mais alguns enunciados em que o verbo estará sempre no singular, visto ser esta a forma de concordância verbal mais apreciada:

Boa parte das laranjas foi exportada.

A maior parte delas não recebeu agrotóxicos.

Grande parte dos alunos quer aprender.

(Certa) parte das crianças tem pais separados.

Pouco menos da metade dos meninos tem babá em casa.

Um pequeno número deles tem problemas locomotores.

Uma porção de títulos foi negociada.

Grande número de turistas preferiu Santa Catarina este ano.

O restante dos produtos seguiu para o Nordeste.

258. É PROIBIDO, É NECESSÁRIO, É PRECISO

Os adjetivos *proibido*, *necessário* e *preciso,* entre outros, em função predicativa e antepostos ao sujeito, ficam invariáveis (ou seja, no masculino singular) quando o sujeito da oração constitui-se de substantivo usado de forma indeterminada, de modo vago ou geral, portanto sem artigo definido:

Proibido **saída.**

Proibido **carroças** na ponte das 7 às 19 h.

É proibido **entrada** de pessoas estranhas.

É proibido **animais** na enfermaria e no pátio.

É necessário **muita fé**, antes de mais nada.

É necessário **boa vontade** para fazer tal serviço.

É preciso **consciência**.

É preciso uma ação emergencial.

Desde que haja uma determinação (com artigo definido ou pronome), a concordância **é exigida**:

É **proibida a saída** antes do término da sessão.

É **proibida a entrada** de pessoas estranhas.

São **proibidas as carroças** na ponte das 7 às 19 h.

São **proibidos os animais** sem dono na enfermaria e no pátio.

É **necessária toda a fé** possível para se chegar ao céu.

É **necessária a boa vontade** de uma santa para fazer tal serviço.

Nesse caso de substantivo determinado, a ordem dos fatores não altera a concordância nominal:

É **necessário o tratamento** do solo com inseticida.
O tratamento do solo com inseticidas é **necessário**.

É **necessária a adubação** do terreno.
A adubação do terreno **é necessária**.

Já no caso das orações construídas com substantivo indeterminado, a concordância é obrigatória na ordem direta (sujeito antecedendo verbo):

Areia fina é **necessária**. [e não *Areia fina é necessário]

Minissaias são **proibidas** no recinto. [e não *Minissaias é proibido]

Embora o comum seja usar o neutro/masculino com substantivos indeterminados, isso não é obrigatório. Pode-se fazer a concordância do adjetivo anteposto ao substantivo, seguindo assim uma forma da língua padrão mais correspondente ao modelo literário:

Proibida entrada de animais.

É **proibida manifestação** política neste local.

É **necessária boa vontade**, sempre.

É **necessária muita atenção** ao atravessar a rua.

▸ É preciso

Separamos os exemplos com o adjetivo *preciso* por uma peculiaridade –

com ele a flexão (no feminino principalmente) pode soar artificial e por isso é pouco usada no português brasileiro:

> *É precisa* a consciência de uma criança para ser feliz.
>
> *São precisas* as seguintes qualidades para figurar na lista dos 10 mais.
>
> No Brasil, *foram precisos* muitos anos para que o mito da democracia racial fosse derrubado pelas estatísticas.

Seria essa a concordância gramatical. Mas o adjetivo *preciso* no sentido de "indispensável, que faz falta" tem sempre uma implicação de neutralidade; portanto se vê habitualmente este tipo de construção:

> **É preciso** a consciência de uma criança para ser feliz.
>
> **É preciso** as seguintes qualidades para figurar na lista dos 10 mais.

Como é que os gramáticos justificam esse uso? Pelo entendimento de que aí fica implícito um verbo no infinitivo, em geral *ter/haver*, que agiria como oração subjetiva (sujeito da oração *é preciso*). Nesse caso, a oração principal mantém-se na forma neutra (masculino singular) e a concordância se daria com o infinitivo implícito:

> É preciso [ter] a consciência de uma criança. *Equivale a*: Isto (ter a consciência) é preciso.
>
> É preciso [haver] ações concretas. *Equivale a*: Isto (haver ações concretas) é preciso.

Então, ou se usa *preciso* no neutro, ou se faz a substituição por seu similar *necessário*:

> **É necessária** a consciência de uma criança para ser feliz.
>
> **São necessárias** as seguintes qualidades para figurar na lista das 10 mais.
>
> **Foram necessárias** várias reuniões para chegarmos a um consenso.

▸ Quando necessário ou quando necessárias

Com a presença da conjunção *quando* ou *se*, há duas construções válidas:

(a) Vamos adotar medidas de controle **quando** / **se necessário**.

(b) Vamos adotar essas medidas **quando** / **se necessárias**.

Em (a) temos a fórmula neutra – o adjetivo *necessário* está se referindo a um sujeito implícito, que é o pronome *isso*:

(a) Vamos adotar medidas de controle quando [isso for] necessário.

Outros exemplos com o neutro:

Só faremos consulta ao STJ **quando necessário**.

Se necessário, fixaremos os padrões de uso.

Já no caso de (b), o adjetivo *necessárias* concorda com *medidas*, sujeito não repetido mas subentendido pelo leitor:

(b) Vamos adotar medidas de controle quando [essas medidas forem] necessárias.

Outros exemplos:

Só faremos consulta ao STJ **quando necessária**.

Se necessários, fixaremos os padrões de uso.

Vamos estabelecer normas de conduta, **se necessárias**.

É evidente que as frases do segundo bloco de exemplos – com a flexão do adjetivo no feminino e no plural – não soam tão bem quanto as do primeiro. Também a concordância deve atender à eufonia. Isso implica dizer que usar "quando / se necessário" é sempre melhor. E mais garantido em termos de acerto.

259. CONCORDÂNCIA DO VERBO SER COM O PREDICATIVO

Como regra número um da concordância verbal, temos que o verbo concorda com o sujeito. Por exemplo: *Ela colheu* uma flor. *As flores murcharam* depressa. *Todos* já *saíram*.

Há, porém, uma situação bastante comum de verbo que não se conforma ao sujeito, mas sim ao predicativo. Isso só ocorre com o *verbo ser,* e quando:

1. o predicativo (o que vem depois do verbo ser) é formado por um substantivo no plural;

2. o sujeito é nocional, ou seja, é constituído por nome de coisa ou por um dos pronomes tudo, isto, isso, aquilo e o (= aquilo) ao introduzir a oração "o que" (o que há, o que houve, o que falta..., p. ex.).

Pode-se observar essa diferença de uso do verbo em duas frases similares: *Nem tudo é bom* e *Nem tudo são flores*:

Nem tudo [sujeito no singular]
é [verbo no singular]
bom [o predicativo é um adjetivo]

Nem tudo [sujeito no singular]
são [verbo no plural]
flores [o predicativo é um substantivo plural]

Vejamos várias frases em que o sujeito (assinalado em itálico) está no singular mas o verbo vai para o plural, fazendo a concordância com um predicativo (marcado em negrito) constituído não de adjetivo, mas sim de um substantivo ou pronome equivalente:

A prioridade agora **são os programas** sociais.

O inferno **são os outros**.

O público **serão os alunos** da terceira série.

A paixão de Sílvia sempre **foram os felinos**.

O problema **foram os feriados**, queixaram-se os comerciantes.

Outro aspecto supervalorizado **são os estágios**.

Tudo **são alegrias**.

Isto **são problemas** passageiros, podes crer.

O que há **são dificuldades** a serem superadas pouco a pouco.

O que houve **foram brigas e discussões** intermináveis.

O que não falta **são dólares**.

Na linguagem literária pode-se encontrar o verbo no singular: "*Tudo é* flores no presente", escreveu Gonçalves Dias; "*O lugar do poema é* todos os meios de comunicação. / *O lugar do poeta é* todos os lugares", compôs Lindolf Bell. Mas na linguagem corrente, em tais casos, a recomendação é o verbo ser no plural, conforme explicamos.

260. PRONOME PESSOAL E VERBO SER

O cliente *somos* nós ou O cliente é nós? Se você inverter a ordem, dirá: *Nós somos o cliente*. O sujeito é o pronome *nós*, portanto. A regra é a seguinte: nas frases com o verbo *ser* que tenham um pronome pessoal, a concordância verbal se faz com o pronome:

O cliente **somos nós**.

O fiador **és tu**, mas a responsável **foi ela**.

Os melhores **são eles**.

Hoje quem paga **sou eu**.

261. FUI EU QUE FIZ OU QUEM FEZ

Há duas boas maneiras de construir este tipo de frase:

1. Usa-se *que* e o verbo concorda com o sujeito antecedente:

   Fui eu **que fiz e paguei** a aposta.

   Foi ela **que me acusou**.

   Foi você **que prometeu** e **não cumpriu**.

   Fomos nós **que aguentamos** a onda.

   Foram elas **que ganharam** o troféu.

2. Usa-se *quem* e o verbo fica na terceira pessoa do singular:

   Fui eu **quem fez** e **pagou** a aposta.

   Foi ela **quem me acusou**.

   Foi você **quem prometeu** e **não cumpriu**.

   Fomos nós **quem aguentou** a onda.

   Foram elas **quem ganhou** o troféu.

Considero as primeiras frases (item 1) melhores, mais agradáveis ao ouvido. Talvez por isso sejam mais comuns do que as segundas, principalmente quando o sujeito está no plural. Quer dizer, "foram elas que ganharam"

soa melhor do que "foram elas quem ganhou".

Existem alguns livros dedicados a ensinar português que afirmam ser correta também uma terceira forma, qual seja, a frase com *quem* e o verbo concordando com o sujeito antecedente, por exemplo: "Fui eu *quem fiz*, fomos nós *quem fizemos*". Acredito que deva ter havido algum lapso aí, pois nunca ouvi brasileiros falarem assim (mas os espanhóis, sim: "*Fuimos nosotros quienes lo hicimos todo*").

Nesse ponto prefiro ficar com Napoleão Mendes de Almeida, que diz textualmente: "Quando tem por antecedente um pronome pessoal reto, o *que* pode vir substituído por *quem*, o que nos **obriga** [grifo meu] a levar o verbo para a terceira pessoa do singular: Somos nós *quem paga* – Sou eu *quem vai* – Fui eu *quem abriu* esta polêmica – Eu e V. Exa. somos ;*quem vende* – És tu *quem favorece* a minha resolução" (ALMEIDA, 1981, p. 256).

Por fim, é bom observar que em qualquer dos casos o verbo ser que inicia a oração faz a concordância com o sujeito a quem ele se refere. É por isso que às vezes se usa *fui* (concorda com *eu*) e às vezes ***foi*** (concorda com *ele/ela/você*), assim como se usa *fomos* e *foram* respectivamente para a primeira e a terceira pessoa do plural.

Naturalmente, o mesmo tipo de frase pode ser empregado no tempo presente ou no futuro, como vemos abaixo:

Hoje sou eu **que pago**.

É ela **que** sempre me **aborrece**.

Somos nós dois **que temos** de pedalar.

Sou eu **que darei** a festa.

Amanhã é você **quem pagará**.

262. CONCORDÂNCIA COM *QUEM*

Viu-se numa manchete de jornal: "*Quem poderão ser* os candidatos locais nas próximas eleições?" A frase está correta, embora possa parecer estranha, pois não é muito comum a utilização do verbo *ser* com um verbo auxiliar, numa locução verbal [poderão ser], junto do pronome interrogativo *quem*. Normalmente este pronome leva o verbo para o singular:

Quem fez isso?

Você sabe **quem foi** o autor da manchete?

Quem se elegerá no próximo pleito?

Entretanto, em orações com o verbo *ser*, o pronome *quem* pode servir de predicativo a um sujeito no plural. Isso quer dizer que o verbo vai fazer a concordância com o sujeito que estiver no plural:

Quem são eles?

Quem somos nós?

Quem serão os candidatos locais nas próximas eleições?

Quem foram os malucos que atacaram o presidente?

"Sabem, acaso, os vultos, **quem vão sendo**?" (Cecília Meireles)

263. CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS

Apenas dois tipos de numeral cardinal variam em gênero: **um** e **dois** e as **centenas** a partir de 200. Portanto, têm feminino:

um – uma
dois – duas
duzentos – duzentas
trezentos – trezentas (até) novecentos – novecentas

É necessário fazer a concordância de *dois* e das *centenas* com o substantivo, independentemente do acréscimo do numeral *mil*:

Apenas **duas matérias** foram levadas a discussão.

Cerca de **oitocentas pessoas** aplaudiram o candidato.

Dois mil e oitocentos homens foram contratados como boia-fria.

Cinco mil e duzentas urnas serão vistoriadas por mil funcionários.

Quanto à concordância verbal, os numerais a partir de dois, com ou sem o acompanhamento de um substantivo e na função de sujeito da oração, levam o verbo para o plural:

Estás vendo a turma? Apenas **dois são** meus amigos.

Nove passaram; **16 ficaram** na reserva.

Treze das 30 cabeças **foram marcadas** a ferro.

Cem talheres **serão** suficientes para a ceia.

► Concordância especial com o verbo ser

Há, porém, uma concordância especial quando se emprega o verbo *ser* e o sujeito representado pelo numeral indica preço, peso, porção, quantidade, medida. Neste caso o verbo passa a concordar com as expressões *muito, pouco, o suficiente, o mínimo, demais* etc., permanecendo então neutro, na terceira pessoa do singular:

Sete anos de noivado **foi** muito.

Dez metros de fita **é** pouquíssimo.

Cem reais **é** o suficiente.

Seis é o mínimo desejável.

Um é pouco, **dois é** bom, **três é** demais.

Todavia, quando o substantivo que acompanha esse numeral está determinado por um artigo, faz-se a concordância regular, isto é, com o verbo no plural:

Os sete anos de noivado de Abel e Marta **foram** demais.

São desejáveis todos **os seis elementos**.

Os dez metros de fita que comprei **se mostraram** insuficientes.

Os cem reais que me deste **foram** suficientes.

264. PORCENTAGENS

É opcional dizer *percentagem* (do latim "*per centum*") ou *porcentagem* (em razão da locução *por cento*), assim como *percentual* ou *porcentual* (esta última já perdeu a preferência para *percentual*; mas *porcentagem* é a forma favorita no Brasil).

Com as expressões que indicam porcentagens, o verbo pode ficar no plural ou no singular, conforme o caso, já que a concordância pode ser feita com o número percentual ou com o substantivo a que ele se refere, como nestes exemplos:

No seu Estado, 75% da **população ganha** menos de dois salários mínimos.

No seu Estado, **75%** da população **ganham** menos de dois salários mínimos.

Somente **1%** dos candidatos **consegue** passar nos exames.

Somente 1% dos **candidatos conseguem** passar nos exames.

Contudo, a orientação mais moderna é fazer a concordância com o substantivo próximo:

A pesquisa indica que 10% da **força feminina trabalha** à noite.

O prefeito assegura que 70% dos **moradores terão** saneamento básico.

Registrou-se que 20% da **população estava** acamada e os 80% **restantes estavam** sadios.

Quando não existe um substantivo explícito, é preciso fazer a concordância com o número percentual:

Concluo que **36% são** inativos.

Apenas **1% votou** a favor da medida.

Observe a coerência quando usar verbo com particípio (locução verbal passiva). Em outros termos, respeite a concordância nominal – feminino com feminino, masculino com masculino, plural com plural:

50% da **comunidade** foi **invadida**.

90% das **mulheres** pesquisadas são **analfabetas**.

Até 10% do **matagal** pode ser **queimado**.

Só 50% dos **dados** foram **tabulados**.

265. MIL E MILHÃO

Comecemos pelo numeral 1, o único que é singular: dizemos que 1 caiu, mas 2, 3, 10 caíram; sobrou um, sobraram dois ou três. Já o numeral *milhão* comporta-se como substantivo masculino, e quando o número antes da vírgula é 1, o verbo fica no singular, concordando com o núcleo do sujeito:

Sobrou 1,86 milhão.

Apenas **um milhão foi encontrado**.

Se aí acrescentarmos um substantivo para especificar a quantidade, poderemos então optar pela concordância ou com o número ou com a coisa expressa:

Um milhão de laranjas **foi exportado** para a Flórida naquele ano.

Aproximadamente **1,5 milhão** de reais **foi gasto** na malha viária.

Um milhão de **cocos foram exportados**.

Um milhão de **casas saíram prejudicadas** pelo furacão.

Um milhão, oitocentos e sessenta mil **dólares sobraram**.

Quando o verbo está antes do número, recomenda-se fazer a concordância aproximativa (com o valor):

Sobrou 1,86 milhão de dólares.

Faltaram 3,5 milhões de reais para a reconstrução da cidade.

Foi feito 1,284 milhão de declarações.

Foram atendidos dois milhões de pessoas nas áreas de risco.

Com a quantidade de *mil*, a concordância verbal e nominal é feita com o nome que o acompanha:

Foram encontrados **mil marcos** antigos.

Mil pessoas foram salvas.

Foram respondidas ao todo **duas mil e duzentas cartas**.

Os **dois mil ducados** vistos na meia do marquês eram fruto da corrupção.

266. UM SUBSTANTIVO E DOIS NUMERAIS

Quando se trata da concordância de um substantivo com dois numerais – cardinais ou ordinais – há três opções corretas:

1. **a** 1ª e 2ª Câmara [subst. no sing. e só o primeiro artigo]

2. **a** 1ª e 2ª Câmaras [subst. no plural, um só artigo]

3. **a** 1ª e **a** 2ª Câmara [subst. no sing. com repetição do artigo]

Não se costuma colocar o substantivo no plural quando se repete o artigo definido no segundo elemento, como no exemplo 3. Dito de outro modo: normalmente só se repete o artigo quando o substantivo determinado está no singular; portanto, repetindo-se o artigo não há necessidade do plural. De qualquer maneira, deve sempre prevalecer a eufonia, aquilo que soa bem.

Outro ponto: ainda que se opte pelo substantivo no plural, o artigo permanece no singular, a concordar com o numeral singular. Em vez de **as* 5ª e 6ª Câmaras são competentes, diga-se "***a*** 5ª e 6ª Câmaras são competentes".

Mais exemplos com as variáveis de uso:

1. Peço parar **no 1° e 2° andar**.
2. Peço parar **no 1° e 2° andares**.
3. Peço parar **no 1° e no 2° andar**.

1. Dirigiu-se **à terceira e quarta série**.
2. Dirigiu-se **à terceira e quarta séries**.
3. Dirigiu-se **à terceira e à quarta série**.

Observar que uma frase como "dirigiu-se às terceiras e (às) quartas séries" tem outro significado: quer dizer que existem várias séries de terceira e várias de quarta.

Também é interessante notar que quando não há a determinação dos substantivos (com *a/o, da/do,* **à**), temos duas e não três opções, sendo melhor e mais recomendável a alternativa com o singular:

São decisões de juízes **de 1° e 2° grau**. [menos bom: de 1° e 2° *graus*]

Ela analisa o ensino **de 5ª a 8ª série** na sua escola. [menos bom: de 5ª a 8ª *séries*]

Quando o substantivo precede os numerais é de praxe colocá-lo no plural:

Leia pelo menos **os capítulos 1 e 2**.

Reformulamos **os artigos 9° e 10** do projeto de lei.

O elevador parou **nos andares 3º e 4º**.

- Ofícios número 21 e 23

Trata-se da mesma questão de concordância nominal, só que agora antes dos dois numerais temos também o substantivo *número/n.*, o qual em tese poderia ir ou não para o plural. Entretanto, recomenda-se simplificar e facilitar a leitura usando apenas o singular:

Estou enviando os ofícios **n. 21 e 23**.

Aqui fica subentendida a repetição do substantivo: os ofícios *n. 21 e [n.] 23.*

267. UM SUBSTANTIVO E DOIS ADJETIVOS

Iniciando com a frase "no âmbito de competência dos *recursos especial e extraordinário*", trataremos de mais um caso, bastante especial, de concordância nominal: temos aqui um *substantivo* [recurso] e dois *adjetivos* [especial e extraordinário]. Isso em si não é nada excepcional, pois a toda hora falamos, por exemplo:

- jantar fino e gostoso (singular)
- pessoa amável e correta (singular)
- pessoas amáveis e corretas (plural)
- resultados negativos e positivos (plural)

A diferença, no caso inicial, é que o substantivo está no plural e os dois adjetivos no singular. Por que é que não se diz "recursos especiais e extraordinários?" Porque desse modo se passaria a ideia de que todos os recursos (em discussão naquele momento) seriam especiais e extraordinários, quando o que se quer transmitir é a competência de dois tipos de recurso: um especial e um extraordinário.

Pelas regras de concordância nominal, ao se tratar de um substantivo com mais de um adjetivo, tanto é possível deixar os adjetivos no singular quanto levá-los para o plural. Ambas as formas são gramaticalmente válidas.

Quando se quer deixar claro, sem sombra de dúvida, que se está falando de duas coisas distintas (ou seja, a soma de um singular mais um singular)

usa-se a fórmula *substantivo no plural e adjetivos no singular*, ou até mesmo um adjetivo no singular e um no plural, quando for o caso, como abaixo se exemplifica:

> Dê **os valores absoluto e relativo** dos algarismos.
>
> O convênio será firmado com **os governos federal e estaduais.**
>
> **Os setores leste e oeste** foram os mais afetados em nossa cidade.
>
> As **cláusulas resolutivas expressa e tácita** operam de pleno direito.
>
> A decisão que puniu o servidor deverá ser mantida graças à autonomia **das instâncias penal e administrativa**.

Orienta Napoleão M. de Almeida (1981, p. 62), no entanto, que se evite por todos os meios dizer "nas redes públicas municipal e estadual", por exemplo; o certo, segundo ele, é simplesmente "na rede pública municipal e estadual". De fato, não ocorrendo problema de ambiguidade, não há motivo para essa pluralização. *Substantivo e adjetivos* podem ficar *no singular*:

> Ali se vendia **uísque escocês e paraguaio**.
>
> Acertaram os ponteiros **na área política e empresarial**.
>
> O **cunho religioso e político** dado ao seu pronunciamento desagradou a muitos.
>
> Encontram-se fissuras **no lado direito e esquerdo** do edifício.
>
> Assuntos envolvendo corrupção seriam tratados no **âmbito federal e estadual**.
>
> Queriam informação sobre sua **experiência acadêmica e profissional**.
>
> Somente **na esfera municipal e estadual** serão resolvidos esses conflitos.
>
> Os filhos da embaixatriz estudaram **a língua francesa**, **inglesa e alemã**.

▸ Outra possibilidade

Na concordância de um substantivo e mais de um adjetivo, também se pode usar a fórmula *substantivo no singular e repetição do artigo*:

> Os falsos piratas derrotaram **a esquadra** brasileira e **a** argentina.

Dê **o valor** absoluto e **o** relativo dos algarismos.

Estudaram **a língua** francesa, **a** inglesa e **a** alemã.

268. UM DOS QUE

São comuns na língua portuguesa as duas construções:

Sanga do Leste é um dos lugares **que** mais **sofreram** com as chuvas.

Sanga do Leste é um dos lugares **que** mais **sofreu** com as chuvas.

A escolha pelo verbo no *plural* (que é tida como a sintaxe mais recomendável) ou no *singular* reside primordialmente na ênfase que se quer dar ou ao conjunto ou a um só elemento, isto é, à ação feita por muitos ou por um só indivíduo, como se observa nos exemplos abaixo:

Sanga do Leste é um dos **lugares que** mais **sofreram** com as chuvas.

Pita foi um **dos que** mais **falaram** na reunião.

Fez a leitura de *Intimidades*, uma das **obras que lançaram** Dorothy.

Sugeri a leitura de *Intimidades*, **uma** das obras **que** a **lançou**.

O linho é um dos **tecidos que estão** em alta nesta estação.

O linho é **um** dos tecidos **que está** em alta nesta estação.

Desativaram **uma** das maiores quadrilhas **que atuava** no sertão.

Há, contudo, uns poucos gramáticos e professores que receitam o uso do plural apenas, desqualificando uma prática secular de emprego do predicado no singular.

O uso do singular teve a defesa do linguista e gramático Celso Luft (Mundo das Palavras 3.268), que o explicou como "uma regra elementar de sintaxe [que] manda suprimir termos repetidos (persistem na mente, mas podam-se na frase)". Seria dizer assim, por exemplo: "O linho é um tecido que está em alta *entre os tecidos que estão em alta* nesta estação".

Também Rui Barbosa, entre outros estudiosos da língua, defendeu a construção com verbo no singular, já que ele exprime "o fenômeno da atração do verbo de uma sentença pelo sujeito da outra" (BARBOSA, 1986,

p. 333), e apresenta inúmeros exemplos, dos quais extraio três:

> "Ele foi *um dos que* muito *contradisse* a el-rei." (Fern. Lopes)
>
> "*Uma das* cousas *que derrubou* a Galba do império foi tardar..." (M. Bernardes)
>
> "Na Ásia foi *um dos* governadores *que* mais *impulsionou* a queda do império índico." (Camilo Castelo Branco)

Anota ainda Rui Barbosa (1986, p. 334) que em quase todos os trechos de clássicos portugueses transcritos por ele "a ação é exercida por muitas entidades, e, não obstante, o verbo está no singular". A propósito, esse fenômeno se observa em grego, latim, francês, espanhol, inglês e alemão. Como em português o caso não é novidade nem ilógico, aceitemos as duas maneiras de expressão.

269. CONCORDÂNCIA COM NOMES DE EMPRESAS

No caso de empresas cujo nome está no plural, como *Centrais Elétricas,* deve-se levar o artigo (ou outro adjunto adnominal) e o verbo para o plural:

> **As** Centrais Elétricas do Norte **serão** responsáveis por eventual dano.
>
> Foi noticiado que **as** Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc) **promoveram** alterações no *design* das faturas.

A razão disso é existir aí uma designação que impõe o emprego do artigo no plural: há um substantivo – Centrais – que serve para designar ou nomear essa entidade e com o qual se faz a concordância, mesmo que se refira a uma empresa só. Em outras palavras, "já existe uma especificação determinante de atividade de pessoa jurídica, especificação que nos obriga a concordância em gênero e em número" (ALMEIDA, 1981, p. 3). São casos semelhantes:

> Vou comprar uma geladeira **nas Casas** Bahia.
>
> **As Casas** Pernambucanas tiveram seu auge na década de 1970.
>
> Microempresas do Rio Grande do Sul produziam para **as Lojas** Alfred.

É diferente a situação, isto é, usamos o artigo e o verbo no singular, quando

1. nós nos referimos apenas ao nome próprio (que estiver no plural) de um

empreendimento ou organização jurídica deixando de lado a indicação ou especificação de sua atividade (como editora, companhia), que fica subentendida:

A Autores Associados, de Campinas, **fará** o lançamento do livro.
[a *Editora* Autores Associados]

Seu avô trabalhou muitos anos para **a Melhoramentos**.
[a *Companhia* Melhoramentos]

2. essa especificação no plural (joias, consórcios, tecidos, móveis) faz parte do nome-fantasia da empresa e vem em segundo lugar:

Fez a vitrine para **a Guta Joias**, que **vai** inaugurar uma filial.

A Gulliver Consórcios, empresa muito dinâmica, **está** buscando a adesão de novos consorciados.

CONCORDÂNCIA COM SIGLA

Ainda quanto às empresas de energia, deixe artigo e verbo no singular se usar apenas a sigla:

A Celesc **vai** aumentar o número de linhas instaladas.

270. COMO, BEM COMO

Está correta a frase "João, bem como Maria, *foi* almoçar", com o verbo no singular, por causa das vírgulas, que tornam "bem como Maria" uma intercalação. Neste caso o sujeito de *foi almoçar* é João (sujeito simples). Sem as vírgulas, ou seja, sem a intercalação o verbo iria para o plural, pois nesse caso temos sujeito composto:

João bem como Maria foram almoçar.
= João **e** Maria foram almoçar.

As locuções *bem como* ou *assim como* e apenas *como* no lugar do ***e*** podem ser usadas de forma intercalada quando o intuito é dar ênfase ao sujeito simples. É preciso observar que, ao fazer o verbo concordar com o primeiro núcleo, as duas vírgulas marcando o encaixe são obrigatórias:

Joinville, como Blumenau, **é** uma cidade florida.

Portanto **a contestação**, assim como a exceção, **era** tempestiva.

Dom João VI, bem como seus súditos, **desembarcou** no Rio de Janeiro.

Repetindo: se o redator, porém, deseja empregar *bem como* ou *assim como* à guisa da conjunção aditiva ***e***, não vão as vírgulas e o verbo fica no plural:

Dom João VI bem como seus súditos **desembarcaram** no Rio de Janeiro.

Portanto a contestação assim como a exceção **eram** tempestivas.

271. DATAS

No registro de datas com advérbio mais verbo ser, o mais comum é usar o verbo no singular, concordando com a palavra *dia* implícita:

Hoje **é** [o dia] 13 de maio.

Amanhã **será** 7 de setembro.

Contudo, também se encontra a construção preconizada pelos conservadores: "Hoje **são 13** de maio", em que se faz a concordância com o número no plural. Naturalmente, o primeiro dia do mês será sempre singular: Hoje **é 1º** de maio.

272. POR SI SÓ, POR SI SÓS

Deve-se pluralizar a expressão *por si só* de acordo com o substantivo em referência. Quando reforça o pronome *si* (que serve para singular e plural), a palavra *só* tem valor adjetivo e é portanto flexionável. É como se disséssemos "a ação por si mesma, as provas por si mesmas, os fatos por si próprios". Alguns exemplos:

Os **fatos por si sós** recomendam a punição do infrator.

Essas **medidas por si sós** resolverão o caso.

As **provas** apresentadas, **por si sós**, não seriam suficientes para caracterizar o dano.

273. O MAIS POSSÍVEL

Há algumas possibilidades de construção frasal quando se deseja enfatizar a intensidade ou o máximo de determinada qualidade expressa por um adjetivo.

I. Sintaxe lógica: usar *o mais/menos possível* como locução adverbial, que neste caso fica invariável, não importa a ordem em que esteja. De qualquer modo o adjetivo sempre faz a concordância com o respectivo substantivo:

Pedimos duas cervejas **o mais** geladas **possível**.

As máquinas serão **o mais** eficientes **possível**.

Prefiro frutas **o menos** maduras **possível**.

A lei em elaboração é **o mais** concisa **possível**.

Ou:

Compre enfeites baratos **o mais possível**.

Pedimos duas cervejas geladas **o mais possível**.

Faça arranjos simples **o mais possível**.

Prefiro frutas maduras **o menos possível**.

Ou:

Compre enfeites **o mais possível** baratos.

Faça arranjos **o mais possível** simples.

As máquinas serão **o mais possível** eficientes.

Prefiro frutas **o menos possível** maduras.

II. Há outra construção bastante usual na linguagem cotidiana dos brasileiros. Trata-se da concordância de *possível* com o artigo definido. Entretanto, quando no plural, esta sintaxe pode ainda não ser aceita em exames e concursos públicos:

Ele é **o** homem **mais** atencioso **possível**.

Prefiro **a** manga **mais** madura **possível**.

Compre **as** mesas **menos** caras **possíveis**.

Quero dois pães **os mais** claros **possíveis.**

As máquinas serão **as mais** eficientes **possíveis**.

III. Numa construção em que o artigo está determinando o substantivo e desde que não se repita na frente de *mais*, pode-se também deixar a palavra *possível* invariável, pois aí se pode subentendê-la como complemento de "de que é":

Quero **os dois pães** mais claros **possível**. [mais claros de que é possível]

Zein namorou **as mulheres** mais lindas **possível**.

Vimos na exposição **os cães** mais ferozes **possível**.

Prefiro **as frutas** mais maduras **possível**.

Compre **os enfeites** menos caros **possível**.


LFQ
& ADVOGADOS ASSOCIADOS
ADVOCACIA CÍVEL E EMPRESARIAL
COBRANÇAS CONDOMINIAIS E DE ALUGUÉIS
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
tradição
39 ANOS DE HISTÓRIA.
Conhecimento e excelência que só a experiência traz.
OAB-PR n. 037
41 3224 2709
41 3224 1719
41 98517 8410
Mal. Deodoro, 235
12° andar - 1201 - 1206/8
Curitiba – Paraná
@lfqueirozadvogados
juridicolfqueiroz@grupojuridico.combr
www.grupojuridico.com.br



Questões de ortografia

_tópicos diversos

274. BRABO, BRAVO

Nada nem ninguém deve ser tão categórico em questões linguísticas: tanto se pode fazer uma placa com CÃO BRABO quanto com CÃO BRAVO. Particularmente, prefiro a primeira forma, que é tida como coloquial e informal.

Quem for aos dicionários verá que *bravo* e *brabo* têm alguns significados em comum e outros distintos. Por exemplo, só *bravo* é palavra de aprovação [*Bravo*! Magnífico!]. Já a mandioca venenosa é *braba*.

O que é ruim, penoso, difícil, grave, geralmente se usa com ***b***:

> Passamos por uma fase **braba**.
>
> Cuide para não cometer esse erro **brabo** de novo.
>
> Êta inverno **brabo**!

Quando o significado tem a ver com coragem, bravura, só se usa o ***v***:

> Os bombeiros foram **bravos**.
>
> Que mulher **brava**, suportou tudo.

Também é importante lembrar que as consoantes sonoras *b* e *v* são facilmente permutáveis, o que se vê nas variantes *bergamota/vergamota, vassoura/bassoura* e *assobio/assovio*. Sendo assim, não está errado o indivíduo que chama seu cão feroz de *bravo* ou que diz "estou bravo" ao se irritar. Observa-se, contudo, uma preferência por *brabo* e *brabeza* quando se trata de zanga ou raiva, exaltação, arrebatamento, severidade.

De qualquer maneira, fica valendo o gosto pessoal no uso de *mar bravo* ou *mar brabo, discussão brava* ou *discussão braba, pessoa brava* ou *pessoa braba*, por exemplo.

275. DATAS, GRAFIA

Existem três possibilidades de escrever datas abreviadas. Com ponto, barra ou traço: **16.10.2019, 16/9/2019, 6-12-2019** (esta é menos comum, praticamente obsoleta).

O ano pode ser registrado com os dois últimos dígitos: **16.11.18**. Observe que, a não ser em formulários onde haja dois espaços, não se coloca o zero antes do dia ou do mês formado de um só algarismo: **2.2.02**, **8/1/99, 4/15**. A orientação do *Manual de redação da Presidência da República* (Regulamentação, 1992, p. 25) é de que o primeiro dia do mês tenha esta grafia: **1°** de maio, **1°/10/09** (escrevendo à mão, coloque um ponto ou tracinho embaixo do *o* elevado).

276. DEMAIS, DE MENOS, DE MAIS

Escreve-se numa só palavra (*demais*):

1) quando é pronome indefinido. Neste caso, é precedido de artigo no plural e tem o valor de "os restantes, os outros":

> Fale com **os demais** (companheiros) antes de tomar a decisão.

2) quando é advérbio de intensidade, significando "muito mesmo" ou "excessivamente, demasiadamente, em demasia"; nesta situação, qualifica um adjetivo ou um verbo:

> Não vá embora, é **cedo demais**!
>
> Não posso passear com Ivan pela Beira-Mar pois seu passo é **rápido demais**.
>
> Não **estudes demais**; tua mãe se **preocupa demais** com isso.
>
> Que cara legal, ele **é demais**!
>
> Que **tem demais** nisso?

Advérbio não modifica substantivo, função que cabe ao adjetivo. Por isso se diz que, ao acompanhar um substantivo, *demais* deve ser escrito *de mais*, o que configuraria uma locução adjetiva, tendo como sinônimos "demasiado, excessivo, de resto, de sobra, a mais" e como antônimo "de menos":

Miséria galopante: **gente de mais**, trabalho de menos.

Dinheiro de mais estraga.

Como há **candidatos de mais** e empregos de menos, o processo de seleção é longo.

Vírgulas de mais atrapalham.

Contudo, se eu disser "não use vírgulas demais", posso entender que se trata de um advérbio que está se referindo ao verbo usar: "não use demasiadamente as vírgulas" ou "não use demasiado as vírgulas" (ouvi muito em Portugal: "Gosto demasiado").

Há frases, então, em que *demais* aparece ao lado de um substantivo mas na realidade está se reportando ao verbo – explícito ou implícito – anterior ao substantivo. O advérbio não precisa estar necessariamente ao lado da palavra que ele modifica. É o caso de "como estava *gastando dinheiro demais*, tinha de acabar nisso". Ou seja: gastando muito. Outro exemplo: "não se deve *ingerir sal demais*" isto é, não se deve ingerir muito sal.

Para a maioria das pessoas fica difícil, diante de tanta sutileza gramatical, saber quando se separam os dois termos na escrita, até porque em ambos a pronúncia e o significado são iguais. Melhor seria simplificar (como já se fez com *porventura* – mas não com *por acaso* – para dar só um exemplo) e escrever sempre junto.

Observo ainda que nem sempre *de menos* tem por oposto a grafia *de mais*, pois a locução *de menos* modifica tanto o substantivo (*gente de menos*) quanto o verbo (*saber de menos*), ao passo que junto ao verbo só podemos escrever *demais*, como já visto. Assim, estão corretas estas frases:

Fuja de médicos que falam **demais** e ouvem **de menos** ou minimizam as queixas dos pacientes.

O governo tem agido **de menos** e divagado **demais**.

Uns ganham **demais**, outros **de menos**. [uns ganham demasiadamente]

Uns têm **de mais**, outros **de menos**. [uns têm (coisas) de mais, sobrando]

Vale relembrar que a grafia das palavras segue uma convenção, a qual em alguns casos se altera no tempo e no espaço geográfico de uso. É a língua em constante movimento.

277. DESIGNAÇÃO NUMÉRICA DE SÉCULOS E TÍTULOS NOBRES

É correto grafar século, opcionalmente, em algarismo arábico (*século 20*) em vez do tradicional algarismo romano (*século XX*).

O objetivo dos meios de comunicação ao utilizar o numeral arábico é permitir uma leitura rápida a muitos outros brasileiros além dos tradicionalmente cultos (quantas escolas ainda ensinam os algarismos romanos?). E foi só entrarmos num século com três dígitos romanos em plena era da informática para se revelar a tendência à troca facilitadora. Convenhamos que é muito mais fácil digitar e ler *séc. 21* do que *séc. XXI*.

Outra das alterações gráficas desta nova era é a troca dos algarismos romanos – *Papa João XXIII, Papa Paulo VI, Papa Bento XVI, D. Pedro I, D. Pedro II* – pelos arábicos na designação numérica dos títulos papais e da nobreza. Nem sempre é fácil aceitar a inovação. Isso não quer dizer que não continuem em vigor as formas tradicionais de escrita. Temos a convivência de ambas:

> Naquela noite, o Papa **Bento XVI** celebrou missa na praça em frente à Basílica de São João de Latrão.
>
> O papa **João Paulo 2º** gostava de repetir que o mundo precisa de muitos santos.
>
> Quanto o Brasil deve a **D. Pedro I**?
>
> **D. Pedro 2º** e D. Tereza Cristina visitaram as águas termais de Santo Amaro da Imperatriz/SC em 1845.

▸ Leitura da designação numérica de século e títulos diversos

A leitura (abaixo, entre parênteses) dos números que indicam ordem de sucessão ou posição numa sequência é feita em ordinais até o número 9 e em cardinais do 10 em diante. O 10 admite duas leituras, exceto quando consta da numeração de leis, decretos e similares.

⊛ Séculos

> século II d.C. (segundo)
> século 4 a.C. (quarto)
> séculos 17 e 18 (dezessete e dezoito)
> séc. XX (vinte)

- Papas e soberanos

  Papa Leão III (terceiro)
  São Pio X (Pio décimo ou Pio dez)
  Papa João XXIII (vinte e três)
  D. Pedro I (primeiro)
  Jaime VI (sexto)
  Luís XIV (catorze)

- Leis, decretos, regulamentos e atos do gênero

  art. 1º (primeiro)
  art. 10 (dez)
  art. 19 (dezenove)
  parágrafo 2º (segundo)
  § 10 (dez)
  inciso III (terceiro)
  inc. XII (doze)

Mas no caso de título, seção e capítulo, desde que o numeral venha posposto ao substantivo, a leitura é sempre em cardinal, como se houvesse a palavra "número" entre eles:

Título [n.] II (dois)
Seção VIII (oito)
Cap. IX (nove)
Capítulo 20 (vinte)

278. HORAS, GRAFIA

Hora redonda: **10 horas / 8 horas / 8 h** [abreviação sem *s* e sem ponto; sem zero na frente do número; espaço antes do h]

Hora quebrada: **8h35min / 10h05min / 21h35** [sem dar espaço entre os elementos]

A grafia por extenso – que é menos visual – se reserva para convites formais como o de um casamento: *A cerimônia será realizada às dez horas do dia vinte de maio de dois mil e dezenove*. Entretanto, já se encontram convites bem modernos e elegantes com o uso de algarismos: *às 10 horas do dia 20 de maio de 2019*.

A grafia com dois-pontos, por ser a mais visual, é usada em áreas específicas como anotações de voo, competições, agendas ou programações com horário

em sequência ou um abaixo do outro etc.: **8:00** ou **08:00** (h) / **10:00** (da manhã) / **10:05** h / **14:35** h / **20:01** horas.

Obs. Atualmente já é comum a grafia abreviada de horas sem o espaço antes do h [8h, 10h, 22h], o que não se pode considerar erro, já que se trata de convenção e as convenções ortográficas mudam com o tempo.

279. HUM MIL REAIS

Escrever "hum mil" é fórmula apenas usada na atividade bancária; isso porque os bancos assim o exigem, para evitar falsificações nos valores escritos à mão. Mas gramaticalmente falando, a grafia por extenso de R$ 1.000,00 é **mil reais.** E assim (sem "um" e muito menos "h") deve constar nas sentenças, acórdãos e outros documentos quando se escreve tal importância por extenso dentro dos parênteses, conforme recomendam as técnicas jurídicas:

> Aduziu o apelante que as prestações mensais de R$ 1.240,00 **(mil duzentos e quarenta reais)** não foram pagas no prazo.

280. MESES DO ANO - ABREVIATURA

A abreviatura dos meses é feita com três letras (maio, por ter apenas quatro letras, não precisa ser abreviado) e pode-se usar o ponto abreviativo ou não:

janeiro – jan. ou jan
fevereiro – fev. ou fev
março – mar. ou mar
abril – abr. ou abr
maio – maio
junho – jun. ou jun
julho – jul. ou jul
agosto – ago. ou ago
setembro – set. ou set
outubro – out. ou out
novembro – nov. ou nov
dezembro – dez. ou dez

281. NUMERAL ORDINAL - INDICAÇÃO

Nos algarismos romanos não se usa ª ou º (*a* e *o* elevados) para indicar que se trata de numeral ordinal. Assim sendo, escreva: **X** Convenção, **III** Simpósio, **VI** Encontro**...**

Com os algarismos arábicos usam-se essas vogais elevadas, ou sinais indicativos de ordinal, em qualquer número, não importa o tamanho do algarismo, desde que não se trate de linguagem jurídica: **1ª** garagem, **4º** andar, **10º** Simpósio, **38ª** Convenção, **106ª** Feira de Agronegócios.

282. PROFESSORA, ABREVIATURA

A abreviatura de professor é *prof.* e de professora é *profa*. Usar a forma indicativa de feminino é importante sobretudo quando ela antecede nomes próprios que podem designar igualmente homens e mulheres. Assim, fica uma distinção: Prof. Enéas, *Profa. Enéas*, Prof. Darci, *Profa. Darci*, Prof. Roseli, *Profa. Roseli*, Prof. Alcione, *Profa. Alcione*.

Aliás, o bom e correto é usar esta abreviatura para todas as mulheres professoras, podendo o ***a*** final ser elevado: **Profa.** Maike, **Profª** Nora Silva.

283. QUEIJO MUÇARELA

Em relação à grafia do nome desse queijo tão popular, pode-se adotar o termo italiano original – *mozzarella* – ou uma das duas formas dicionarizadas: **mozarela**, aportuguesamento da grafia italiana, e **muçarela**, grafia baseada na pronúncia brasileira mas que pode parecer estranha por ser pouco usada. Trocar o *cê-cedilha* por dois *esses* (mussarela)? Até ficaria simpático, mas deixaria muito confuso quem recorresse ao dicionário em caso de dúvida, pois não encontraria ali essa grafia.

284. RÉCORDE OU RECORDE

Ouvem-se duas pronúncias no Brasil. Uma, à inglesa, acentuada por ser proparoxítona: **récorde**; outra, com base na grafia aportuguesada como paroxítona: **recorde**. Há pouco tempo, infelizmente, tornou-se oficial a

grafia "recorde", que sempre causa certa estranheza por nos remeter ao verbo recordar (recorde = lembre-se).

O *Dicionário Houaiss* registra a forma *récorde* como variante, embora ainda seja preciso fazer a busca por *recorde*. Numa edição anterior havia a observação de que "pelo menos no Brasil, ocorre também como palavra proparoxítona: récorde".

Em dicionários mais antigos encontrei somente a grafia do inglês, língua da qual importamos este termo para substituir "registro" na área do desporto. Um exemplo: "RECORD, s.m. Do ingl. Ato desportivo, verificado e registrado por personalidades ou associações desportivas competentes e que excede tudo o que foi precedentemente feito no mesmo gênero" (FREIRE, 1957, p. 4330).

Enfim, estavam certos todos os repórteres e outros brasileiros que na Olimpíada Rio 2016 falaram *récorde*, com o acento tônico na primeira sílaba. Se o inglês *ticket* foi aportuguesado conforme absorvido pelos falantes de português, isto é, como proparoxítona, *tíquete*, em vez de tiQUEte, por que não se oficializa, afinal, a grafia *récorde*?

285. SENÃO, SE NÃO

A distinção gráfica entre os dois termos implica mudança de significado, por isso é importante deixar bem claro para o leitor (para o ouvinte não faz diferença, já que a pronúncia é igual) em que sentido se está usando um ou outro.

Senão → conjunção adversativa e preposição, com o sentido de:

1. do contrário, caso contrário, de outro modo, de outra forma
2. mas, mas sim
3. mais do que
4. a não ser

Exemplos:

> Um espaço cultural deve estar a serviço da qualidade, **senão** é desserviço. [do contrário]

> É ele quem decide as obras prioritárias, não com bairrismos ou individualismos, **senão** com o espírito de bom administrador. [mas sim]

Para que Paulo se conformasse com a ruptura, disse que ele não fora **senão** um zero à esquerda todos aqueles anos. [mais do que]

O *Pareiasaurus* é uma prova incontestável de que a América do Sul e a África pertenciam a placas continentais próximas. **Senão**, como explicar a presença de um animal eminentemente terrestre dos dois lados do Atlântico? [de outro modo, do contrário]

Se não → conjunção subordinativa condicional *se* + *não*, advérbio de negação. É equivalente a caso não:

Espero que não me culpes **se não** der certo.

Preocupa-nos o desempenho da instituição **se não** for feito o desembolso dos recursos prometidos.

Também pode equivaler a quando não:

Esse tipo de escola é considerado um funil para quem deseja evoluir e escapar, **se não** do anonimato, pelo menos da marginalidade.

A história nos ensina que é muito difícil, **se não** impossível, encontrar um bom político que seja um bom administrador.

Com esta máquina, o Brasil terá condições, **se não** de disputar, pelo menos de acompanhar o desenvolvimento de um dos setores mais avançados da ciência no mundo.

SENÃO = DO CONTRÁRIO

Há casos em que a conjunção *senão* na acepção 1 (= do contrário) se confunde com a oração condicional, dependendo da interpretação do redator; isso quer dizer que tanto faz escrever de um modo como de outro:

Se o produto for bom, fico com ele; **senão** vou devolvê-lo. [do contrário devolvo]

Se o produto for bom, fico com ele; **se não**, vou devolvê-lo. [se não for bom, devolvo]

▸ Expressões estereotipadas

➲ *(eis) senão quando*: equivale a "de repente, quando menos se esperava":

A quietude tomava conta do ambiente. **Eis senão quando** um estrondo se fez ouvir.

- *senão vejamos / senão, vejamos*: vírgula opcional; em vez de mostrar o contrário – como poderia parecer –, a expressão leva a uma confirmação do que foi anteriormente enunciado:

  A Lei 2.445/88 é enumerativa e não taxativa. **Senão vejamos**: [...]

286. SIGLAS

Embora tenhamos de obedecer a normas nacionais no tocante à ortografia, as siglas escapam a qualquer camisa de força, pois oficialmente sempre se viu o mínimo a respeito de como escrevê-las. Os manuais se limitavam ao uso de maiúsculas e pontos [ex. D.A.S.P.]; estes, porém, estão praticamente fora de uso. Mais recentemente é que se começou a falar nos siglemas, ou seja, nomes abreviativos formados não apenas das letras iniciais das palavras que os compõem mas também de sílabas, adquirindo assim um caráter de *palavra* [ex. Celesc, Eletronorte, Sudene].

Desse modo, ao constituir ou escrever uma sigla, pode-se adotar a seguinte convenção (mais tradicional):

1. Usar só *maiúsculas* se cada letra corresponder a uma palavra, independentemente de ser a sigla pronunciável ou não:

   ABI – Associação Brasileira de Imprensa
   ABL – Academia Brasileira de Letras
   BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
   CBF – Confederação Brasileira de Futebol
   EMFA – Estado Maior das Forças Armadas
   ICESP – Instituto do Câncer do Estado de São Paulo
   SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
   UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas
   UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
   UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

2. Só a *1ª letra maiúscula* se cada letra não corresponder necessariamente a uma palavra:

   Celesc – Centrais Elétricas de Santa Catarina
   Funai – Fundação Nacional do Índio
   Sudene – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
   Usiminas – Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S/A

Muitos jornais procedem de maneira um pouco diferente, orientando a

grafia das siglas pelo seu tamanho e pelo fator pronúncia, ou seja:

– até *três* letras, em maiúsculas: BC, PIS, ONU, CPF

– com *quatro* letras ou mais:

a) se pronunciável, só a inicial maiúscula: Abbesc, Fiesc, Icesp, Masp, Ubes

b) com todas as maiúsculas quando se lê letra por letra: SBPC, CNBB.

Existe também a sigla mista, como CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), em que minúsculas são usadas para diferenciá-la de outra sigla que tenha as mesmas iniciais (no último caso, a UFSC).

Diante dessa variedade de uso, o que se pode recomendar aos revisores é o acatamento à forma de sigla adotada pela própria entidade.

▸ Plural

O plural das siglas é formado com o acréscimo de um *s* minúsculo (sem apóstrofo, enfatize-se): os CTGs, as ONGs, CIEBs, OSs, APAEs ou Apaes, Sebraes etc.

287. SÍMBOLOS E UNIDADES DE MEDIDA

A norma oficial estabelece que a forma abreviada dos símbolos científicos e unidades padronizadas de medida seja escrita sem ponto. Algumas foram registradas em maiúscula – como **K** (potássio), **Kr** (criptônio), **Y** (ítrio) – outras em minúsculas, tal qual **sen** (seno) e **g** (grama). A grafia para o singular e o plural é a mesma: sem o acréscimo de *s* ou de qualquer outra letra: nada de **mts* para metros, ou **hrs* para horas.

Eis uma pequena relação das abreviaturas mais usadas: 1 **km**, 3 **m**, 4 **cm**, 5 **mm**; 6 **kg**, 7 **g**, 8 **mg**; 9 **kl**, 10 **dl**, 12 **ml**. No caso de *litro* apenas, como o l minúsculo pode ser confundido com 1 (um), convencionou-se usá-lo em maiúscula ou em itálico: 1 L, 20 ***l***.

Deixa-se um espaço entre o valor numérico e a unidade, a menos que haja uma combinação de dois elementos, como por exemplo *metro e centímetro*:

Ele tem um sítio a **6 km** de Imperatriz.

Recomenda-se a ingestão diária de **0,5 g** de ácido ascórbico.

Havia **6 ha** de terras ainda devolutas.

O motor possuía **45 hp** e funcionava a contento.

Às **18h30min** acontecerá o jogo decisivo.

O pássaro encontrava-se exatamente a **3m18cm** do predador.

Devo registrar que no caso das horas cheias, a despeito da recomendação do Inmetro, esse espaço vem sendo abolido, sendo portanto válido escrever também: **8h**, **10h**, **22h**.

A palavra *quilômetro(s)* pode receber inicial maiúscula quando assume o caráter de nome próprio, ou seja, ao se referir a uma determinada localidade na estrada:

O acidente aconteceu no **Km 380** da BR-203.

Escrevem-se por extenso as unidades padronizadas de pesos e medidas – *metro, milímetro, litro, grama* – quando enunciadas isoladamente:

Cada **metro** de terra, cada litro de água, tudo era levado em conta no assentamento.

Percorreu a pé os poucos **quilômetros** da estrada.

288. TÍTULOS

Existem três maneiras de redigir um título.

O Acordo Ortográfico permite usar maiúsculas ou minúsculas nos bibliônimos, isto é, nos nomes ou títulos de livros e obras impressas: "A letra minúscula inicial é usada: [...] c) Nos bibliónimos/bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *O Senhor do Paço de Ninães* ou *O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor*" (ABL, 2009, Base XIX, 1º, c, p. XXX).

O Acordo, entretanto, não menciona nada sobre as partículas (embora nos três exemplos acima elas estejam em minúscula). Caso se prefira, em trabalhos não acadêmicos (as editoras têm a liberdade de adotar um

padrão próprio), seguir a lei ortográfica de 1943, então a inicial de cada palavra do título será maiúscula, à exceção das partículas monossilábicas. Neste caso, escreve-se: *Memórias de um Sargento de Milícias*. E também, por exemplo:

Oração aos Moços
Poesia Completa de Cruz e Sousa
O Evangelho Segundo São João

O problema é que há palavras invariáveis e combinações de partículas de mais de uma sílaba, como "contra, para, sobre, desde, acerca, pelo". E até de mais sílabas: "durante, consoante, segundo, conforme". E se as últimas três podem ser escritas em minúsculas, por que "de acordo com" não poderia? E ainda há o caso dos artigos: monossilábicos mas não invariáveis, são todavia considerados partículas. Desse modo, o livro de D. H. Lawrence "A Virgem e o Cigano" ficaria "A Virgem e O Cigano", mas assim nunca se escreveu.

É evidente que há uma dificuldade prática no reconhecimento das partículas. Então, qual a solução quando não se sabe reconhecer o que é partícula, ou mesmo quando há muitas delas no título? A melhor opção é a segunda oferecida pelo Acordo Ortográfico de 1990: *escrever apenas a primeira letra inicial com maiúscula* e as demais em minúsculas, a não ser que haja no título um nome próprio, o qual neste caso conserva sua inicial maiúscula:

Memórias de um sargento de milícias

Poesia completa de Cruz e Sousa

Como fazer um empadão em dez minutos

Anotações e comentários sobre o novo Código Civil

Constituição do Estado de Santa Catarina

Discussões em torno dos direitos fundamentais no Brasil

A última opção seria escrever todo o título em caixa-alta:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

A VIRGEM E O CIGANO

O EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

Uma última observação: os títulos de livros e artigos assim como os de ensaios e dissertações (acadêmicas, de vestibular, de concurso, etc.) não

devem trazer o ponto final. Este até pode ser usado, mas apenas quando o título contém um verbo, ou seja, quando configura uma oração, como neste caso de uma redação de vestibular:

O homem contemporâneo não sabe lidar com a antiguidade.

haus

DIREITO
Condominial



Para adquirir a versão digital e impressa
com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **CONDO15**

41 3323 4020 | www.livrariabonijuris.com.br | 0800 645 4020

_acentuação

O acento gráfico em português tem valor fonológico (serve para informar a pronúncia correta em relação ao acento tônico e ao timbre) e distintivo (serve para distinguir palavras, como *jaca* (fruta) de *jacá* (cesto), e padrões morfológicos, diferenciando o substantivo da forma verbal, como *fábrica* e *fabrica*).

289. PROPAROXÍTONAS

As palavras proparoxítonas – aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima – constituem sensível minoria em português e são todas acentuadas graficamente: *alvíssaras, lágrima, límpido, estereótipo, tíquete, fac-símile, pêssego, debênture.*

Esse acento tem grande valor na hora de distinguir o vocábulo proparoxítono de um similar que é paroxítono, como se observa abaixo:

O avô **pacifica** os netos. / A família é **pacífica** e ordeira.

Já nem **calculo** quanto tempo perdi. / Fiz o **cálculo** do tempo perdido.

Ela **critica** seu modo de cozinhar. / Ela é muito **crítica.**

Sempre me **exercito** à noite. / Ele tem um **exército** de brinquedo.

Não **habito** o paraíso dos meus sonhos. / Tenho o **hábito** de sonhar alto.

O trânsito **vitima** milhares de pessoas. / A população é a **vítima**.

Eu mesmo **digito** as tabelas. / O **dígito** verificador está errado.

A bandeira **tremula** ao gosto do vento. / Assinou com mão **trêmula**.

Os nomes próprios proparoxítonos não fogem à regra: Amábile, Ânderson, Ângela, Angélica, Émerson, Éverton, Eurídice, Jéferson, Orígenes, Róbinson, Rosângela etc.

290. PAROXÍTONAS E OXÍTONAS

As **paroxítonas** – palavras cuja tonicidade recai na penúltima sílaba – formam a maioria do léxico português. São elas que imprimem à língua portuguesa o seu ritmo característico.

Já as **oxítonas** – palavras cujo acento tônico cai na última sílaba – ocupam o segundo lugar, sendo mais abundantes aqui do que em Portugal, conforme Câmara Jr. (2002, p. 65): "O português do Brasil, com o seu amplo empréstimo léxico no tupi e às línguas africanas, se diferencia do português europeu por um maior número de vocábulos oxítonos".

Assim, os vocábulos paroxítonos que terminam em ***a, e, o,*** seguidos ou não de ***s,*** não são acentuados. Mas os oxítonos com a mesma terminação recebem acento agudo ou circunflexo. Vejamos esta e outras oposições:

1. palavras terminadas nas vogais **a/as, e/es, o/os**

Paroxítona	Oxítona
sabia	sabiá
bebe	bebê
maio	maiô
cocos	cocós, cocôs

2. palavras terminadas nas vogais nasais **ã/ãs, ão/ãos**

Paroxítona	Oxítona
ímã	irmã
órfã	afã
órfãs	maçãs
bênção	malsão
acórdãos	cidadãos

3. palavras terminadas em **i, is**

Paroxítona	Oxítona
cáqui	caqui
Áli	ali

grátis	gurupis
júris	fuzis

4. palavras terminadas em **em** e **ens**

Paroxítona	Oxítona
jovem	ninguém
desdenhem	desdém
nuvens	nenéns
itens	parabéns

Notar que levam acento as paroxítonas terminadas em **en**: *hífen, pólen, gérmen, abdômen*, as duas últimas com a variante *germe* e *abdome*.

5. palavras terminadas em **on** e **ons**

Paroxítonas		Oxítona
elétron	létronse	acordeons
nêutron	nêutrons	maçons
próton	prótons	garçons (singular com *m* final: acordeom, garçom, maçom)

6. palavras terminadas em **u, us, um, uns**

Paroxítona	Oxítona
jiu-jítsu	bambu
húmus	cajus
álbum	bumbum
médiuns	nenhuns

7. palavras terminadas em **r** e **l**

O mais comum em português é serem oxítonos os vocábulos terminados em ***r*** e em ***l***, daí a acentuação nos paroxítonos, que se opõem a essa maioria:

Paroxítona	Oxítona
amável	anel

projétil	cantil
âmbar	andar
revólver	revolver

8. palavras terminadas em **x**

Paroxítona	Oxítona
córtex	durex
tórax	xerox (variante: xérox)
ônix	duplex (variante: dúplex)

9. palavras terminadas em **ps**

São paroxítonas acentuadas: bíceps, fórceps, Quéops.

291. NOVAS REGRAS PARA PAROXÍTONAS

Abolição de acentos conforme o Acordo Ortográfico promulgado em 2008:

- Não se acentuam graficamente os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia*. Outros exemplos: [eu] *apoio,* [ele] *apoia, Coreia, estreia, heroico, introito, jiboia, paranoica, proteico.*

  Obs.: Nas oxítonas e nos monossílabos tônicos, os mesmos ditongos conservam o acento: *cruéis, méis; herói, sóis* (ver tópico 296).

- Não se usa o acento nas formas verbais paroxítonas que contêm duplo ***e***: *creem, deem, descreem, desdeem, leem, preveem, releem, reveem, veem.*

- Não se usa o acento circunflexo em paroxítonas com duplo ***o***: *enjoo, magoo, povoo, voo, zoo.*

292. PAROXÍTONAS COM *O* TÔNICO - PRONÚNCIA

Vamos tratar agora dos substantivos que têm o plural marcado não apenas

pelo acréscimo de *s*, mas também pela alteração do timbre da vogal tônica, que passa de fechada a aberta, processo chamado de metafonia (NEVES, 2000, p. 164).

Normalmente as vogais dos paroxítonos têm o mesmo som no singular e no plural [como bôlha-bôlhas, cachôrro-cachôrros, móla-mólas, módo-módos]. Há contudo algumas exceções, em que o ***o*** da sílaba tônica é fechado no singular e aberto [ó] no plural. Eis os principais casos, de acordo com a pronúncia brasileira:

abrolhos
caroços
corcovos
cornos
coros
corpos
corvos
despojos
desportos
destroços
esforços
fogos
formosos
fornos
foros
fossos
gostosos
gozosos
grossos
impostos
jogos
miolos
olhos
ossos
ovos
poços
porcos
portos
postos [todos os terminados em -postos]
povos
reforços
rogos
sobrolhos
socorros
tijolos
tortos

tremoços
troços

Nessa lista aparecem alguns substantivos que têm o feminino com *ó* aberto; há quem diga que isso justifica o aparecimento do som aberto no masculino plural [p. ex. porco-pórca-pórcos, ovo-*óva-óvos*]. Todavia não é regra, pois não se aplica a outras palavras como *miolo* e *forno*, que não têm feminino, e tampouco a outros vocábulos que têm um equivalente feminino aberto mas cujo plural permanece com o som fechado, de que é exemplo *sogro* [sôgro-sógra-sôgros] ou *toldo* [tôldo-tólda-tôldos].

Assim, pode haver hesitação por parte do falante igualmente nos seguintes casos, que no Brasil têm som fechado [ô] no singular e no plural:

acordos
adornos
almoços
bolsos
cachorros
consolos
chocos
contornos
desgostos
esposos
estornos
estorvos
globos
gostos
molhos (ref. culinária)
pescoços
piolhos
pilotos
repolhos
rostos
sopros
subornos
transtornos
tocos
tornos
toros (tora, tronco)
trocos (há quem diga *trócos*)

Como se vê, não há regra absoluta. O jeito, então, é decorar as palavras que interessam ou consultar a lista quando for necessário. Por exemplo,

a palavra **molho** que denomina um feixe, uma penca, como "molho de chaves", tem o *ó* aberto tanto no singular quanto no plural.

293. OXÍTONAS TERMINADAS EM *IZ* E *OZ*

Pergunta um leitor: "Por que o nome Luiz não é acentuado e Luís é acentuado?"

As palavras oxítonas terminadas em *iz* ou *oz*, como **Luiz** e **Queiroz**, não precisam do acento para informar a tonicidade na última sílaba, diferentemente de quando se escreve com *s*: **Luís** e **Queirós**. Isso porque o *z* já "puxa" a tonicidade para si. Confira outros exemplos: *albatroz* (mas *retrós*), *juiz, matriz, raiz* (distinto de *país*).

294. FORMAS VERBAIS OXÍTONAS: AMÁ-LO, VENDÊ-LO, FERI-LO

Ao receber em ênclise os pronomes átonos *o, os, a, as* (os únicos que começam por vogal), o infinitivo perde o *r*, que se transforma em *l*, unindo-se ao pronome. Vale isso para todas as conjugações: *amar* + *o* = amá-lo; *vender* + *a* = vendê-la; *distribuir* + *os* = distribuí-los; *ferir* + *as* = feri-las; *pôr* + *a* = pô-la.

Então, assim como se acentuam as palavras oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em *a, e* e *o,* deve-se acentuar as formas verbais constituídas pelo infinitivo da 1ª e 2ª conjugação – terminados em *ar* e *er* mais *pôr* e seus derivados – e tais pronomes átonos em ênclise. Ou seja, deve-se levar em conta somente o verbo na hora de aplicar a regra de acentuação, ignorando o pronome átono que vem depois do hífen:

> É preciso reformar as instituições e **prepará-las** para as novas gerações.
>
> E este livro? – Queira **pô-lo** na estante, por obséquio.
>
> A ideia é deselitizar a praça e **devolvê-la** ao povo.
>
> O hino? Vou **compô-lo** para as próximas efemérides.
>
> Dê um jeito de **fazê-la** melhor, **torná-la** mais útil.
>
> Não gostaríamos de **lê-lo** uma segunda vez – há outros livros à espera.

Vou **apanhá-los** em um minuto.

Se não se acentuasse o verbo em *prepará-las*, por exemplo, ele seria lido como paroxítono: prePAra-las, que equivale a *preparas* + *as* (correspondente a "tu as preparas"). Essa composição poderia ser usada numa situação assim: "Tu mesma fizeste as codornas? Estão deliciosas. Prepara-las muito bem." Não importa que nenhum brasileiro se expresse desse modo. O fato é que as normas ortográficas não podem ser aplicadas somente quando nos convêm.

O mesmo tipo de acentuação vamos encontrar em formas verbais com dois hifens. Também neste caso cada segmento da palavra deve ser considerado isoladamente, razão pela qual é possível encontrar dois acentos gráficos no mesmo vocábulo, como vemos a seguir:

Fá-lo-ás por mim?

Vê-los-á em breve – a senhora pode confiar.

Magoá-la-íamos caso não a convidássemos.

Pô-lo-íamos na tua mão agora, se tivéssemos todo esse dinheiro.

No tocante à 3ª conjugação, cabe lembrar que só recebem acento agudo as formas verbais oxítonas em que o ***i*** forma sílaba sozinho: *distribuí-lo, construí-la, incluí-las, reconstituí-los*. Compare com: *puni-lo, extingui-lo, dissuadi-la, segui-las, defini-los*.

295. MONOSSÍLABOS TÔNICOS

Monossílabos são vocábulos de uma só sílaba, podendo ser tônicos (com pronúncia forte) ou átonos (proferidos fracamente), como *em, vem, ter, por, da, de, do*. São acentuados os monossílabos tônicos que terminam nas vogais *a, e, o* (mas não em *i, u* como em *si* e *tu*):

a, **as**: má, cá, pás, gás

e, **es**: fé, pés, dê, mês

o, **os**: dó, vós, pôs, vô/vôs

296. DITONGOS

1. Acentuam-se as paroxítonas que terminam em ditongo oral, crescente (que tem a semivogal como primeiro som) ou decrescente (primeiro a vogal, depois a semivogal), seguido ou não de ***s***:

(ia) biópsia, hérnia, mobília, estratégias, Cátia, Cássia, Célia, Cecília, Cíntia, Felícia, Hortência, Márcia, Marília, Tânia, Vânia

(ie) calvície, efígie, espécie, imundície, planícies, superfícies

(io) calcário, dignitário, exímio, pátio, néscio, Antônio, Anísio, Dário, Décio, Flávio, Hélio, Júlio, Marcílio, Mário, Otávio

(ua) árdua, exígua, ingênua, iníqua, quíchua, tábuas

(ue) tênue, águe, míngue, bilíngue

(uo) árduo, assíduo, ingênuo, mútuo, profícuo, ubíquo

(ea) áurea, drágea, miscelânea, várzea, fêmeas, pâncreas

(eo) espontâneo, homogêneo, óleo, saponáceo, gêmeos

(oa) amêndoa, mágoa, névoa, nódoas

(ei) jóquei, vôlei, ágeis, férteis, pênseis, faríeis, fósseis

2. Usa-se o acento agudo nas palavras oxítonas e monossílabos tônicos com os ditongos abertos **éis, éu(s)** ou **ói(s)**: *anéis, corcéis, fiéis, papéis, réis; chapéu, ilhéus, céu, véus; constrói, destrói, heróis, rói, sóis.*

297. HIATOS EM *I* E *U*

Acentua-se o ***i*** ou o ***u*** quando ele forma sílaba tônica sozinho ou acompanhado de *s*, seja nos vocábulos paroxítonos, seja nos oxítonos ou monossílabos tônicos. Nos exemplos dos dois últimos, o itálico chama a atenção para o contraste com o termo acentuado:

Sai já daqui – já **saí**.

Laranja *cai* do pé, eu **caí**.

Dai-nos água – **daí** pediram.

Ai, como deve doer **aí**.

Ele *conclui* com acerto, **concluí**.

Atravessou a *vau* com um **baú**.

Nas *naus* havia muitos **baús**.

Seus *pais* moram em qual **país?**

Exemplos com paroxítonas: *baía, cafeína, doído* (em contraposição a *doido*), *genuíno, faísca, uísque, heroísmo; carnaúba, reúne, reúso.*

Cabe notar que se escreve p. ex. *genuinamente, faiscazinha, reunir* – sem acento, pois ***i, is*** e ***u*** se encontram na sílaba átona. E também: *saindo, saiu, sairmos, juiz, paul, raiz* – sem acento, embora tônicos, porque *i* ou *u* formam sílaba com outra letra (que não *s*).

Não são acentuados o ***i*** e ***u*** tônicos

a) quando precedidos de vogal idêntica: **vadiice**;

b) quando seguidos de *nh*: **rainha**, **fuinha**.

Os nomes próprios obedecem às mesmas regras de acentuação dos substantivos comuns. Assim, temos: Aída, Arduíno, Bocaiúva, Camboriú, Criciúma, Heloísa, Itajaí, Laís, Luísa, Paraíba, Piauí, Suíça etc.

298. ACENTO DIFERENCIAL

Antes de 1971, usava-se o acento circunflexo no ***e*** e no ***o*** de certas palavras homógrafas para distinguir a pronúncia fechada (por exemplo *êle, êsse, sôbre, côrte*) da aberta (*ele, esse, sobre, corte)*, ou seja, por questão de timbre. A Lei 5.765/71 aboliu esse acento diferencial, mas deixou duas exceções por timbre (*pôde* e *fôrma,* esta última não oficialmente) e mais nove em razão da tonicidade, nas quais o acento agudo ou circunflexo distinguia a sílaba tônica da átona: *côa, pólo, pôlo, pêlo, pélo, pêra, péra, pára, pôr.*

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (ABL, 2009) reduziu as palavras com acento diferencial a três: **pôr, pôde** e **fôrma** (sendo o acento facultativo neste último caso). E retirou o acento de **para** (verbo), **pela** (bola ou verbo), **polo** (extremidade, face oposta), **pelo** (cabelo, penugem) e **pera** (fruta), como acontece com todas as palavras paroxítonas terminadas em *a, e, o*.

A serventia do acento diferencial é evitar ambiguidades. Imagine, por exemplo, um bilhete deixado na sua mesa: "O contador não pode vir, conforme sua convocação". Significa o quê? Que não houve jeito de ele vir, ou que no momento está impossibilitado de comparecer? Para esclarecer, basta um sinal gráfico: Não **pôde** vir [ontem ou outro passado]. Não **pode** vir [hoje, agora].

Outro caso em que o acento diferencial se faz quase que indispensável é o de **fôrma** *versus* **forma**, porque ambas as palavras pertencem à mesma classe gramatical (ao contrário de *por* e *pôr*, preposição e verbo respectivamente) e têm a mesma distribuição na frase. Só o contexto não evita a ambiguidade – uma coisa é "prefiro esta forma" e outra é "prefiro esta fôrma". O acento é que nos faz perceber a diferença de sentido.

Há muitos pares de homógrafos, como *bolo* (doce) e *bolo* (verbo) ou *fora* (na parte exterior; exceto) e *fora* (verbo), que não se confundem dentro de um mesmo contexto:

> Vou colocar o **bolo** na fôrma que inventei. Como **bolo** coisas lindas! – diz, convencida.
>
> O menino deixou a bicicleta lá **fora**, mas quando o procurei, já se **fora**.

Há uma palavra, entretanto, que deveria ter permanecido com o acento diferencial: *pára*. Não custava nada terem deixado os três verbos na mesma situação: *pôde, pôr, pára*. Criou-se no mínimo um problema para os jornais porque, usada isoladamente, a forma verbal *para* se confunde com a preposição *para*. Por exemplo, numa frase como TRÂNSITO PARA SÃO PAULO, a tendência do leitor é entender que o trânsito vai em direção a SP, e não que parou a cidade. Como os jornais prezam por uma comunicação rápida mas eficiente, já não podem usar o verbo em manchetes! Esse acento poderia ser facultativo, ao menos, para salvaguardar os casos ambíguos. Quem sabe a Academia Brasileira de Letras ainda vá mudar este ponto da reforma, um entre outros que merecem revisão.

299. DÉFICIT E SUPERÁVIT

No *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (ABL, 2009) naturalmente não se encontram as palavras *superavit* e *deficit*, por serem latinas; só aparece **défice**, forma que é corrente em Portugal.

Os dicionários brasileiros registram as formas latinas; alguns, também as aportuguesadas, com o acento gráfico para informar a tonicidade: **superávit** e **déficit** e – mais recentemente – **défice**. No caso de superávit também se poderia acrescentar uma vogal final, ficando *superávite* – é aguardar para ver.

Plural: *superávits* e *déficits* ou *défices*.

300. HÁBITAT

Outro caso é o do latim *habitat*, cuja forma aportuguesada também tem registro em alguns dicionários: *hábitat*. Assim, com o acento para informação da pronúncia, dispensa-se o itálico ou grifo pertinente a palavras estrangeiras:

> Os wapixanas estão se defendendo da exploração e ganância de pessoas e laboratórios sobre os conhecimentos e recursos do **hábitat** indígena.

301. HINDI E URDU

"Gostaria de saber a pronúncia correta das palavras hindi e urdu e a regra gramatical que serve de base."

A grafia constante no VOLP de 2009 é **hindi** – não havendo acento gráfico, é palavra oxítona, portanto com a sílaba forte no "di". Já o *Dicionário Houaiss* traz a forma acentuada: **híndi**, que assim tem a primeira sílaba forte, com a variante **índi**, já que em português não se pronuncia o *h*.

E **urdu**, assim como *chuchu, tatu, peru*, é oxítona terminada em *u*, motivo pelo qual não é acentuada.

302. QUÊ

Deve-se escrever *quê* – com acento circunflexo por ser tônico – quando ele é usado como:

– Substantivo masculino (precedido de artigo indefinido):

> Ela tem **um quê** da avó materna.

Apesar de rígida, tinha **um quê** de doçura.

– Interjeição:

Quê! isso é intriga.

– Pronome em fim de frase:

Fumar pra **quê**?

Ele falou não sei o **quê**.

Analise como e por **quê**.

Queria pagar mas não tinha com **quê**.

Obrigado! – Não há de **quê**.

Há, contudo, uma situação que deixa muitos brasileiros em dúvida: é justamente quando o *que* soa como tônico mas não vem no fim da frase – ao menos a frase entendida como um enunciado de sentido completo que se conclui com um ponto (final, de exclamação ou de interrogação), como nestes exemplos:

Falta o **quê**, Fernando?

Quem vai pensar **o quê**, senhora?

E se o barco afundar, vamos fazer o **quê**, presidente?

Pela norma oficial, não se acentuaria. Reza o Formulário Ortográfico de 1943 (na 14ª regra da Acentuação Gráfica – Obs.) que o acento circunflexo deve ser usado como distintivo ou diferencial entre "*porquê* (quando é substantivo ou vem no fim da frase) e *porque* (conj.)" e entre "*quê* (s.m., interj., ou pron. no fim da frase) e *que* (adv., conj., pron. ou part. expletiva)", como visto inicialmente.

Ocorre que, do ponto de vista da análise sintática, a palavra depois do *quê* nos três exemplos acima é um vocativo, termo acessório da oração. Isso leva a pensar que a frase acaba antes do vocativo, justificando o acento gráfico.

No caso do vocativo, tudo bem, vamos aceitar *quê* ou *que*. Mas em realidade o que sugere o uso do acento é a pausa, na fala, antes da vírgula. Sendo assim, nos casos em que se coloca uma vírgula já não é preciso acentuar o *que*, pois ela própria dará a tonicidade que se pode sentir como necessária na elocução:

Além do **que**, a lei impõe uma reparação.

Parar por **que**, então?

Falta o **que**, mesmo?

Já no caso do *que* situado no meio da frase sem vírgula na sequência, o certo também é não acentuar:

Para elas, mudou o **que** neste meio século? O penteado?

O redator-chefe responde, numa reportagem sobre investimento, o **que** e por **que** mudar.

Cometemos de fato o equívoco apontado, pelo **que** nos desculpamos.

Pedimos que nos envie o recibo e a nota fiscal, sem o **que** não realizamos nenhuma troca.

haus

LIVROS JURÍDICOS



Para adquirir a versão digital e impressa
com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM JURI15

41 3323 4020 **www.livrariabonijuris.com.br** **0800 645 4020**

303. SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Vejamos o uso ou não do hífen especialmente no caso dos substantivos compostos formados por:

- substantivo + substantivo

Tomam-se dois substantivos para formar uma palavra nova, com novo significado. Em resumo: sentido 1 + sentido 2 = sentido 3 (nova unidade semântica ou significativa).

- substantivo + adjetivo

O adjetivo só se liga a um substantivo por hífen quando juntos formam uma única palavra com um significado diferente das partes, ou seja, uma nova unidade semântica. Nesse caso o adjetivo – que pode entrar como primeiro ou segundo elemento – perde seu sentido literal.

304. ANO-NOVO

Existem as duas grafias: ano novo e ano-novo. Sem hífen quer dizer exatamente um novo período de 12 meses, o ano que se inicia:

> Ao discursar no início de janeiro, o prefeito apontou suas prioridades para o **ano novo**: educação, saúde e pavimentação de estradas.

Com hífen designa apenas a passagem de ano, o ano-bom ou *réveillon*:

> Enquanto a maioria festeja o **ano-novo**, alguns abnegados trabalham pela comunidade.

Enfim, pode-se desejar um ano-novo festivo e ao mesmo tempo um feliz e próspero ano novo (ou Ano Novo, com realce).

305. AUDIOLIVRO

Escreve-se *audiovisual, audiotexto, audioamplificador, audiofrequência*, *audiolivro,* conforme a regra que manda unir sem hífen os pseudoprefixos.

Entretanto, como não se encontra a palavra *audiolivro* no VOLP (ABL, 2009), tem aparecido o termo *áudio-livro*, talvez porque as pessoas estejam entendendo que se trata de dois substantivos, já que *áudio* se tornou também um substantivo (segundo o *Dicionário Houaiss*, "criação modelada a partir da redução de compostos como *audiofonia*, *audiometria*, *audiovisual* etc."). Isso quer dizer que seria um áudio e ao mesmo tempo um livro, composição que não deixa de ter certa coerência. Mas eu ainda usaria *audiolivro*, não considerando porém errada a nova composição.

306. BEM-FEITO

Em "Gosto de fazer as coisas bem feitas" teríamos o sentido de "feitas bem, feitas com capricho". No entanto, depois do Acordo promulgado em 2008, o termo dicionarizado é *benfeito*, ficando então "coisas benfeitas". Mas o próprio acadêmico responsável pelo Acordo Ortográfico no Brasil já admitiu em artigo de jornal que essa seria a grafia para um possível substantivo, e não para o adjetivo, que neste último caso ficaria assim:

Para ser modelo é preciso um rosto bonito e um **corpo bem-feito**.

Admitamos, então, que houve um erro quando *benfeito* aparece ao lado de *benfazejo*, *benfeitor* e *benquerença*. Primeiramente, nos poucos casos de aglutinação (união sem hífen), *bem* se liga a palavras que não têm vida autônoma na língua. Ou seja, escreve-se *benquisto* e *benfazejo* porque não existe "quisto" nem "fazejo". Depois, não se pode alegar que se deve escrever benfeito por causa de *benfeitor*, pois uma palavra não tem nada a ver com a outra: *benfeitor* vem do latim *benefactor* e tem o significado de "benéfico, útil, que pratica o bem ou faz benfeitorias". Já *bem-feito* é uma composição de "feito bem"; traz o sentido daquilo que é executado no capricho, ou que é elegante, bonito.

No seu emprego como advérbio [bem] acompanhando particípio [feito], não se hifeniza:

O planejamento **foi bem feito** e por isso reduziram-se os transtornos.

307. BEM-VINDO, BEM-SUCEDIDO

O adjetivo *bem-vindo* é composto com hífen, pois aí o advérbio *bem* passa a ter valor prefixal, fazendo parte indissociável do nome. Veja-se que não se diz "seja vindo!" Ou se é bem-vindo ou se é outra coisa. Então, usar o hífen e a devida flexão:

Bem-vindos ao Congresso de Ecologia!

Qualquer sugestão será **bem-vinda**.

A mesma análise pode ser feita com a palavra composta *bem-sucedido* (não se fala "sou sucedido"):

Somos **bem-sucedidos**.

Em outros casos, como *bem-afortunado, bem-agradecido, bem-comportado, bem-disposto, bem-educado,* o *bem* é apenas um reforço, pois podemos dizer igualmente: [sou] afortunado, comportado, educado, [estou] disposto, agradecido.

308. BOLSA-ESCOLA E SIMILARES

Sabemos, mesmo que intuitivamente, que em português os substantivos, como regra, não são usados lado a lado sem alguma forma de conexão. Não se diz *A *bolsa couro* é bonita, mas sim A *bolsa **de** couro* é bonita – a conexão aqui foi feita por meio de uma preposição. Outra maneira de associar dois substantivos consiste no emprego do hífen no lugar da preposição:

auxílio para maternidade = auxílio-maternidade
auxílio pelo desemprego = auxílio-desemprego
auxílio por doença = auxílio-doença
bolsa para escola = bolsa-escola
custo por hora = custo-hora
hora de aula = hora-aula
licença pela paternidade = licença-paternidade
salário por hora = salário-hora
salário por/para a família = salário-família
tíquete para alimentação = tíquete-alimentação
vale para transporte = vale-transporte

▸ Apositivos

São raros os casos de dois substantivos intimamente associados sem a intervenção do hífen, o que constitui uma exceção à regra. Isso só acontece quando o segundo substantivo faz as vezes de adjetivo ou condensa um frase de teor adjetivo. Por exemplo: *efeito cascata* = efeito cascateante; *carro esporte* = carro esportivo (não se trata de carro e esporte ao mesmo tempo, nem de carro para esporte). Ou *leis antifumo* = leis que combatem o uso do cigarro; *empresa anjo* = empresa que atua como se fosse um anjo de proteção (não é uma empresa e um ser espiritual ao mesmo tempo). Outros exemplos:

> Com um **investidor anjo**, sua empresa está bem acompanhada.
>
> Sua arte proporciona **efeitos multimídia**.
>
> As **medidas antidroga** foram bem recebidas pela população.
>
> Segue firme a venda de **carros zero-quilômetro**.

309. COMPOSTOS COM GERAL

Vou mais uma vez defender a não hifenização de *diretor geral*. O hífen aqui não se justifica porque se trata de uma sequência de substantivo (diretor) e adjetivo (geral) que não formam um substantivo composto, uma palavra com novo significado.

Quando o adjetivo não adquire novo *status* nem transmite ideia diferente, não há razão para usar o hífen entre ele e o substantivo. É por isso que não são hifenizados: *diretor administrativo, diretor adjunto, diretor executivo, gerente econômico, gerente financeiro, auxiliar técnico, assessor especial, juiz substituto, secretário geral* etc. Não é *geral* um simples adjetivo como *adjunto, financeiro, administrativo, técnico*? Neste caso, por que só os cargos que utilizam o termo *geral* deveriam ser hifenizados? Afinal, *geral* aí continua a significar "geral, abrangente, global, que compreende um todo".

Todavia, como o *Manual de redação da Presidência da República* chancela o uso do hífen – embora ilogicamente – "nas palavras compostas em que o adjetivo *geral* é acoplado a substantivo que indica função, lugar de trabalho ou órgão" (BRASIL, 1991, p. 96), o que se pode fazer é manter o hífen nos documentos oficiais quando se está tratando dos tais cargos ou órgãos cuja lei de criação tenha assim estabelecido. No mais, a lógica manda suprimir

o hífen:

Advocacia Geral do Estado
Inspetoria Geral
Procuradoria Geral da União
Secretaria Geral
consultor geral
diretora geral
inspetor geral

Ainda mais importante é saber que jamais se escreve com hífen quando *geral* não se refere a um cargo:

O sindicato vai fazer uma **assembleia geral** para tratar de **assuntos gerais**.

A **Assembleia Geral** das Nações Unidas ainda não se manifestou sobre o caso.

Esses instrumentos têm a **função geral** de dar segurança aos condôminos.

310. CORREGEDOR E ASSISTENTE

Em muitas combinações de palavras (ou sintagmas) são válidas duas formas de escrita –com e sem hífen – porque há dois entendimentos possíveis. Em *revisor assistente* e *juiz relator*, por exemplo, a hesitação decorre do fato de o segundo termo poder ser tanto adjetivo (sem hífen) quanto substantivo (com hífen, como em tesoureiro-chefe, diretor-presidente, redator-chefe).

No caso de ministro que é corregedor, o "ideal" é hifenizar, pois os dicionaristas entendem que "corregedor" como termo jurídico é (só) substantivo: **ministro-corregedor**. Mas se aceita igualmente a grafia sem hífen: **ministro corregedor, desembargador corregedor**.

Quanto ao termo *assistente* (adjetivo ou substantivo), o *Dicionário Houaiss* registra que, "vindo após subst., ao qual se liga ou não por hífen, significa 'auxiliar', 'ajudante' (*professor assistente*; *médicos-assistentes*)".

Sendo assim, consideram-se válidas as duas formas, havendo certa preferência pelas formas não hifenizadas:

assessor contador, assessor-contador
delegado eleitor, delegado-eleitor

juíza relatora, juíza-relatora
tesoureiro assistente, tesoureiro-assistente

311. DEFENSOR PÚBLICO GERAL

O correto é escrever *defensor público geral*, sem hífen, pois se trata de um "defensor público" que tem função geral. Observe que no lugar de geral poderíamos ter outro adjetivo, como *federal*, usado sempre sem hífen: defensor público federal, ou mesmo defensor público estadual.

O feminino deve ser *defensora pública geral*. O plural é *defensores públicos gerais*:

As **defensoras públicas gerais** de todo o país se reunirão em Brasília.

A dúvida de muitos redatores e revisores quanto à flexão decorre da errônea inserção do hífen em "defensor público-geral", que dá a impressão de estar ali se formando um adjetivo composto por *público* e *geral*, cujo plural seria "público-gerais", quando de fato temos no nome desse cargo dois adjetivos independentes: [defensor público] geral.

312. ELEMENTOS REDUZIDOS

Conforme a regra, usa-se hífen na composição de adjetivo + adjetivo, ainda que o primeiro tenha uma forma reduzida:

Seus livros são voltados ao público **infantil** e **juvenil**.
= Seus livros são voltados ao público **infanto-juvenil**.

Sempre se escreveu *infanto-juvenil*, e assim continua certo, como felizmente se vê em alguns dicionários atuais. A nova grafia aglutinada, *infantojuvenil*, foi definida no Acordo Ortográfico de 1990 como se *infanto* fosse falso prefixo, e não a forma reduzida (para fins de composição) do adjetivo *infantil*.

Também houve a eliminação do hífen em *literomusical*, cujo agravante é a alteração da pronúncia, ou no mínimo a hesitação: é litEromusical ou lÍteromusical? Sendo a grafia sem hífen, a pronúncia deveria ser litEromusical, pois se trata de oxítono: há um acento subtônico na segunda sílaba e tônico na última, pois em princípio não existe na língua

portuguesa palavra com duas sílabas tônicas. E neste caso temos a mesma situação de adjetivo composto:

> Fazíamos uma apresentação **literária** e ao mesmo tempo **musical** toda semana.
> = Fazíamos uma apresentação **lítero-musical** toda semana. [aqui sim, cada palavra com sua sílaba tônica]

Uma opção é usar *literário-musical*, a exemplo de *literário-editorial*. As formas aglutinadas só fazem sentido quando o segundo elemento adjetiva o primeiro, como se pode ver no item abaixo.

313. ELEMENTOS PÁTRIOS AGLUTINADOS

Os elementos de composição *afro, anglo, euro, franco, luso* e outros se aglutinam ao radical sem hífen quando funcionam adjetivamente, isto é, como uma locução adjetiva: *anglomania* quer dizer mania ***de*** inglês; *afrodescendente* é descendente ***de*** africano.

Outros exemplos: afrorreligioso, anglocatolicismo, anglomaníaco, eurocomunismo, euromercado, francoparlante, lusomania.

Usa-se o hífen quando a ideia é de soma de dois adjetivos: em **anglo-saxão** e **afro-brasileiro** vê-se o resumo de *inglês **e** saxão*, *africano **e** brasileiro*.

314. ÉTNICO-RACIAL E ETNORRACIAL

Os dois termos – étnico-racial e *etnorracial* – têm o mesmo sentido (relativos a etnia e a raça) e são corretos. Entretanto o adjetivo composto, sendo mais facilmente reconhecível, é melhor e mais usado:

> Vamos promover o estudo das relações **étnico-raciais** e a valorização e reconhecimento do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro e indígena.

Aliás, *étnico* vem do elemento de composição etn(o)–. Penso que a nova grafia *etnorracial* tem a influência do inglês, em que se diz "*ethno-racial*", e se baseia em palavras como *etnorreligioso, etnobotânica, etno-história, etnolinguística*, já dicionarizadas.

315. FALSO POSITIVO

Não se usa hífen em [exame] *falso positivo* ou *falso negativo* porque se trata de dois adjetivos independentes, à semelhança de [funcionário] público federal. Plural: *falsos positivos*.

316. FLORA E FAUNA

Todas as palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas devem ser hifenizadas, pois formam uma unidade semântica (de significado).

Exemplos da **fauna**:

asa-de-sabre-de-peito-camurça, ave-do-paraíso, arara-vermelha, baleia-azul, beija-flor-violeta, canário-do-reino, cisne-de-pescoço-preto, faisão-real, jacaré-de-papo-amarelo, joão-de-barro, lobo-marinho, martim-pescador, mico-leão-dourado, onça-pintada, onça-parda, papagaio-do-peito-roxo, pica-pau-do-campo, tigre-de-bengala, urso-de-óculos, urso-polar etc.

Exemplos da **flora**:

anis-estrelado, arnica-rasteira, artemísia-vulgar, banana-maçã, batata-doce, batata-inglesa, boldo-baiano, capim-limão, cana-de-açúcar, canela-da-índia, carqueja-mansa, cáscara-sagrada, castanha-de-caju, castanha-do-pará, erva-cidreira, espada-de-são-jorge, feijão-fradinho, laranja-cravo, lima-da-pérsia, morangueiro-do-chile, ruiva-dos-tintureiros.

317. FUNCIONÁRIO PÚBLICO ESTADUAL

Assim como "funcionário público estadual" quer dizer um *funcionário público* que é vinculado ao Estado – portanto *estadual* –, temos outras situações em que o substantivo se faz acompanhar de dois adjetivos independentes, que pertencem a níveis ou regimes distintos, não formando palavra composta:

autoridade policial federal

canto inferior direito
defensor público estadual
defensora pública geral
funcionário público federal
[a] guarda civil metropolitana
instituição policial civil
polícia judiciária civil
polícia judiciária militar
policial militar rodoviário
servidor policial civil
servidor público estadual

318. LATERAL-DIREITA

Os dicionários não registram o uso de hífen para o jogador de futebol que atua na lateral direita: ele é o *lateral direito*, cujo feminino seria *a lateral direita*. Ocorre que o hífen neste caso passou a ser necessário a partir da ascensão do futebol feminino, para que o substantivo referente à jogadora (uma *lateral-direita*, uma *lateral-esquerda*) seja distinto da linha de lado do campo, a lateral direita ou a lateral esquerda. Daí para hifenizar o jogador *lateral-direito* ou o *lateral-esquerdo*, como se vê na mídia, foi um pulo! Imagina-se que com o tempo os dicionários irão se atualizar.

319. METALOMECÂNICO

A palavra que usualmente vemos escrita no Brasil, na mídia e na indústria, é *metalmecânico*, fem. *metalmecânica*:

> Em reunião do setor madeireiro, do setor **metalmecânico** e do comércio varejista, viu-se a vantagem de manter o serviço aéreo.

No entanto você não a encontra em dicionários, pois a grafia oficial é *metalomecânico*. Em inglês temos *metalmechanic* e em espanhol *metalmecánico*; talvez por isso a insistência da forma não oficial no Brasil e também porque a pronúncia em português não contempla esse *o* depois de "metal".

320. *NÃO*, PREFIXO

Há algumas situações em que o advérbio *não* funciona como prefixo de substantivos e adjetivos. Costumava-se fazer esta caracterização com o hífen. Entretanto, a Academia Brasileira de Letras (ABL) resolveu suprimi-lo, em face da omissão do Acordo Ortográfico de 1990 neste quesito. Assim, escreve-se sem hífen:

> Essa ONG (organização **não governamental**) está prestando um bom serviço.
>
> O grupo dos **não religiosos** está crescendo de forma acelerada.
>
> Queremos a geração de energia **não poluente.**
>
> O **não cumprimento** do acordo foi o motivo da revolta.

Entretanto, a ABL (2009, p. LIII) abre exceção para os casos de necessidade do hífen em razão da clareza ou expressividade:

> Os inibidores da transcriptase reversa podem ser nucleosídeos e **não-nucleosídeos**.
>
> Gandhi pregava a *ahimsa*, a **não-violência**, para sermos mais felizes.
>
> Com tais medidas, estão todos condenados ao **não-saber**.
>
> O ser e o **não-ser**. O que é verdadeiro precisa estar no presente eterno, dele não pode ser dito "ele era", "ele será". O ser não pode vir a ser: pois de que ele teria vindo? Do **não-ser**? (Nietzsche)

321. PREFIXOS COM NOMES PRÓPRIOS E SIGLAS

Diante de nome próprio – e por consequência de sigla – todos os prefixos mantêm uma certa distância a fim de não descaracterizá-lo. Por isso, deve-se usar o hífen em qualquer caso:

> O hospital dispõe apenas de uma **semi-UTI**.
>
> O sambista Wilson Batista foi tido como o **anti-Noel Rosa**.
>
> Um **super-Jardim Botânico** está em vias de ser construído.
>
> Florianópolis é considerada uma **mini-Rio de Janeiro**.

- Derivados de palavras estrangeiras

O procedimento é o mesmo (usar o hífen) diante dos derivados de palavras estrangeiras que preservam as características da grafia original, como *anti-stalinismo* e *ante-wagneriano*.

322. *RADIO*, PREFIXO

O elemento prefixal *radi(o)*, do latim "*radius*", agrega-se sem hífen a um substantivo ou adjetivo, formando vocábulos nos quais ele pode assumir vários significados:

1) raio (de roda ou de círculo): *radiado*, *radial*
2) raio (de luz): *radioestesia, irradiar*
3) energia radiante: *radiodifusão*, *radiofonia*
4) raios X: *radiografia*, *radioterapia*
5) ondas hertzianas: *radiocondução*, *radiotelefonia*, *radiotelegrafia*
6) radioativo: *radiocobalto*, *radioelemento*
7) osso do antebraço: *radiocubital*

> O tratamento do câncer baseia-se na cirurgia, na quimioterapia e na **radioterapia**.
>
> Os danos causados pela **radioatividade** / **radiatividade** ficam irrecuperáveis por muitas gerações.
>
> Seu pai teve uma **radiodifusora**, e ele acabou se tornando **radiorrepórter**.

No entanto, por que se escreve *rádio-relógio,* com hífen, e não *radiorrelógio? Porque **rádio-relógio** é palavra formada por dois substantivos. Significa um aparelho que é rádio e relógio ao mesmo tempo. Também é o caso do substantivo composto *rádio-gravador* – dois aparelhos distintos formam um terceiro. Compare-se: o *radiotáxi* não é um rádio e um veículo ao mesmo tempo – é um táxi que se comunica por meio de aparelho de transmissão-recepção.

323. SALÁRIO MÍNIMO/HORA

Escreve-se *salário mínimo*, sem hífen, porque *mínimo* é adjetivo e aí não muda

de significado: quer dizer o salário abaixo do qual a lei proíbe remunerar um trabalhador. Existe o substantivo "salário-mínimo", que se refere a um trabalhador muito mal remunerado, mas é termo raramente usado.

E quando se quer falar em *salário mínimo por hora*, pode-se usar o hífen no lugar da preposição *por*: **salário mínimo-hora.** Se dessa forma não ficar compreensível, a alternativa é escrever **salário mínimo/hora**, já que nesses casos de tempo e velocidade convencionou-se usar uma barra (p. ex. km/h, m/min, jd/s).

324. *SEM*, PREFIXO

As palavras compostas com o prefixo *sem* são hifenizadas:

Respondeu a um **sem-número** de questões.

Entrou e sentou-se com a maior **sem-cerimônia**.

Os trabalhadores **sem-terra** querem seu quinhão.

São invariáveis quando têm origem adjetiva, pois todo substantivo em função adjetiva é invariável:

Dezenas de **sem-teto** acamparam em frente ao palácio.

O ministro fez promessas aos **sem-trabalho**.

Os **sem-religião** perfazem 21,4% dos habitantes do planeta.

A questão dos **sem-luz** merece mais atenção.

Muitos modelos **sem-nome** se transformam em atores **sem-sal**.

325. VAGALUME

A palavra *vaga-lume* teria hífen porque é formada por verbo + substantivo, como *guarda-chuva, busca-pé, porta-luvas, quebra-cabeça*. No entanto, a grafia *vagalume* sempre foi mais usada porque se perdeu a noção de sua composição e origem (vem de "cagar lume [luz]", mas um frade, autor do *Vocabulário português e latino,* achou caga-lume "imundo" e trocou o verbo por vagar (SILVA, 2014). Em edição pretérita, o *Dicionário Houaiss* tinha este registro: "**vaga-lume** ou **vagalume**" (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2822). Não

há por que impor agora somente a grafia com hífen. Afinal, é para continuar escrevendo *vagalumear*, não? Essa aglutinação, aliás, foi aceita no caso de outras palavras, como *girassol, mandachuva, paraquedas, vaivém*.

326. *WEBCONFERÊNCIA* E OUTROS HIBRIDISMOS

Na escrita de termos híbridos é mais comum a união sem hífen (e sem a duplicação da consoante inicial do segundo elemento quando começa por *s*), como *webconferência*, *webcâmara*, *webséries*, *websaite*, *webtemplete*, podendo ocorrer contudo a formação hifenizada. Encontram-se, por exemplo, as variações *rodoshopping* e *rodo-shopping*, *antispam* e *anti-spam*. Diante de uma palavra iniciada por *r*, a separação com hífen é necessária: *web-rádio*.

haus

Método temático

do advogado L. F. Queiroz

A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA ORGANIZADA EM TÓPICOS E ENUNCIADOS SIMPLES, DIRETOS E DE FÁCIL COMPREENSÃO



Para adquirir a versão digital e impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM METODO15

41 3323 4020 www.livrariabonijuris.com.br 0800 645 4020

_maiúsculas e minúsculas

327. ABREVIATURA NOS TRATAMENTOS

O usual quanto aos pronomes de tratamento como *senhor, senhora, doutor, dona, dom, senhorita, professor, você* etc. é empregar letras minúsculas quando por extenso, e inicial maiúscula nas formas abreviadas:

A **Sra.** Maria – A **senhora** Maria está aqui.

A **D.** Marta – A **dona** Marta já chegou.

O **Sr. Prof. Dr.** José – O **senhor professor doutor** José se aposentou.

V. me traiu. – Não sei se **você** me traiu.

Louvaram **S. Exas.** – Louvaram **suas excelências**.

Embora muitos textos jornalísticos adotem somente as minúsculas, nas repartições públicas a praxe é empregar as iniciais maiúsculas em ambas as situações: *V. Exa.* ou *Vossa Excelência* recebeu a nota... Enviamos a *V. Sa.* ou *Vossa Senhoria* o boletim.

328. ENUMERAÇÕES

Numa enumeração ou lista, os itens (antecedidos de letras ou números) podem começar com letra maiúscula ou minúscula. Se são relativamente curtos e você quer dar a eles maior ligação, inicie-os com minúscula e termine com ponto e vírgula:

Para a consecução dos nossos objetivos, devemos observar os seguintes passos:

a) fixação dos honorários advocatícios;

b) dispensa de pagamento prévio dos atos processuais;

c) diferença de prazo para recorrer e para responder;

d) exigência de prévia audiência do representante das partes.

Quando se deseja iniciar os itens com maiúscula, deve-se obrigatoriamente finalizá-los com ponto, e não ponto e vírgula. Quando a enumeração não traz uma oração, isto é, quando não tem um verbo, é possível dispensar a pontuação em cada item (pode-se pôr um ponto no último para fechar o parágrafo), porque aí temos uma configuração esquemática:

Foram elaboradas minutas que tratam destes temas:

1. Alterações legais
2. Inovações
3. Formas de tratamento
4. Recursos possíveis
5. Tutela e atribuição de poderes.

É dada preferência ao uso da inicial maiúscula e ponto final depois de cada item no caso de enumerações longas, com mais de uma frase:

Busca-se retomar as concepções mais relevantes para a compreensão do fenômeno:

1. A abordagem dos poderes do juiz no processo civil exige do pesquisador redobrada atenção para algumas categorias. No contexto da dogmática, ela não está circunscrita ao direito processual. Cumpre, assim, investigar [...].

2. O direito processual disciplina o exercício do poder político-jurídico do Estado.

3. A intervenção do Estado social contemporâneo na ordem econômica e social indica valores refletidos na Constituição. Visa-se com isso a distribuição da riqueza social produzida.

Ver também, sobre o assunto, o capítulo Pontuação (tópicos 338 a 350).

329. ESTADO

Sobre o emprego da inicial maiúscula na palavra Estado persistem dúvidas, porquanto o Acordo Ortográfico 2009 não tocou nesse ponto. Já o Formulário Ortográfico de 1943 orientava o emprego da letra inicial maiúscula "nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação, Estado, Pátria, Raça, etc.*", observando que "esses nomes se escrevem com inicial

minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado". Mas foi omisso no tocante a território da Federação.

Ocorre que *estado*, com minúscula, também é substantivo que significa uma situação, condição, e há casos em que só a inicial maiúscula pode precisar o sentido da frase:

> Vive num estado deplorável. [também poderia ser "Vive num Estado deplorável"]
>
> A ação de reparação de dano promovida por Almeida contra Seguros será julgada no estado em que se encontra. [na condição ou no Estado da Federação em que a ação se encontra?]
>
> Um traçado encefalográfico reto é hoje, em muitos estados, a definição legal de morte. [em muitas situações ou em muitos Estados americanos?]

A distinção entre maiúscula e minúscula desfaz ambiguidades e facilita a leitura, como se pode ver:

> Silenciaram a cuíca, o tamborim e o pandeiro... A inépcia calou a alegria na Ilha de Santa Catarina – esta mesma inépcia que gera o **estado** de insegurança, de impotência diante da violência urbana que abateu o **Estado** com mais de 80 atentados em 26 cidades.

Normalmente não existirá ambiguidade, mas para que o redator não se dê ao trabalho de ver caso por caso, é mais cômodo usar maiúsculas não só quando se trata de "poder juridicamente organizado" mas também sempre que se referir a uma unidade da Federação:

> O governador visitou o **Estado** todo.
>
> Muitos migrantes foram mandados de volta ao seu **Estado**.
>
> Mora no **Estado do Paraná**.

Neste último caso (quando aparece o nome Paraná, Sergipe, São Paulo etc.), usa a inicial maiúscula quem considera a palavra Estado como parte do nome próprio. Quanto ao plural, nunca será erro escrever *Estados*, porém é mais comum o uso das minúsculas, entendendo-se que aí há o emprego "em sentido geral":

> Visitou todos os **estados** e municípios para colher dados.
>
> A doença foi erradicada nos **estados** de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

330. LEI - MAIÚSCULA E MINÚSCULA

Tanto as leis quanto os decretos, bem como os regulamentos, resoluções, pareceres, relatórios e documentos similares, recebem a inicial maiúscula quando individualizados, ou seja, quando têm um número próprio:

> Lei Complementar 95/98
> Decreto 9.080/96
> Parecer nº 31-GP/AJ
> Ato da Mesa n. 35/2016

Sem essa identificação, tornam-se substantivos comuns, portanto escritos com letra minúscula:

> Admite a **lei** que a notificação seja procedida por convocação geral.
>
> O STJ, a quem compete interpretar a **lei** federal (CF, art. 105, III), assentou que...
>
> As especificidades do IPTU recomendam seja essa a solução adotada, desde que autorizada por **lei**.
>
> O Município rege-se por **lei** orgânica.
>
> Solicitaram nota promissória, cheque, duplicata e outros documentos definidos em **lei**.

No caso de referência à própria lei ou decreto mas sem o número explícito, pode-se usar a inicial minúscula:

> **Esta lei** entra em vigor...
> Será feito na forma do art. 1º **desta lei**...
> ... consolidados **na presente lei**.
> ... para os efeitos **deste decreto**.

Todavia, é igualmente aceita a fórmula com a inicial maiúscula (para valorizar ou realçar), já que se trata de uma convenção:

> **Esta Lei** entra em vigor...
>
> Será feito na forma do art. 1º **desta Lei**.
> ...consolidados **na presente Lei**.
> ...para os efeitos **deste Decreto**.

331. LOGRADOUROS

As normas oficiais (de 1943 e Acordo Ortográfico 2009) deixam à escolha do redator o uso de inicial minúscula ou maiúscula na denominação ou categorização de logradouros públicos. Nessa condição, tanto se pode escrever *rua*, *praça*, *bairro,* por exemplo, como *Rua, Praça, Bairro.*

O que se pode observar é uma tendência ao uso das minúsculas quando a inicial maiúscula não é obrigatória (a maiúscula é obrigatória no caso de nomes próprios e no início da frase, para citar as regras básicas). Então, no momento em que se trata de ruas, praças e avenidas, somente o nome delas precisa ser grafado com inicial maiúscula.

Ele mora na **avenida Treze de Maio**.

Ela mora na **rua Canário Roxo**, 21.

O escritório se localiza na **praça D. Tilinha**.

Se preferir das mais destaque, escreva assim:

Moramos na **Rua Frei Caneca**.

A empresa vai se estabelecer na **Avenida das Rendeiras**.

O escritório fica perto da **Praça do Congresso**.

Pediu que remetessem o projeto de arborização da rua ao seu endereço comercial: **Rua XV de Novembro** nº 100.

Instalou uma loja filial no **Largo Pio XII**.

332. MAIÚSCULAS DE REALCE

Os termos *bacharel, juiz, magistrado, senador, conselheiro, ministro* etc. devem ser grafados com a primeira letra minúscula ou maiúscula?

O Acordo Ortográfico recomenda a inicial minúscula no caso de axiônimo (nome ou locução com que se presta reverência a determinada pessoa do discurso) e exemplifica: *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes.* No entanto, adiante menciona que em palavras usadas reverencialmente ou para indicar hierarquia esse emprego é opcional. Assim é que *magistrado, relator, prefeito, senador, juízo, justiça, egrégio, douto* etc. podem ter inicial maiúscula, o que seria na verdade uma forma de realce.

Os meios de comunicação de massa só se servem das iniciais maiúsculas quando se referem efetivamente a nome próprio, razão por que ali encontramos: *ministro do Planejamento, secretário da Saúde, deputado Fulano de Tal, desembargador Silva Sousa, juiz de direito* etc.

Esses mesmos termos podem aparecer, em âmbito mais formal como o do Executivo, Legislativo ou Judiciário, desta maneira: *Ministro do Planejamento, Secretário da Saúde, Deputado Fulano de Tal, Desembargador Silva Sousa, Juiz de Direito.*

As normas oficiais dão margem a essa flexibilidade quando, em mais de uma ocasião, permitem o uso da inicial maiúscula:

– por "especial relevo"
– por "deferência, consideração, respeito"
– quando "se queira realçar" ou
– na designação de "alto conceito", "altos cargos, dignidades ou postos".

Em suma, sempre se pode justificar o uso da maiúscula por **ênfase** ou destaque.

333. MÊS

Escrever os **meses do ano** com inicial minúscula é o correto no português brasileiro. Essa questão é particular a cada língua; no inglês, por exemplo, convencionou-se que a inicial é maiúscula: *in July*, *May* etc. No Brasil seguimos o Acordo Ortográfico promulgado em 29 de setembro de 2008, que fixa o uso da letra minúscula inicial "nos nomes dos dias, meses, estações do ano" (ABL, 2009, Base XIX, 1º, g, p. XXX).

334. NOMES COMPOSTOS - DECRETO-LEI E OUTROS

O emprego das iniciais maiúsculas não ficou claro no Formulário ortográfico de 1943 (oficial). Não se tratou ali (e tampouco no Acordo Ortográfico de 1990) das iniciais em nomes compostos. O que costumava servir de guia era o exemplo de Capitão-de-Mar-e-Guerra (agora sem hífen: Capitão de Mar e Guerra), que aparece na Observação do item 14° e que faz supor devam todos os elementos de um nome próprio iniciar com caixa-alta. Lá no item 12°, porém, na exemplificação de documentos oficiais, consta: "o Decreto-lei nº 292", ao que Celso Luft objeta: "Nas composições hifenizadas, os elementos gozam de

independência gráfica: *Decreto-Lei*, com *L* maiúsculo" (LUFT, 1985a, p. 260). E é assim que nas instâncias oficiais, como o *Diário da República*, tem sido grafado: **Decreto-Lei.**

O bom senso nos leva à seguinte orientação: usar *todas as iniciais maiúsculas* quando a palavra composta faz parte de um *nome próprio*, qual seja, título de obra, nome de repartição, escola, instituição, cargo ou evento, datas ou fatos históricos:

> O desfile dos blocos passou pela avenida **Beira-Mar Norte**.
>
> Marcaram entrevista com o professor doutor Ari na **Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa**.
>
> Na **Reserva Natural Rolinha-do-Planalto** é que tal estudo será feito.
>
> A homenagem foi feita pela **Organização Pan-Americana da Saúde**, braço da Organização Mundial da Saúde (OMS).
>
> Representantes do setor estiveram em Santiago do Chile para uma reunião da **Comissão Sul-Americana de Direitos da Infância**.
>
> Soros virou o único beneficiário daquilo que os ingleses chamaram de **Quarta-Feira Negra**.
>
> Inscreveu-se no **Programa de Pós-Graduação em Educação**.

Quando é que se pode ver, então, a segunda palavra desses compostos com a inicial minúscula? Quando não faz parte de um nome próprio e a primeira palavra tem que ser forçosamente grafada com maiúscula, por causa do início de frase:

> **Couve-flor** faz bem à saúde.
>
> **Pós-graduação** agora? Nem pensar.
>
> **Quarta-feira** estaremos aí.
>
> **Sul-americanos** são discriminados na fronteira.

335. NOMES GEOGRÁFICOS EM GERAL

Como as normas oficiais sobre o assunto datam de 1943 e são pouco elucidativas, os critérios atuais de uso das iniciais maiúsculas nos nomes geográficos variam entre órgãos de governo, revistas, editoras, publicações

e mesmo nas gramáticas que acaso abordem o assunto. Há os que pregam o uso da inicial maiúscula apenas no nome próprio que acompanha o termo geográfico (ex.: serra do Mar, oceano Índico). Outros orientam simplesmente a "usar a inicial maiúscula nos acidentes geográficos e sua denominação", assim:

> Você conhece a **Chapada Diamantina**?
>
> A **Mata Atlântica** é outra vegetação da região que também aparece nas encostas da **Serra do Mar** e da **Serra Geral**.
>
> O beija-flor-preto aparece ocasionalmente em ambientes como o **Pampa**, o **Cerrado** e até a **Caatinga**.

Entretanto, se optar pela primeira norma, sua redação ficará desta maneira:

> O **estreito de Gibraltar** possui 12 km de largura por 51 km de comprimento.
>
> O lugar mais chuvoso é o **monte Waialeale**, localizado no Havaí, no **oceano Pacífico**.
>
> O **deserto de Atacama** (Chile) recebeu uma curta chuva em 1971.

Acontece que isso não funciona bem quando o acidente geográfico faz parte indissociável do nome próprio, como por exemplo *Mar Morto*, *Mar Vermelho* e *Serra do Rio do Rastro*, tanto que não se diz "Estive no Morto, no Vermelho e voltei para a Rio do Rastro"! Se você disser "o Câncer e o Capricórnio" ninguém saberá ao certo do que se trata. Nestes casos, a inicial maiúscula é de rigor: o *Trópico de Câncer*, o *Trópico de Capricórnio*, o *Hemisfério Sul*, o *Círculo Polar Ártico*, as *Montanhas Rochosas*.

Por outro lado, é comum falar "o Atlântico, o Índico, o Saara, os Urais, o Equador", casos em que a denominação do acidente geográfico não precisa necessariamente vir com a inicial maiúscula: o *oceano Atlântico*, o *oceano Índico*, o *deserto do Saara*, os *montes Urais*, a *linha do Equador*.

É por essas razões que se torna muitas vezes difícil observar a uniformidade dentro de um texto. Mas, se se optar sempre pelas iniciais maiúsculas, pode ficar até mais fácil:

> Do seu jardim ele avista a **Baía de Guanabara**.
>
> O beija-flor rabo-branco-cinza-claro é associado a áreas montanhosas da América do Sul, como os **Tepuis** do **Escudo Guianense**.

336. PONTOS CARDEAIS

Os pontos cardeais (mas não suas abreviaturas) são escritos em minúscula:

> O casal de idosos viajou de **norte** a **sul** dormindo em barraca.
>
> Os gafanhotos invadiram as plantações do **oeste** do Paraná.

Entretanto, levam a inicial maiúscula ao designar um espaço geográfico delimitado. Nas palavras do Acordo Ortográfico (ABL, 2009, Base XIX, 2º, g, p. XXXI): "pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente":

> Minha prima gaúcha quer morar no **Nordeste**.
>
> Por que a mídia ocidental tem tanto interesse em estigmatizar o **Oriente** como uma região violenta?
>
> Minhas primas todo ano vêm ao **Sul** para visitar os parentes em Curitiba e Florianópolis.

E a palavra *região*? Como a norma oficial não toca especificamente neste detalhe, é difícil falar em certo/errado. Acaba-se por aceitar tanto uma quanto outra forma. A minúscula parece mais lógica relativamente à regra estabelecida e menos poluidora do texto:

> Conheci uma gaúcha que quer morar na **região Nordeste**.

O uso da maiúscula considera as duas palavras como um todo, o que lhe dá mais destaque:

> Estivemos na **Região Sul** e gostamos especialmente de Florianópolis.

337. RIO

A palavra *rio*, quando se refere a um curso d'água, deve ser grafada com inicial minúscula. Apenas o nome em si do rio terá inicial maiúscula:

> Os limites físico-geográficos entre os municípios de Florianópolis e São José consideram o limite do **rio Araújo**.

Usa-se a inicial maiúscula quando o rio integra o nome uma localidade,

uma cidade, um território qualquer. É esse detalhe que permite distinguir uma coisa da outra. As mesmas frases trazem diferente informação com base na mudança de minúscula para maiúscula:

Passou pelo rio **Grande**. [curso d'água]
Passou pelo **Rio Grande**. [cidade ou Estado]

Adorei o **rio**. [curso d'água]
Adorei o **Rio**. [cidade]

Chuvas transformam o rio **Vermelho** em lamaçal. [curso d'água]
Chuvas transformam o **Rio Vermelho** em lamaçal. [localidade na Ilha de SC]

Condomínios Garantidos

NOSSA GARANTIA DE RECEITA

MELHORA A GESTÃO FINANCEIRA

DOS CONDOMÍNIOS E A QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES HÁ MAIS DE 40 ANOS.



Em condomínio garantido não falta receita e **sobram sorrisos**!

Conheça a cobrança com garantia de receita e descubra a garantidora mais perto de você em vivaocondominio.com.br/condominios-garantidos

_pontuação

vírgula

A **vírgula** parece ser o calcanhar de aquiles da língua escrita. Pelo menos é essa minha constatação em anos de prática de revisão de textos. Se no tempo do latim e do galaico-português não havia necessidade de vírgulas, este sinal passou a ser utilizado abusivamente alguns séculos depois de ter o latim se tornado língua morta. Nos dias de hoje, quando é enorme o volume de leitura exigido diariamente de qualquer pessoa, a tendência é escrevermos com menos vírgulas de modo a tornar a leitura mais fluida e rápida.

Acontece que o cérebro nos leva a fazer uma pausa mental a cada vírgula, o que acaba por alongar a leitura. Na verdade, a vírgula não é questão de fôlego, mas obedece a preceitos lógico-sintáticos. Portanto existem orientações e normas a serem seguidas. O preceito básico é usar a vírgula somente onde haja uma quebra da estrutura lógica da frase: a vírgula marca justamente um *deslocamento* de uma palavra, sintagma ou oração da sua ordem normal; ou um parêntese, uma *interrupção* do pensamento, que é o caso das duas vírgulas que marcam as intercalações.

Desde 1996, quando lancei *Só vírgulas: método fácil em vinte lições* pela Editora da UFSCar, a vírgula tem sido o maior alvo dos meus escritos, tanto é que em 2014 elaborei outro compêndio sobre o assunto, agora numa abordagem mais sintática (a vírgula entre termos da oração e entre orações), publicado pela Lexikon Editora em *Manual da boa escrita: vírgula, crase, palavras compostas.*

Assim sendo, neste capítulo só apresentamos dois casos de vírgula muito particulares. Outros são tratados junto com tópicos específicos que têm a ver com o uso da vírgula, como o gerúndio, nos capítulos Advérbios, Conjunções, Preposições, Pronomes, Substantivos e Verbos.

338. VÍRGULA E ELIPSE DO VERBO

Pergunta de um leitor: "A vírgula invariavelmente substituirá o verbo no

caso de sua implicitude? Tenho minhas dúvidas nas frases a seguir: Eu sou belo; ele não. / João derrotou José. Lucas, Manoel. / A verdade dos fatos não pode ser contestada; seu contexto, sim."

A vírgula não precisa obrigatoriamente tomar o lugar do verbo subentendido, isto é, quando há elipse ou supressão verbal. A vírgula só é obrigatória em caso de ambiguidade, como sublinhava o gramático Celso Luft. Vejamos os exemplos trazidos pelo leitor:

1. *Eu sou belo; ele não.*

Frase correta. Não só a vírgula seria excessiva, dada a pequena extensão da frase (*ele, não*), como também desnecessária porque o verbo apareceria depois da negativa: *ele não* [é]. Aí não se trata exatamente de vírgula no lugar de verbo elíptico. Em vez do ponto e vírgula também se poderia usar o conectivo ***e****: Eu sou belo e ele não*. Ou uma simples vírgula: *Eu sou belo, ele não.*

2. *João derrotou José. Lucas, Manoel.*

Vírgula necessária, pois sem ela entenderíamos "Lucas Manoel" como um nome só.

3. *A verdade dos fatos não pode ser contestada; seu contexto, sim ou seu contexto sim.*

A vírgula antes de sim não está errada, mas tampouco é necessária.

339. NÓS BRASILEIROS - SEM VÍRGULA

É sobejamente conhecida uma frase de Manuel Bandeira que tem servido para ilustrar a silepse de pessoa (concordância ideológica ou pelo sentido): "O que me parece inexplicável é que **os brasileiros persistamos** em comer sem quase nenhum deleite essa coisinha verde e mole que se derrete na boca sem deixar vontade de repetir a dose". Nela, o sujeito da oração grifada – os brasileiros – corresponde a uma 3ª pessoa do plural "mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural em virtude da presença mental do pronome *eu*, que leva o autor a incluir-se entre aqueles" (KURY, 1989, p. 179).

A concordância nesses casos se faz com a ideia *nós*. São "construções onde se pode subentender pronome pessoal: (nós) os brasileiros somos" (LUFT, Mundo das Palavras 2.999).

Talvez pelo fato de esse tipo de frase se encontrar geralmente em textos literários ou discursos formais, acabamos adotando uma variação mais espontânea e adequada à nossa linguagem cotidiana, com a explicitação do pronome *nós*. Em vez de "*os brasileiros somos* um povo alegre", estamos dizendo "*nós (os) brasileiros* somos um povo alegre". Na escrita se dispensam as vírgulas, já que o sintagma nominal depois do pronome configura um aposto especificativo.

Outros exemplos:

> **Nós professores** temos um importante papel a cumprir.
>
> Eu me pergunto se **nós da classe média** seremos penalizados novamente.
>
> **Nós abaixo assinadas** requeremos paridade salarial com os homens.
>
> Se **nós latino-americanos** não temos a tecnologia que os soviéticos tinham há 40 anos, é sinal de que estamos muito mal.

ponto

340. PONTO ABREVIADO

Na frase que termina numa abreviatura, considera-se o ponto abreviativo como ponto final, ou seja, não é necessário pontuar duas vezes:

> Interpôs agravo de instrumento contra Marca **Ltda.** A empresa tem sede no Pará.
>
> Encaminhamos o caso à deliberação de **V. Exas.** O prazo para resposta é de dez dias.
>
> Visitamos o Rio, São Paulo, Minas, Santa Catarina **etc.**

Deve-se manter o ponto abreviativo quando se usa uma vírgula, ponto e vírgula, parêntese, ponto de exclamação ou ponto de interrogação depois da abreviatura:

> A cobrança será feita por Marca **Ltda.,** que para isso será contratada.

Maria comprou laranja, maçã, pera **etc.;** pagou com cartão de crédito, no entanto.

Visitou todos os estados (Rio, São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Goiás **etc.**).

Vocês pretendem comprar ações da Famos **S. A.?**

341. PONTUAÇÃO EM EXCESSO

Usa-se um *ponto* para marcar fim de frase. Pode-se dizer de outro modo, à maneira de Carlos Goes (1961, p. 12): a frase começa sempre por letra maiúscula e termina por ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. O autor chega a fazer uma nota para deixar bem claro que o período termina por ponto de exclamação ou de interrogação "quando estes coincidem com o ponto final".

Inferência básica: não se usa ao mesmo tempo a interrogação e o ponto final, ou a exclamação e o ponto final. Basta um deles para marcar o término do período. Portanto, é inadequada, por excessiva, a pontuação encontrada nos seguintes casos:

* A menina ficou aos prantos: Socorro! Socorro!.
* Admirou-se: "O presidente não gosta de assistir à televisão?".

A pontuação fica perfeita assim:

A menina ficou aos prantos: Socorro! Socorro**!**

Admirou-se: "O presidente não gosta de assistir à televisão**?**"

Observe que é redundante esse ponto final mesmo quando existem aspas depois da interrogação ou exclamação. Repito um bom exemplo:

Após uma exibição privada do filme *Sunset Boulevard*, Louis B. Mayer, o ex-chefão da Metro, virou-se para o diretor polonês Billy Wilder e gritou: "Canalha**!**" Para o executivo, era demais...

Excetua-se da regra, naturalmente, a exclamação ou interrogação que faz parte de um nome próprio e que por coincidência venha no final da frase:

"Eu não quero presente. Eu quero é dinheiro." Dercy Gonçalves, em entrevista no *A Casa É Sua*, da **Rede TV!.**

No final da data

Para que serviria o ponto da data? Configura a data uma frase? Se não é frase, nada de ponto. *Frase* – resumindo o que dizem as gramáticas – é qualquer enunciado com sentido completo, contenha verbo ou não. Pode ser feita de uma só palavra ou uma reunião delas, e seu sentido é dado pelo contexto. São exemplos de frases sem verbo (o que nos interessa agora): *Fogo! Silêncio! Oi, tudo bem? Tudo certo. Muito obrigada pelas flores, querida. Que maravilha... Grandes amores, grandes tormentos.*

Em princípio, uma data é um fragmento de frase. E fragmento não leva ponto. Se isso não convence, posso acrescentar que não se pontuam os títulos (de livros, capítulos, artigos, matérias de jornal etc.), as assinaturas, nomes de cargos, endereços e todo o cabeçalho de correspondência ou de redação escolar. Se a data aparece numa dessas circunstâncias, não é necessário pespegar-lhe um ponto final. Eu não chegaria a afirmar que é erro, pois não me agradam as camisas de força em termos de linguagem. Mas recomendo economizar esse pontinho nas datas isoladas.

"Ponto final em data não tem justificação, quer a data encabece quer feche carta, quer antecedida quer não do nome do lugar em que é declarada. Felizmente o Formulário Ortográfico não se meteu nisso" (ALMEIDA, 1981, p. 239).

Portanto, vamos escrever assim:

Joinville, 9 de julho de 2013

São Paulo, 13 de abril de 2018

ponto e vírgula

342. USO DO PONTO E VÍRGULA

Comentário ouvido num bonde
Que moça culta, a Maria Eduarda: usa ponto e vírgula!
(Mário Quintana)

Tinha razão o poeta gaúcho. O ponto e vírgula traz em si algumas sutilezas que poucos captam. Mas, por outro lado, todos acabam usando este útil

sinal gráfico em enumerações, leis e sequências ou para separar orações. Em síntese, o ponto e vírgula:

1. Separa os vários membros de uma **enumeração** descritiva ou narrativa:

> Em sua oração fúnebre, Péricles refere-se ao heroísmo dos combatentes mortos**;** à dor de suas mães**;** à gratidão dos sobreviventes e à necessidade de guardar a memória dos que morreram pela pátria.

O ponto e vírgula é mais útil ainda entre os vários membros de enumeração e paralelismo cuja estrutura interna contenha vírgula, como neste período:

> Participaram daquela reunião: Roberto M. Lacerda, 43 anos, que veio a ser reitor entre 72 e 76**;** Caspar Stemmer, engenheiro, mais tarde prefeito do câmpus, também reitor de 76 a 80**;** Ernani Bayer, membro do CFE**;** Acácio Santiago, professor, e toda a equipe técnica.

2. Separa as orações **adversativas** (introduzidas por *mas, porém, contudo, todavia, entretanto*) e as **conclusivas** (caracterizadas por *logo, portanto, assim, então, por isso, consequentemente* etc.), esteja subentendida ou explícita a conjunção, quando se quer fazer uma pausa maior do que vírgula:

> Crê em ti**;** *mas* nem sempre duvides dos outros.
>
> Era incrível a variedade dos adornos**;** *contudo*, a pessoa não gostou de nenhum.
>
> Há muitos modos de afirmar**;** há um só de negar tudo. [conjunção adversativa implícita]
>
> As doses eram diminutas**;** tinham, *portanto*, de aguardar longo prazo pelo efeito.
>
> A natureza das relações sociais constitui a base do desenvolvimento das capacidades humanas**;** *logo*, das qualificações.
>
> "Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária**;** jogou-a fora." [conjunção conclusiva subentendida antes da última oração]

3. Separa os **considerandos, incisos de leis** ou **decretos** e os diversos **itens** de uma enumeração. Três exemplos:

> O Governador do Estado,
> Considerando que ... **;**
> Considerando que ... **;**

Considerando, finalmente, que ... , decreta

Constataram os técnicos vários problemas:
a) vazamento de água;
b) ruptura da rede em três pontos e
c) alteração do medidor.

Art. 14. Os infratores das disposições desta lei ficam sujeitos às seguintes sanções:
I – notificação;
II – multa;
III – cassação do atestado;
IV – embargo da obra.

colchetes

343. SUPRESSÃO EM CITAÇÕES

A supressão de uma palavra ou trecho numa citação – permitida quando não altera o sentido da frase ou do texto – é indicada pelo uso de reticências entre **colchetes**. O trecho omitido pode estar no interior de um parágrafo, no meio de uma oração ou entre uma frase e outra; ou entre um parágrafo e outro quando se suprime um parágrafo inteiro. Alguns exemplos:

Quanto aos direitos fundamentais, [...] devem ser respeitados sempre, somente podendo ceder passo nas hipóteses de colisão.

As coleções são concebidas na sede do grupo, no Oregon [...], onde está concentrada sua capacidade operativa, bem como sua estratégia comercial.

Assim foi feito, conforme o § 1º do art. 447:
§ 1º São incapazes:
I – o interdito por enfermidade ou deficiência mental;
[...]
III – o que tiver menos de 16 (dezesseis) anos;
IV – o cego e o surdo, quando a ciência do fato depender dos sentidos que lhes faltam.

Raramente se encontra esse tipo de notação no início da frase ou trecho citado; ele só é usado quando se omite o verbo, o sujeito ou outra(s) palavra(s) que quebre(m) a sequência do relato ou a estrutura sintática do período, como neste exemplo:

> Quanto ao roubo qualificado contra a vítima, não há como desclassificá-lo para o delito de furto sob o fundamento de que não ocorreu violência ou grave ameaça, tendo em vista seu depoimento prestado em juízo:
> "[...] *que tão logo entrou no automóvel os acusados nele também ingressaram, tendo um adentrado pela porta dianteira do passageiro e o outro pela porta do lado do motorista etc.*"

Não sendo o caso acima – de quebra da estrutura sintática, repita-se –, não se coloca [...] no início da citação. Qualquer frase pode ser citada desde seu início ou a partir de qualquer palavra (observada a condição de que ela não perca o sentido, é claro), pois só assim o redator tem condição de dar continuidade e fluidez à sua própria frase.

Também o corte final da citação fica a critério de quem está citando, daí não ser necessário colocar reticências ao fim da cada período para dizer que o autor citado continua falando. Isso está implícito.

Outro detalhe dos **colchetes:** eles são de praxe quando numa citação de livro ou transcrição de depoimento se enxertam comentários ou palavras de esclarecimento (interpolações):

> O operador não sai desses comandos aqui, [ele] cumpre rotinas, talvez faça uma coisa assim [faz um gesto circular]. No momento em que a pessoa chega a um nível em que aprendeu as rotinas, satura. Não surgem oportunidades. [breve silêncio] O serviço é muito rotineiro. Não dá, não dá para fugir muito daqui.

travessão

344. USO DO TRAVESSÃO

Dos sinais de pontuação, o travessão é um dos mais requisitados, pelo fato de proporcionar mais clareza do que as vírgulas nas intercalações longas e maior *ênfase* nos destaques. Travessões substituem e são substituíveis por *dois-pontos*, *parênteses* ou *duas vírgulas,* dependendo do caso. Orientações de uso:

1. Emprega-se **um só travessão** para indicar mudança de interlocutor nos diálogos e para destacar (no final do período) uma explicação, esclarecimento, síntese, consequência ou conclusão do que foi enunciado:

– O que é que está pensando fazer?
– Nada.
– Nada, como? Vai deixar o barco andar...
– Vou.

Naquele dia os restaurantes estavam fechados – um deles tinha uma placa indicando que só abre de sexta a domingo.

Dialogar com ele é como jogar uma bola contra a parede – ela volta contra a gente.

Precisamos definir as responsabilidades individuais, as coletivas e as responsabilidades das agências formadoras – as instituições educacionais.

O travessão tem a virtude da síntese, pois pode substituir expressões explicativas como *isto é, ou seja* e similares. Veja, por exemplo, como ficaria a última frase sem o travessão:

Precisamos definir as responsabilidades individuais, as coletivas e as responsabilidades das agências formadoras, *quais sejam*, as instituições educacionais.

2. Emprega-se o **travessão duplo** para isolar orações intercaladas, assinalar (no meio do período) uma reflexão ou esclarecimento, um comentário à margem, ou para destacar, enfaticamente, uma palavra ou frase num contexto:

Um dos programas – monótono – foi sobre a merenda escolar.

Em 1983 e 1984 – como todos se recordam – houve grandes enchentes em Santa Catarina.

O empréstimo também sofreu o atropelamento – compreensível, eu entendo – do tal plano.

As igrejas florentinas, inclusive a catedral – *duomo* – Santa Maria del Fiore, ecoam alguma coisa de San Miniato, o que é muito natural, porque não houve arquiteto entre os grandes que fizeram Florença – Arnolfo di Cambio, Brunelleschi, Alberti, Michelozzo – que conseguisse escapar à forte influência daquela obra-prima.

Quando a interrupção é muito longa, dentro da qual já existam vírgulas, prefere-se usar o travessão duplo em vez de mais duas vírgulas. A última frase acima é exemplo disso.

Também numa enumeração explicativa (relação de vários itens), os travessões darão a clareza que as vírgulas não propiciam:

O movimento geral das disciplinas de comunicação – informática, marketing, design, publicidade – apoderou-se da palavra *conceito* e a transformou em mercadoria.

É preciso que os três elos dessa corrente – governo, funcionários e população – estejam unidos na campanha.

3. Uso do **travessão junto com a vírgula**

O travessão pode aparecer antes da vírgula, sem eliminá-la. Isso ocorre quando a intercalação com travessão duplo é colocada dentro de uma intercalação entre vírgulas (ex. a) ou quando a vírgula é usada para separar uma oração subordinada (ex. b):

a) Temos no Tesouro, durante os meses de verão – os meses de safra –, valores mais elevados.
= Temos no Tesouro, durante os meses de verão (os meses de safra), valores mais elevados.

b) Junto com o teatro que resgata a linguagem erudita brasileira – o do Movimento Armorial de Ariano Suassuna –, nossa dramaturgia se sustenta desse modo.
= Junto com o teatro que resgata a linguagem erudita brasileira (o do Movimento Armorial de Ariano Suassuna), nossa dramaturgia se sustenta desse modo.

aspas

345. ASPAS DUPLAS

As aspas duplas podem ser usadas:

1. Para assinalar **transcrições textuais.** Neste caso, as aspas valem também para destacar, no texto que você está escrevendo, uma palavra ou expressão que foi usada pelo autor citado ou que costuma ser associada a ele:

Kuenzer se refere a "exclusão includente e inclusão excludente" nas relações entre educação e trabalho.

Não concordamos com análises que apontam para "ondas" (TOFFLER, 1985), fases lineares, sucessivas de passagens por diferentes "sociedades" (DRUCKER, 1993).

2. Para marcar **apelidos, nomes e títulos** (de livros, revistas, obras de arte, escolas etc.).

Atualmente há recursos melhores para esses nomes: é preferível o uso de grifo, caixa-alta, itálico, negrito ou outros, pois individualiza mais e ocupa menos espaço.

3. Para ressaltar **gírias, neologismos, estrangeirismos** ou quaisquer palavras estranhas ao contexto vernáculo.

As palavras estrangeiras devem ser obrigatoriamente destacadas, mas não necessariamente por aspas; hoje é comum o uso do *itálico*, sendo aceito também o sublinhado.

346. ASPAS SIMPLES

As aspas simples podem ser usadas:

1. Para realçar palavras e expressões a que se quer dar um **sentido particular ou figurado,** como uma ironia:

> Ele comeu o bolo inteiro e nem agradeceu – um 'amor' de pessoa.

2. **Dentro de aspas duplas,** quando o trecho citado entre aspas contém palavras já aspeadas:

> Osvaldo Melo aponta para "a necessidade de os indivíduos contarem com a certeza de que seus direitos 'garantidos' pela ordem jurídica sejam efetivos".

347. ASPAS E PONTO

Deve-se usar o ponto antes ou depois de fechar as aspas? Existem os dois casos: aspas e ponto; ponto e aspas. As instruções oficiais rezam que se coloca o sinal de pontuação depois das aspas quando estas "encerram apenas uma parte da proposição", mas que o ponto vem antes das aspas quando elas "abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão", ou seja, quando a citação é integral. Trocando em miúdos:

1. As aspas vêm **antes do ponto** quando a citação é a continuação da frase que você está escrevendo, pois o ponto fecha o período, e não apenas a citação:

Já antecipava McLuhan na década de 1960 que "a mudança se tornou a única constante de nossa vida".

Já antecipava McLuhan na década de 1960: "A mudança se tornou a única constante de nossa vida".

Enquanto não houver uma nova, forte e legítima razão de interesse comum, os condôminos continuarão a utilizar tais áreas, em conformidade com o "princípio ético de respeito às relações definidas por décadas de convívio".

Um detalhe: quando se acrescentam dados entre parênteses, o ponto vai no final de tudo, depois do parêntese:

"Eles compõem o cérebro da rede e localizam-se em todos os seus entroncamentos" (PESSINI, 1986, p. 14).

2. As aspas vêm **depois do ponto** quando a citação é feita por inteiro e isoladamente:

"Saber é poder."

"Informação não é o mesmo que conhecimento."

E quando se faz uma citação com várias frases, portanto com vários pontos no meio, as aspas podem ser colocadas no final de tudo, isto é, depois do último ponto:

Assim se refere a comissão da ABL ao uso do *não* hifenizado: "Está claro que, para atender a especiais situações de expressividade estilística com a utilização de recursos ortográficos, se pode recorrer ao emprego do hífen neste e em todos os outros casos que o uso permitir. É recurso a que se socorrem muita línguas. [...] Não é, portanto, para ser banalizado."

348. ASPAS E PARÁGRAFOS

A orientação tradicional no sentido da transcrição de textos era a seguinte: se o trecho a ser transcrito contiver diversos parágrafos, as aspas de abertura deverão estar antes da primeira palavra de cada parágrafo e as de fechamento depois da última palavra do derradeiro parágrafo.

Cito um exemplo encontrado no *Grande manual de ortografia globo* (LUFT, 1985a, p.111):

"Disse D. Antonio de Macedo Costa:
"Restaurar moral e religiosamente o Brasil!
"Esta é a obra das obras; a obra essencial, a obra fundamental sobre que repousa a estabilidade do trono e o futuro da nossa sociedade."

O uso do computador, todavia, tem mudado essa prática. A facilidade trazida pela informática na troca de fonte, tamanho e espaço entre linhas permite substituir essa marcação com aspas por outras modalidades de destaque. Assim, se uma transcrição longa estiver em recuo da margem, ou em letra diferente, ou em espaço menor, ou for destacada em itálico, o leitor já sabe que está diante de uma citação direta, ainda que não haja aspas nem mesmo no início da primeira linha. Agora, é preciso haver alguma diferença visual, caso contrário é bom usar as aspas como explicitado acima.

Cumpre destacar que estamos tratando aqui de um formato utilizado nos livros de literatura (na transcrição de uma carta, por exemplo) ou em textos de jornal e revistas que não se atêm às normas de estilo e formatação da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas voltadas a trabalhos acadêmicos.

dois-pontos

349. DOIS-PONTOS MAIS ENUMERAÇÃO

Na língua portuguesa se convencionou que imediatamente depois de dois-pontos se inicia a frase com letra minúscula (em inglês, por exemplo, é diferente), a não ser que após os dois-pontos haja uma citação entre aspas. Um exemplo de cada:

E nos perguntamos: como resolver isso de uma vez por todas?

Um cliente chegou e disse na frente de todo mundo: "Cai fora".

Já quando se faz a exposição de um assunto por meio de itens, numerados ou não, a escolha da minúscula ou maiúscula se dá em razão não dos dois-pontos em si, mas da forma como se quer que os itens sejam apresentados. Vejamos os diversos modelos.

I. Depois dos dois-pontos, iniciar cada item com minúscula e acabar

com ponto e vírgula, o que dá maior unidade aos itens. Ponto final só no último item.

Exemplo 1

> Do ponto de vista sociológico são cinco os aspectos relevantes capazes de fundamentar a unidade e a homogeneidade do trabalho:
> 1. dependência da força de trabalho da atividade remunerada, logicamente que não proprietária;
> 2. submissão ao controle de relação das autoridades empresarialmente organizadas;
> 3. risco permanente de perda das oportunidades de trabalho por motivos subjetivos ou objetivos;
> 4. efeito unificador da existência e atuação de grandes entidades, como por exemplo os sindicatos;
> 5. autoconsciência do trabalho, que é visto como fonte de toda a riqueza e cultura.

Exemplo 2

> Por maiores que tenham sido os esforços no sentido de superar as dificuldades apontadas, conclui-se que os problemas poderão persistir, pelos seguintes motivos:
> a) a estrutura é substancialmente a mesma: o controle é do juiz togado;
> b) a fase de admissibilidade é praticamente o mesmo rito sumário projetado;
> c) o texto diz que "o juiz rejeitará a acusação", como se isso eliminasse os vícios da impronúncia e da absolvição sumária.

Exemplo 3

> Seguem etapas do sistema:
> – cadastro do usuário;
> – teste integrado;
> – validação;
> – divulgação para uso.

II. Iniciar cada item com maiúscula e terminar com ponto final, o que estabelece uma distinção maior entre os temas focados.

Exemplo 4

> O que precisa ser repensado no mercado imobiliário da locação e da administração de imóveis? Mencionemos alguns pontos:

1. *Garantia locatícia.* Por que não flexibilizar a lei, permitindo que as partes possam estabelecer livremente o número de aluguéis que o locatário pode dar em caução, sem limitá-lo a três meses?
2. *Moradia própria.* Desmistificar o conceito de que somente a casa própria é digna de apoio da lei.
3. *Menos encargos.* As taxas de condomínio e outros encargos da locação representam hoje mais de 50% do valor do aluguel, o que vem inviabilizando a locação de muitos imóveis.
4. *Acerto final.* Estimular o locatário a conservar o imóvel como se seu fosse. O bom inquilino tem que ser premiado de alguma forma.

III. Também é possível deixar os itens sem ponto (até mesmo o último), quando eles se apresentam como num quadro esquemático, sem compor uma oração, isto é, sem verbo.

Exemplo 5

Já em 1972 ficou estabelecida a ordem de precedência em cerimônias de caráter estadual, em que se verifica esta sequência:
1. Reitores das universidades federais junto com o prefeito da cidade anfitriã
2. Secretários de Estado
3. Reitores de universidades estaduais e particulares
4. Membros de conselhos federais

barra

350. USO DA BARRA

A **barra transversa** é usada, entre outros fins, para:

- separar números: 1/2/3/7/9/10

- separar versos de um poema quando transcritos sem solução de continuidade: "Não freme qualquer soluço / no destino que criamos. / Agora só alegria conte / nesse existir franco, / claro e sem enganos, / de nenhum estorno ou pranto." (Alvaro Wandelli Filho)

- separar o número de um edifício do número de um apartamento dele:

Rua XV, 1283/60

- para separar ou fazer abreviaturas em taquigrafia ou fora dela: *antiga/* = antigamente; *especial/* = especialmente; **p/** = por ou para; **p/c** = por conta; **c/c** = conta corrente.

Entre palavras, a barra tem o significado de ***ou*** (alternativo):

Ele é/será prejudicado.

Há opções de grafia: motoboy/motobói, entubar/intubar.

Entretanto, entre dois números, especialmente na área jurídica, usa-se a barra ou traço oblíquo para marcar o início e fim das páginas citadas: **p. 100/110** = da página 100 até a 112. Com o mesmo significado, sobretudo em trabalhos científicos, usa-se um hífen: p. 9-14.

haus

Conheça nossas revistas



Revista Bonijuris



Revista Direito & Condomínio



Revista Judiciária do Paraná

Em parceria com a AMAPAR e a EMAP

41 3323 4020

www.livrariabonijuris.com.br

0800 645 4020



Questões de estilo

_o parágrafo

São os parágrafos – uns mais curtos, outros mais longos – que dão a conformação de um texto. "O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia *central*, ou *nuclear*, a que se agregam outras, *secundárias*, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela" (GARCIA, 1988, p. 203, grifo do autor).

Contudo, por mais que leiam, muitas pessoas têm dificuldade de saber quando iniciar novo parágrafo. Nesse caso, pode acontecer de o redator não separar adequadamente as suas ideias ou tópicos de discussão, deixando o texto confuso, ou fragmentá-las demais, em parágrafos até mesmo de uma só frase, perdendo o texto a sua unidade.

Como apontado por Othon M. Garcia, um parágrafo se estrutura com uma ideia principal e outras secundárias:

- A *ideia principal* constitui a frase mais importante do parágrafo, geralmente a primeira (mas nem sempre), porque traz a informação essencial do que se lerá no parágrafo. É uma generalização do conteúdo de todas as frases vindas depois dela, as quais deverão trazer mais informações sobre o *tópico*.

O tópico é justamente essa ideia-chave ou o ponto principal inserido numa frase, que é chamada de frase-tópico ou tópico frasal (do inglês *topic sentence*). Para reconhecimento do tópico, nos exemplos abaixo vamos destacá-lo em negrito dentro da frase-tópico:

> *No **Egito** floresceu uma das mais importantes culturas do mundo antigo.* Esta civilização se desenvolveu ao longo do rio Nilo por muitos séculos, de 3200 a.C. até a conquista romana no ano 30 a.C.

> *Há pouco tempo, o mundo da ciência foi sacudido pelo anúncio da **descoberta de um estado da matéria além do sólido, líquido, gasoso e plasma** que aprendemos na escola.* É um fenômeno difícil de explicar – e mais difícil ainda de entender –, do qual podem resultar materiais supercondutores com aplicação no dia a dia.

Como a frase-tópico ao longo do texto serve de ponte entre um parágrafo e outro, é muito comum e natural que ela contenha elementos de transição:

O fato é que desde pequena ela já ***gostava de cozinhar***. Diante de sua insistência em ajudar na cozinha, a avó lhe permitia bater os ovos, mexer as massas, adicionar sal ou açúcar aos pratos.

- As *ideias secundárias* têm a função de:

complementar
corroborar
reforçar
explicar
esclarecer
exemplificar
fundamentar
justificar ou
contrapor a ideia principal

Em síntese, tudo aquilo que realmente justifica, exemplifica, corrobora, fundamenta, reforça ou explica melhor o tópico frasal, ou ideia principal, deve estar contido no mesmo parágrafo.

Para exemplificar a questão, vejamos alguns textos que contêm erro de divisão em parágrafos, com o tópico sublinhado, comentários na sequência, seguindo-se a paragrafação correta:

1

O imigrante já não tem a intenção de se fixar a vida toda em um lugar. Em vez disso, almeja uma realização pessoal, considerando a passagem por um local apenas uma fase. [...]

Entre os decasséguis da atualidade não há esse tipo de sentimento [o sonho de retornar ao Japão]. O que possibilitou essa mudança foi a tecnologia: o fax, a internet, o deslocamento rápido, em massa e de menor custo através do avião. [...]

Esses imigrantes que vivem além das fronteiras de seus países estão se tornando cada vez mais cosmopolitas.

Ou seja, o conceito de fronteiras está cada vez mais diluído.

Mas é sabido que, mesmo desaparecendo as fronteiras criadas artificialmente, os limites entre os grupos étnicos e culturais não desaparecem.

A locução "ou seja" não pode iniciar parágrafo, justamente por introduzir uma explicação. A frase iniciada pela conjunção *mas* (não exatamente por ela – ver explicação adiante) continua tratando do tópico "fronteiras". Sendo assim, deve-se juntar esses dois períodos ao tópico frasal:

Atualmente, o imigrante já não tem a intenção de se fixar a vida toda em um lugar. Em vez disso, almeja uma realização pessoal, considerando a passagem por um local apenas uma fase. [...]
Entre os decasséguis da atualidade não há esse tipo de sentimento [o sonho de retornar ao Japão]. O que possibilitou essa mudança foi a tecnologia: o fax, a internet, o deslocamento rápido, em massa e de menor custo através do avião. [...]
Esses imigrantes que vivem além das fronteiras de seus países estão se tornando cada vez mais cosmopolitas. Ou seja, o conceito de fronteiras está cada vez mais diluído. Mas é sabido que, mesmo desaparecendo as fronteiras criadas artificialmente, os limites entre os grupos étnicos e culturais não desaparecem.

2

Os réus contestaram (fls. 15/20).
Asseveram que o terreno adquirido por eles era ainda, à época da venda, de propriedade de Teixeira, conforme certidão de hipoteca lançada pela prefeitura em nome da vendedora. Outrossim, o negócio jurídico não tem caráter de nulidade, tendo em vista a lucidez da vendedora conforme depoimento das testemunhas colhido nos autos.

"Os réus contestaram" não pode ficar graficamente isolado porque não configura um parágrafo: todos os períodos na sequência estão relacionados à contestação dos réus.

Os réus contestaram (fls. 25/30). Asseveram que o terreno adquirido por eles era ainda, à época da venda, de propriedade de Teixeira, conforme certidão de hipoteca lançada pela prefeitura em nome da vendedora. Outrossim, o negócio jurídico não tem caráter de nulidade, tendo em vista a lucidez da vendedora conforme depoimento das testemunhas colhido nos autos.

3

Há que se observar que nesses casos não há propriamente um processo de execução, mas sim um processo de conhecimento, razão por que se torna desnecessária a inserção do título executivo pré-constituído com a exordial.
Sobre o tema, disserta Wambier (2000, p. 202):

> A doutrina reconhece que, nessas hipóteses, não se instaura processo de execução. A sentença produzirá efeitos de plano, uma vez transitada em julgado (art. 641). Etc. Etc.

O tema que o autor citado trata é o próprio tópico do parágrafo inicial. Portanto essa frase (indicando Wambier) tem que se juntar à anterior. Observar que, estando no mesmo parágrafo, a expressão de transição "sobre o tema" torna-se supérflua. De qualquer modo, anoto-a junto com outras opções:

> Há que se observar que nesses casos não há propriamente um processo de execução, mas sim um processo de conhecimento, razão por que se torna desnecessária a inserção do título executivo pré-constituído com a exordial. *Sobre o tema disserta* / *Afirma* / *Pondera* Wambier (2000, p. 202):
>
> > A doutrina reconhece que, nessas hipóteses, não se instaura processo de execução. A sentença produzirá efeitos de plano, uma vez transitada em julgado (art. 641). Etc. Etc.

351. CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS EM INÍCIO DE PARÁGRAFO

Recomenda-se não iniciar parágrafo com **porém**, **mas** e **senão**, que são as adversativas por excelência. Tendo essas três conjunções valor adversativo, isto é, de oposição ou incompatibilidade das ideias envolvidas, elas devem estar ligadas de imediato ao enunciado anterior, dando pois sequência ao tópico frasal ou afirmação principal do parágrafo.

As outras assim chamadas conjunções adversativas (*portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante, no entanto*) são na verdade "advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais" (BECHARA, 2001b, p. 322), sendo por isso mais próprias a iniciar um novo parágrafo, ao contrário de *mas, porém* e *senão*.

Naturalmente, há escritores que usam *mas* ou *porém* no começo do parágrafo. É uma questão de estilo próprio, e geralmente não se trata de linguagem formal ou técnica.

352. INÍCIO DIFERENTE EM PARÁGRAFOS SEGUIDOS

O bom redator deve evitar exatamente o mesmo nome ou a mesma expressão no início de parágrafos seguidos. Vejamos dois exemplos, com sua solução:

1

Lev Semenovich Vygotsky nasceu na Bielorrússia em 1896 e faleceu em 1934. Deixou colaborações de valor inestimável para a pedagogia contemporânea. Sua obra ainda está em pleno processo de descoberta e debate em vários pontos do mundo, incluindo o Brasil.
Vygotsky, ao estudar o pensamento e a linguagem, recorre à infância para mostrar que explorar o ambiente é uma das maneiras mais poderosas que a criança tem (ou deveria ter) à disposição para aprender. Nessa perspectiva, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço.
Vygotsky afirma que o professor é figura essencial do saber por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. A noção de mediação, ou aprendizagem mediada, está no cerne do desenvolvimento dos chamados processos mentais superiores. Etc. Etc.

Melhor:

Lev Semenovich Vygotsky nasceu na Bielorrússia em 1896 e faleceu em 1934. Deixou colaborações de valor inestimável para a pedagogia contemporânea. Sua obra ainda está em pleno processo de descoberta e debate em vários pontos do mundo, incluindo o Brasil.
Ao estudar o pensamento e a linguagem, **Vygotsky** recorre à infância para mostrar que explorar o ambiente é uma das maneiras mais poderosas que a criança tem (ou deveria ter) à disposição para aprender. Nessa perspectiva, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço.
O pesquisador afirma que o professor é figura essencial do saber por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. A noção de mediação, ou aprendizagem mediada, está no cerne do desenvolvimento dos chamados processos mentais superiores. Etc. Etc.

2

O Acordo sobre Técnicas de Captura de Animais, contudo, embora abrangesse a temática ambiental, tinha um propósito mais amplo e não trazia detalhamento sobre a disciplina. [...]
O Acordo sobre Medidas Ambientais, também adotado naquele ano, estabeleceu normas gerais sobre medidas restritivas

destinadas à proteção da saúde humana ou à proteção da fauna e da flora.

Melhor:

> **O Acordo** sobre Técnicas de Captura de Animais, contudo, embora abrangesse a temática ambiental, tinha um propósito mais amplo e não trazia detalhamento sobre a disciplina. [...]
> Também adotado naquele ano, **o Acordo** sobre Medidas Ambientais estabeleceu normas gerais sobre disposições restritivas destinadas à proteção da saúde humana ou à proteção da fauna e da flora.

■■■

Uma vez que este livro se destina a revisores e a pessoas que já têm a prática da escrita, não vamos ensinar como desenvolver um parágrafo. Abordamos apenas as questões que foram objeto de dúvida e consulta no portal Língua Brasil, prestando desta forma um auxílio mais amplo tanto ao revisor (com dicas que ele pode sugerir ao cliente) quanto a quem deseja aperfeiçoar sua redação.

haus

Não Tropece na Redação

QUESTÕES DE GRAMÁTICA E ESTILO

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Para adquirir a versão impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **NTR15**

Uma obra completa sobre o bom uso da língua portuguesa na sua dimensão gramatical, ortográfica e de estilo. Direcionada a redatores e revisores, como também a quem mais queira escrever com clareza, precisão e coerência.

ISBN 9788565017244 | 448 páginas | 15,5 x 23,5 cm

_palavras a mais ou a menos

353. OMISSÃO DO *QUE*

Há duas possibilidades de omissão do *que* na função de conjunção integrante – conectivo que introduz uma oração subordinada substantiva.

1. É possível omitir a conjunção *que* quando o verbo da oração subordinada que ela introduz está no modo subjuntivo, uma vez que o subjuntivo já dá a indicação de se tratar de uma oração subordinada.

Por exemplo, em vez de escrever "O juiz disse *que é viável que seja* suplantado o total de pena previsto", alguém escreve "O juiz disse *que é viável seja* suplantado o total de pena previsto". O primeiro *que*, também conjunção integrante, não poderia ser jamais suprimido da frase (observe, na 1ª oração subordinada, o verbo no indicativo: *é*). Mas o segundo *que* não só pode como até deve ser omitido, para evitar o eco, a repetição (observe, na 2ª oração subordinada, o verbo no subjuntivo: *seja*).

Seguem outros exemplos, tendo-se em mente que essa omissão diante do subjuntivo não é obrigatória, nem é muito comum; é apenas uma questão de estilo, principalmente em frases onde já existem outros *ques*:

> Ele disse que lamenta [que] **tenha** nossa correspondência se espaçado tanto.
>
> As normas também descrevem uma regularidade, mas que se espera [que] **seja** confirmada pelos fatos.
>
> O juiz que condenar o réu a indenizar a perda sofrida pelo veículo do autor pode determinar [que] **seja** descontado o valor da carcaça.
>
> Requeremos a V. Exa. [que] **seja** deferido o abono pelas razões acima apresentadas.
>
> Ao argumento de que a atitude narrada lhe causou prejuízos, pretende o autor [que] **sejam** declaradas nulas as cláusulas contratuais que previam a extinção da avença.

2. É possível suprimir a conjunção *que* depois de orações que utilizamos verbos impessoais *haver* ou *fazer* para indicar tempo transcorrido:

Faz três semanas [que] não chove.

Faz 10 meses [que] estão se preparando para o concurso.

Há dias [que] não vejo tia Laura caminhando na calçada.

É de notar que na ordem inversa não se usaria, de qualquer modo, a conjunção – aí a oração impessoal age como se fosse uma locução adverbial de tempo:

Não chove **faz três semanas**.

Estão se preparando **faz** / **há 10 meses**.

Não vejo tia Laura **há dias**.

354. É QUE

Existem duas palavras que, juntas ou separadas, podem ser inseridas em qualquer oração sem ter função sintática definida: trata-se da expressão de reforço é que. Na frase "nessas ocasiões *é que* entendemos a vida", por exemplo, pode-se constatar essa finalidade de realçar a mensagem ou pensamento quando a retiramos do contexto frasal e percebemos que o sentido não se perde: "*nessas ocasiões entendemos a vida*".

Nas frases abaixo colocamos entre colchetes a expressão de realce, a qual, se não faz falta sintaticamente (na análise sintática ela é desprezada), tem bastante valor expressivo:

Nós **[é que]** deveríamos nos insurgir contra a injustiça.

Neste ponto **[é que]** a medição será feita.

[É] deste ponto **[que]** se pode ver o pôr do sol no mar.

Nem sempre, porém, vamos ter exatamente *é que*. O verbo *ser* fará a concordância de tempo e pessoa quando antecede o sujeito, separado do *que*. Tomemos como exemplo estas frases:

Com esse trabalho **é que** se busca equacionar o problema.

Os tolos **é que** se sentem constrangidos.

O critério **é que** mudou.

Os critérios **é que** mudaram.

Mudando a construção frasal, elas ficam assim:

É com esse trabalho **que** se busca equacionar o problema.

São os tolos **que** se sentem constrangidos.

Foi o critério **que** mudou.

Foram os critérios **que** mudaram.

Repetindo: a expressão *é que* só se cristaliza quando os dois termos estão juntos; separados, o verbo *ser* vai para o plural se o sujeito está no plural, e fica no presente, pretérito ou futuro conforme o tempo verbal do predicado.

- É onde

Embora em escritores clássicos se encontre o uso expletivo de "é onde" quando a ênfase recai na circunstância de lugar, recomenda-se substituí-lo por "é que". Por exemplo, em vez de "era principalmente nas fileiras árabes *onde* as puas agudas e cortadoras de sua temerosa borda ou maça d'armas faziam maiores estragos", como escreveu Alexandre Herculano (BECHARA, 2001b, p. 208), hoje em dia se diria: "*era* principalmente nas fileiras árabes *que* as puas agudas e cortadoras".

Exemplos atuais revisados:

É neste banhado *onde* eles caçam as rãs. [= Neste banhado eles caçam as rãs.]
É neste banhado **que** eles caçam as rãs.

É lá no Ribeirão da Ilha *onde* acontecerá o festival de bandas.
É lá no Ribeirão da Ilha **que** acontecerá o festival de bandas.

355. NÃO OMISSÃO DO VERBO DIANTE DO PREDICATIVO

Chamamos agora a atenção para a construção de textos em que, de maneira exagerada, o verbo *ser* vem sendo suprimido antes de predicativo formado por adjetivo, constituindo o que se chama de frases nominais (aquelas que não apresentam verbo em sua composição). É o caso, por exemplo, de "Portanto, correta a aplicação da pena", afirmativa em que não aparece nenhum verbo.

É muito comum o uso – apropriado – de frases não verbais em exclamações, como "Que dia lindo!"; mas nem toda frase exclamativa pode ficar sem verbo: "*Como o dia lindo!" não é construção viável. A frase correta seria: "Como o dia *está* lindo!"

Já no caso específico de oração com predicado nominal cujo predicativo seja formado por adjetivo, encontram-se as duas formas, com e sem verbo, mas esta última é mais usual na fala. Pode-se até afirmar que se trata de estilo. De fato, na linguagem oral às vezes se omite, antes do adjetivo, a forma verbal *é*, que se "engole": "importante dizer" toma o lugar de "*é* importante dizer".

Tal procedimento acabou se tornando recorrente em textos jurídicos, dos quais extraí estas frases (desajeitadas):

> Razoável dizer que ninguém teve culpa.
>
> Dada a existência de irregularidades no procedimento legislativo, inviável a declaração de nulidade do ato.
>
> Forçoso destacar que eventual nulidade provocará a obrigação do pagamento.
>
> Considerando que a defesa da sociedade foi promovida pelo sócio remanescente, desnecessária a anulação do processo para citar a sociedade.
>
> Ainda assim, necessário levar em consideração que a atividade de fixação da verba honorária é discricionária.
>
> Imperioso que todos passem a conviver com a diversidade, com as diferentes formas de viver, pois imprescindível que a todos seja assegurado o direito de ser feliz.

Na escrita, deve-se preservar a boa sintaxe com o uso do verbo *ser* (ou outro verbo de ligação) antes do adjetivo:

> ***É** razoável* dizer que ninguém teve culpa.
>
> Contudo, ***é** mister* ressaltar que o julgador não estava adstrito aos fatos.
>
> Não há prova disso, todavia ***é** indubitável* que o protesto no tabelionato de títulos foi indevido.
>
> Por isso ***é** cabível* a conversão de ofício da ação cautelar em ação ordinária.

Não havendo irregularidade, ***torna-se/fica*** *inviável* a declaração de nulidade do ato.

Tratando-se de imóvel fronteiriço, ***é*** *certo* que o terreno interessa à empresa.

Portanto, ***é*** *desnecessário* discutir a culpa da sócia dissidente.

Contudo, ***faz-se*** *necessário* atentar para o caso concreto.

"Meu pranto e minha dor comoviam a todos os que se achavam presentes; ***era*** *mister* separar-me então para dar alívio às minhas lágrimas." (General Abreu e Lima, 1794-1869)

haus

Só Vírgula

MÉTODO FÁCIL EM VINTE LIÇÕES

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Para adquirir a versão impressa

CLIQUE AQUI

Reúne, em linguagem acessível e atual, tudo o que foi possível sistematizar sobre o assunto: das regras básicas (não se põe vírgula entre sujeito e predicado) às mais elaboradas, como a dos locativos, nomes próprios e orações adjetivas.

ISBN 9786586768190 | 150 páginas | 21 x 14 cm

_o sujeito oculto ou nulo

Neste capítulo vamos tratar do "sujeito nulo", como é chamado na Linguística o sujeito gramatical não explícito, o qual passaremos a identificar como "sujeito oculto" por questões didáticas, embora esta terminologia não conste na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Aprovada em 1959, a NGB prevê três tipos de sujeito: *simples, composto* e *indeterminado*, além da *oração sem sujeito*. Então, na análise sintática de uma frase como "Vou estudar", o sujeito será *simples* (eu); na Linguística será *nulo*; e nós o chamaremos de *oculto,* isto é, existente mas "escondido", subentendido, implícito ou elíptico (oculto por elipse).

O objetivo aqui é dar a conhecer as circunstâncias em que se pode apropriadamente deixar o sujeito oculto ou nas quais sua ausência é considerada imprópria (ainda que possa estar correta do ponto de vista sintático) pelo fato de prejudicar a clareza, o pressuposto maior de uma boa redação.

356. SUJEITO FACILMENTE IDENTIFICADO

O sujeito pode ficar oculto quando facilmente identificado:

1. Pela desinência verbal:

   Direi poucas e boas. [desnecessário: *Eu* direi]

   Foste bem de viagem? [desnecessário: *Tu* foste]

   Saímos de casa às 6 h. [desnecessário: *Nós* saímos]

"Omitimos com mais frequência, em português, o pronome sujeito quando de 1ª e 2ª pessoas do singular e plural, porque a desinência verbal aí o especifica com evidência; a omissão do pronome sujeito de 3ª pessoa do singular [...] fica dependente da situação e do contexto, sem o que, muitas vezes, não se pode precisar a pessoa a quem se refere o predicado" (BECHARA, 2001a, p. 22).

O mencionado problema com a 3ª pessoa do singular estende-se à 1ª

pessoa do singular quando se trata de predicado verbal no pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo. O sujeito oculto pode trazer ambiguidade:

> **Saía** sempre às 6 h. [eu, ele, ela, você?]
>
> **Dizia** poucas e boas. [quem exatamente?]

Isso acontece porque a 1ª e a 3ª pessoa do singular têm a mesma conjugação nos tempos verbais do indicativo e subjuntivo, à exceção do presente, futuro do presente e pretérito perfeito do indicativo (neste último a exceção é o verbo dizer: *eu disse, ele disse*), de que são exemplos: eu/ele *gostava, bebia, partira, era, fora, tenha*. Nesses casos, então, a clareza recomenda a explicitação do sujeito:

> **Eu saía** sempre às 6 h.
>
> **Ela dizia** poucas e boas.
>
> **Ele falava** bem.
>
> **Você tinha** boa vontade.
>
> **A senhora** não **deveria** ficar de pé.

2. Por citação anterior, ou, nas palavras de Kury (1964, p. 19), "porque já figura numa oração contígua", o que se dá nas orações independentes (coordenadas por meio de conjunção ou de pontuação) e nas subordinadas.

▸ Orações coordenadas

Todo predicado sem sujeito explícito que aparecer nas orações contíguas vai ter por sujeito gramatical (oculto) o mesmo agente da primeira oração:

> *Calmon* não lia poesias, (Calmon) não *lia* jornais. (Calmon) *Achava* tudo uma perda de tempo. Mas (Calmon) *acabou* poeta.

USO DO PRONOME DÊITICO

Por questão de estilo (ênfase ou eufonia), naturalmente o sujeito pode também ser retomado por um pronome numa das frases seguintes:

> *Ivo* sai da cidade e fica à sombra de um coqueiro. *Ele* observa a devastação ao redor e se entristece.

Esses pronomes que atualizam os substantivos no discurso – isto é, que retomam o substantivo de outra

forma porque a pessoa que lê vai se "olvidando" do que leu – são chamados de dêiticos. O pronome dêitico, então, facilita a leitura ao trazer de volta à mente do leitor o sujeito antes mencionado.

▸ Orações subordinadas

Nas orações subordinadas – tanto reduzidas quanto desenvolvidas – o sujeito que estiver oculto será interpretado como igual ao sujeito da oração principal:

Saindo da sala, **a ré** *chorou.* [a ré saiu, a ré chorou]

Ao entregar o produto, **você** *receberá* o dinheiro.

Quando *saiu* da sala, **o réu** *desmaiou.*

João *vai perder* pontos se não *parar* agora.

Se for diferente da oração principal, o sujeito da subordinada deverá estar explícito, ainda que sob a forma de desinência verbal:

Saindo **o juiz** da sala, **a ré** *chorou.*

Ao entregarem (**eles**) o produto, **você** *receberá* o dinheiro.

Quando **a juíza** *saiu* da sala, **o réu** *desmaiou.*

João *vai perder* pontos se **a chuva** *não parar* agora.

Repetindo com outras palavras: sendo *correferencial,* isto é, igual em cada predicado do período, o sujeito pode[14] e deve ser omitido na oração contígua (coordenada ou subordinada):

Ivo *saiu* cedo e não *voltou.*

Mara *disse* que *partirá* de navio.

Não é preciso repetir "ele não voltou" ou "ela partirá" porque o sujeito das duas orações é o mesmo. De igual modo, o sujeito pode permanecer oculto em frases subsequentes desde que continue se referindo ao citado na oração anterior ou contígua:

14 Em italiano, por exemplo, não pode; nesse caso o sujeito nulo ou oculto é obrigatório.

> **Ivo** *saiu* cedo de casa e não *voltou*. *Foi* trabalhar, como sempre, mas não *chegou* ao escritório onde *era* esperado e *tinha* muitos amigos.

O erro sintático está em deixar oculto o sujeito que é diferente daquele anteriormente referido:

> **Você** *se lembra* do Luca, aquele rapaz bem alto da turma B? **Foi* grande jogador de basquete.

Nesse exemplo aparece em negrito o sujeito da primeira oração; na seguinte, o verbo está sem sujeito explícito. Sintaticamente, o sujeito gramatical de *foi* seria *você*. Não sei por que tanta gente hoje escreve assim, enquanto que ao falar usa *ele* ou *ela* à vontade (relembrando que são os pronomes da terceira pessoa do singular os causadores de problema sintático ou falta de clareza). Aos meus ouvidos o pronome faz falta, ainda que me digam estar claro que o jogador só poderia ser o rapaz alto. E o bom leitor (que tem uma gramática intuitiva) já captaria essa informação ao ler o *ele* no início da frase, não precisando ir até o fim do trecho para saber que o verbo *foi* se refere a Luca:

> **Você** *se lembra* do Luca, aquele rapaz bem alto da turma B? **Ele** *foi* grande jogador de basquete.

A observar que no inglês e no francês o pronome pessoal está repetidamente junto ao verbo (***I** said **I** had to go; **il** dit qu'**il** a faim*), sem que isso torne menos valiosa a literatura produzida nessas duas línguas.

357. CASOS ESPECÍFICOS

Vejamos alguns textos que contêm ambiguidade em razão de um sujeito oculto. A maioria dos casos se deve ao verbo na terceira pessoa do singular se confundindo, em razão do tempo verbal, com a primeira pessoa. Comentários abaixo do exemplo:

* Conheci o amigo Delfim quando *estudava* Direito na faculdade em Florianópolis e *era* professor de Filosofia.

A omissão indevida do sujeito causou dubiedade: **eu** ou **ele**?

* A professora perguntou ao diretor quando *voltaria* a lecionar.

Quem voltaria a lecionar? Mesmo que o sujeito oculto na oração subordinada

se refira, em tese, ao da oração principal (o que a maioria das pessoas infelizmente desconhece), pode restar um problema de ambiguidade porque lecionar caberia aos dois referentes. Por clareza, é preferível repetir o pronome *ela* caso o sujeito de "voltar a lecionar" seja a professora:

> A professora perguntou ao diretor quando **ela** voltaria a lecionar.
> A professora perguntou ao diretor quando **ele** voltaria a lecionar.

* Não sabemos ainda qual o ritmo de trabalho a ser imposto pelo presidente eleito. De origem germânica, *é* reservado, discreto e metódico.

Ainda que o contexto possa esclarecer o sentido da afirmação, o pronome *ele* é indispensável porque seu referente não coincide com o sujeito da oração principal no período anterior, que é *nós*. Eis, portanto, a construção sintaticamente correta:

> Não sabemos ainda qual o ritmo de trabalho a ser imposto pelo presidente eleito. De origem germânica, **ele** é reservado, discreto e metódico.

* *A brasileira* foi detida quando desembarcava do cruzeiro para aproveitar um dia de folga com um viajante com quem se envolveu – segundo o pai, *eles* não eram namorados. *Carregava* 2,5 kg de cocaína na bagagem.

O sujeito inicial é ela, a brasileira. Depois se fala num viajante. Na oração subsequente menciona-se *eles*. Então, quando se retoma o sujeito, este deve ser novamente explicitado: **Ela** carregava...

* O sonho de fazer intercâmbio começou quando *meu irmão* estudou um ano na Espanha. Na verdade, a ideia era fazer o ensino superior na França, pois já *fazia* aulas de francês.

Quem *fazia*, o depoente ou o irmão? Essa frase foi dita numa entrevista gravada. Creio que foi falado "eu já fazia aulas", e o repórter é que deixou de usar o pronome *eu*.

* O olheiro chegou a dizer que eu não seria modelo nunca. Fiquei magoada, mas botei aparelho nos dentes. Quando *estava* com 16 anos, *ele apareceu* no colégio e não acreditou que eu era a tal da menina.

O sujeito gramatical de *estava*, se oculto como no exemplo, seria *ele*, o

mesmo da oração principal. Qual o problema de repetir o pronome *eu*?

* Keith Richards falou: "Mick [Jagger] sempre foi possessivo e se incomodava que eu tivesse outros amigos. Ele acreditava que eu lhe pertencia. *Não gostava* nada dessa sensação".

Quem não gostava? Poderia ser Keith ou Mick. Em inglês certamente se ouviria "*I didn't like...*", então quem causou a falta de clareza foi o tradutor.

358. PRONOME RELATIVO *QUE*

A função de sujeito pode ser exercida por um substantivo (incluindo a oração substantiva), um numeral, um verbo no infinitivo e um pronome. Temos falado até aqui dos pronomes pessoais, mas quero trazer a atenção agora ao pronome relativo, que pode resolver com eficiência a ambiguidade do sujeito diferente daquele da oração anterior. Para comparação, mostro o papel da conjunção aditiva no mesmo exemplo:

- Gêneros iguais

  Ivo falou com o irmão. *Ele* pediu um favor. [quem pediu? Ivo ou o irmão?]

  Ivo *falou* com o irmão **e** *pediu* um favor. [usar o ***e*** se correferencial, *i.e.*, mesmo sujeito]

  Ivo falou com o *irmão*, **que** *pediu* um favor. [usar o *que* se é um novo sujeito]

- Gêneros diferentes

  Mara falou com o irmão. *Ela* pediu desculpas. [correferencial]

  Mara falou com o irmão **e** *pediu* desculpas. [correferencial: ela falou e pediu]

  Mara falou com o *irmão*, **que** *pediu* desculpas. [sujeitos diferentes: ela falou, ele pediu]

Outros exemplos:

* **Ele** *entende* que os ataques devem ter sido realizados por adolescentes. *Agem* com naturalidade mas demonstram raiva e revolta.

O sujeito gramatical de "agem" não é o mesmo da oração contígua (ele), por isso não pode ficar oculto. Corrigir para:

> Ele entende que os ataques devem ter sido realizados por *adolescentes*, **que** *agem* com naturalidade mas demonstram raiva e revolta.

* *O clube* tomou uma atitude corajosa. Está dando uma segunda chance ao goleiro. *Cumpriu* pena por bom comportamento e nada ficou provado.

Como o verbo cumprir não se refere ao sujeito da oração anterior (o clube), há duas opções corretas:

> O clube tomou uma atitude corajosa. Está dando uma segunda chance ao *goleiro*, **que** *cumpriu* pena por bom comportamento.

> O clube tomou uma atitude corajosa. Está dando uma segunda chance ao goleiro. **Este** cumpriu pena por bom comportamento. [confira explicação a seguir]

359. *ESTE* NO LUGAR DE *ELE*

Às vezes o sujeito deve ser explicitado por um demonstrativo, sob a condição de o pronome pessoal não dar conta de informar corretamente ao leitor a quem se está fazendo referência no caso de haver dois antecedentes do mesmo gênero. Observe o emprego do pronome pessoal e do demonstrativo:

> Mara observava Joana. Quando **ela** descesse do carro, faria a foto. [pronome "ela" ambíguo]

> Mara observava Joana. Quando **esta** descesse do carro, faria a foto. [Joana desceria e faria a foto]

> Mara observava Joana. Quando **esta** descesse do carro, *ela* faria a foto. [Joana desceria, Mara faria a foto]

Outros exemplos:

> No telefonema ao *desembargador*, a ministra teceu os maiores elogios ao *juiz* Schiefler, destacando suas qualidades como magistrado exemplar. Mencionou que **este** se revelou um técnico competente. ["ele" confundiria o juiz com o desembargador]

A *professora* perguntou à *diretora* quando **esta** voltaria a lecionar.

O *advogado* João Z não entregou à Polícia Federal o passaporte do seu *cliente* José Y, pois **este** obtivera autorização judicial para viajar no dia seguinte.

Quando os substantivos antecedentes pertencem a número e gênero diversos ou quando não há problema de ambiguidade, é melhor usar o pronome pessoal *ele/ela* em vez do demonstrativo:

O metal, aquecendo-se progressivamente com o aumento da *corrente*, deve derreter quando **ela** ultrapassar 10% de um valor prescrito.

Usar tal aparelhagem não é problema para os *alunos*. O transtorno é quando **eles** atrapalham a aula.

30 ANOS

UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA DESDE 1991, SOBRE 4 PILARES FUNDAMENTAIS:

1. *Garantia de receita*
2. *Segurança financeira*
3. *Confiança no trabalho*
4. *Respeito ao condômino*



DUPLIQUE *condomínios*

SC
Balneário Camboriú
Campeche
Canasvieiras
Chapecó
Criciúma
Estreito
Florianópolis
Joinville
Palhoça
São José

PR
Curitiba
Desembargador Executive
Generoso
Nova

RJ
Atlântica
Carioca
Predial
Rio

SP
Desembargador
Do Vale
Guarulhos
Sampa
Solution
Sorocaba

MG
Triângulo

_a gente sabe, nós sabemos

Não há falante no Brasil que não use *a gente* com um sentido de pluralidade. Uma das razões é que as formas verbais com o pronome *nós* são mais complicadas, para o falante não escolarizado, do que aquelas utilizadas na terceira pessoa do singular; nesse aspecto, *a gente* se iguala *a ele, ela, você, o senhor, a senhora*. Dizer "a gente se sentia bem, dizia isso, amava" é muito mais fácil e econômico do que "nós nos sentíamos bem, dizíamos isso, amávamos".

Além da facilidade de uso, a forma *a gente* tem outras características – a serem abordadas abaixo – que agradam e servem também aos falantes de maior escolaridade. Por isso ela percorre toda a escala social e é detectada nas obras de grandes autores.

360. NÓS E A GENTE

Um grande marco na mudança da gramática no português brasileiro foi a renovação no quadro pronominal suscitada pela entrada de *você* (que era originalmente o pronome de tratamento formal *Vossa Mercê*) e, mais recentemente, de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural (CABRAL; GORSKI, 1998).

Essa mudança de categoria do substantivo *gente* para o pronome *a gente* começou (timidamente) há cerca de trezentos anos, mas foi somente no século 20 que sua frequência de uso se tornou eminente em nosso país (LOPES, 2002).

Vários linguistas têm se ocupado da alternância das formas *nós* e *a gente* no português brasileiro. Foi com pessoas de formação universitária completa nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre que a professora Célia Regina dos Santos Lopes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizou pesquisa intitulada *Nós e a gente no português falado culto do Brasil* (LOPES, 1993). Eis algumas de suas observações e conclusões:

→ Há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. Houve maior favorecimento da forma *nós* nas situações em que o falante expressa sua opinião pessoal. Ao utilizar *a gente*, o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares. Na referência a um grupo grande de pessoas, indeterminado e difuso, prefere-se *a gente*.

→ Os falantes jovens empregam mais *a gente* e os falantes idosos, a forma *nós*. Os adultos com formação universitária completa estão utilizando as duas formas.

→ As mulheres tendem a usar mais a forma *a gente* do que os homens, e são elas que, "através da escola básica e da família, conduzem os membros da sociedade aos primeiros contatos com a linguagem, iniciando o processo de mudança linguística".

361. CARÁTER DE IMPESSOALIDADE

Ao denotar a noção de pluralidade que lhe é intrínseca, o pronome *a gente* tem um uso mais amplo – como se destacou acima – em situações genéricas, de impessoalidade, nas quais se poderia utilizar tanto a primeira pessoa do plural quanto as formas verbais com o pronome *se* (seja na voz passiva ou como índice de indeterminação do sujeito). Por exemplo, uma verdade conhecida por todos pode ser assim expressa: ***Sabemos*** *que a Terra é redonda* ou ***Sabe-se*** *que a Terra é redonda*. Ou então: ***A gente sabe*** *que a Terra é redonda*.

Neste trecho de *Grande sertão: veredas* (ROSA, 1994, p. 195), por exemplo, duas dessas formas de impessoalidade são utilizadas:

> E notícia nenhuma, de nada, não se achava. A gente ia ao menos dormir o dia; mas três tinham de sobreficar, de vigias.

Naturalmente, como ótimo escritor, ele não iria repetir a expressão: "a gente não achava".

Também outros escritores e redatores, por motivos semelhantes (para evitar repetições que prejudicariam a expressividade ou estilo), podem mesclar, no mesmo parágrafo ou até na mesma frase, os três tipos de pronome:

> A gente conversou com o diretor, porém acabamos não pedindo nada, ficamos a ver navios.

> "Com foras e auroras, estávamos outra vez no público do campo. Antes da manhã, agora se passava a Vereda-Grande, no Vaudos-Macacos. Ao que, em rompendo a luz toda da manhã, se chegou no sítio dum Dodó Ferreira, onde a gente bebeu leite e os meus olhos pulavam nas árvores" (ROSA, 1994, p. 525).

362. EU E TODOS

Outra faceta do pronome *a gente* é aquela em que o falante se inclui nesse grupamento de pessoas. Como variante de *nós,* trata-se da expressão comunicativa de um "eu ampliado": eu + você(s), eu + ele/ela(s), eu + todos.

Guimarães Rosa, nesta frase extraída de *Grande sertão: veredas* (ROSA, 1994, p. 202, grifo nosso), deixa explícita sua inclusão no grupo por meio do pronome *me*:

> "Mas logo me reduzi, atinando que minha opinião era só pelo desejo encoberto de que **a gente** pudesse ficar mais tempo ali, naquele lugar que me concedia tantos regalos."

Escrevi para uma consulente:

> **A gente** não pode ir atrás do que escrevem na internet – tem muito erro! ["eu e você"]

Outra me perguntou:

> O uso da crase está correto em "7 às 19 horas" que **a gente** vê em placa nas lojas? ["eu e todos os outros"]

363. EXPRESSIVIDADE

Não só na linguagem coloquial – sobretudo na fala – mas também na literatura se encontra amiúde a forma *a gente*, como dito anteriormente:

> "A alma **da gente**, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro."

Na frase acima, retirada de *Dom Casmurro* (ASSIS, 1978, p. 251, grifo nosso), a vivacidade teria se perdido se Machado de Assis tivesse usado "a *nossa* alma" em vez de "a alma da gente".

"Mas o pai dessa mulher era um homem finório de esperto, com o jeito de tirar **da gente** a conversa que ele constituía."

Igualmente, em Rosa (1994, p. 186, grifo nosso), haveria perda da naturalidade e do encanto da expressão se ele tivesse escrito "com o jeito de *nos* tirar".

Todavia, é senso comum que o emprego de *a gente* deve ser evitado na linguagem formal (ensaios, discursos, teses, dissertações etc.) e abolido de todo na linguagem técnica (uma lei ou decreto, por exemplo).

364. CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

No período de transição entre o uso do substantivo *gente* e o emprego pronominal de *a gente,* o adjetivo geralmente ficava no feminino singular, ainda que tivesse como referente um personagem do sexo masculino:

A gente vive *apressada*, concordas?

No seu uso atual como pronome, sendo *a gente* o sujeito, a concordância tem a seguinte configuração:

- o **adjetivo** concorda com o referente:

  A gente fica *aborrecida* e está *cansada* de ouvir isso. [falantes mulheres]

  A gente fica *aborrecido* e está *cansado* de ouvir isso. [falantes homens ou homens e mulheres]

  Estamos reinventando o que a gente *mesmo* inventou. [gênero neutro, pois se trata de todos, de "nós mesmos"]

- o **verbo** fica no singular – é a concordância gramatical recomendada na linguagem formal, mais apurada:

  A gente *vai* sair logo!

  Isso a gente já *sabe*.

Entretanto, pode ocorrer a concordância chamada ideológica, isto é, com a ideia de pluralidade intrínseca à palavra *gente*, como se constata em Guimarães Rosa:

"O senhor não duvide – tem **gente**, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta..." (ROSA, 1994, p. 9, grifo nosso).

"A gente, nós, vamos é rente por essa cava, Riobaldo, meu filho" (ROSA, 1994, p. 522, grifo nosso).

Este último é um caso que sempre remete a uma discussão sobre o sujeito, que acaba sendo considerado duplo: é *a gente* e é *nós* ao mesmo tempo. O fato é que o autor colocou *nós* entre vírgulas, como um reforço, mas usou o verbo no plural, combinando com o pronome mais próximo; fica a impressão de que a personagem estaria falando "a gente vamos". Mas literatura é isto: liberdade de criação.

365. TODA A GENTE

No português europeu, usa-se *toda a gente* como nós no Brasil usamos *todo mundo*. São duas expressões que significam o mesmo: "todas as pessoas", isto é, a multidão ou conjunto de pessoas a que o contexto diz respeito:

Acabado o evento, **toda a gente** saiu feliz, a rir e a cantar.

Acabado o evento, **todo mundo** saiu feliz, rindo e cantando.

Ebó

Condomínios Garantidos

UM CONDOMÍNIO **ONDE A CONTA** *fecha*

É garantia de agilidade na recuperação dos débitos condominiais.

Além de não pagar pela inadimplência de outros moradores, todos têm a certeza de morar em um lugar com as contas em dia e a possibilidade de investir na manutenção e melhorias no seu condomínio.



Nunca foi tão fácil viver em condomínio.

O QUE UMA GARANTIDORA FAZ?

Assegura o recebimento das taxas e a receita todo mês.

Controla o percentual de inadimplentes, recuperando os débitos.

Cobrança judicial para os casos mais graves de atraso, sem nenhum custo ao condomínio.

Acesse o nosso site e encontre a garantidora associada mais próxima de você.

vivaocondominio.com.br/**condominios-garantidos**

_nossa vida: singular

Na língua portuguesa é comum o uso do singular com força de plural. Podemos dizer, por exemplo, "o brasileiro é alegre" em vez de "os brasileiros são alegres". Da mesma forma, quando se trata de caracterizar a posse de alguma coisa – seja com o pronome possessivo, explícito ou implícito, seja por meio da preposição *de* – o procedimento sintático no português é usar no singular a coisa possuída quando cada um tem a sua:

O coração deles saltou pela **boca**.

Faremos o que for necessário para fortalecer **nosso espírito**.

Tenhamos **a mente** livre de preconceitos.

Mesmo os idosos faziam fila para verificar **seu pulso**.

O problema pode estar **na cabeça** delas.

Todos estão lutando por seus direitos; enfim, por **sua vida**.

Em princípio o correto é deixar no singular porque toda pessoa tem somente uma vida, um espírito, uma mente; somente um coração, uma boca, um pulso (no sentido de pulsação), uma cabeça. No entanto, é certo falar "mantenham os olhos atentos e os ouvidos puros" e "meteram os pés pelas mãos", uma vez que cada indivíduo tem dois olhos, dois ouvidos, duas mãos, dois pés...

A RAZÃO DO MAU ESTILO

O uso inadequado do plural que temos verificado na redação (mais do que na fala) de boa parte dos novos escritores e tradutores no Brasil decorre da influência do inglês, língua em que se produz copiosa literatura técnica, científica e cultural (músicas, filmes) importada por nós e que acaba passando por uma tradução literal. Por exemplo, lê-se "*our lives*" e se traduz por "nossas vidas", que em português sempre foi "nossa vida", como escreveu Gonçalves Dias e consta no Hino Nacional: "Nossos bosques têm mais vida, **nossa vida** [no teu seio] mais amores".

Ocorre que pluralizar o substantivo é inerente ao inglês, até

mesmo por necessidade de clareza, já que nesse idioma não há plural do artigo definido (*the* = o/os, a/as), do adjetivo, do possessivo (em referência à coisa possuída), do pronome pessoal *you* (o qual representa você/vocês ou tu/vós) e de muitas formas verbais. Sendo assim, a carga de plural recai sobre o substantivo.

Suponhamos que em determinado texto se queira dizer que uma pessoa não está em segurança mas em risco: "*You are not safe; your life is at risk*". Já que *you are, not, safe, your* e *at risk* são invariáveis, como é que se faria para dizer o mesmo de várias pessoas? Certamente, pluralizando o substantivo *life* (vida): "*You are not safe; your* ***lives*** *are at risk*". O inglês não teria outra maneira de fazer a distinção; a nossa língua tem: a tua vida, a sua vida, a vida deles, a vida de vocês...

Sendo assim, não importa como se diga em inglês, devemos traduzir de acordo com a sintaxe ou o modo como nos expressamos.

366. PARTES DO CORPO

Que fique claro, então: mesmo se referindo a mais pessoas, partes únicas do corpo devem permanecer no singular quando denotam posse. Esta se dá por meio de um pronome possessivo – que pode estar subentendido – ou de uma locução adverbial (p. ex.: o corpo *dos pacientes*, o rosto *deles*).

Vejamos em primeiro lugar, com asterisco, o exemplo errado, seguido da frase correta:

* Ao ver a cidade destruída, ficamos com os corações dilacerados.
Ao ver a cidade destruída, ficamos com **o coração** dilacerado.

* Não metam seus narizes onde não são chamados!
Não metam **o nariz** onde não são chamados!

* Inocularam tais vacinas nos corpos de alguns pacientes.
Inocularam tais vacinas **no corpo** de alguns pacientes.

* Estão sempre com sorrisos estampados nos rostos.
Estão sempre com **um sorriso** estampado **no rosto**.

* Devemos seguir nossas cabeças, sempre.
Devemos seguir **nossa cabeça**, sempre.

* Todos querem salvar suas peles.
Todos querem salvar **sua pele/a própria pele**.

Devo explicar que em inglês o pronome possessivo é sempre usado diante de qualquer parte do corpo. Não é inglesa a construção **Go wash the hands*, por exemplo, porque não se saberia de quem são as mãos ou com quem se está falando, ao passo que em português essa identificação se faz evidente pela desinência verbal, o que torna o pronome possessivo supérfluo: *Vou lavar as mãos. Vai lavar as mãos! Vá lavar as mãos! Vamos lavar as mãos? Lavem as mãos, crianças!*

Em outras palavras: não se usa o possessivo quando o sujeito e a coisa possuída são da mesma pessoa. Se forem diferentes, há que se usar o pronome possessivo adequado para deixar isso claro:

Um renomado cirurgião plástico vai operar o **meu nariz.** ["ele vai operar o nariz" significaria o próprio nariz]

Foi este o menino que quebrou o **teu braço**? ["Foi ele que quebrou o braço?" significaria um braço dele mesmo]

OBSERVAÇÃO PARA TRADUTORES

Frases como "*Let's wash **our faces**. Stop kicking **your feet**. You shouldn't blow **your nose** in public. As I lay **my head** on the pillow I fall asleep*" devem ser assim traduzidas: Vamos lavar **o rosto**. Pare(m) de mexer **os pés**. Não se deve assoar **o nariz** em público. Durmo logo que ponho **a cabeça** no travesseiro.

367. SUBSTANTIVOS ABSTRATOS

Quando se trata de propriedades da alma e outros substantivos abstratos (cf. capítulo Substantivos, tópico *47. Substantivos concretos e abstratos*), também prevalece o singular ainda que o pertencimento se refira a vários indivíduos:

* Agradecemos as presenças de todos.
Agradecemos **a presença** de todos.

* Como é bom saber que ainda existem pessoas de almas boas.
Como é bom saber que ainda existem pessoas de **alma boa**.

* Fez o esboço do seu primeiro livro: as biografias de alguns santos.
Fez o esboço do seu primeiro livro: **a biografia** de alguns santos.

* Estão confirmadas as presenças do ministro da Cultura, do presidente da Embratur e dos prefeitos de Florianópolis, Blumenau e Laguna.
  Está confirmada **a presença** do ministro da Cultura, do presidente da Embratur e dos prefeitos de Florianópolis, Blumenau e Laguna.

* As presenças de vocês são muito importantes!
  A **presença** de vocês é muito importante!

* Todos devem votar de acordo com suas consciências.
  Todos devem votar de acordo com **sua consciência**.

* Tais deputados foram convocados para que apresentem suas defesas.
  Tais deputados foram convocados para que apresentem **sua defesa**.

* Os advogados usaram (as) suas sustentações orais para desqualificar a denúncia.
  Os advogados usaram (**a**) **sua sustentação oral** para desqualificar a denúncia.

* Ele foi tão marcante em nossas caminhadas que jamais sairá das memórias de quem gosta de futebol.
  Ele foi tão marcante em **nossa caminhada** que jamais sairá **da memória** de quem gosta de futebol.

* Os contos que elas leem aguçam as suas curiosidades...
  Os contos que elas leem aguçam **a sua curiosidade**...

Já numa frase como "Visitou dez vilarejos, cada um com **sua história** e [suas] **características**", o primeiro termo grifado está no singular porque cada vilarejo individualmente tem *uma história própria* mas possui *várias características*, daí o plural.

368. SOBRE *VIDA* ESPECIFICAMENTE

Exemplos maus e bons:

* Eles que cuidem de suas vidas.
  Eles que cuidem **de sua vida**.

* Mulheres confessam ainda ter vergonha de suas vidas pessoais.
  Mulheres confessam ainda ter vergonha de **sua vida pessoal**.

* De origem humilde, ambos têm pautado suas vidas públicas por uma seriedade impressionante.
  De origem humilde, ambos têm pautado **sua vida pública** por uma seriedade impressionante.

* Minhas filhas começaram suas vidas letivas numa escola do interior.
Minhas filhas começaram **sua/a vida letiva** numa escola do interior.

* Isso interferiu nas nossas vidas**.**
Isso interferiu **na nossa vida**.

Em certas expressões com a palavra *vida*, ou quando ela é tomada como um bem comum, como a vida em geral, não se usa nem o plural nem o possessivo:

O desafio faz parte **da vida**.

Desse modo eles estão arriscando **a vida**.

Exemplos maus e bons:

* O artigo analisa as vidas das pessoas do bairro.
O artigo analisa **a vida** das pessoas do bairro.

* É assim que ganham suas vidas: fotografando a natureza.
É assim que ganham **a vida**: fotografando a natureza.

* Todos nós sentimos medo em algum momento de nossas vidas.
Todos nós sentimos medo em algum momento **da vida**.

* As combatentes passaram a evitar a cor vermelha pelo resto de suas vidas.
As combatentes passaram a evitar a cor vermelha **pelo resto da vida**.

* Cerca de 16% dos parentes de 1° grau de portadores da doença celíaca vão desenvolver o problema ao longo de suas vidas.
Cerca de 16% dos parentes de 1° grau de portadores da doença celíaca vão desenvolver o problema **ao longo da vida**.

Devo registrar que, excepcionalmente, pode-se empregar o plural (*suas vidas*) para evitar a ambiguidade inerente ao pronome "sua", que se refere tanto à pessoa com quem se fala como de quem se fala (se só usássemos *tu* em vez de *você*, isso não ocorreria). Exemplifico com uma frase em que se usou o plural para que o singular não resultasse na interpretação de que o significado da vida seria de "você", e não deles, dos seres divinos:

Celebre com devoção o aniversário de nascimento dos seres divinos que vêm à Terra como canais visíveis para que o amor e a graça de Deus possam fluir para a humanidade aflita. Uma crescente compreensão do significado de **suas vidas** desabrochará em você

à medida que se esforçar por absorver as verdades atemporais que eles ensinaram.

Usa-se sistematicamente o plural quando *vidas* significa "pessoas, almas, indivíduos, viventes" ou tem o sentido de reencarnações pretéritas:

Foram salvas **muitas vidas**.

Por trás de uma cena campestre aparentemente inofensiva e *naïf* escondem-se **vidas** caladas por um regime totalitário.

O amor que sentem um pelo outro certamente provém de **vidas passadas**.

369. SOBRE *PRÓPRIO* E POSSESSIVO DESNECESSÁRIO

O pronome possessivo é dispensável quando se agrega à expressão possessiva o adjetivo *próprio*; este é um reforço, pois seu significado já é "que pertence (a quem se faz referência)". Essa ausência é de rigor quando se trata de partes do corpo, a ver:

Ela ensaiou um choro de desânimo que o pai enxugou com **as próprias mãos**.

É de notar nessa frase que também "o pai" dispensou o possessivo *seu* – o contexto permite supor ser dela o pai. O mesmo pode ocorrer com parentes de um modo geral.

Outros exemplos:

* Muitos se perpetuam no poder e acabam com olhos voltados exclusivamente aos seus próprios umbigos.
  Muitos se perpetuam no poder e acabam com olhos voltados exclusivamente **ao próprio umbigo**.

* Arriscam suas próprias vidas.
  Arriscam **a própria vida**.

* Falou por sua própria experiência.
  Falou por **experiência própria**.

PRÓPRIO POSPOSTO AO SUBSTANTIVO

Quando desacompanhado do possessivo, o adjetivo *próprio* pode ser também posposto ao substantivo. Esse deslocamento se impõe quando o substantivo é indeterminado, como no exemplo da experiência (não se diz *por própria experiência) ou neste: "Todo mundo deveria ter [uma] **casa própria**" em contraposição a "Teve que vender **a** própria casa".

370. SOBRE *CASA* E OUTROS SUBSTANTIVOS CONCRETOS

Embora este tipo de construção possessiva que estamos abordando aconteça principalmente com substantivos abstratos, ele também pode ocorrer com substantivos concretos, desde que o princípio seja o mesmo: cada um dos entes deve ter apenas uma unidade da coisa possuída. Vejamos três exemplos:

* Escutem as vozes das crianças!
  Escutem **a voz** das crianças! Escutem **a voz** delas!

* Os europeus podem visitar outros países como se estivessem em seus quintais.
  Os europeus podem visitar outros países como se estivessem em **seu quintal**.

* É incrível que marmanjos deixem seus lixos na praia.
  É incrível que marmanjos deixem **seu/o lixo** na praia.

* Afivelem seus cintos de segurança, por favor.
  Afivelem **seu/o cinto** de segurança, por favor.

* Quais são as idades das crianças?
  Qual é **a idade** das crianças?

* Favor divulgar os nomes completos de todos os candidatos.
  Favor divulgar **o nome completo** de todos os candidatos.

Chamo por fim sua atenção à particularidade da palavra *casa* quando ela se refere ao próprio lar (que em inglês se traduz por *home*, em contraposição a *house*): neste caso não se emprega o possessivo, geralmente (ou quase sempre) com os verbos *estar, ficar, chegar, sair, voltar*. Por isso falamos assim:

Estou **em casa** agora. *(I am **at home** now)*

João saiu **de casa** cedo.

Chegamos **em casa** há pouco.

Hei, tem alguém **em casa**?

Portanto, com tais verbos ou similares não é preciso usar o pronome possessivo e nem mesmo "casas", ainda que o sujeito esteja no plural:

Vocês vão **ficar em casa** hoje? [e não *em suas casas]

Depois da enchente, os moradores da cidade tiveram que **sair de casa**. [cada um da própria casa]

Passado o furacão, todos vão **voltar para casa**.

Por causa da neve, os alunos foram solicitados a **permanecer em casa**.

haus

Não Tropece na Língua

LIÇÕES E CURIOSIDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Tereza de Queiroz Piacentini



Para adquirir a versão digital sem anúncios

CLIQUE AQUI

Para adquirir a versão impressa com cupom de desconto de 15%

CLIQUE AQUI

CUPOM **NTL15**

Com este guia prático e descomplicado do uso cotidiano do nosso idioma, o leitor poderá solucionar dúvidas e conhecer um pouco mais o português brasileiro.

ISBN 9788565017022 | 304 páginas | 22 x 29 cm

_norma culta e língua-padrão

Tenho recebido de vários leitores indagações sobre o que é afinal a língua-padrão, termo que começou a circular fora do meio acadêmico. É diferente de norma culta? Trata-se de sinônimos?

Quando acessam a internet e buscam uma página como o Língua Brasil para solucionar dúvidas, os consulentes – que já falam e escrevem português cotidianamente – desejam ampliar seu capital linguístico obtendo conhecimentos que estejam de acordo com a modalidade de língua chamada *padrão* ou *culta*. Por isso achei oportuno trazer essa discussão para este livro. Procurarei fazê-lo em linguagem o menos possível acadêmica e acessível aos leitores interessados.

Mesmo que não se mencione terminologia específica, é evidente que se lida no dia a dia com níveis diferentes de fala e escrita. É também verdade que as pessoas querem "falar e escrever melhor", querem dominar a língua dita culta, a correta, a ideal, não importa o nome que se lhe dê.

O padrão de língua ideal a que as pessoas querem chegar é aquele convencionalmente utilizado nas instâncias públicas de uso da linguagem, como livros, revistas, documentos, jornais, textos científicos e publicações oficiais; em suma, é o que circula nos meios de comunicação, no âmbito oficial, nas esferas de pesquisa e trabalhos acadêmicos.

Não obstante, os linguistas entendem haver uma língua circulante que é correta mas diferente da língua ideal e imaginária, fixada nas fórmulas e sistematizações da gramática. Eles fazem, pois, uma distinção entre o *real* e o *ideal*: a língua concreta com todas suas variedades de um lado, e de outro um padrão ou modelo abstrato do que é "bom" e "correto", o que conformaria, no seu entender, uma língua artificial, situada num nível hipotético.

Para os cientistas da língua, portanto, fica claro que há dois estratos diferenciados: um praticamente intangível, representado nas normas preconizadas pela gramática tradicional, que comporta as irregularidades e excrescências da língua, e outro concreto, o utilizado pelos falantes cultos, qual seja, a "linguagem concretamente empregada pelos cidadãos

que pertencem aos segmentos mais favorecidos da nossa população", segundo Bagno (2003a, p. 51).

Convém esclarecer que para a ciência sociolinguística somente a pessoa que tiver formação universitária completa será caracterizada como *falante culto* (urbano).

Sendo assim, como são presumivelmente cultos os sujeitos que produzem os jornais, a documentação oficial, os trabalhos científicos, só pode ser culta a sua linguagem, mesmo que a língua que tais pessoas falam e os textos que produzem nem sempre se coadunem com as regras rígidas impostas pela gramática normativa, divulgada na escola e em outras instâncias (de repressão linguística) como o vestibular.

Isso é o que pensam os linguistas. E o povo – saberá ele fazer a distinção entre as duas modalidades e os dois termos que as descrevem?

371. GRAMÁTICA TRADICIONAL E HETEROGENEIDADE

Para os linguistas, a língua-padrão se estriba nas normas e convenções agregadas num corpo chamado de *gramática tradicional* e que tem a veleidade de servir de modelo de correção para toda e qualquer forma de expressão linguística.

Querer que todos falem e escrevam da mesma forma e de acordo com padrões gramaticais rígidos é esquecer-se que não pode haver homogeneidade quando o mundo real apresenta uma heterogeneidade de comportamentos linguísticos, todos igualmente corretos (não se pode associar "correto" somente a culto).

Em suma: há uma realidade heterogênea que, por abrigar diferenças de uso que refletem a dinâmica social, exclui a possibilidade de imposição ou adoção como única de uma língua-modelo baseada na gramática tradicional, a qual, por sua vez, está ancorada nos grandes escritores da língua, sobretudo os clássicos, sendo pois conservadora. E justamente por se valer de escritores é que as prescrições gramaticais se impõem mais na escrita do que na fala.

> A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai

> alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de *norma-padrão* ou *língua-padrão* (FARACO, 2002, p. 40).

Aryon Rodrigues (2002, p. 13) entra na discussão: "Frequentemente o padrão ideal é uma regra de comportamento para a qual tendem os membros da sociedade, mas que nem todos cumprem, ou não cumprem integralmente". Mais adiante, ao se referir à escola, ele professa que nem mesmo os professores de Língua Portuguesa escapam a esse destino: "Comumente, entretanto, o mesmo professor que ensina essa gramática não consegue observá-la em sua própria fala nem mesmo na comunicação dentro de seu grupo profissional" (RODRIGUES, 2002, p. 18).

Vamos ilustrar os argumentos acima expostos. Não há brasileiro – nem mesmo professor de português – que não fale assim:

– *Me* conta como foi o fim de semana...

– *Te* enganaram, com certeza!

– *Nos* diz uma coisa: você largou o emprego?

Ou mesmo assim:

– Tive que levar os gatos, pois *encontrei eles* machucados.

– *Conheço ela* há muito tempo, é ótima menina.

– Acho que já tinha *lhe visto* antes.

Então, se os falantes cultos, aquelas pessoas que têm acesso às regras padronizadas, incutidas no processo de escolarização, se exprimem desse modo, essa é a *norma culta*. Já as formas propugnadas pela gramática tradicional e que provavelmente só se encontrariam na escrita [conta-me como foi / enganaram-te / diz-nos uma coisa / pois os encontrei / conheço-a há tempos / já o/a tinha visto] configuram a *norma-padrão* ou *língua-padrão*.

Se para os cientistas da língua, portanto, existe uma polarização entre a norma-padrão (também denominada "norma canônica" por alguns linguistas) e o conjunto das variedades existentes no Brasil, aí incluída a norma culta, no senso comum não se faz distinção entre *padrão* e *culta*. Para os leigos, a população em geral, toda forma elevada de linguagem que

se aproxime dos padrões de prestígio social configura a *norma culta*.

Fica evidente em todas as consultas recebidas no sítio Língua Brasil que as pessoas transitam pela norma culta e norma-padrão sem fazer distinção entre as duas, pois é realmente tênue a linha demarcatória entre elas.

372. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Não é fácil estabelecer áreas de uso distintas para a norma culta e a norma-padrão porque muitas vezes as duas andam de mãos dadas. Por exemplo, na imprensa escrita se encontra simultaneamente o uso da norma canônica e das outras variedades linguísticas, embora o consenso seja de que os jornais e revistas de grande circulação são paradigmas da norma culta, pois produzidos por pessoas de escolarização completa, como os jornalistas, e circulam num estrato social urbano identificado como "culto", de camadas da população que apresentam história de letramento familiar e amplo acesso aos bens de consumo, cultura e lazer.

Falamos acima em *variedades linguísticas*. É inquestionável que as línguas variam, mudam, se expandem, morrem. As línguas comportam diferenças e mutações no tempo, no espaço, na forma, no seu funcionamento. Encontram-se, portanto, variações geográficas (vocabulário e prosódia se modificam de região para região); sociais (com as variáveis de classe, sexo, idade, grupo étnico, escolaridade e fatores individuais); de registro (formal e informal); estilísticas, semânticas, lexicais e fonológicas.

O problema do certo/errado (conceito embutido na dicotomia entre língua-padrão = correto, e não padrão = errado) parece residir na pouca compreensão de que a variação está inscrita na língua, é própria dela. Como lembra Marina Yaguello (2001, p. 281), "nunca ninguém deteve a evolução de uma língua, a não ser deixando de falá-la". Ensina a autora que a mudança linguística é movida por duas forças distintas: uma procede da língua mesma, é inerente à sua lógica interna; a outra procede da comunidade linguística, das condições sócio-históricas em que é produzida.

A própria norma prescritiva não se põe a salvo das mudanças: ela também se deixa influir pelos empréstimos estrangeiros, pelas inovações e flutuações de uso (o verbo obedecer, por exemplo, antigamente era transitivo direto, passou a indireto e está voltando aos tempos clássicos na forma de *obedecer ordens, obedecer o papai*). Explica Paulo Chagas (2003, p. 141):

> O fato de as línguas passarem por mudanças no tempo é algo que pode ser percebido de mais de uma forma. Uma delas é o contato com pessoas de outras faixas etárias. Quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontrarmos diferenças na forma de falar de duas pessoas.

Em seu artigo "Norma-padrão brasileira", Faraco (2002, p. 43) esclarece que a raiz do preconceito linguístico na cultura brasileira e das atitudes puristas e normativistas que veem erros em toda parte e condenam qualquer uso – mesmo aqueles amplamente correntes na norma culta e em textos de nossos autores mais importantes – de formas que fujam ao estipulado pelos compêndios gramaticais mais conservadores está na grande distância que se colocou, desde o início, entre a norma culta e o "padrão artificialmente forjado".

É dentro dessa perspectiva da variação e evolução linguística – de regências verbais mutantes, ortografia e prosódia alteradas, novos significados a antigos vocábulos etc. – que Marcos Bagno (2003b, p. 143) diz ser preciso reconhecer que

> tudo o que a Gramática Tradicional chama de "erro" é na verdade um "fenômeno" que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. Se milhões de pessoas (cultas inclusive) estão optando por um uso que difere da regra prescrita nas gramáticas normativas é porque há alguma regra nova sobrepondo-se à antiga. Assim, o problema está com a regra tradicional, e não com as pessoas, que são falantes nativos e perfeitamente competentes de sua língua.

373. NORMA CULTA E CAPITAL LINGUÍSTICO

Vimos neste capítulo que não somos uma nação monolíngue, que não há uma unidade linguística imutável mas sim variações de uso. Podemos afirmar também que existe uma consciência da aceitação social ou não de certos usos linguísticos.

À variedade de língua que goza de prestígio social chamamos de norma culta. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), trata-se da "língua legítima". Em sua teoria, o adjetivo *legítimo* não é tomado na acepção de "puro, genuíno, vernáculo, autêntico", mas sim no sentido de "amparado por lei", que tem força de lei por ter o reconhecimento da comunidade, ou "mercado linguístico", como se refere (BOURDIEU, 2001, p. 14).

Uma vez que os indivíduos desejam ser reconhecidos socialmente, cabe à escola propiciar-lhes os meios para tanto. E cabe ao professor destacar o valor social que é atribuído aos usos linguísticos. Por exemplo, "*para mim fazer* sofre preconceito, é considerado erro, é estigmatizado... A construção *para eu fazer* goza de prestígio, abre portas...", reconhece Marcos Bagno (2001, p. 187).

Conforme Bourdieu, toda situação linguística funciona como um mercado no qual o produtor-falante, provido de um dado capital linguístico, coloca seus produtos, os quais vão proporcionar um lucro material ou simbólico de acordo com o preço que lhes for conferido. Ou seja, aprendemos a falar ao mesmo tempo aprendendo a avaliar por antecipação qual o preço que nossa fala receberá – já temos uma ideia das recompensas ou das sanções relacionadas ao tipo de linguagem que empregamos. Daí a nossa preocupação em "dizer bem", em "falar direito", em "produzir produtos ajustados às exigências de um determinado mercado" (BOURDIEU, 1966, p. 66).

O mercado linguístico é "dominado pela língua oficial, obrigatória em ocasiões e espaços oficiais", continua Bourdieu. Para isso a língua se torna um produto normatizado, a começar pela padronização da ortografia, aliás único aspecto instituído por lei no Brasil. Os demais são aspectos normatizados nas gramáticas, nos livros escolares, nos dicionários, que se impõem por serem reconhecidos como legítimos – "e não apenas pelos dominantes", ele frisa. Os gramáticos constroem a língua legítima ao selecionarem os "produtos" que lhes parecem "dignos de serem consagrados e incorporados à competência legítima por meio da inculcação escolar". A escola reforçará que não é "legítimo" o uso do singular pelo plural como em "*dois café, dez real*", pronúncias como "*poblema, rúbrica*", ou (más) construções como "*nós se entendemos, ela tinha chego, a gente vamos*".

374. CENSURA ANTECIPADA

Quanto mais oficial é a situação, portanto, maior é o peso do uso da língua legítima. Nas posições mais elevadas da hierarquia social amplia-se o grau de vigilância, de censura alheia e autocensura, de formulação – no sentido de dar (boa) forma ao discurso. Nessa classe observam-se tais cuidados, aliás, não só na maneira de falar, mas também na de vestir, comer, comportar-se.

São as sanções (escolares ou familiares), os desmentidos, os reforços positivos ou negativos que vão constituindo em nós a percepção social dos usos linguísticos e da relação entre os diferentes usos e os diferentes mercados. O falante vai adquirindo ao longo da vida a sensibilidade e a capacidade de fazer frente à tensão social usando a linguagem adequada a cada circunstância.

A possibilidade de estar exposto a uma avaliação social justifica a "censura antecipada" e a busca de orientação sobre o que deve ou não deve ser dito; justifica a preocupação com a melhor forma a ser utilizada nas interações sociais, pois o desvio pode acarretar sanções, críticas ou mesmo chacotas. Expressar-se em desacordo com a etiqueta linguística, então, por ser produto depreciado no mercado ou espaço social, enseja uma imagem negativa do cidadão, leva a uma série de preconceitos, o que se discute a seguir.

375. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A curiosidade de muitos brasileiros e dos nossos consulentes sobre questões de língua portuguesa é originada e fortalecida pela consciência ou mesmo pela intuição de que a falta de um cabedal linguístico pronto para uso nas diversas situações de interação social pode ser motivo de julgamentos desfavoráveis e depreciativos.

Em sociedade estamos sendo avaliados e avaliando o outro o tempo todo. É para fugir do estigma que paira sobre quem não sabe "falar direito" ou "escreve errado" que vamos em busca de mais conhecimentos sobre a língua, ampliando nosso capital linguístico de modo a ficar a salvo do preconceito. O que é o preconceito linguístico, afinal?

> Do ponto de vista do discurso, o preconceito é uma discursividade que circula sem sustentação em condições reais. [...] O preconceito é de natureza histórico-social, e se rege por relações de poder, simbolizadas. Ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si e sim nas relações sociais, pela maneira como se significam e são significadas. Não é um processo consciente, e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele (ORLANDI, 2002, p. 197).

"O preconceito é, portanto, o resultado do modo como se exerce o poder e não uma casualidade ou uma característica intrínseca da pessoa", complementa Britto (2003, p. 38).

Sendo assim, não cessarão os preconceitos em relação à maneira como as

pessoas se expressam verbalmente enquanto não houver a compreensão de que há variedades linguísticas – e elas existem em face de uma sociedade estratificada, com cidadãos desigualmente aquinhoados: "A unidade e a diversidade de uma língua vêm do modo como a sociedade se organiza e reparte seus saberes e valores, particularmente os bens materiais" (BRITTO, 2003, p. 76).

Bourdieu reafirmou a existência de um valor extrínseco imputado ao discurso de acordo com o locutor, com a legitimidade que lhe é conferida em razão do capital econômico-social e cultural que detém, o qual lhe permite enfrentar com mais tranquilidade as circunstâncias formais ou oficiais que exigem uma linguagem cultivada, mais polida e monitorada.

O prestígio social do falante, como salientou Bourdieu, se transfere ao seu discurso, tanto assim que "quando uma forma linguística nova se incorpora à atividade linguística dos falantes prestigiados, ela deixa de ser considerada como 'erro'" (BAGNO, 2003a, p. 148). O erro, pois, não é absoluto, mas sim relativo ao meio ou ao grupo social de referência.

No Brasil isso resulta em que a maior parte da população tenha seu linguajar desclassificado e desqualificado sob qualquer hipótese. Com pouca escolarização formal e portanto pouco acesso à escrita, essas populações menos privilegiadas tendem, por óbvio, a conservar o uso das variedades ditas estigmatizadas.

"A sociedade pós-moderna, da era da informação, concentra o poder, cada vez mais, em quem domina os níveis mais elevados do saber e subjuga os que pouco ou nada conseguem gerenciar por insuficiência no uso da leitura e da escrita", diz Nilcéa Pelandré (2002, p. 219). Cria-se um círculo vicioso. Ainda que o indivíduo se esforce para "subir na vida" estudando e buscando as formas de prestígio, ele pode sofrer o efeito dessa ótica que marca e segrega.

Não admira, pois, que todos procurem conhecer e dominar a norma culta. Para o imenso contingente de alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas, esse conhecimento se prende à necessidade de que eles "possam dispor dos mesmos instrumentos de luta dos alunos provindos das camadas privilegiadas" (BAGNO, 2003a, p. 187). No caso dos demais, pela necessidade de alcançar ou manter um *status* social e profissional privilegiado que requer o uso da norma culta, essa que seria, no entendimento de Lucchesi (2002), constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania.

376. PURISMO E ESTRANGEIRISMOS

Como vimos e tem se propalado, o mau uso da língua afeta as inúmeras situações sociais, mas deve-se considerar que na verdade as situações sociais é que determinam os usos linguísticos. O falante se constitui como tal, usuário de uma determinada variedade linguística, nas interações verbais de que participa – já mostrava Bakhtin. Se uma criança nasce num meio letrado, a gramática da língua que ela irá internalizar certamente será aquela que mais se aproxima dos padrões de prestígio social.

Em nossa sociedade temos, de um lado, acumulação de poder material e simbólico; de outro, uma classe desmobilizada e sujeita aos instrumentos de imposição e dominação cultural, portanto linguística. Assim, "por maior que seja a parcela de funcionamento da língua infensa à variação, existe, tanto no plano da pronúncia como no do léxico e mesmo da gramática, todo um conjunto de diferenças significativamente associado a diferenças sociais", observou Bourdieu (1996, p. 41).

Como a língua não é um sistema pronto, acabado, mas está sempre sendo recriada, há forças permanentemente em movimento: forças internas agindo sobre ela (fatores gramaticais) e externas que nela atuam (os fatores sociais, como o contato com outras línguas, por exemplo), abrigando o surgimento de inovações a todo o momento. Essas inovações convivem por um tempo com as formas vigentes, enraizando-se depois e podendo elas próprias ser ultrapassadas com o correr dos anos.

Purismo significa desconhecer tais mudanças e admitir apenas uma língua pura, ornamental e escoimada de "erros". Purista, portanto, é aquele que não se deixa impressionar "pelo caráter social de um discurso, não aceita as variantes combinatórias da norma objetiva, recusa dobrar-se à pressão estatística do uso", diz Alain Rey (2001, p. 143). Parece, assim, que o purista ignora ou faz questão de ignorar todo o conhecimento científico da língua, negando a realidade do uso. Um exemplo disso seria a insistência no ensino de certas formas anacrônicas, algumas jamais utilizadas no Brasil, como "anos oitentas, noventas" etc.

377. PLURALIDADE COMO CAMINHO

Uma das consequências de uma visão purista da língua são os ataques aos **estrangeirismos** que aterrissaram no Brasil, especialmente depois

que a informática aqui se instalou com força, trazendo consigo não só a tecnologia americana mas a língua inglesa, intocada em termos como *hardware, software, backup, zip, hacker, e-mail, link*, e adaptada em outros como *deletar, printar* e *atachar.*

A crítica ecoa alarmista só porque as pessoas não se dão conta do fenômeno da variabilidade linguística. O uso de palavras provenientes de outras línguas é – repetindo – uma questão de aceitabilidade, de disposição às mudanças, na compreensão de que a variação está inscrita na língua, é inerente a ela. A mudança pode ser lenta, mas é inexorável.

E não podemos deixar de lembrar que a importação estrangeira é uma das fontes de formação lexical. A língua de aquisição é que varia, dependendo da época. Nos séculos 18 e 19, por exemplo, o francês era predominante. Agora é o inglês. Quem é preconceituoso contra os empréstimos linguísticos imagina que atualmente eles são mais abundantes ou poderosos do que no passado, a sugerir a decadência da língua, o que não é verdade, conforme a ciência linguística constata.

Essa noção de declínio, aliás, não é peculiar à língua portuguesa. Também em outros países a questão de uma norma aparentemente imutável e isenta de estrangeirismos está muito ligada à ideia de corrupção e empobrecimento linguístico. As pessoas veem a quebra das normas, ou o relaxamento de certos cânones linguísticos, como uma ameaça à integridade ou sobrevivência da língua. Não só os estrangeirismos mas toda contravenção linguística parece atentar, no imaginário dos brasileiros, contra a unidade e a força do nosso português.

Por tudo isso vale ressaltar o papel da tolerância e da aceitação da pluralidade, sem preconceitos. Devemos nos abrir a novos horizontes, voltados, como bem sublinha a educadora Magda Soares (2002, p. 173), a "uma nova concepção de língua: uma concepção que vê a língua como enunciação, não apenas como comunicação, e que, portanto, inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto em que é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua utilização".

Ebó

Presente na vida de milhares de famílias

HÁ 40 ANOS



Parece que foi ontem, mas a Garante transforma a realidade de condomínios e o dia a dia de milhares de condôminos e suas famílias desde 1981.

garante
condomínios

Garantia *de receita e tranquilidade*

Cobrança de taxas condominiais com ***garantia de recebimento***

Referências

_referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa* – PVOLP. 3. ed. Rio de Janeiro: ABL, 1999.

_____. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* – VOLP. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 32. ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas; Dom Casmurro*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *A norma oculta*: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003a.

_____. (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Preconceito lingüístico*: o que é, como se faz. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2003b.

BARBOSA, Rui. *Réplica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. 2 v.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 16. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001a.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001b.

BECHARA, Evanildo et al. (Org.). *Na ponta da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. v. 2.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. *Código Civil. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002*. Disponível em: <http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei10406.htm>. Acesso em: 21 fev. 2018.

BRASIL. Presidência da República. *Manual de redação da Presidência da República*. Brasília: Presidência da República, 1991.

BRITTO, Luiz P. L. *Contra o consenso*: cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CABRAL, Loni Grimm; GORSKI, Edair (Orgs.). *Lingüística e ensino*: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Insular, 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

CHAGAS, Paulo. A mudança lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 141-163.

COUTINHO, Ismael de L. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira. In: BAGNO, M. (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1958.

FERNANDES, Millôr. *100 fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

FIGUEIREDO, Cândido. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Jackson, 1949. 2 v.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Mitos do senso comum. *Língua Portuguesa,* São Paulo, n. 26, p. 36-37, dez. 2007.

FONSECA, Rubem. *A grande arte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5 v.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GALLO, Dorothy Camargo. *Endiabrada*. Porto Alegre: WS Editor, 1999.

GOES, Carlos. *Método de análise morfológica e sintática*. 24. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

GUIMARÃES, Josué. *Camilo Mortágua*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão 1.0.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, Adriano da Gama. *1.000 perguntas*: português. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1983.

_____. *Lições de análise sintática*: teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

_____. *Para falar e escrever melhor o português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.

LOPES, Célia Regina dos Santos. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). *Para a história do português brasileiro*: novos estudos. v. 3. São Paulo: Humanitas; FLP/USP, 2002. p. 25-46.

_____. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Grande manual de ortografia globo*. Porto Alegre: Globo, 1985a.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1985b.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

ORLANDI, Eni P. *Língua e conhecimento lingüístico*: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. *Ensinar e aprender com Paulo Freire*: 40 horas 40 anos depois. São Paulo: Cortez, 2002.

REY, Alain. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas. In: BAGNO, M. (Org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa feitas á redacção do Projecto do Codigo Civil*. Bahia: Livraria Catilina, 1917.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, M.

(Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p.11-25.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

SCHWAB, Artur. *Locuções adverbiais*. 2. ed. Curitiba: Fundação da UFPR, 1985.

SILVA, Deonísio da. *Avante, soldados*: para trás. São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. *De onde vêm as palavras:* origens e curiosidades da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

SOARES, Magda. Português na escola. In: BAGNO, M. (Org.) *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 155-177.

VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. Porto Alegre: Globo, 1956.

YAGUELLO, Marina. Não mexe com a minha língua! In: BAGNO, M. (Org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 279-283.

Gosta da língua portuguesa?

Siga nossas redes sociais



www.linguabrasil.com.br

/naotropecenalingua

Língua Brasil
Instituto Euclides da Cunha

Sobre a autora

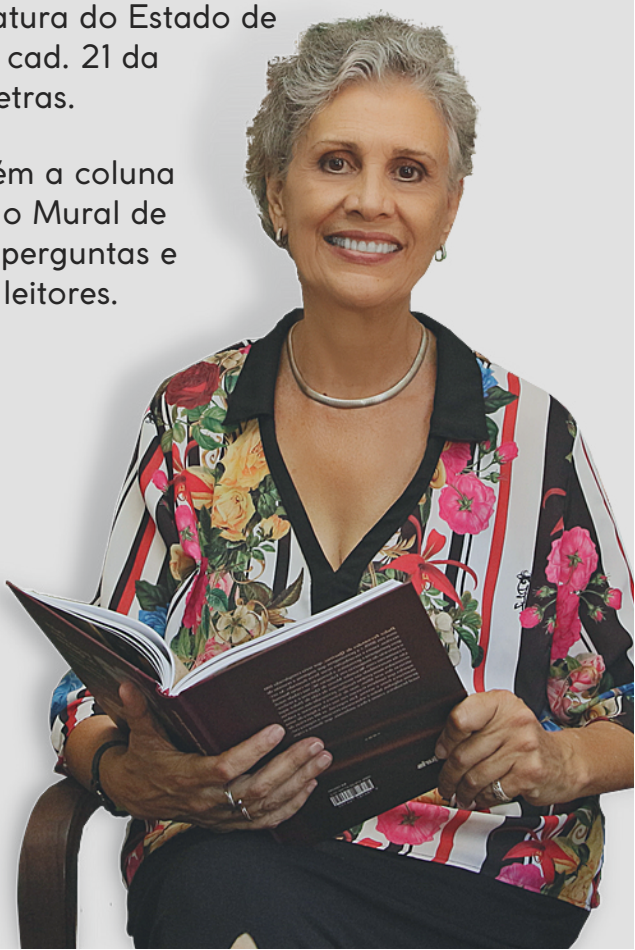
Sobre a autora
Maria Tereza de Queiroz Piacentini

Tem formação em Letras e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como redatora oficial em várias repartições estaduais e foi coordenadora da Escola Superior da Magistratura do Estado de Santa Catarina. É titular da cad. 21 da Academia Catarinense de Letras.

No sítio Língua Brasil mantém a coluna "Não Tropece na Língua" e o Mural de Consultas, com quase 500 perguntas e respostas a indagações dos leitores.

É autora de diversos livros, entre os quais Só Vírgula: método fácil em vinte lições (EdUFSCar, 4ª ed., 2021) e Não Tropece na Redação (Bonijuris, 2019).

Conheça o sítio:
www.linguabrasil.com.br



PATROCÍNIO

Condomínios Garantidos

LEGADO TALLAREK DE QUEIROZ

DIVULGAÇÃO

haus MARKETING DIGITAL

editora Bonijuris

NÃO TROPECE NA REDAÇÃO é uma obra completa sobre o bom uso da língua portuguesa na sua dimensão gramatical, ortográfica e de estilo, direcionada a redatores e revisores, como também a quem mais queira escrever com clareza, precisão e coerência.

Em cada uma das suas 377 lições, organizadas em 22 capítulos, o leitor encontrará a explicação teórica sobre um determinado tema, aliada a diversos exemplos práticos que aproximam a teoria à realidade do dia a dia dos brasileiros. Os tópicos contemplados vão desde os clássicos – colocação pronominal, crase, regência, voz passiva, hifens, pontuação, expressões de transição, concordância verbal – até aqueles que surgem dos novos usos do português brasileiro, como o feminino nos cargos públicos e a incorporação de estrangeirismos. Todos esses temas são abordados de maneira didática pela professora Maria Tereza de Queiroz Piacentini, renomada estudiosa do nosso idioma, revisora há mais de 30 anos e membro da Academia Catarinense de Letras desde 2018.

O novo livro da professora Maria Tereza chega para trazer a benfazeja calmaria nesse mar agitado. Com seu saber e experiência de quilômetros rodados nessa vertente, ela é apaziguadora. Não Tropece na Redação: lições de gramática e estilo mostra que tudo é mais singelo do que parece, mesmo nos tantos desafios que surgem para redatores e revisores. Esta obra é um roteiro seguro para incertezas corriqueiras e outras mais sutis. Fica muito claro que as questões de português que enfrentamos – ou que nos enfrentam – latem mas não mordem.

Nada melhor que, na hora da dúvida, revisores e redatores tenham um acervo de qualidade na sua estante. Dentre as obras confiáveis e de peso, este livro não pode faltar. Acreditem!

Aristides Coelho Neto, revisor.

Bonijuris Editora